

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES PELA SÉRIE
HOUSE OF NIGHT

P. C. CAST

DEUSA
DA
ROSA
SÉRIE
GODDESS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



P.C.CAST

A DEUSA DA ROSA

SÉRIE GODDESS

LIVRO

3



Goddess of Roses

Copyright © 2006 by P. C. Cast

Excerpt from Goddess of Love Copyright © 2007 by P.C. Cast

All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form.

This edition published by arrangement with The Berkley Group, a member of Penguin

Group (USA) Inc.

Copyright © 2012 Novo Século

Coordenadora Editorial: Letícia Teófilo

Tradução: Vania Canto Buchala

Diagramação: Francisco Martins

Capa: Adriano de Souza

Preparação de Texto: Guilherme Summa

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cast, P. C.

A deusa da rosa, livro 3 / P. C. Cast ;

[tradução Vania Canto Buchala]. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2012. -- (Série goddess)

Título original: Goddess of roses.

1. Ficção - Literatura norte-americana I.

Título. II. Série.

12-01813

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

2012

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA – Centro Empresarial Araguaia II

Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar

Bloco A – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville – SP

Tel. (11) 2321-5080 – Fax (11) 2321-5099

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

CARA LEITORA,

OK, eu confesso: autores também têm seus livros favoritos. Eu sei, eu sei... Livros são como as crianças, e nós nem sempre queremos admitir que gostamos mais de um do que do outro, mas é verdade. Os livros da série The Goddess Summoning (A Invocação à Deusa) são os meus filhos prediletos.

Tal como acontece em minha série best-seller para jovens adultos, House of Night (A Morada da Noite), os livros de The Goddess Summoning celebram a independência, a inteligência e a beleza única da mulher moderna. Meus heróis têm uma coisa em comum: eles apreciam as mulheres poderosas e são sábios o suficiente para valorizar seu cérebro tanto quanto sua beleza. Não são o respeito e o apreço excelentes afrodisíacos?

Pesquisar a mitologia e reformular antigos mitos é pura diversão! Em A Deusa do Mar, eu reconto a história da sereia Undine, que muda de lugar com uma sargento da Força Aérea dos EUA, a qual precisa de algum tempo para si própria. Em A Deusa da Primavera, concentro-me no mito Perséfone/Hades, e mando uma mulher moderna para o inferno! Quem diria que o inferno e seu deus poderiam ser quentes em tantos aspectos sedutores e maravilhosos?

De lá, tiramos férias deliciosas em Las Vegas com os divinos gêmeos Apolo e Artemis, em A Deusa da Luz. E, finalmente, chegamos ao meu conto de fadas favorito: “A Bela e a Fera”. Em A Deusa das Rosas, criei a minha própria versão dessa história tão amada: a construção de um reino mágico de onde se originam os sonhos — os bons e os ruins —, e dou vida a uma fera que me tirou o fôlego.

Espero que goste dos meus mundos, e desejo que você descubra uma centelha da magia das deusas em si própria!

P. C. Cast

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a Mark Stelljes, o cultivador de rosas que consultei enquanto fazia pesquisas para o livro. Mark, suas informações foram preciosas! Qualquer erro quanto às flores são unicamente meus.

Um agradecimento especial à minha santa editora, Christine Zika, por compreender que a fera precisava ser uma fera. (E obrigada por aquela linda cena do chifre também!)

Meus profundos agradecimentos à minha fantástica agente e amiga, Meredith Bernstein.

Um beijo para os fabulosos “lunáticos” que me ajudaram na personificação dos Ladrões de Sonhos.

E obrigada aos meus alunos do ensino médio, cujos sonhos eu utilizei para compor as cenas. Viram como os adolescentes também têm cérebro?

PRÓLOGO

Era uma vez, numa época em que os homens ainda acreditavam que havia deuses e deusas na Terra, foi concedido a Hécate, a grande Deusa da Noite, o domínio sobre as encruzilhadas. Essa deusa da escuridão levou a sério sua missão, pois não apenas passou a vigiar as estradas e os caminhos dos mortais, como também a guardar as distâncias entre os sonhos e a realidade, entre o corpóreo e o etéreo. Seu domínio era o lugar de onde todos os sonhos, e também a magia criada por eles, originavam-se. Assim, a Deusa da Noite foi denominada Deusa da Magia, bem como Deusa das Feras e Deusa da Lua Negra.

Sempre vigilante, Hécate convocou uma antiga e monstruosa fera para ajudá-la. A criatura era a fusão perfeita entre o homem e a fera. De bom grado, esta jurou agir como a protetora de suas encruzilhadas e obedecer às suas ordens. Filho do Titã Cronos, o Guardião era um ser como nenhum outro e, como recompensa por sua lealdade, Hécate o presenteou com o coração e a alma de um homem. Embora sua aparência fosse monstruosa, a deusa sentiu-se segura ao lhe confiar a guarda das encruzilhadas mágicas, as quais batizou de Reino das Rosas, assim como a das Sacerdotisas de Sangue que ali a serviam. Durante séculos, o Guardião permaneceu fiel, seguindo os ditames de sua missão sagrada, pois era tão honrado quanto influente, e tão sábio quanto poderoso.

Até um dia de Beltane. O Guardião conhecia o seu dever. Mas, céus!, até mesmo um protetor podia se cansar. E não cometera nenhum deslize por crueldade ou ganância. Seu único erro fora amar sem reservas. Ele quebrara a confiança de sua deusa e, em um rompante de raiva, Hécate lançou um feitiço sobre ele e sobre o Reino das Rosas: o reino não teria mais Alta Sacerdotisa, e o Guardião dormiria eternamente, a menos que fosse despertado por uma mulher que carregasse o sangue mágico das Empousas de Hécate, que fosse sábia o suficiente para enxergar a verdade e sensível o bastante para agir sobre ela.

E, assim, o Reino das Rosas se desesperou, e o Guardião adormeceu enquanto sua deusa aguardava...

PARTE 1

CAPÍTULO 1

— Andei tendo aqueles sonhos de novo.

Nelly ajeitou-se na cadeira e deu a Mikki um de seus olhares mais clínicos.

— Gostaria de me contar sobre eles?

Mikki desviou o olhar da amiga. Será que gostaria?

Descruzou e tornou a cruzar as pernas longas, passou a mão nervosamente pelos cabelos e tentou acomodar-se na poltrona.

— Antes de eu responder a essa pergunta, quero que responda a uma minha.

— É justo — concordou Nelly.

— Se eu lhe contar os meus sonhos, como vai ouvi-los? Como minha amiga ou como minha psiquiatra?

A médica riu.

— Por favor, Mikki! Estamos em uma lanchonete, não no meu consultório! Não vai me pagar cento e vinte dólares por hora para eu ficar sentada aqui com você. E não vamos nos esquecer: — ela inclinou-se para a frente e exagerou no sussurro — é minha amiga há anos, mas nunca foi minha paciente!

— É verdade. Mas não por falta de assunto.

— Ah, sem dúvida — Nelly aquiesceu com sarcasmo. — E então? Vai me contar sobre os sonhos, ou terei que usar meus truques de psiquiatra para dissuadi-la? — Tudo menos isso! — Mikki levantou as mãos como para defender-se de um ataque. Encolheu os ombros. — Eles são iguais aos outros. Nelly ergueu as sobrancelhas significativamente. — Está bem — Mikki suspirou e revirou os olhos. — Talvez tenham mudado um pouco.

— Consegue ver o rosto dele agora? — a outra moça perguntou, gentilmente.

— Quase — Mikki fixou o olhar em um ponto qualquer da aconchegante lareira de tijolos em um canto. — Na verdade, acho até que vi seu rosto desta vez, mas...

— Mas?

— Eu estava tão preocupada que não consegui me concentrar nele — ela elaborou, apressada.

— Preocupada?

Mikki parou de olhar para a lareira e encontrou os olhos da amiga.

— Preocupada em ter o sonho mais erótico da minha vida! Não dei a mínima para o rosto dele.

— Ora, ora, *ora* — Nelly comentou, surpresa. — Não me lembro de ter falado em sexo nos outros sonhos. Agora estou realmente interessada nessa história.

— Isso porque eles não... ou talvez eu... Ah, não sei. Por alguma razão, os sonhos estão mudando. — Ela esforçou-se para descrever o que estava acontecendo. — Estou dizendo, Nelly, os sonhos estão ficando cada vez mais reais.

O brilho de diversão deixou os olhos escuros da outra moça, substituído pela preocupação.

— Diga-me, querida. O que está acontecendo?

— Quanto mais realistas ficam esses sonhos, menos a minha vida parece real.

— Conte-me sobre esse último, então.

Em vez de responder de imediato, Mikki rodou uma mecha do cabelo cor de cobre no dedo e sorveu um gole do *cappuccino*. Nelly e ela eram amigas fazia anos. Tinham se conhecido no hospital onde ambas trabalhavam e haviam se tornado confidentes no mesmo instante. Na aparência, possuíam pouca coisa em comum. Nelly era morena e esguia, de uma beleza exótica, herança do sangue haitiano da mãe. E devia ser ao menos uns vinte centímetros mais alta do que ela, calculou Mikki. Ao contrário dela que, além de clara, era cheia de curvas e um tanto comum. A despeito de suas diferenças, contudo, não existia nenhum tipo de ciúme entre elas. E, desde que tinham se conhecido, apreciavam uma a outra por suas singularidades.

Era uma amizade sólida, baseada na confiança e no respeito mútuo. E Mikki não fazia ideia do motivo pelo qual encontrava-se tão hesitante em contar seus sonhos a Nelly. Principalmente o último.

— Mikki?

— Não sei por onde começar — prevaricou.

Nelly esboçou um sorriso e tomou um gole do próprio *cappuccino*, para então mordiscar um biscoito de chocolate.

— Leve o tempo que quiser. Todos os bons psiquiatras têm uma coisa em comum...

— Eu sei, eu sei. Vocês são pacientes até demais!

— Isso mesmo.

Mikki brincou com a caneca de café. Precisava exorcizar aquele sonho de uma vez. Aquilo estava ficando estranho demais. Era como se houvesse sido hipnotizada... ou seduzida.

Continuou ali parada, entretanto. Não apenas porque tinha dúvidas quanto a revelar os detalhes do sonho em voz alta, como também porque parte dela temia que a amiga, uma excelente psiquiatra, fosse proferir alguma palavra mágica que a curasse dele.

Não tinha certeza se queria aquilo.

— Ei, sou eu! — Nelly incitou suavemente.

Ela deu-lhe um sorriso apertado e compreensivo, e respirou fundo.

— Está bem. Esse começou igual aos outros. — Cutucou o esmalte da unha, nervosa.

— Quer dizer na cama de dossel?

— Na mesma cama de dossel *imensa*, no quarto *enorme* — ela reforçou. — O lugar era o mesmo, só que não estava tão escuro como antes. Desta vez, a luz entrava por uma parede inteira de janelas. — Mikki buscou a palavra. — Eram painéis de vidro verticais... Sabe o que eu quero dizer?

Nelly assentiu.

— Janelas quadriculadas?

— Quase isso. Bem, independentemente de como elas são chamadas, eu as notei desta vez porque estavam deixando entrar alguma luz. — Seu olhar continuou preso às chamas que queimavam, alegres, enquanto revivia o sonho. — Era uma luz suave, rosada, como a do amanhecer... Enfim, eu despertei — continuou, deixando escapar uma risadinha nervosa. — Foi estranho ter sido acordada de um sonho em outro sonho — ela encolheu os ombros. — Mas eu acordei. Estava de braços e sentia alguém escovando os meus cabelos. Uma delícia. E, fosse quem fosse, usava uma daquelas escovas grandes, de cerdas macias — sorriu para a amiga. — Você sabe... Não há coisa mais gostosa do que alguém lhe escovando os cabelos.

— Concordo, mas ter o cabelo escovado não é assim tão *sexy*.

— Ei, já faz algum tempo, mas sei muito bem que escovar os cabelos não tem a ver com sexo! Não cheguei nessa parte ainda... Só estou contando como fiquei relaxada e feliz por conta disso — explicou Mikki, lançando a Nelly um olhar impaciente.

— Desculpe interromper. Basta fingir que não estou aqui.

— Isso é coisa de psiquiatra?

— Não. Só estou querendo ouvir a parte do sexo, pipocas!

Mikki riu.

— Nesse caso, terei prazer em continuar. Vamos ver... Eu estava tão relaxada que me sentia flutuando. Foi bizarro. Senti a alma leve, como se estivesse deixando meu corpo... Então, tudo começou a ficar muito louco.

— Como assim, “muito louco”?

— Bem, senti uma lufada de vento. Foi como se ela houvesse me pegado e me levado para algum lugar, mas não o meu *corpo*; apenas o meu espírito. A sensação foi de... purificação. Isso me assustou, e eu abri os olhos. Estava de volta no meu corpo, só que no meio do roseiral mais incrível que já tinha visto ou imaginado na vida. — Sua voz perdeu qualquer indício de dúvida quando passou a descrever a cena. — Foi de tirar o fôlego. Eu queria beber o ar como um vinho. Estava cercada por rosas! E das minhas favoritas: Prazer em Dobro, Chrysler Imperial, Cary Grant, Prata Esterlina... — Ela suspirou, feliz.

— Nenhuma rosa Mikado?

A pergunta de Nelly a trouxe de volta à realidade.

— Não, não vi nenhuma rosa homônima minha. — Aprumou-se, lançando à amiga um olhar irritado. — E não acho que isso esteja acontecendo comigo porque minha mãe decidiu me dar o nome de sua rosa favorita.

Nelly fez um gesto conciliatório com a mão.

— *Mikki* — falou, pronunciando o apelido de forma clara, como se quisesse apagar o nome *Mikado* do ar —, precisa admitir que o fato de essas rosas aparecerem em todos os seus sonhos é muito estranho.

— Por quê? Sou voluntária no Roseiral Municipal e cultivo minhas próprias rosas. Por

que uma parte integrante da minha vida não deveria figurar nos meus sonhos?

— Está certa. As rosas são uma parte importante da sua vida, assim como eram na de sua mãe e...

— Na da minha avó. E na da minha bisavó — Mikki interrompeu.

Nelly sorriu, aquiescendo.

— Sabe que eu acho esse seu *hobby* encantador e morro de ciúme da sua capacidade de cultivar aquelas rosas maravilhosas.

— Sinto muito. Eu não devia ter sido tão indelicada. Acho que é a falta de sono.

— Não tem dormido direito? — A preocupação sombreou a expressão de Nelly.

— Não, não... — Mikki negou rapidamente. — Apenas ando levando muito trabalho para casa e ficando acordada até tarde.

Por favor, não me pergunte mais nada sobre isso!, pensou, lançando um olhar tenso na direção da amiga enquanto remexia o *cappuccino* e sorvia um gole. Nelly não precisava saber que sua exaustão nada tinha a ver com falta de sono ou muito trabalho. Tudo o que desejava era escapar daquele mundo de sonhos e dormir. O pior era que, apesar de nunca mais ter se sentido completamente descansada depois de ter ingressado naquele mundo de fantasias, ainda via-se compelida a retornar para ele todas as noites.

— Mikki?

— Onde eu estava mesmo? — ela se atrapalhou.

— No belo jardim de rosas.

— Ah, sim.

— E as coisas estavam ficando muito loucas.

— Isso mesmo. — Mikki deixou os olhos voltar para a lareira. — Por algum tempo, eu apenas caminhei entre as rosas, tocando cada uma delas e apreciando sua beleza. Havia acertado no palpite: era de manhã cedo, o ar estava fresco e as flores ainda encontravam-se respingadas com orvalho; como se tudo tivesse acabado de ser lavado. O jardim era circular, e as rosas e seus canteiros formavam uma espécie de labirinto. Fiquei andando por ali, apenas me divertindo.

Seu sorriso oscilou e ela fez uma pausa antes de iniciar a parte seguinte do sonho. Pôde sentir as faces ganhando cor e desviou o olhar para evitar o olhar curioso da amiga.

— Não me diga que está envergonhada! — provocou Nelly.

— Mais ou menos. — Mikki esboçou um breve sorriso.

— Mikki, você e eu fizemos depilação *à brasileira*, esqueceu? Juntas. Na mesma sala. Supere logo essa coisa e me dê mais detalhes. Se mesmo assim falhar, lembre-se... — Nelly deu mais uma mordida no biscoito e continuou com a boca cheia: — sou uma profissional.

— Prefiro não me lembrar — murmurou Mikki antes de respirar fundo. — Pois, então. Estou no roseiral e, de repente, sinto a presença *dele*. Eu não conseguia vê-lo, mas sabia que estava atrás de mim. — Umedeceu os lábios e, inconscientemente, levou a mão à garganta, os

dedos acariciando a pele sensível na base do pescoço enquanto falava. — Comecei a andar mais rápido porque, a princípio, senti que deveria me manter distante... Mas logo tudo mudou. Eu podia ouvi-lo atrás de mim conforme ele ia se aproximando. E ele não estava tentando se esconder. Seus ruídos eram assustadores... quase selvagens. Era como se eu estivesse sendo caçada por uma fera.

Mikki tentou fazer a respiração voltar ao normal, embora sentisse o corpo formigar com uma onda de calor. Surpresa, percebeu uma gota de suor escorrendo entre os seios.

— Estava com medo? — Nelly perguntou.

— Não. Nem um pouco. Na verdade, estava excitada. — Ela respondeu tão baixo que a amiga inclinou-se a fim de escutá-la melhor. — Eu queria que ele me pegasse. Quando eu corria, era só para provocá-lo... e eu queria muito fazer isso.

— Nossa! — a outra moça exclamou com um suspiro.

— Eu avisei... E o sonho fica ainda melhor.

— Oba. — Nelly mastigou outro biscoito.

— Eu corria nua e ria. O vento parecia meu amante conforme soprava no meu corpo. Eu me deliciava com cada gemido, cada rosnado, cada grunhido feito pela *coisa* que me perseguia. E queria ser apanhada, mas não até que ele estivesse muito, muito ansioso por me agarrar.

— Pelo amor de Deus, não pare por aí! Ele pegou você ou não?

Mikki tornou-se introspectiva e seus olhos voltaram-se para o fogo mais uma vez.

— Sim e não. Como eu disse, eu estava correndo e ele me perseguia. Cheguei a um canto do labirinto e me virei. — Seus lábios se apertaram, em seguida se curvaram em um sorriso travesso. — Então tropecei e caí em um buraco. Quando bati no fundo, devia ter me machucado, mas minha queda foi amortecida por pétalas. Eu tinha caído em um poço cheio de pétalas de rosa! E devia haver milhares delas lá. Seu perfume preenchia o ar, e elas acariciaram o meu corpo. Cada centímetro da minha pele ganhou vida em meio a tanta suavidade. E depois as mãos *dele* substituíram as rosas. — Respirou fundo. — Elas não eram macias. Mas ásperas, fortes e exigentes. O contraste entre as duas sensações foi incrível. Ele acariciou o meu corpo nu, desde os meus seios, passando pela minha barriga e coxas... Exatamente como eu gostaria que me tocasse. Foi como se ele tivesse entrado nas minhas fantasias e conhecesse todos os meus desejos secretos.

Mikki fez uma pausa para afastar uma mecha de cabelo do rosto. Sentiu a mão tremer, mas, não querendo que Nelly notasse, apressou-se em continuar com a narrativa.

— Estava mais escuro no poço do que no jardim, e minha visão parecia meio turva, quase como se o perfume das pétalas esmagadas tivesse criado uma névoa. Eu não podia vê-lo, mas, onde quer que ele me tocasse, eu pegava fogo. Antes disso, em todos os meus sonhos, podia sentir sua presença como se ele fosse um ser irreal, um fantasma ou uma sombra. Eu pressentia sua presença, mas até então ele nunca havia me perseguido ou posto a mão em mim. E eu certamente jamais o tinha tocado também. Mas, naquele poço de rosas, tudo

mudou. Podia sentir suas mãos na minha pele e também podia acariciá-lo... A certa altura, eu o puxei para mim e ele...

Mikki engoliu em seco e fechou os olhos com a lembrança.

— Ele era forte e incrivelmente grande. Corri as mãos por seus ombros e braços e percebi que seus músculos eram como pedra. E eu senti algo mais... ele era... ele tinha... Engoliu, tentando aplacar a súbita secura na garganta. Deveria contar a Nelly? Deveria revelar aquilo a alguém? Enquanto se lembrava, foi quase como se estivesse lá outra vez; naquele poço de sensações e fragrâncias. Suas mãos tinham se deslocado até uma massa espessa de cabelo. Tivera a intenção de segurá-lo pelo rosto, de abrir os olhos e vê-lo enfim. Mas deparara-se com os chifres. A criatura que acariciava seu corpo, levando-a a uma excitação que nunca experimentara na vida, possuía chifres!

Não. Não podia contar aquilo a Nelly. Era absurdo demais. Sua amiga iria achar que estava ficando maluca.

— Ele usava um traje esquisito — murmurou em vez disso, nervosa. — Uma espécie de armadura cobrindo o peito, não sei. E foi incrivelmente erótico: aqueles músculos rijos cobertos pelo couro... Eu o senti e acariciei, então ele mergulhou o rosto nos meus cabelos, aqui.

Fechando os olhos, puxou uma massa de cachos avermelhados para a frente e afundou a mão neles, perto da orelha direita.

— A partir desse ponto, para mim, foi fácil escutar cada som que ele fazia. Quando eu o afagava, ele gemia ao meu ouvido; só que não era bem um gemido. Ao menos não o gemido de um ser humano... Era um rosnado baixo e profundo, que não parava nunca. — Ela franziu o cenho. — Isso devia ter me assustado. Eu devia ter gritado e lutado ou, no mínimo, ficado petrificada, paralisada de medo. Mas não queria ficar longe dele. E aquele som terrível, animalesco e maravilhoso me excitou ainda mais. Senti que iria morrer se não pudesse tê-lo por inteiro. Quando arqueei o corpo, consegui sentir sua ereção, e ele começou a se esfregar em mim.

Mikki engoliu em seco novamente.

— Foi então que ele falou, e sua voz soou diferente de tudo o que já ouvi: uma voz meio humana meio animalesca. E era tão intensa que foi quase como se eu pudesse escutá-la também com a mente.

— E o que ele disse? — Nelly incitou, meio sem fôlego, quando Mikki parou de falar.

— Murmurou em meu ouvido algo como: “Nós não podemos... Eu não posso... Isto não pode acontecer!”. Mas eu não parei. Sentia o desejo dele nas palavras tanto quanto no que tinha no meio das pernas. Implorei a ele que não parasse enquanto me agarrava àquela armadura. Queria arrancá-la; eu o queria nu contra mim. Mas era tarde demais. Eu já estava gozando, e tudo o que podia fazer era colocar as pernas em volta dele conforme o meu corpo explodia. — Mikki respirou fundo. — Foi o orgasmo que me acordou.

CAPÍTULO 2

Nelly limpou a garganta antes de tentar falar.

— *Caramba!* Concordo com você. Esse foi definitivamente mais realista do que os outros sonhos e muito mais *sexy!* — Ela se abanou com um guardanapo.

— Eu poderia ter visto o rosto dele, Nelly. Estava bem ali o tempo todo, ao lado do meu. Apesar de o poço estar meio nevoento, havia luz suficiente para que eu pudesse enxergá-lo. Eu poderia até senti-lo olhando para mim, mas me recusei a abrir os olhos. Não queria ver como ele era. — Em silêncio, Mikki reconheceu: tinha vacilado ao sentir os chifres. Não quisera arruinar sua fantasia, com medo do que ele podia ser.

— Então, mesmo estando excitada, uma parte de você teve medo?

Ela levou algum tempo para responder, em dúvida se Nelly falava como amiga ou como psiquiatra.

— Talvez. Mas não sei se o meu medo foi por conta do que eu poderia ter visto, ou porque temi que aquela magia fosse rompida e eu nunca mais pudesse sonhar com ele de novo — admitiu num murmúrio.

— Magia?

Mikki deu de ombros.

— Como você chamaria isso? O que está acontecendo comigo parece mais mágica do que psicose. Ao menos para mim.

Nelly voltou a sorrir.

— Sabe a minha opinião sobre esse assunto. Creio que há muitas coisas mágicas no cérebro humano, mas todas têm raízes na ciência.

— Agora está parecendo uma psiquiatra!

— Pare com isso, sua *puxa-saco*. — Nelly desviou o olhar para o relógio. — Ah, merda! Tenho que ir embora daqui a pouco.

— Já sei. Outro maluco esperando para descarregar os problemas em você.

— Claro que sim. É a parte do meu trabalho de que eu mais gosto. — Nelly mergulhou o biscoito no *cappuccino* que restava. — Espere um pouco... Não tinha dito algo sobre os sonhos estarem tornando-se mais realistas e o mundo ao redor parecer menos real? Aconteceu mais alguma coisa estranha?

— Pensei que tivesse de ir embora...

— Em breve, mas não neste instante. Eu ainda tenho mais biscoitos para devorar, então desembucha.

Mikki suspirou.

— Você nunca se esquece de nada, não é?

— Tudo parte do meu caríssimo treinamento. — Nelly acenou para a amiga com o biscoito molhado. — Continue, por favor.

— Está bem! Ontem eu estava atravessando a 21st Street, indo do Woodward Park para o meu apartamento. Trabalho de voluntária no Roseiral às quintas, lembra-se?

— Claro.

— Bem, foi um pouco depois do anoitecer. Eu havia terminado o serviço mais tarde do que de costume. Ainda há muito a ser feito para que as rosas fiquem prontas para o inverno e, com aquela droga de reforma na terceira camada do jardim, estamos atrasados. Enfim, eu estava atravessando a rua e ouvi um barulho estranho atrás de mim.

Ela parou e estreitou os olhos, pensativa.

— Barulho estranho?

— Eu sei que parece loucura. — Mikki deu uma risada nervosa. — Mas a quem mais eu poderia dizer essas coisas senão à minha amiga psiquiatra? — Nelly fez uma careta e, em um gesto inconsciente de desafio, Mikki jogou os cabelos para trás. — Pois então... eu ouvi esse barulho às minhas costas. A princípio, pensei que tivesse algo a ver com a peça que estão ensaiando no parque.

— Ah, é verdade. O “Teatro no Parque” vai acontecer na primeira semana de novembro. Eu tinha quase me esquecido. O que eles vão encenar este ano?

— *Medeia* — contou Mikki com um sorriso de lado.

— Um som estranho vindo dessa peça não seria assim, tão surpreendente.

— Não. O problema é que escutei um rugido e, apesar de não ler a história desde o ensino médio, não me lembro de haver animais selvagens em *Medeia*.

— Ouviu o rugido de um leão?

— Não sei... Algo parecido, mas soava um pouco diferente.

Mikki deteve-se outra vez. Sabia muito bem que o rugido não era de um animal de zoológico. Havia soado totalmente, terrivelmente solitário. E de uma forma humana, também. Mas não havia como admitir aquilo para a amiga. Não estava *tão* louca assim. Ainda não, pelo menos. Em vez disso, apressou-se com o restante da explicação:

— Nelly, o zoológico fica do outro lado da cidade. Mesmo que leões ou outros animais estivessem rugindo feito loucos, eu jamais iria ouvi-los em Woodward Park! Mas eu juro para você: escutei um rugido e, como pode imaginar, ele me assustou. Assim que pisei na calçada, me virei. Mas, acredite, não consegui ver nada porque o parque estava cheio daquelas “ondas térmicas”. Não sei como, diabos, aquelas coisas se chamam... Você sabe, aquelas ondas que sobem do asfalto no meio do verão. Pensei que estivesse com alguma coisa nos olhos, então pisquei e os esfreguei. E quando os abri novamente, o parque tinha sumido.

Nelly franziu as sobrancelhas.

— Como assim “o parque tinha sumido”?

— Tinha sumido. *Puff!* — Ela encolheu os ombros. — Não estava mais lá. Em vez disso, havia uma imensa floresta.

— Mikki... Woodward Park tem árvores — lembrou Nelly, como se essa fosse uma explicação suficiente.

— Ah, por favor — Mikki bufou baixinho. — Não estou falando de árvores lindas e bem cuidadas, bem dispostas em torno de fontes e arbustos de azaleias. Era uma floresta *de verdade*: densa e escura, com carvalhos enormes. — Estremeceu involuntariamente. — Se eu tivesse andado por ela, teria me perdido.

— E ouviu o barulho de novo?

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Estava tudo muito silencioso. Pensando bem, silencioso até demais.

— Teve alguma outra sensação durante esse desvario?

— Lá vem a psiquiatra de novo.

— Apenas responda à minha pergunta!

Os lábios de Mikki curvaram-se em um sorriso.

— Senti o perfume de rosas.

— Ao menos você é coerente. — Nelly sorriu. Logo depois, sua expressão tornou-se sóbria. — Como terminou?

Ela fez uma careta.

— Um idiota em uma picape acelerou e buzinou enquanto gritava algo inteligente como “*Aí, ruiva gostosa!*” A fantasia teve fim no mesmo instante.

— Só não terminaria se estivesse em um *trailer* no meio do parque — provocou Nelly.

— Urgh — Mikki assentiu em concordância. — E então... pirei ou não?

— Eu não acho que “pirar” seja o termo médico mais adequado.

— “Despiroquei”

A outra moça suspirou.

— Brincadeiras à parte, Mikki, preciso saber como está se sentindo com tudo isso. Está com medo?

— Admito que essa história está me deixando nervosa — ela respondeu devagar, mantendo contato visual com a amiga. — Fico me perguntando o que está acontecendo dentro da minha cabeça, mas não sinto medo. *Ele* nunca me fez sentir medo. — Respirou fundo antes de concluir a resposta. — Honestamente, não quero parecer uma aberração ou uma pervertida, mas esses sonhos se tornaram muito sensuais. Droga, mesmo essa última visão estranha fez meu coração bater mais depressa e me deu a sensação de que tinha acabado de ser beijada por alguém que sabia o que estava fazendo. Odeio admitir isso, mas, de novo, fiquei excitada e não apavorada! — Mikki mordeu o lábio. — É muito grave?

— Não — Nelly garantiu depressa. — Fico feliz que não tenha ficado ansiosa ou com medo. — Ela apanhou a *nécessaire* e checkou o batom. — Minha opinião profissional, embora tecnicamente não tenha perguntado por ela, é que a sua imaginação está fazendo hora extra.

— Isso é o que diria a uma paciente?

— Você não é uma das minhas pacientes. E, amiga, você não está louca.

— Então, sou apenas imaginativa e tarada, é isso?

— Suponho que sim. Mas, se quiser, posso lhe indicar um bom neurologista.

— Neurologista!? — A surpresa fez a voz de Mikki soar estridente. — Acha que estou com algum tumor no cérebro ou algo assim?

— Não entre em pânico. Existe uma série de problemas neurológicos que podem causar sintomas como esses que tem enfrentado. — Nelly se levantou e apanhou a maleta na cadeira ao lado. — Se eles ficarem piores e estiverem incomodando muito, pode fazer um exame de sangue ou algo do gênero.

— “Algo do gênero” é outro termo médico?

— Assim como “pirar” e “despirocar”. — A médica inclinou-se e deu-lhe um abraço rápido e forte. — Não se preocupe. Siga com a sua vida como sempre fez porque você é normal. Ah, e não se esqueça do encontro que eu marquei entre você e aquele professor que está na cidade para uma palestra na Tulsa University!

Mikki gemeu.

— Agora eu queria estar louca!

— Pare com isso. Esse encontro vai ser bom para você. Só não aja como se odiasse todos os homens. Não causaria uma boa impressão.

— Eu não odeio todos os homens. Eu até gosto deles... na teoria. O problema é que os últimos trinta anos me fizeram acreditar que eles vão acabar me desiludindo mais cedo ou mais tarde.

— Essa também não é uma atitude muito positiva.

— Está bem... Vou tentar ser boazinha.

— Eu não pedi para ser boazinha. Só não seja cínica. E não se preocupe... Está ótima. — Nelly a abraçou novamente e se apressou porta afora.

Mikki franziu o cenho e olhou o relógio. Precisava correr também. Bebeu o restante do café, resmungando consigo:

— Não me preocupar? Tá bom, então. Eu assisti ao *Fenômeno*. John Travolta pensando que tinha sido visitado por extraterrestres... até morrer por causa de *seu* tumor cerebral. Alienígenas... um amante *sexy* e animalesco... que diferença faz?

CAPÍTULO 3

— Serviços de Enfermagem... Posso ajudar? — Mikki respondeu ao chamado enquanto olhava para o relógio. Passava apenas um pouco da hora do almoço. O dia não iria acabar nunca?

— Posso falar com a srta. Empousai? — perguntou o homem.

— É ela mesma. — Mikki tentou ocultar a impaciência na voz. Provavelmente era mais um representante de medicamentos tentando puxar conversa com ela apenas para chegar a sua chefe. Como assistente executiva da diretora de Serviços de Enfermagem do St. John's Hospital, era função sua rechaçar vendedores e outros “tomadores de tempo”, o que era um lado um tanto aborrecedor de seu trabalho. Aqueles sujeitos não desistiam nunca?

— Mikki, é Arnold Asher. Estou ligando para confirmar o nosso encontro desta noite.

— Ah! C-Claro — ela gaguejou.

— Parece surpresa. Registre a data errada no meu Blackberry?

Pelo telefone, Mikki pôde ouvi-lo digitar na pequena tela eletrônica.

— Não, eu não me esqueci. É que tive uma manhã muito movimentada — desconversou. Na verdade, depois do café com Nelly só conseguira pensar no suposto tumor em seu cérebro e em passar o restante do dia no trabalho, sem ter nenhum surto psicótico do tipo soltar espuma pela boca... Tentou lembrar se combinara o sutiã com a calcinha naquele dia. Deus, seria embaraçoso ser admitida na ala psiquiátrica do hospital usando *lingerie* velha.

A voz de Arnold se intrometeu em suas reflexões. Ela havia quase se esquecido de que estava ao telefone com um desconhecido. Quase.

— Nossa amiga em comum, Nelly Peterson, me contou que o seu restaurante favorito é o Wild Fork, então fiz uma reserva para as sete horas. Tudo bem para você?

Mikki refreou o desejo de desmarcar o encontro. Não seria justo com o sujeito. Ele tinha uma voz agradável, e Nelly não lhe arrumaria um pretendente que não fosse atraente e interessante. Ignorou o pensamento de que *atraentes e interessantes* sempre escondiam *arrogantes e irritantes* sob roupas bonitas e boas maneiras. Sem dizer que quase podia ouvir Nelly gritando: “*Dê uma chance ao cara, pelo amor de Deus!*”

— Ah, sim. Jantar no Wild Fork me parece ótimo. É mesmo um dos meus restaurantes favoritos — concordou, esforçando-se para parecer entusiasmada.

— Perfeito. Posso ir buscá-la lá pelas seis e meia?

— Não! — ela respondeu rápido demais e, para disfarçar sua indelicadeza, riu como se tivesse perdido um parafuso. — Quero dizer, não precisa se incomodar... Eu moro na mesma rua do restaurante. Posso encontrá-lo lá.

— Compreendo. O que for melhor para você.

Era impressão sua ou Arnold falara num tom condescendente demais?

— É o melhor para mim — confirmou, meio seca.

— Então está combinado. Eu a vejo às sete, no Wild Fork. Mas, como vou reconhecê-la? Mikki esfregou a testa, sentindo o início de uma dor de cabeça. Ou era o seu tumor cerebral se manifestando? Ela realmente detestava encontros às cegas.

— Vou ser a ruiva com a rosa no cabelo.

Uma risada agradável fluiu através da linha, surpreendendo-a.

— Será difícil eu confundi-la com outra mulher — ele concluiu, ainda rindo baixinho.

— Essa é a ideia. — Mikki viu-se rindo também. — Espero que seja tão charmoso quanto a sua risada... Nós nos veremos às sete, então.

— Estou ansioso por isso.

— Eu também.

Mikki desligou o telefone sorrindo. Agora se encontrava ansiosa mesmo por conhecer o homem por trás da voz. Ainda estava sorrindo quando a chefe, Jill Carter, correu para fora de sua sala.

— Mikki! Chame todos os outros assistentes de direção. Houve um grave acidente na Broken Arrow Expressway. Um ônibus cheio de velhinhos indo para Las Vegas capotou. Estão trazendo os idosos para cá em massa. Vamos precisar de toda a ajuda possível para atendê-los.

— Agora mesmo — ela respondeu, digitando os números de telefone antes mesmo de Jill ter concluído.

Três horas mais tarde, o Pronto Atendimento ainda se assemelhava a um campo de guerra geriátrico, mas, aparentemente, a equipe médica vencida a batalha.

— Acho que as únicas que ainda não foram atendidas são aquelas duas senhoras ali — Patricia, assistente executiva do diretor de segurança, apontou com um gesto de cabeça em direção a um canto distante da sala de espera.

Mikki suspirou.

— Fico com a de saia vermelha enquanto você pega a de terninho de poliéster laranja.

— Combinado — aquiesceu a outra moça, partindo para a tarefa.

Mikki suspirou. Deus, estava cansada. Sentia-se tão velha quanto a senhora de quem estava se aproximando. Lembrando a si mesma de que, embora estivesse exausta e estressada, não havia passado por um acidente, ela estampou um sorriso amigável no rosto. A mulher se encontrava com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás, de encontro ao azulejo estéril da parede do PA. Os cabelos brancos e fartos tinham sido presos num elegante coque e, ao chegar mais perto, Mikki notou a saia longa e o casaco de *cashmere* combinando. Um grosso e brilhante colar de pérolas pendia de seu pescoço quase até a cintura e brincos em forma de gota, também feitos de pérolas, adornavam-lhe as orelhas. Um lenço de seda branco estava amarrado em torno de sua mão esquerda, e o tecido parecia manchado de sangue seco.

— Senhora? — chamou baixinho, sem querer assustá-la.

A mulher não respondeu.

— Com licença, senhora? — ela repetiu, desta vez mais alto.

Não houve resposta.

Uma sensação terrível se instalou em seu estômago. E se a mulher estivesse morta?

— *Senhora!* — Mikki tentou controlar o pânico na voz, sem sucesso.

— Não estou morta, filha! Apenas cansada. — Sem abrir os olhos, a mulher proferiu as sílabas de cada palavra com cuidado. Tinha uma voz rouca e atraente, com um leve sotaque.

Ela continuou com os olhos cerrados.

— Perdão, eu... Não achei que estivesse morta. Pensei apenas que estivesse dormindo — ela mentiu. — É a sua vez. Preciso anotar seus dados para o seguro.

A mulher abriu os olhos, e Mikki piscou, surpresa. Eram surpreendentemente claros, e de um azul vibrante e profundo. *Se a esperança tivesse uma cor, seria aquela*, refletiu, emudecida diante de sua beleza.

As linhas da pele plissada ao lado dos olhos da idosa se aprofundaram quando ela sorriu.

— Devia dizer a verdade sempre, querida. Não sabe mentir. Mas não se preocupe: ainda estou bem viva... ao menos por enquanto.

Estendeu a mão bem cuidada, que não se encontrava enfaixada pelo lenço, e Mikki a tomou no mesmo instante, ajudando-a a se pôr em pé.

— Sim, senhora — ela respondeu, sem graça.

— Sempre achei que o título de “senhora” deveria ser reservado a moças que desejassem parecer mais velhas, ou mulheres mais velhas que tivessem desistido de viver. Como nenhum dos casos é o meu, prefiro *signora*, ao modo dos italianos. — A mulher sorriu outra vez. — Mas pode me chamar de Sevillana.

Mikki esboçou um sorriso.

— Sevillana?

— Sim, é o meu nome de batismo. Algum problema, querida?

Ela ajudou a anciã a se acomodar na cadeira em frente à mesa de registro antes de responder.

— Problema nenhum. É que eu já conhecia esse nome.

— Verdade? — Sevillana ergueu uma sobrancelha grisalha. — E o que sabe sobre ele?

— É o nome de uma rosa *Meidiland* que se originou na França, de um vermelho brilhante e muito resistente. Dá um renque cerrado e floresce durante quase quatro meses seguidos.

Sevillana sorriu com satisfação.

— Eu sabia que existia algo especial em você!

Mikki tentou devolver o sorriso, porém ainda se encontrava desconcertada por aquela estranha coincidência. Muitas rosas haviam sido batizadas com os nomes de pessoas importantes: rosa JFK, rosa Dolly Parton, rosa Lady Di... Mas nunca conhecera uma pessoa comum, além dela mesma, que também tivesse o nome de uma rosa. Uma vez de volta à sua mesa, digitou no teclado do computador e abriu a tela de registro para a nova paciente.

— Qual é o seu sobrenome, senhora... digo, *signora*? — perguntou, sorrindo.

— Kalyca. Soleta-se K-a-l-y-c-a. — Sevillana apanhou o cartão do seguro na bolsa e o entregou a ela. — E o seu, querida, qual é?

Mikki ergueu os olhos da tela do computador, pronta para dizer o próprio apelido, mas algo na expressão da mulher a fez hesitar.

— Mikado — admitiu, hesitante.

O sorriso que iluminou o rosto de Sevillana eliminou décadas de sua idade.

— Oh, Deus! Outra dama das rosas. Que surpresa agradável.

— É mesmo incomum — ela concordou com uma pitada de sarcasmo.

Sevillana a estudou, atenta.

— Quando for mais velha, vai aprender a gostar do inusitado; não importa de que forma o descubra... Ou então ele vai descobrir você.

Mikki apertou os lábios para impedir o gracejo que lhe veio à mente. Havia algo tão sábio nos olhos da mulher que sentiu suas barreiras cedendo.

— Acha mesmo? — indagou, incapaz de se conter.

— Claro que sim. — Os olhos incríveis de Sevillana a fitavam, perspicazes. — O incomum é o mais próximo que podemos chegar neste mundo de viver a verdadeira magia. E a magia é o sopro da vida.

Mikki teria gostado de conversar mais com a velha senhora a respeito, porém uma enfermeira as interrompeu.

— Acredito que seja a minha última paciente. — Sorriu e ajudou Sevillana a se levantar. — Vamos ver essa mão.

— Foi só um arranhão — afirmou a mulher conforme deixava a moça conduzi-la para longe do balcão. E, fitando Mikki nos olhos por cima do ombro, completou de forma clara: — Já me machuquei mais podando minhas rosas sem luvas...

As palavras fizeram Mikki se arrepiar dos pés à cabeça. Como ela sabia?

Ainda tinha os olhos fixos na porta pela qual Sevillana havia desaparecido quando sua chefe a cutucou no ombro, fazendo-a dar um salto.

— Desculpe, Mikki, eu não quis assustá-la! Eu só queria lhe agradecer por sua ajuda hoje. Foi muito além do que devia.

— Imagine, Jill. Foi bom mudar um pouco de ares.

Jill observou a assistente de perto, percebendo sua palidez incomum e os círculos escuros sob os olhos expressivos. Mikki era sua assistente fazia anos, e ela já se acostumara ao modo tranquilo como esta tocava a rotina administrativa dos Serviços de Enfermagem.

Mas, ultimamente, a moça a vinha preocupando. Parecia cada vez mais distraída e dois dias antes ela a pegara dormindo na mesa. Talvez fosse hora de dar a Mikki umas férias; e um aumento, também. Odiaria perdê-la para um dos hospitais concorrentes, ainda mais para o

cardiológico que acabara de abrir na 91st Street. Na certa eles se encontravam em pleno processo de contratação de funcionários experientes.

Suspirou. Iria pensar em um aumento para Mikki e, na segunda-feira pela manhã, traria para ela um daqueles folhetos de cruzeiros.

— Por que não vai para casa mais cedo hoje? Foi uma semana difícil.

Mikki abriu um sorriso.

— Puxa, obrigada! — agradeceu, surpresa. — Tenho que me aprontar para um encontro, mesmo.

A outra moça sorriu de volta.

— Vou cruzar os dedos, então. — Olhou em volta para ter certeza de que ninguém iria ouvi-la. — Sabe como é... Não é fácil encontrar um homem que preste hoje em dia.

— E eu não sei? — Mikki deu uma risadinha seca. — Esse é professor.

— Bem, espero que o... — Jill fez uma pausa, omitindo a palavra e erguendo as sobrancelhas sugestivamente — dele seja tão eficiente quanto o cérebro! — Afastou-se com seu andar característico, balançando os quadris. — Vejo você na segunda!

Mikki ainda sorria ao desligar o computador.

Tinha acabado de dar um clique no mouse quando notou o cartão de seguro sobre a mesa.

— Ah, droga! Eu não o devolvi a Sevillana.

Apanhou o cartão laminado e correu até a porta que dava para o interior do setor de emergência.

O posto de enfermagem ficava no meio do imenso saguão e ela reconheceu a secretária sentada atrás do balcão alto. Como de costume, a moreninha se encontrava ocupada, digitando diretivas no computador.

— Ei, Brandi, em que sala está Sevillana Kalyca?

— Na sete. — Compenetrada, a moça nem sequer olhou para ela. — Esta aí um nome difícil de esquecer.

— Obrigada! — Mikki rumou para a porta de número sete. — Espero que seja tranquilo para você esta noite...

— Parece que sim — murmurou Brandi, distraída.

Mikki bateu à porta fechada.

— Pode entrar! — falou a voz inconfundível da mulher.

Ela abriu a porta e espiou dentro do quarto, hesitante.

Sevillana acenou com a mão boa. Tinha a mão esquerda apoiada sobre um braço de alumínio que saía da maca, o qual alguém havia coberto com um pano azul.

Mikki franziu o cenho ao ver o corte em toda a parte carnuda de sua palma, de onde ainda pingava sangue.

— Venha, querida... A enfermeira foi buscar alguns instrumentos para dar um jeito nisto.
— Apontou a mão ferida com um gesto de cabeça. — Parece que vou precisar de pontos.
— Sinto muito — ela murmurou, pesarosa. — Espero que não esteja doendo muito.
— Isto não é nada. — Sevillana indicou a cadeira ao lado da cama. — Por favor, sente-se.
Foi muito gentil de sua parte ter vindo me ver, Mikado.

— Eu também vim lhe trazer isto. — Mikki entregou-lhe o cartão do seguro, constrangida por ter vindo por conta daquilo e não para ver como a mulher estava.

— Ah, obrigada! Eu jamais iria me lembrar de onde o tinha deixado. — A velha senhora pegou o cartão, sorrindo calorosamente.

Mikki sentou-se, tentando não olhar para o corte na mão de Sevillana, entretanto seus olhos continuavam pousando sobre ele... como quando as pessoas deparam com um acidente na estrada.

E havia algo mais na palma da mulher.

Piscou, tentando enxergar melhor.

— O sangue é fascinante, não é mesmo? — A voz de Sevillana soou quase hipnótica.

— Essa cor sempre me faz lembrar as rosas — ela concordou. Em seguida, obrigou-se a fitar o rosto da mulher. — Não sou nenhuma *ghoul*, fique tranquila... Aquele demônio lendário que ataca túmulos e se alimenta de cadáveres — emendou, sem graça. — É que rosas recém-desabrochadas e sangue fresco têm uma cor única. Não entendo por que isso tem uma conotação tão negativa — disse, na defensiva.

Os incríveis olhos azuis de Sevillana a fitaram, penetrantes.

— Você é muito sábia, apesar de tão jovem. Demorei anos para compreender que não há conotação negativa no que diz. Rosas e sangue compartilham muitas características, o que é maravilhoso.

— Sabe tanto assim sobre rosas e sangue? — Mikki perguntou num impulso.

A mulher abriu um sorriso assisado.

— Prontinho! — A enfermeira entrou, apressada, trazendo uma bandeja cheia de instrumentos esterilizados. Logo atrás dela vinha uma das novas médicas residentes. — A dra. Mason vai cuidar da senhora.

A médica olhou para Mikki.

— É parente?

— Não, não... Sou assistente de Jill Carter.

— Então terá de sair da sala, por favor.

Ela assentiu com um gesto de cabeça e lançou um olhar de desculpas na direção de Sevillana.

— Tenho que ir. Foi muito bom conhecê-la, *signora*.

— Espere um momento, querida! — Sevillana remexeu a bolsa que mantivera a seu lado, na maca.

— Senhora, se ela não é parente sua, vai ter que sair... — repetiu a médica, antipática.

— Eu compreendo, minha jovem. Não estou pedindo para que a moça fique. Quero apenas dar algo a ela — Sevillana explicou no tom que uma mãe usaria para repreender uma filha mal-educada. Sem esperar por resposta, afundou a mão boa na bolsa enorme, do tipo sacola, e tirou dela um minúsculo frasco de vidro, do tamanho de um dedo mindinho, coberto de saliências.

Mikki estreitou o olhar. Por que aquilo lhe parecia familiar?

— Tome, querida. Quero que fique com isto. — Sevillana colocou o frasco em sua mão, e, quando Mikki o tocou, percebeu por que aquilo lhe parecia familiar. Era uma réplica de vidro perfeita da haste de uma rosa, com pequenos espinhos. — É um perfume que mandei fazer para mim em minha última visita à ilha de Creta, que fica ao Sul da sempre maravilhosa costa da Grécia. Ele me trouxe muito boa sorte e muita magia no passado... Tomara possa fazer o mesmo por você.

Mikki apertou o frasco na mão, comovida.

— Obrigada, Sevillana — agradeceu, enquanto a enfermeira a conduzia para a porta.

— *Lembre-se...* — a mulher sussurrou ainda.

E a porta se fechou com um clique suave às suas costas.

CAPÍTULO 4

Seu apartamento era um santuário, concluiu Mikki. Ela assinara por ele um contrato de locação de longo prazo, cinco anos antes, e nunca se arrependera. Morava na cobertura de um pequeno edifício. Era um local espaçoso e silencioso, porém ela não se decidira por ele por causa de seu interior, mas por conta de sua localização. A vista da varanda de ferro forjado, que ligava a sala de estar ao quarto, dava para o Woodward Park. E o Woodward Park era contíguo a seu lugar favorito: o Roseiral Municipal de Tulsa.

Consultou o relógio ao pisar na sacada. Ainda eram seis e meia, então teria tempo suficiente. Apreciou a vista maravilhosa, reparando que nada oscilava ou se deslocava no ar... O Woodward era apenas um parque. Aguçou os ouvidos, tentando captar algum rosnado, mas, com exceção de um ou outro motor de carro que passava pela 21st Street e dos trabalhadores que cuidavam dos últimos retoques no palco para a apresentação que se daria dali a duas noites, tudo parecia normal e em silêncio. E aquele início de noite de outubro estava agradavelmente fresco. O sol acabara de se pôr, contudo o céu parecia relutante em abandonar o que sobrara da luz. Um tom de ardósia se misturava com malva e coral, tingindo o dia que se despedia aos poucos. Mikki sabia que as cores iriam se desvanecer depressa, no entanto. Aquela noite seria de lua nova, o que significava que a única luz no céu noturno seria a das estrelas.

Sacudiu a cabeça. Era melhor parar de sonhar e se apressar, se pretendia não chegar atrasada ao restaurante.

Uma brisa soprou, e ela respirou profundamente, saboreando o doce perfume de rosas. *Suas* rosas. A varanda continha cinco grandes vasos de barro onde ela cultivava cinco espécies de bem cuidadas roseiras. E todos os arbustos estavam em flor. Fazia muito tempo que havia parado de mesclar rosas em casa. Eram necessários consistência e muito cuidado para tanto. Mesmo assim, seu sucesso era evidente. Todos os arbustos se encontravam em plena floração, e as rosas mostravam mais do que aquele típico florescimento de última hora, antes de o inverno colocá-las para dormir. Suas rosas Mikado eram um verdadeiro milagre. As pétalas externas das flores eram vermelhas, mas não de um vermelho qualquer. Seu escarlate podia ser comparado a rubis, fogo, sangue... Mais internamente, o tom vivo se fundia com o ouro, como se a base da flor tivesse sido mergulhada em uma taça de xerez.

Mikki sorriu. Havia sido a vencedora na categoria amadora do concurso de jardinagem “Rosas Seleccionadas de Toda a América” nos últimos cinco anos. Suas covoluntárias no Roseiral de Tulsa gostavam de brincar, dizendo que ninguém poderia vencê-la porque ela possuía uma poção mágica que derramava nas rosas. A cada ano, faziam um verdadeiro teatro, implorando para que ela compartilhasse seu segredo. Ela apenas sorria e aceitava os elogios, mas nunca confirmara

contar com tal poção...

Colocou no chão o regador e a pequena caixa de ferramentas em que guardava suas várias tesouras para poda e outros apetrechos de jardinagem, então se aproximou do primeiro arbusto. Franzindo a testa, arrancou uma pequena folha que, para um olho destreinado, poderia parecer saudável, mas segundo sua experiência, era um problema em potencial.

— Míldio! — exclamou com nojo. — Eu sabia que as últimas noites tinham sido frias demais, mas pensei que a temperatura durante o dia fosse impedir esse tipo de coisa. — Acariciou uma flor de leve, falando com o arbusto como se este fosse uma criança. — É muito cedo para isso. Não vai querer que eu o traga para dentro ainda... Acho que vou ter que lhe cobrir à noite.

Indo de planta em planta, Mikki as inspecionou, atenta. Não encontrou mais nenhuma folha danificada, porém lembrou a si mesma que deveria verificar a previsão do tempo antes de ir para a cama. Se a temperatura fosse ficar em torno dos quatro graus, cobriria as rosas.

Voltando à caixa de ferramentas, selecionou um par de tesouras de tamanho médio. Uma vez feita a escolha, posicionou-se ao lado da roseira mais próxima das portas de vidro deslizantes que levavam a seu quarto. Com movimentos firmes, segurou a haste de uma flor delicada, recém-desabrochada, e fez um corte vertical no caule verde. Levou a flor ao nariz e aspirou sua inebriante fragrância.

— Vou adorar usá-la nos cabelos esta noite — murmurou, carinhosa.

Voltou às ferramentas mais uma vez. Com cuidado, pousou a rosa cortada no chão da varanda, assim como o par de tesouras, e tratou de revirar a caixa em busca do último apetrecho de que precisaria naquela noite.

Encontrou o canivete rapidamente. Era pequeno, entretanto ela já estava acostumada com a caixa bem organizada e nunca demorava a achar alguma coisa dentro dela. Abriu a navalha e a lâmina brilhou, perigosa, à luz fraca. Metódica, Mikki abriu a última gaveta da caixa e extraiu dela um pequeno pacote. Rasgou a embalagem do lenço umedecido em álcool. Limpou primeiro a palma da mão esquerda e, em seguida, a lâmina que já parecia mais do que esterilizada.

Podia ouvir a voz familiar da mãe falando na memória: *Cuidado nunca é demais, Mikado. Não tem por que pegar uma infecção.*

Satisfeita ao ver ambas as superfícies limpas, ela descartou o lenço umedecido e olhou ao redor. Embora a varanda ficasse de frente para a rua, a altura do apartamento e da folhagem espessa das roseiras evitava que qualquer transeunte tivesse mais do que um vislumbre seu. Numa véspera de lua nova, entretanto, queria evitar até mesmo a possibilidade de ser vislumbrada.

Nada se movia ao redor, exceto a brisa.

Mikki segurou a mão esquerda à sua frente, vendo a palma cheia de pequenas cicatrizes brancas. Olhou para a da mão direita. Sim, lembrava-se bem... Em meio às marcas daquela

palma, existia uma mais recente, ainda rosada, recém-curada, o que lhe garantia que, naquele mês, era a palma esquerda que deveria usar.

Sem hesitação, pressionou a lâmina afiada contra a pele e, com um movimento preciso, cortou-se.

O sangue jorrou no mesmo momento, fazendo-a se lembrar do corte de Sevillana. Tinha sido exatamente no mesmo lugar, só que maior e mais profundo. Foi então que, de repente, percebeu o que mais ela havia visto na mão da mulher: marcas claras, finas, bem cicatrizadas... e muito familiares. Sentiu uma súbita vertigem e fechou os olhos para a varanda que girava.

Como Sevillana podia ter as mesmas cicatrizes que ela? Apenas as mulheres de sua família praticavam aquele ritual, e isso fora feito em sigilo por várias gerações. Desde a morte de sua mãe, no ano anterior, ela pensava ser a última pessoa no mundo que conhecia o segredo das rosas cultivadas com sangue. Franziu a testa. Precisava descobrir mais sobre Sevillana. A primeira coisa que faria na segunda-feira pela manhã seria puxar o prontuário da mulher e obter seu endereço. Tinha que encontrar a velha senhora de novo!

A vertigem desapareceu, e Mikki abriu os olhos, vendo o sangue que brotara de sua ferida. Antes que este pingasse na varanda, mergulhou a mão no balde de rega. A princípio o corte ardeu, mas o frescor da água rapidamente acalmou a sensação. Com um suspiro, ela girou a mão dentro do recipiente, vendo a água se tingir de vermelho. Após alguns minutos, tirou a mão da água, sacudiu-a e a envolveu com firmeza em uma tira de gaze que puxou da gaveta aberta da caixa. Sabia que o sangramento logo iria parar, deixando uma crosta estreita e discreta que ela ocultaria com Band-aids da cor da pele nos dias seguintes. Se as outras voluntárias do roseiral notassem, ela apenas sorriria diante das admoestações para que fosse mais cuidadosa e usasse luvas de couro grosso ao podar...

Poucas pessoas, contudo, costumavam reparar em cortes tão insignificantes.

Carregando o balde com a mão incólume, dividiu a água cuidadosamente entre as cinco plantas. Devagar, derramou o líquido tingido de sangue sobre as raízes de cada planta, sussurrando palavras de carinho e elogiando-as por sua beleza. Como sempre, Mikki pensou que podia ver as rosas respondendo ao ritual. Uma brisa fresca soprou em meio às folhas espessas, e as flores pesadas balançaram como se estivessem dizendo: *Sim, nós somos parte de você... Sangue do seu sangue.*

E para Mikki elas eram mesmo muito mais do que simples plantas. Aquelas rosas eram seu legado, o último vestígio de sua mãe e de sua família. Sem elas, estaria completamente só no mundo.

Quando a água acabou, sorriu, feliz com o resultado do trabalho.

— Tudo o que eu gostaria de fazer agora era puxar minha cadeira de balanço para cá, servir um copo daquele vinho tinto que comprei ontem e passar a noite lendo um bom livro.

Mas tinha um encontro, lembrou a si mesma. Com um homem dono de uma voz agradável e de um riso encantador. Olhou as horas. Eram quinze para as sete! E levaria ao

menos dez minutos a pé até o restaurante...

— Droga!

Agarrou o balde vazio, a caixa de ferramentas e praticamente os jogou dentro da sala. Arrumaria aquela bagunça quando chegasse em casa mais tarde. Correndo para o banheiro, deu uma última olhadela na maquiagem e no cabelo. Parecia bem. A saia de couro preta era uma de suas favoritas e o ferrugem do suéter de *cashmere* era como um elogio a seus lindos cabelos avermelhados. Apressada, optou por um colar fino e comprido de antigas contas de vidro preto e revirou a gaveta de brincos até encontrar um par de pingentes que combinasse.

Deixou o banheiro correndo, apanhou um agasalho, e estava lutando para fechar o zíper das botas novas quando se lembrou da rosa para os cabelos. Ela a havia deixado na varanda! Reprendendo-se por andar distraída demais, apanhou a rosa cortada, tirou as folhas do caule e usou o pequeno espelho decorativo da sala a fim de posicioná-la em meio aos cachos acima da orelha esquerda. Respirou fundo. Que perfume poderia escolher?

Estreitando os olhos com uma lembrança, abriu o zíper lateral da bolsa, onde normalmente guardava apenas um batom, o pó compacto e as chaves. O “caule de vidro” estava ali, aninhado junto aos outros itens.

— Por que não? — perguntou a si mesma. — Sevillana disse que o perfume havia lhe trazido sorte. Talvez, se usá-lo esta noite, terei um encontro decente para variar.

Abriu a pequena rolha e levantou o frasco até o nariz. Inalou e piscou, surpresa. O perfume era uma mistura densa de rosas e especiarias. Cheirou-o outra vez. Nunca sentira um odor assim. Junto com a fragrância familiar de rosas, reconheceu o aroma do gengibre, da canela e do cravo, todos misturados em um óleo forte e adocicado. Passou o perfume em ambos os lados do pescoço, na base da garganta e nos pulsos antes de colocar o frasco de volta na bolsa.

Cantarolando baixinho, trancou a porta atrás dela e correu para a calçada, amando o modo como a brisa da noite misturou a doce fragrância das rosas que levavam o seu nome com a simplicidade de seu novo perfume. Sem dúvida, estava cheirando muito bem.

E, de repente, deu-se conta de que também estava se considerando uma mulher de muita sorte.

CAPÍTULO 5

O Wild Fork ficava no coração da Utica Square, em Tulsa: uma bela área com um paisagismo lindo, árvores antigas, lojas da moda e restaurantes finos. Como de costume, era uma noite de sexta-feira movimentada, e todas as mesas já se encontravam ocupadas por fregueses famintos. Mikki olhou ao redor disfarçadamente, mas não viu nenhum homem sozinho. Ele devia ter se sentado lá dentro. Olhou o relógio de novo. Eram sete e dez. *Droga*. Odiava se atrasar. Suspirando, entrou no restaurante.

O amável *maitre* anotava um dos nomes de um grupo de seis, garantindo-lhes que o tempo de espera não seria muito longo. Com um gesto delicado demais dos dedos longos, apontou-lhes a área de espera. Quando seu olhar se deslocou para ela, sua expressão eficiente foi logo substituída por um sorriso acolhedor.

— Mikki, sua ingrata! Venha aqui... Faz *séculos* que não a vejo!

— Olá, Blair querido... — Ela devolveu o sorriso, e eles compartilharam um breve abraço. — Afinal, quando vai chutar Anthony para fora da sua cama e me colocar nela? — indagou, brincando.

— Fale baixo, coisa ruim! — O *maitre* riu e fingiu corar. — Tony está trabalhando esta noite. Se ouvi-la vai ficar *verde* de ciúme. E você sabe que verde é a cor que menos combina com ele.

— Como uma ruiva de fechar o trânsito, acho trágico que as pessoas loiras não possam usar verde — Mikki provocou, batendo os cílios para o amigo.

Blair se afastou para estudá-la.

— Nossa, está *deliciosa* esta noite, sabia? Essa saia preta e justa é de matar! Quem é a vítima?

Ela esboçou um sorriso nervoso. Quase havia se esquecido.

— Tenho um encontro às escuras aqui.

Blair sugou o ar e levou a mão ao peito.

— Não me diga! Deixe-me adivinhar: Nelly tem algo a ver com isso?

Mikki assentiu.

— Outro doutor para passar o tempo?

— Mais ou menos. Este não é médico. É professor, engenheiro ou algo assim. O palestrante convidado da Tulsa University da semana que vem.

Blair revirou os olhos.

— Saia da cidade! Soa terrivelmente maçante.

— Ora, seja razoável. É o que eu estou tentando fazer.

— Espere... — A expressão de Blair congelou e ele baixou a voz. — Deve ser o moreno misterioso que está aqui há uns vinte minutos! *Menina*, ele não é nada mau!

Mikki sentiu o coração dar um salto e tentou se lembrar da descrição que Nelly lhe dera de

Arnold Asher.

— Ele é forte, de estatura média, tem a cabeça raspada e um brinquinho de diamante em uma orelha?

— Isso mesmo! E um bigode maravilhoso! Tony e eu estávamos até comentando que ele é uma mistura de chefão da máfia com Telly Savalas. Que este descanse em paz... — Blair se benzeu, apressado.

— Pare com isso! Você não é católico.

— Ora, você sabe muito bem que eu acredito na tática de jogar em todas as posições... Foi a vez de Mikki revirar os olhos.

— Então achou que ele é bonitinho.

— Bonitinho?! — guinchou Blair. — Ele é uma delícia!

— Que bom. — Ela endireitou os ombros. — Quero dizer, eu não esperava menos do que isso... Nelly não ia me arrumar nenhuma encenca. — Era verdade. Mas havia muito mais para se avaliar em um homem do que a aparência. — O que está esperando? Estou pronta para encontrar o Mister Mundo.

Blair apanhou um cardápio e fez meia-volta, afetado.

— Siga-me, por favor, *mademoiselle* — falou por cima do ombro em seu tom de *maître* mais esnobe e começou a caminhar em direção aos fundos do salão.

— Ei! — Mikki puxou-lhe a manga. — Essa é a parte mais *pecaminosa* do restaurante!

— Foi onde ele pediu para ser acomodado... um lugar discreto. — Blair deu de ombros, os olhos brilhando.

Mikki ergueu as sobancelhas, apreensiva.

— Desconfio de que vá levar mais do que estava esperando desta vez, *mocinha* — alertou o *maître* em uma imitação abominável de John Wayne.

— Por favor! Nada de John Wayne esta noite. Meu estômago já está doendo.

— Ah, relaxe, amiga! Estou com um ótimo pressentimento.

Mikki seguiu Blair até o setor mais íntimo e menos iluminado do Wild Fork, onde várias mesinhas abrigavam casais que conversavam bem próximos. Blair se pôs de lado para que ela pudesse ser vista por todas as mesas. Um rapaz sozinho, vestindo calças e jaqueta pretas, caras e de muito bom gosto, com uma linda malha de lã verde-clara por baixo, ergueu os olhos do livro que estava lendo. Tinha a cabeça raspada, e a luz fraca do ambiente captou o brilho de um pequeno brinco de diamante em sua orelha esquerda. Nelly tinha sido honesta em sua avaliação. Havia descrito Arnold Asher como “interessante, mas não de uma maneira tradicional”, e ela precisava concordar, refletiu Mikki. Ele era mesmo atraente. Meio misterioso, ao estilo *bad boy*, e muito másculo. Sentiu uma ponta de apreensão. Normalmente não se sentia atraída por homens bonitos. Havia algo neles que era demais para ela. Depois de passar muito tempo com um espécime daqueles, costumava sentir-se como se tivesse comido uma sobremesa calórica. E, muitas vezes, descobrira que seu interior era tão vazio quanto seu

exterior era atraente...

Sorriu quando ele reconheceu a rosa em seus cabelos e fez um aceno.

— Bingo! — exclamou Blair.

Segura, ela caminhou ao encontro de Arnold Asher, e este se levantou para recebê-la.

— Você deve ser Mikki Empousai — perguntou, os olhos deslizando num claro elogio por seu corpo.

— Eu mesma, Arnold. Muito prazer.

Apertaram as mãos. O cumprimento dele era forte e quente, tão acolhedor como seu sorriso.

Blair puxou uma cadeira para ela, e Mikki se sentou.

— Nossa, eu... — Arnold tropeçou nas palavras, parecendo chocado e um pouco nervoso.

— Desculpe-me, mas tive a nítida impressão de que já nos conhecíamos antes, embora eu saiba que isso não é possível.

— Verdade? — Ela riu, adorando a admiração em seus olhos. — Gosta dessas coisas que mexem com o inconsciente? Nelly não me disse nada.

Ele continuou sorrindo.

— Prefiro chamar isso de intuição. Mas, sim, gosto de me manter aberto a novas possibilidades.

Sentindo o rosto corar com seu óbvio interesse, Mikki desviou os olhos para o livro que ele estava lendo. *A última temporada*.

— Pat Conroy! — exclamou e tocou a capa dura. — Gosta de Conroy?

— É um dos meus *top ten* favoritos — afirmou Arnold.

— Meu também! Eu amo esse escritor! *O príncipe das marés*, *O Grande Santini*...

— *Canção do mar*, *Guardiões da honra*... — ele continuou para ela.

— Adorei *Canção do mar*!

— Eu também. Quase tanto como *O príncipe das marés*. Fiquei zangado ao ouvir críticas negativas a respeito — ele acrescentou depressa.

— E eu não? A prosa de Conroy é mágica. Não consigo entender como podem criticá-lo.

Sentaram-se, sorrindo, surpresos um com o outro, e Mikki sentiu-se invadida por algo que não sentia havia muito tempo: esperança.

O suspiro romântico e absolutamente exagerado de Blair transformou-se em uma tosse fingida quando ela o fulminou com o olhar.

— Ah, meu Deus, me desculpem. Alguma coisa me atacou a garganta — ele disfarçou.

— Pode me trazer a minha taça de Chianti, Blair? — pediu Mikki, antes de volver o olhar para Arnold. — Está com fome? Eu pulei o almoço e adoraria uns aperitivos.

— Por mim, está bem.

— Que bom. Que tal um pão de azeitona? Ele sempre me faz lembrar a Itália.

Tão logo o professor assentiu, Blair saiu correndo.

— Então é fã de Conroy. — Arnold sorriu outra vez. — Qual seu livro favorito?

— *O príncipe das marés*, provavelmente. Mas adorei todos. — Acariciou a capa do volume, depois o colocou sobre a mesa. — Ainda não li este.

— Pois precisa ler. Ele faz uma análise incrível da própria vida.

— Vou comprá-lo sem falta. — Eles se entreolharam, e Mikki sentiu nova onda de expectativa. — Disse que Conroy é um dos seus dez autores favoritos. Quais são os outros?

Arnold inclinou-se para a frente, aquecendo-se para o assunto como apenas um verdadeiro amante dos livros poderia fazer, e ela o estudou, atenta. Não, ele não era assim tão bonito. E ela sempre preferira homens mais altos e mais jovens. Mas havia algo em Arnold. Algo como inteligência, experiência... e sensualidade.

— É difícil restringi-los a dez. Suponho que, ao lado de Conroy, eu tenha que citar Herman Wouk.

— *Ventos de guerra*. Que livro fabuloso! — exclamou Mikki.

— E não se esqueça de *Lembranças de guerra*.

— Impossível esquecer.

— Em seguida, eu citaria James Clavell — lembrou Arnold.

— *Changi*, *Tai-Pan* e o melhor: *Xogun*! — ela enumerou, mal se concentrando em Blair quando este trouxe seu vinho e o pão de azeitona.

— Mas eu não gostei da minissérie.

— Richard Chamberlain como Blackthorne? Faça-me o favor — ela concordou com desdém. — Odeio quando um grande livro é transformado em *enlatado*.

— O que já não aconteceu com um dos meus outros “dez mais”: *Os pistoleiros do Oeste*, de Larry McMurtry.

Mikki parou, prestes a dar uma mordida no pão.

— Adorei o livro e amei a minissérie!

A partir daí, eles se lançaram em uma animada discussão acerca dos filmes feitos com base em seus autores mais queridos: do Oeste de McMurtry à África e o Egito de Wilbur Smith. Em algum ponto da discussão, conseguiram pedir a comida. Mikki tinha vontade de se beliscar. Não conseguia se lembrar da última vez em que tivera uma conversa tão agradável com um homem. Com amigas era comum que se tivesse assuntos interessantes. Com os homens, ao menos em seu caso, parecia quase impossível. No entanto, antes que se desse conta, engolira três copos de Chianti, devorado uma excelente refeição e pedido um café irlandês para a sobremesa, em vez do “Morte por Bolo de Chocolate”, a sobremesa que sempre a tentava. Encontrava-se agradavelmente zonzinha e aproveitando o encontro como nunca. Tanto que foi um choque olhar para o relógio e ver que quase duas horas tinham se passado.

Tomou um gole do café e sentiu que Arnold a estudava, atento. A indagação em seu rosto era tão clara que ela sorriu.

— O que foi?

— É incrível.

— Na verdade, eu estava pensando a mesma coisa — falou, um pouco tímida.

— Não acredito que eu tenha encontrado uma mulher que tenha realmente lido e apreciado mais do que um desses romances baratos.

Um fio de água fria começou a se derramar no gostoso calor que a dominara. Ele havia dito “romances baratos”? Como os da maravilhosa Nora Roberts, das encantadoras MaryJanice Davidson, Susan Grant, Gena Showalter, Sharon Sala, Merline Lovelace, e de mais uma série de outras autoras fabulosas que lhe faziam companhia em suas noites solitárias, e que a faziam rir, chorar e suspirar?

— O que quer dizer? — indagou, reticente.

Alheio à sua mudança de tom, Arnold continuou, entusiasmado.

— Não é muito comum que uma mulher atraente e disponível tenha lido e compreendido livros tão interessantes.

— Eu sempre fiz questão de ler vários autores e gêneros. Creio que isso amplia os nossos horizontes e impede que tenhamos uma visão estreita da vida — replicou com cuidado, tentando manter o tom neutro. — Eu estava pensando, Arnold... Por acaso já leu algum livro de Anne Tyler?

— Não, creio que não.

— Ela ganhou um Pulitzer por *Lições de vida*, sabia?

— É mesmo? — Ele esboçou um sorriso. — Que bom para ela.

Mikki se retesou diante do tom paternalista.

— E quanto a *O historiador*, de Elizabeth Kostova?

— Também não.

— Pensei que gostasse de romances históricos...

— Eu gosto.

— Que tal *As brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley?

— O mito arturiano contado sob o ponto de vista feminino? — Dessa vez, seu riso foi sarcástico e condescendente. — Eu não o consideraria histórico.

— Você o leu?

— Não, claro que não. Prefiro Tennyson ou T. H. White. — Arnold esfregou a testa como se ela estivesse lhe causando uma dor de cabeça. — Gosto de autores consagrados.

— Está bem, então, que tal os livros de Nora Roberts? Uma estatística afirma que a cada sessenta segundos alguém compra um romance dela, ou seja, é uma autora consagrada. E, estatisticamente, pelo menos, pode ter lido alguma coisa dela; até mesmo sem querer.

— Nora Roberts? Mas não é ela que escreve aqueles romances “água com açúcar”?

Blair flutuou até a mesa nesse momento.

— Vou deixar a conta aqui. — Colocou-a ao lado do braço de Arnold, alegre. — Mas não

precisam se apress... — Suas palavras sumiram quando ele viu a expressão irritada de Mikki. Limpou a garganta. — O que eu quis dizer é: podem me chamar a qualquer momento. — Com um olhar preocupado na direção da amiga, o *maitre* se retirou, passando a observá-los do balcão dos garçons.

A saída abrupta de Blair fez Mikki perceber que precisava melhorar o próprio humor, mas, quando ela olhou para Arnold, viu que não precisava se afligir. Ele nem sequer olhava para ela, e sim para a conta, carrancudo.

— Algum problema? — Mikki quis saber.

Ele a fitou e em seguida deslizou a conta em sua direção.

— Problema nenhum. Eu só estava calculando a minha parte da conta.

— Como?

— Bem, foi você quem pediu o aperitivo e bebeu uma taça de vinho a mais. E esse café irlandês não foi muito barato.

Mikki piscou, incrédula, enquanto tentava redescobrir a voz.

Arnold pegou a carteira, tirou uma nota de vinte, e duas de dez dólares.

— Isso deve dar para a minha parte e mais um pouco para a gorjeta. — Fitou-a, atento.

— Vai pagar com dinheiro ou com cartão de crédito?

Ela não pôde evitar e riu.

— Quer que eu pague a minha metade do jantar?

— Claro — ele respondeu com naturalidade. — Os tempos são outros. As mulheres de hoje querem ser tratadas com igualdade e respeito, e estou apenas demonstrando isso.

— Perfeito... — Mikki concordou, rindo, embora começasse a sentir o sangue ferver nas veias. Aquilo era o máximo. — Simplesmente perfeito. Sendo assim, escute bem, *dr. Asher*. É assim que o tratam, não?

Arnold concordou com um gesto de cabeça, parecendo vagamente confuso.

— Ótimo — ela assentiu. — Eu só queria ter certeza. A questão é a seguinte, dr. Asher... Não está demonstrando respeito ao usar de retórica quanto ao que as mulheres de hoje querem, apenas como desculpa para ser mesquinho. Pelo contrário. Não me importa em que tempo estejamos vivendo. Se isto era um encontro, e eu tinha a impressão de que era, então deveria ser uma questão de orgulho e boas maneiras para um cavalheiro pagar pelo jantar. Isso, sim, eu consideraria respeitoso. Mas não pode compreender esse tipo de coisa porque, sem dúvida nenhuma, não tem um pinga de respeito para com as mulheres. Sua atitude sobre o que acredita que as mulheres gostam de ler é tão condescendente como é evidente o seu desdém para com as autoras do sexo feminino. — Ela enfiou a mão na bolsa, tirou três notas de vinte dólares e estatelou-as em cima da conta. — E aqui vai uma novidade: os romances que chama de “baratos” e de “água com açúcar” superam em vendas todos os outros gêneros do mercado literário. Muitas das autoras que criam essas tramas, em que figuram mulheres fortes e apaixonadas, assim como homens honrados e heroicos, são extremamente perspicazes e cultas.

Deveria tentar ler algumas delas. Essas autoras de romances femininos, das quais desdenha, poderiam lhe ensinar algumas coisas sobre como se comportar como um verdadeiro cavalheiro. — Ela se levantou e colocou a bolsa no ombro. — Boa noite, dr. Asher. — Ele fez menção de dizer algo. — Não, por favor... Não se levante. Quero me lembrar de você assim mesmo: confuso e sem palavras. É uma boa perspectiva para a sua pessoa. Sem dúvida alguma é bem melhor do que a de machista e paternalista.

Com um sorriso sarcástico estampado no rosto, Mikki deu meia-volta e caminhou sem pressa para fora da sala mal iluminada.

Ainda estava rindo quando continuou caminhando pela calçada. Santo Deus, estava feliz por ter dado um fora naquele sujeito! Jamais seria capacho de homem nenhum. Sem dizer que tinha, mesmo, o pavio muito curto. Deus, quem poderia imaginar!? Ele parecia tão interessante e *sexy* a princípio... Mas, como a maioria dos homens, fora uma decepção.

A ideia de que nenhum homem jamais se aproximaria dela porque ela mesma nunca se permitira compartilhar o segredo que pulsava através de seu sangue brotou em seu subconsciente... O pensamento foi efêmero, contudo. Rindo e meio embriagada, Mikki tratou de reprimir a ponta de verdade contida neste pensamento, ao mesmo tempo em que dava um pulinho e cambaleava de leve sobre o halo de luz que um poste formava no chão.

Na verdade, nunca desistira de um encontro daquela maneira antes.

Tinha sido até emocionante!

Seus passos se tornaram mais lentos. Estava começando a achar que talvez não tivesse sido talhada para um relacionamento de longo prazo. Talvez fora o sinal de que precisava naquela noite. Algo como um presságio. Ela *era* diferente. E vinha se tornando cada vez mais claro que não havia o “homem certo” para ela. Ele não existia. A conclusão, entretanto, não a fez sentir-se triste ou solitária. Em vez disso, fez com que se sentisse mais sábia; como se tivesse alcançado uma percepção que seus amigos ainda não contavam com maturidade suficiente para ter. Respirou fundo, experimentando um estranho sentimento de libertação.

Ao passar pelo McGill’s, um *pub* local muito popular, considerou entrar para um drinque rápido. Mas a porta se abriu e o burburinho que escapou lá de dentro a fez mudar de ideia. Não estava disposta a ficar gritando por cima da música e do barulho apenas para pedir uma bebida. Além disso, já bebera o suficiente. Não que isso fosse ruim. Não estava dirigindo, estava *viajando*!

Mikki riu e seguiu adiante, respirando o ar frio de outubro. Conforme deixou a área de comércio e se aproximou de Woodward Park e do apartamento, as construções mudaram: das lojas e restaurantes elegantes para as antigas mansões da época da exploração de petróleo que cercavam o parque.

Ela amava aquela parte de Tulsa. Queria ter vivido na década de vinte. Seria uma daquelas mulheres com ar *blasé*, de cabelos curtos, vestidos soltos e cheios de contas — do tipo que faziam barulho quando se andava. Beberia muito e dançaria a noite toda. E, em meio às festas,

ainda lutaria por direitos iguais para as mulheres.

Como tinha feito naquela noite, pensou, alegre. Com exceção do vestido, do penteado e das danças. Deu outro pulinho sob a luz do poste seguinte e riu de si mesma. Já podia desconsiderar a ausência da dança. Agora teria que voltar ao restaurante na noite seguinte para contar todos os detalhes sórdidos a Blair e ao restante da turma.

A calçada chegou ao fim, bifurcando à sua frente. Encontrava-se bem no limite entre os casarões e o Woodward Park. Era ali que normalmente atravessava a rua para o apartamento. Olhou para o parque, hesitante, mas não detectou qualquer mudança estranha em sua percepção que pudesse sinalizar uma de suas “crises”. Na realidade, havia até se esquecido da estranheza que tomara conta de sua vida com aqueles seus últimos sonhos.

— Isso prova que dispensar um homem é bom para o que me aflige — falou para si mesma, satisfeita.

Tudo parecia normal. Postes antigos salpicavam de luz o Woodward Park. O vento sussurrava em meio aos carvalhos bem cuidados, chamando a mudança das estações suavemente e provocando uma cascata de folhas que se dispersava em forma de minitornados. E, bem no centro da área arborizada, ela podia ver a iluminação suave do palco para a apresentação que aconteceria em breve. Ouviu, ao longe, a atriz ensaiando sua fala:

“Um pouco de amor é uma alegria na casa;

Um pouco de fogo é uma joia na geada e nas trevas...”

Começou a atravessar a rua em direção ao apartamento, porém hesitou ao olhar para o parque repleto de som e luz. Estava tão lindo! Parecia um oásis mágico no meio da noite, um subsídio ao seu estado de espírito. Uma brisa fresca soprou, trazendo um cheiro parecido com o de canela das folhas de outono, e envolveu seu corpo, atraindo-a.

Por que não?

Mikki olhou o relógio. Eram apenas nove horas. O parque e o roseiral não fechavam até as onze. Nelly lhe havia aconselhado a seguir em frente com a própria vida... Portanto, era normal que fosse até o parque visitar suas rosas. Passou pelos atores que ensaiavam e passeou rapidamente pelos jardins. Precisava mesmo verificar as rosas que cercavam o local da construção. Estava preocupada que aquele ir e vir dos operários, com suas botas pesadas, irritasse as plantas.

Olhou para o céu escuro, lembrando-se de que era noite de lua nova. Se as rosas precisassem de cuidado, não haveria ocasião melhor, decidiu. Passaria pela camada central e verificaria se os trabalhadores tinham limpado sua bagunça e mexido com as flores. Depois iria para casa, beberia uma boa taça de vinho e iria para a cama com um bom livro... de uma autora do sexo feminino!

Ou então, sussurrou sua mente, sedutora, poderia apenas dormir. Não era preferível encontrar seu amante de sonho a qualquer outra coisa?

Com um esforço supremo, afastou aquela linha de pensamento. Não podia viver uma

vida de fantasias, ou provaria que estava ficando mesmo louca.

CAPÍTULO 6

Mikki tomou a encruzilhada entre o parque e a rua, depois seguiu pela calçada que contornava os lindos tanques alimentados por pequenas cascatas, as quais emolduravam a parte setentrional do Woodward Park. Na bifurcação seguinte, rumou para longe da lateral norte, caminhando em direção à área central do parque, que se encontrava lotada de atividades em torno do palco erguido na noite anterior. Trechos de poesias da peça flutuaram ao seu redor, estimulando-a.

“As fontes sagradas brotam da terra.

A fumaça do sacrifício brota da terra.

A águia e o cisne selvagem se erguem da terra.

E também a retidão brotou da terra até os pés da deusa...”

Intrigada, Mikki procurou na memória detalhes da história de *Medeia*. Lembrava-se vagamente de que a peça era uma tragédia grega antiga, e que a trama era centrada em Medeia, a qual tinha sido abandonada pelo marido Jasão por causa de... Franziu a testa enquanto tentava se recordar de minúcias da história dos tempos de colégio.

Mas as mulheres nunca vão odiar seus próprios filhos.

Flutuando até ela por intermédio do vento suave, a frase atçou sua memória. Medeia ficara zangada com Jasão porque ele a havia abandonado em troca de uma mulher mais jovem, filha do rei de onde quer que eles tinham fugido, após ela ter traído sua própria pátria para salvá-lo.

— Faz sentido. Coisa típica de homens... — Mikki resmungou para si mesma.

Diminuiu o passo ao se aproximar do grupo agitado de pessoas que, aqui e ali, redirecionava luzes e transportava peças de madeira pintadas para o cenário. Várias atrizes se encontravam no palco, contudo estavam em silêncio. Três delas se agruparam, agitadas, à esquerda da plataforma. Outra permaneceu em pé, sozinha, no lado oposto, à direita. Todas vestiam túnicas drapeadas e possuíam cabelos longos, os quais usavam soltos até a cintura. E todas olhavam ao redor, como se esperando que alguém se materializasse das sombras à beira do palco. Mikki parou para observar, tentando descobrir por que elas pareciam tão tensas.

— Onde, diabos, se meteu Medeia?!

A voz trovejou pelos alto-falantes, mas também vinha de uma pequena barraca aberta, não muito longe dela, o que a fez dar um pulo.

— Ela... disse que precisava fazer uma pausa — respondeu a mulher à direita do palco, timidamente.

— Isso foi meia hora atrás! — a voz respondeu, irritada. — Como vamos terminar a passagem de som sem Medeia?

Mikki fixou o olhar no local de onde a voz fluía. Tudo o que podia avistar no interior da tenda era um tampo iluminado com dezenas de interruptores e luzes piscando, diante do qual

via-se uma silhueta escura.

— Posso usar dois microfones e ler a fala dela e a minha — ofereceu-se uma das três atrizes, protegendo os olhos dos holofotes direcionados para o palco, enquanto tentava olhar para o homem que, Mikki concluiu, devia ser o diretor.

— Isso não vai dar certo. Não podemos testar o som dessa maneira. Droga! Já estou cansado dos choramingos de Catie. Quem ela pensa que é? A própria Medeia? — Ele fez uma pausa, e Mikki pôde vê-lo andar de um lado para o outro sobre o chão de folhas, irritado. Então, como se o olhar dela o tivesse atraído, voltou a cabeça por cima do ombro. — Ei, moça! Será que se importaria em nos dar uma ajuda?

Mikki piscou.

— Eu? — Ela riu, nervosa.

— Sim, vai levar apenas alguns minutos. Poderia subir no palco, deixar que coloquem um microfone em você e dizer algumas frases?

— Mas... eu não sei as frases — ela argumentou, tensa.

— Não importa. — O homem sinalizou para um rapaz em pé, próximo ao palco. — Arrume um roteiro para a moça e peça a Cio que ponha um microfone nela. — Voltou-se para Mikki. — Que tal eu lhe dar um par de ingressos para a estreia como pagamento?

— E-Está bem — ela gaguejou. Mas por que diabo estava tão nervosa? Nelly amava aquele tipo de coisa... Poderia convidá-la.

Sentindo-se um pouco tola, deixou-se conduzir por dois assistentes até o palco. Um deles colocou um roteiro aberto em suas mãos e o outro, o que o diretor chamara de Cio, empurrou seus cabelos para trás e prendeu neles um minúsculo microfone.

Cio voltou-se para o diretor:

— Os cabelos dela são tão espessos como a peruca que Catie usa...

— Isso é bom. Assim poderemos fazer um teste acurado.

— Aquela é a sua marca — o rapaz orientou Mikki, apontando uma linha feita com fita adesiva no chão do palco. — Tudo o que tem a fazer é ficar lá. Depois que as Mulheres de Corinto disserem suas falas, eu lhe farei um sinal e poderá começar a ler a invocação de Medeia a Hécate. — Ele fez uma pausa, pegou uma caneta do bolso da camisa e circulou um parágrafo no roteiro. — Esta estrofe aqui. Fique de frente para a plateia e tente falar o mais devagar e claramente possível. Entendeu?

Mikki assentiu.

— Ótimo. — Ele deu-lhe um tapinha no ombro, distraído, antes de sair do palco.

— Fique tranquila... — uma das três mulheres cochichou, sorrindo para ela. — É moleza...

— Não sei, não — Mikki sussurrou de volta. — Nunca invoquei uma deusa antes.

— Ei, não se preocupe com isso! Não vai invocar deusa nenhuma, a menos que seja Medeia mesmo — disse a mulher, simpática.

— Ou se for uma das Sacerdotisas de Sangue de Hécate — completou outra atriz.

— Ou se tiver mania de grandeza e acreditar que é as duas coisas... — Todas as atrizes reviraram os olhos com o comentário da primeira mulher. Era evidente que a atriz principal, que se encontrava ausente, havia deixado seu papel subir à cabeça.

— Prontas, senhoras? — chamou o diretor pelo alto-falante.

As quatro mulheres lançaram um olhar de incentivo a Mikki conforme ela se movia para a sua marca no centro do palco.

— Muito bem, vamos acabar com isto para que possamos ir para casa! Primeira Mulher Coríntia, comece, por favor.

A voz da atriz soou forte e clara quando ela repetiu as falas que Mikki tinha ouvido antes:

“As fontes sagradas brotam da terra.

A fumaça do sacrifício brota da terra.

A águia e o cisne selvagem se erguem da terra.

E também a retidão brotou da terra até os pés da deusa...”

Mikki sentiu um arrepio na boca do estômago. Seu nervosismo, porém, foi logo substituído pela emoção, e as palavras da moça preencheram o espaço ao seu redor, afastando qualquer receio.

A Segunda Mulher Coríntia falou diretamente a ela:

“As mulheres odeiam a guerra, mas os homens irão mantê-la.

As mulheres podem odiar os maridos; e os filhos, a seus pais...

Contudo, as mulheres nunca vão odiar os próprios filhos”.

Mikki seguiu as linhas do roteiro conforme a voz da Primeira Mulher tremia de emoção:

“Quanto a mim, farei o bem ao meu marido,

amarei os meus filhos e filhas, e adorarei aos deuses”.

Da beirada do palco, Cio apontou para ela e, como um cavalo instigado por esporas, Mikki se pôs a declamar as falas de Medeia:

“Calai-vos!

Viestes para ver como a mulher bárbara suporta a traição.

Então observai e sabereis...”

Estava escrito no roteiro: “(Medeia se ajoelha e reza)”, e Mikki olhou para Cio, em dúvida. Ele assentiu com um gesto de cabeça e apontou para o chão do palco. Respirando fundo, ela ajoelhou-se e começou a ler a invocação:

“Não por acaso, tenho adorado a deusa sombria e selvagem

que caminha na escuridão, a deusa sábia

que domina as encruzilhadas do homem,

os animais selvagens e as antigas magias secretas:

Hécate, doce flor da lua negra...”

Conforme falou, percebeu a voz ganhando poder, e o pequeno arrepio que sentira no

estômago ao escutar a fala da Primeira Mulher Coríntia sacudiu todo o seu corpo. Uma estranha excitação, tal como uma onda de adrenalina, subiu-lhe para a garganta, de modo que, quando ela continuou a invocação, sua voz ganhou ainda mais força e magnitude. Se tivesse olhado para o diretor, ela o teria visto ajustando freneticamente os botões da mesa de som. Se tivesse observado as atrizes a seu lado, no palco, teria percebido suas expressões divertidas mudarem para o espanto. Porém, Mikki nada enxergou, exceto o roteiro diante dela e as palavras que, de repente, pareciam incandescentes na página, como se tivessem ganhado vida.

“Rainha da Noite, ouça a prece da tua Sacerdotisa errante.

Perdoa-me por eu ter me esquecido dos teus caminhos.”

Vacilou quando o pequeno corte coberto pelo Band-aid em sua palma começou a latejar, e um forte ruído em seus ouvidos a fez lembrar-se do oceano. A brisa noturna, que momentos antes fora suave e fresca, transformou-se numa lufada de vento quente que açoitou seu corpo e lhe levantou os cabelos como se, assim como ela, estivessem eletrizados. Acariciado pelo vento, o perfume incomum que ela usara nos pulsos ergueu-se e preencheu seus sentidos. Mikki respirou fundo, inalando rosas, especiarias e calor. Suplantadas pelo aroma extraordinário do extrato, as palavras brilhantes no roteiro se embaçaram até que ela já não podia mais vê-las. Mas não importava. Inacreditavelmente, estas agora brotavam de sua própria cabeça:

“Eu te invoco agora, Hécate, pelo sangue que corre em minhas veias,

e te peço que me ajudes a voltar a servi-te, e a teu reino!

E que eu possa, mais uma vez, lembrar-me da magia do sangue

e da beleza antiga do Reino das Rosas”.

Um grande rugido dividiu a noite e um forte zunido invadiu seus ouvidos, provocando-lhe uma vertigem. Mikki piscou os olhos cheios de lágrimas e olhou ao redor como se tivesse acabado de despertar de um sonho.

Droga! Estou tendo outra crise! Tentou dar sentido às luzes brilhantes e às mulheres que a fitavam, boquiabertas. *A peça! Droga! Droga!* Olhou para o roteiro que apertava nas mãos suadas, mas agora as palavras impressas ali, em preto e branco, não faziam sentido, pois nada tinham a ver com as que ela acabara de declamar. Que diabos estava acontecendo com ela?!

Três palmas soaram, vindas da parte de trás do palco.

— Maravilhoso improviso! Absolutamente comovente... — soou uma voz cheia de sarcasmo.

Mikki conseguiu se pôr de pé, desajeitada, quando uma mulher pequena e atraente, vestindo uma túnica dourada e uma peruca longa e escura, aproximou-se dela.

— Mas a atriz principal voltou. Por isso, pode me passar o microfone, a minha posição no palco e dar o fora.

Mikki viu-se paralisada pela humilhação ao ver a atriz erguer a mão para tirar o dispositivo cuidadosamente escondido sob a rosa que ela trazia nos cabelos.

— Ai! *Merda!* — gritou a mulher e retraiu a mão para chupar o dedo que sangrava. —

Essa droga de flor me espetou!

Tensa, Mikki tocou a rosa.

— Desculpe — murmurou, constrangida, tirando o microfone dos cabelos. — As rosas Mikado não costumam ter espinhos.

— Catie, querida, está tudo bem... A moça só estava nos ajudando na checagem do som.
— Cio correu para o palco.

A atriz praticamente arrancou o microfone da mão dela e deu-lhe as costas com desdém enquanto o assistente de som prendia, às pressas, o pequeno dispositivo em sua peruca.

— Alguém, por favor, me dê um Band-aid antes que eu sangre até a morte! E, *meu Deus!*, que cheiro é esse?! Quem passou tanto perfume? Isto aqui está parecendo um bordel, e não um palco! Inacreditável... Eu saio daqui por um minuto e tudo desanda!

Mais duas pessoas correram para cima do palco. Mikki esgueirou-se para fora, ignorando o diretor quando ele a agradeceu sem muito entusiasmo, lembrando-a de que ela poderia pegar seus ingressos para a noite de estreia no Garden Center.

CAPÍTULO 7

Demorou alguns minutos para que as faces de Mikki esfriassem. Ela podia imaginar a cor que estavam. Deus, que experiência mais humilhante! Deixou a calçada e rumou para a pequena colina que a levaria até a entrada superior do roseiral. Movendo os pés ruidosamente sobre as folhas secas que tingiam de marrom o gramado do parque, tentou entender o que se passara. Tudo lhe parecera bem, até divertido, quando subira ao palco. Tinha começado a ler a fala, e então... Olhou para o roteiro que se esquecera de deixar para trás. Na penumbra, não conseguia enxergar muito bem as palavras, mas não precisava lê-las para saber que o que havia saído de sua boca nada tinha a ver com o que se encontrava escrito no roteiro. Lembrava-se muito bem de ter visto as palavras brilharem e, em seguida, ouvir outras brotando de sua mente. Correu a mão trêmula pelos cabelos.

O que estava acontecendo com ela? Precisava ir para casa. Talvez devesse chamar Nelly. Se ter uma alucinação daquelas diante de várias pessoas não constituía uma emergência na opinião de sua amiga...

Chegou ao topo da pequena elevação e parou. O Roseiral Municipal de Tulsa se estendia diante dela, familiar, e isso acalmou seus nervos. O que havia de tão terrível, afinal, no que ela acabara de fazer? O que acontecera, era provável, tinha mais a ver com aquelas três taças de vinho e por ela ter se visto em cima de um palco, do que com alguma psicose. Enfiou o roteiro na bolsa. Quando chegasse em casa, iria reler as falas de Medeia. Na certa, o que dissera era muito próximo do texto original. Precisava parar de ser tão exigente consigo mesma. Era ridículo se concentrar em cada pequeno erro que cometia ou em cada devaneio a que se permitia. Sorriu, considerando pegar os tais ingressos gratuitos apenas para provocar a diva Catie na noite de abertura.

Conforme concentrou-se na enorme quantidade de rosas à sua frente, Mikki sentiu a força daquele jardim amado dissipar os últimos resquícios de seu nervosismo. O vergel fora construído na forma de um retângulo gigantesco, lembrando um enorme bolo de casamento italiano. Havia cinco camadas de jardins, as quais subiam quase duzentos e oitenta metros acima do nível da rua. E cada camada era preenchida com diversas fileiras de rosas bem cuidadas. O roseiral fora idealizado com base nos famosos jardins da Renascença italiana, e, em meio às mais de nove mil rosas e estátuas importadas, havia juníperos italianos, podados à mão em forma de cone, magnólias do Sul, assim como azevinhos e pinus mugos.

Cada nível continha sua própria fonte de água. Os jardins ostentavam desde tanques fundos e brilhantes, passando por bicas antigas, instaladas nos muros, até o chafariz gracioso que posava de obra de arte no magnífico centro do terceiro e maior plano.

Naquele momento, tudo encontrava-se às escuras. Ao contrário do Woodward Park, o roseiral não contava com nenhum poste de luz. Em vez disso, cada tanque de água era iluminado por baixo. E o efeito era espetacular. Os jardins pareciam cintilar, suspensos, na

iluminação tremeluzente das águas com perfume de rosas.

Uma estranha brisa levantou os cabelos fartos de Mikki, incitando-a a seguir em frente. Ansiosa, ela cruzou a fronteira entre os dois parques e respirou fundo. Imediatamente, o odor das rosas preencheu seus sentidos.

— Nem o céu pode cheirar melhor — sussurrou consigo.

Como se seus pés tivessem vida própria, conduziram-na por sua trilha favorita, fazendo-a rumar devagar para a área mais central do jardim. Em algumas noites, tudo aquilo ficava cheio de gente até quase a hora do fechamento, e as pessoas traziam cadeiras e cestos de piquenique, livros e blocos de desenho. Mikki ficou aliviada ao perceber que, naquela noite, apenas um casal de namorados se divertia sobre uma coberta estendida na borda da camada superior. Ela os ignorou e eles fizeram o mesmo. Preferia dessa maneira. Gostava de ter as rosas apenas para ela.

Caminhou preguiçosamente em meio aos canteiros, parando para apreciar os seus prediletos. A noite estava muito quieta, exceto pelo vento que soprava através das árvores, pelo burburinho hipnótico das águas e pelo *toc-toc* suave de seus saltos contra os seixos das veredas. Era como se as rosas criassem uma barreira de som entre os jardins e o restante do mundo.

Deixando de lado o decepcionante encontro com o médico e o fiasco na interpretação de *Medeia*, Mikki viu-se divertindo mais uma vez conforme tomava a escadaria larga que descia pelo lado direito da terceira camada. Apressada, ela quase pulou os degraus que levavam ao coração do roseiral. O final da escada de pedra era encimado por um arco feito de rochas pesadas e, como de costume, ao passar por ele sentiu como se estivesse adentrando outro mundo.

Sorriu e olhou à esquerda.

— Você é um dos grandes responsáveis por isso... — falou para a estátua imponente que ficava entre a arcada pela qual ela acabara de passar e um segundo arco de pedra. Este, por sua vez, emoldurava um novo conjunto de degraus à sua esquerda: uma cópia da escada que ela acabara de descer.

Mikki caminhou até a escultura e a estudou, aspirando o perfume das rosas Prazer em Bem, as quais se encontravam em profusa floração ao redor.

— Olá, velho amigo — saudou baixinho.

A luz tremeluzente da enorme fonte circular, situada a poucos metros dali, fazia incidir sobre a estátua um brilho estranho, aquático, iluminando-a com uma luz inquieta e sobrenatural. Ela estremeceu. Aquela coisa parecia quase viva à luz azulada. Sua pele marmorizada parecia emprestar o brilho da água que pulsava na fonte, o que lhe dava a aparência de um ser vivo. A antiga estátua parecia até respirar. Então, sacudiu a cabeça.

— Não seja ridícula — falou para si mesma. — É a mesma escultura que sempre esteve aqui. E com esse nome, “Guardião das Rosas”, tem mesmo que ser assustadora.

Conforme Mikki verbalizou seus pensamentos, a estátua pareceu reassumir os contornos

do mármore que ela conhecia desde criança. O cartaz local dizia que a obra fora presente de uma excêntrica herdeira grega em 1934, ano em que os jardins tinham sido inaugurados. Aparentemente, não houvera nenhuma razão específica para sua generosidade. Supunha-se que a mulher tivesse visitado o local e caído de amores pelo projeto dos jardins.

Mikki avançou um passo e deixou os dedos correrem pelas palavras em relevo da placa: *Fera da Deusa Grega da Noite. Esta estátua é uma cópia restaurada daquela encontrada no Partenon e pode ter sido a inspiração para o mito do Minotauro de Creta.*

Os lábios de Mikki se contorceram em um sorriso de lado. Para ela, a fera nunca se parecera como o Minotauro. Sim, ele sempre evocara imagens exóticas de mito e fantasia, lembrando-a das noites em que não conseguia dormir e dos contos de fadas que sua mãe costumava ler para ela na infância. Mas não via tanta similaridade entre a estátua e a criatura mitológica, que, supunha-se, tinha corpo de homem e cabeça de touro.

— É mais como se você pertencesse a outro mundo, e não à antiga mitologia — disse à obra de mármore. Na verdade, admitiu para si mesma enquanto a estudava pela enésima vez, a estátua era uma maravilhosa mistura de homem e fera.

Era enorme, tinha ao menos dois metros de altura e parecia bem mais humana do que o “Touro de Minos”. O fato de ser um homem, entretanto, não a fazia menos imponente. Ele se encontrava agachado no topo de um pedestal de mármore largo e todo trabalhado. Suas pernas traseiras eram grossas como as de um velocista profissional, exceto pelo fato de serem cobertas por uma camada de pelo que terminava em cascos fendidos. Suas mãos eram enormes e se crispavam como garras em torno do topo da base, e os músculos em seus braços, ombros e ancas, dilatados. Os traços de seu rosto, no entanto, tinham sido entalhados indistintamente, quase como se não houvessem sido concluídos. Os olhos eram de um mármore vazio, arregalados sob grossas sobrelanceiras. Mas, mesmo parecendo feroz e bestial, ele possuía a aparência de um homem.

Mikki inclinou a cabeça para analisá-lo. Era uma fera, sim, mas na pele de um ser humano. Não um touro; ainda que possuísse tais traços. Na cabeça, trazia um par de chifres pontudos e uma impressionante massa de cabelos que lhe caía em cascata sobre os ombros enormes. E esta fora esculpida para trás, como se a criatura estivesse enfrentando uma ventania.

De repente, ela sentiu um choque de reconhecimento. A estátua tinha chifres! Como a criatura em seu sonho, na noite anterior...

Estreitou os olhos. Talvez sua fantasia tivesse se originado naquele lugar.

Teve vontade de dar um tapa na própria testa. Era imaginação demais! A resposta à sua suposta obsessão era assim, tão simples? Ela sempre adorara o roseiral, principalmente o daquele nível. E, como sua mãe a teria lembrado se ainda estivesse viva, possuía uma tendência a fantasiar demais. Quantas vezes a mãe não a havia admoestado, pedindo que parasse de sonhar e limpasse o quarto, fizesse a lição de casa ou lavasse a louça? Nelly estava com a razão

de novo. Seus sonhos recentes decerto não eram nada mais do que um reflexo de sua obsessão pelas rosas e tudo o que as rodeava. Suas alucinações não deviam passar de devaneios de uma mente excitável e cansada devido à falta de sono.

Uma mente que não tinha mais com o que fantasiar, lembrou a si mesma. Havia enfrentado a verdade naquela noite: sua vida real era destituída de homens com quem ela pudesse sonhar. Assim, os sonhos foram apenas mais uma fantasia que ela havia criado para se divertir.

Sentiu-se dominada por uma onda de decepção, que ela tratou de sufocar rapidamente.

— Preferiria ter um tumor cerebral do tamanho de uma bola de tênis? — repreendeu a si mesma, ao mesmo tempo que chutava uma pedra solta, distraída. — O que estava imaginando? Que vinha tendo uma experiência sobrenatural, em que um amante saído de seus sonhos entraria em sua vida real? Que coisa mais patética! *Sem essa*, garota! Tente se lembrar por que está aqui.

Mikki deu as costas para a estátua e marchou em direção à área de construção isolada por cordas. Aproximou-se do local com passos determinados. Aquela parte do jardim, em particular, começara a desmoronar, por isso pedreiros tinham sido contratados para consertá-la, com instruções explícitas para que não tocassem nas rosas, as quais cresciam alegremente nos canteiros ao redor do muro por décadas.

Deixou escapar uma exclamação de desgosto. Assim como suspeitava, havia lixo por toda parte. Passou por debaixo da fita amarela da construção e adentrou o jardim. Recolheu os detritos que pontilhavam as fileiras de arbustos, colocando-os em um saco plástico que tirara de cima de duas roseiras. Quando encontrou uma pequena geladeira térmica vazia, jogada no meio do canteiro, sentiu o sangue ferver.

— Mas, que inferno!

O dia seguinte era sábado, portanto o jardineiro-mestre não iria trabalhar. Mas a primeira coisa que ela faria na segunda-feira pela manhã seria chamá-lo e apresentar um relatório completo sobre a negligência dos operários. E, no dia seguinte, ficaria ali durante o dia todo para supervisionar aqueles *neandertais*, impedindo-os de causar outros estragos.

Terminou de catar o lixo e, em seguida, concentrou a atenção nas rosas.

— Ah, não! — Sentiu um aperto no estômago ao examinar os arbustos. Já os tinha achado meio murchos no dia anterior, porém tivera esperanças de que isso fosse apenas mais um sintoma de sua superproteção. Mas agora sabia que havia tido razão em se preocupar. A folhagem normalmente espessa e brilhante encontrava-se sem viço, a despeito da luz difusa da fonte. As flores também estavam caídas e pétalas se soltavam das rosas, espalhando-se pelo chão como penas de aves moribundas.

Mikki balançou a cabeça, desalentada.

— Que pena! — falou para as plantas danificadas. — Depois de tudo isso, não terão força suficiente para enfrentar o frio. Se o inverno for muito rigoroso, vamos perder todo este

canteiro — falou baixinho, remexendo os arbustos como uma desolada professora de jardim de infância.

A possível perda das plantas feriu seu coração. Mikki sabia que a maioria das pessoas não entenderia seu amor pelas rosas. Suas próprias amigas tinham cansado de lhe dizer que estas eram apenas plantas, e não pessoas ou animais de estimação.

Mas sempre que ela tocava numa rosa ou aspirava o perfume inebriante dos jardins, lembrava-se da mãe e da avó e, por intermédio das rosas, nem que apenas por um momento, podia sentir seu amor novamente.

E estava cansada de perder aqueles que amava.

Precisava fazer alguma coisa.

Parou e olhou ao redor, porém o jardim encontrava-se deserto. Nada se movia com exceção da água e do vento.

Distraída, cutucou o esmalte da unha já lascado.

Dê um jeito nisso!, disse a si mesma em pensamento. *Ninguém vai saber.*

A caixa térmica capturou seu olhar, e Mikki tomou uma decisão.

— Está bem — disse para os arbustos murchos. — Mas não contem a ninguém!

Apanhou a caixa, passou de novo sob a fita da construção, e caminhou rapidamente na direção da fonte. Mergulhou o recipiente vazio na água e, com um grunhido, puxou-o para fora. A água espirrou em seus pés quando ela a pôs no chão, a seu lado.

Levou apenas um segundo para tirar o curativo da palma da mão esquerda. O corte já começava a cicatrizar, porém ainda estava rosado e sensível. Sem pensar duas vezes, Mikki colocou a unha do polegar direito contra a linha fina. Segurando o fôlego, fechou os olhos e apertou a ferida, forçando-a a se abrir de novo. Puxou o ar com a súbita dor, mas, ao abrir os olhos, ficou aliviada ao ver sangue fresco escorrendo da palma. Com uma careta, mergulhou a mão na água da caixa. Quando chegasse em casa, precisaria fazer uma desinfecção completa, pensou, tentando ignorar a dor lancinante.

Começou a arrastar o *cooler* cheio d'água por todo o caminho pedregoso, de volta para o canteiro das rosas danificadas. Uma vez dentro da área de construção, endireitou o corpo, sem saber ao certo que atitude tomar.

— Vocês são tantos! — disse aos arbustos. Era óbvio que não poderia regar todos com aquela quantidade de água. Seus lábios se contorceram em um sorriso sarcástico. Teria que puncionar uma veia para isso, o que não era uma ideia muito boa.

Assumindo uma postura decidida, Mikki colocou as mãos nos quadris e se dirigiu às rosas.

— Que tal eu regar vocês com apenas algumas gotas desta água?

Os arbustos não responderam, e Mikki considerou aquilo como um “sim”. Curvando-se, usou ambas as mãos para espalhar a água tingida por sangue sobre as rosas que a cercavam. Encaixar os pulsos e arremessar o líquido logo se tornou uma diversão, enquanto a brisa fresca

da noite se misturava à escuridão e ao doce aroma de rosas e terra. Mikki riu e espargiu a água para todos os lados, fingindo ser uma fada que derramava magia em crianças adormecidas.

Estava ofegante e sorridente ao terminar. Estudou os arbustos úmidos. Podia ser apenas sua imaginação hiperativa, mas tinha certeza de que estes já começavam a reagir. Mesmo na penumbra, podia jurar que as folhas e flores murchas se endireitavam. Havia mais água na caixa do que ela imaginara. Mikki inclinava-se para jogá-la no arbusto mais próximo quando um facho de luz capturou-lhe o canto do olho, dançando sobre a estátua do Guardião.

Por que não?, indagou em pensamento.

Olhando em volta para se certificar de que continuava sozinha, levou o *cooler* quase vazio até a estátua de mármore.

— Suas rosas merecem um pouco de incentivo, também — disse à Fera silenciosa. — Afinal, está cuidando delas há muito mais tempo do que eu.

Sorrindo, mergulhou a mão que ainda sangrava no que restava da água rosada e, com movimentos firmes, espalhou-a pelas rosas que cercavam a estátua. Quando terminou, escondeu a caixa térmica perto da parede, ao lado de onde havia deixado o saco cheio de lixo. Ao perceber que tinha jogado um pouco da água na estátua inadvertidamente, deu um tapinha na mão da criatura.

— *Opa...* Eu não queria molhar você — desculpou-se, sorrindo. — Mas acho que me entende, não é? Quero dizer, *por favor*. Afinal, temos mais ou menos o mesmo trabalho. Nós dois cuidamos das rosas.

Remexendo a bolsa, apanhou um lenço de papel, que pressionou contra a palma da mão esquerda, encolhendo-se com a dor no corte reaberto. Mas não importava. Tinha valido a pena. Agora estava certa de que as rosas iriam sobreviver ao inverno e florescer novamente na primavera seguinte.

Sentindo-se leve, Mikki refez o caminho para fora da terceira camada, passou sob o arco de pedra e subiu a escadaria. Com passos lentos, atravessou o segundo nível, mantendo-se próxima da lateral do caminho para que pudesse tocar uma ou outra flor com a mão boa.

Os jardins se encontravam desertos agora, e ela imaginou que eles eram seus; que era uma grande senhora morando em uma mansão, cuja única função era cuidar e desfrutar suas rosas.

A noite parecia concordar com ela. Não havia nenhum barulho, nem mesmo o eco das atrizes em Woodward Park, o que a aliviou, pois isso significava que deviam ter terminado os ensaios e ido para casa. Por sorte, não teria de enfrentá-las de novo.

O silêncio era tanto que imaginou estar dentro de uma bolha com o ar frio de outubro perfumado por rosas. Este também a levou a aguçar os sentidos.

Foi quando escutou o barulho.

Começou como um som estranho, vindo de algum lugar atrás dela, provavelmente na terceira camada. E então a fez pular, surpresa, como um trovão distante.

Mikki chegou até mesmo a olhar para o céu, meio que esperando ver nuvens anunciando

uma tempestade.

Mas não. A noite continuava clara e milhares de estrelas salpicavam seu manto escuro. Não havia sequer um indício de nuvens sobre ela. Parou e ouviu atentamente. Quando não escutou mais nada, decidiu que o barulho devia ter sido causado por um coelho, ou talvez por um gato.

— Na certa derrubando o lixo deixado pelos trabalhadores da construção... — disse à roseira mais próxima.

Continuou a caminhada, tentando ignorar o fato de que seus pés a faziam avançar mais depressa e de que os cabelos em sua nuca se encontravam arrepiados.

Outros ruídos começaram tão logo ela chegou à metade do segundo nível. A princípio, Mikki pensou que eram o eco de suas botas de salto retornando das paredes de rocha que separavam uma camada da outra. Bastaram mais dois passos, contudo, para saber que não estava ouvindo eco nenhum. Estava era escutando outras passadas, as quais pisavam os seixos de maneira muito mais pesada.

Não foram os passos, contudo, que lhe causaram estranheza. Muitas pessoas gostavam de caminhar pelo roseiral depois das nove horas em uma noite fria de outono... Foi o ruído característico que chamou sua atenção.

Quando ela o escutou uma vez, não lhe deu muita importância. Ao escutá-lo pela segunda vez, contudo, parou, fingindo cheirar uma linda rosa Princesa de Mônaco, quando, na verdade, ouvia com todas as fibras de seu ser.

Na terceira vez em que o escutou, teve certeza. Era um grunhido dolorosamente familiar... uma expiração profunda e retumbante; algo entre um resmungo e um rosnado. E este varreu seu corpo em uma onda intimista que a fez estremecer. Seus olhos se arregalaram em choque. Não havia outro ruído como aquele, e nenhum outro ser poderia fazer aquele som, exceto a criatura de seus sonhos. E ela estava chegando cada vez mais perto a cada passo!

Não mesmo!, a razão gritou dentro dela. Aquilo era impossível.

É apenas uma ilusão, disse a si mesma. *Nada mais do que um sintoma da minha imaginação hiperativa.*

Mas não importava o que lhe dizia o bom-senso. Ela sabia que o que estava ouvindo era real... ao menos para ela. Naquele momento, o que acontecia era a sua realidade.

Sentiu o coração bater, descompassado. *Saia do roseiral e vá para o parque, onde estará cercada por luzes e pessoas!,* sua mente a incitava, solapando a onda de excitação que lhe comprimia a boca do estômago.

Não estava sonhando. Não estava segura, dormindo no apartamento, ou recontando uma fantasia erótica à amiga. Tampouco misturava as falas de um roteiro por conta de um excesso de Chianti ou nervosismo. Algo a perseguia, e tinha que buscar segurança. Assim que deixasse o roseiral, estaria longe dos caminhos encobertos pelas sombras e da privacidade que a escuridão da noite proporcionava. Então poderia gritar por ajuda. Mesmo que os atores e

ajudantes de palco tivessem se recolhido, sempre havia alguém nos arredores do Woodward Park. Além disso, ela estaria bem iluminada pelos postes que pontuavam a área arborizada, o que ajudaria em seu resgate.

E também facilitaria para que *ele* a visse, sussurrou uma voz dentro dela, sedutora.

Mikki apertou o passo.

Um grunhido abafado, que soou mais como um fole de ferreiro e não um ser vivo, veio da vereda que corria paralela à que ela se encontrava. Separando-os havia apenas um canteiro de rosas Tiffany em plena floração. Tensa, ela enviou um olhar furtivo para além das flores rosadas.

Não estava suficientemente próxima do parque para que as luzes da cidade a ajudassem a enxergá-lo... Tanto que conseguiu apenas captar o brilho de um par de olhos enormes antes que estes se desviassem dela. Ofegou. A criatura era imensa! Mesmo contra sua vontade, sentiu o corpo invadido por uma onda de medo e excitação.

Um rugido repentino e violento fez os cabelos em sua nuca se eriçarem. Ele iria atacá-la de flanco! Pretendia impedi-la de se aproximar das luzes do parque.

Mais rápido!, a razão a advertia. *Saia do jardim, corra para a luz do parque e grite por socorro!* O medo suplantou a excitação e, em uma imitação burlesca e assustadora de seu sonho, Mikki correu.

Quando ele sentiu sua presença, pensou que estivesse sonhando mais uma vez. Ele não os compreendia, porém aceitava os sonhos como um raro presente, pois estes aliviavam a escuridão interminável de seu sepultamento e quase lhe davam esperança.

Quase.

Mas a trama daquele sonho era diferente. A princípio isso não o surpreendeu ou alarmou. Encontrava-se ali havia muitas gerações, e muito raramente lhe fora permitido um fio de pensamento ou o aroma sedutor do mundo dos vivos... Qualquer mundo dos vivos. E a cada vez tinha sido um pouco diferente. Ao longo dos anos ele se esforçara para ouvir o som de uma voz, o toque de mãos macias, o cheiro de rosas e especiarias. Algumas vezes fora recompensado... Mas na maioria delas não.

Até pouco tempo antes, quando começara a sonhar. *Ela* entrara em seu cárcere, então, e ele começara a viver de novo. Tinha se deleitado com os sonhos, aspirado seu cheiro até se inebriar dele.

Sonhos... Quem melhor do que ele conhecia sua magia? Talvez pudesse sonhar que tocava sua pele novamente... Talvez...

De repente, o sangue dela havia respingado na pedra fria que o sepultava, e a dor que o sacudira tinha estilhaçado os dois últimos séculos como gelo sendo atirado contra mármore.

Ele mal pudera acreditar que fora libertado. Pensara ser apenas outra ilusão cruel. Teria levado uma década para conseguir um mínimo movimento de um de seus músculos se o cheiro dela não tivesse começado a minguar.

Ela o estava deixando! Fugindo dele.

Não! De novo, não!

Enfrentando a dor, flexionara os músculos maciços e rompera a barreira das trevas. Sentira o ar perfumado. Sim, ali, mergulhado na noite que cheirava a rosas e sangue, estava o óleo sagrado... Por isso ordenara a seu corpo rígido que se pusesse em movimento e seguisse o perfume que ele conhecia tão bem através do jardim escuro e desconhecido. Apenas com muito esforço não atropelou as roseiras que os separava para agarrá-la. Obrigou-se a esperar até ser capaz de controlar melhor a fera dentro dele. A criatura tinha ficado confinada por muito tempo... Suas necessidades eram muito pungentes, muito brutais. Não podia lhe rasgar a carne com suas garras. Isso não resolveria nada. Deveria capturá-la com cuidado, assim como a um pássaro delicado, e então devolvê-la ao destino para o qual ela pensara em fugir.

Controlando a ferocidade dentro dele, continuou a persegui-la. Não podia vê-la bem, mas nem precisava. O óleo sagrado o atraía; *ela* o atraía. E ela estava ciente de sua presença. Podia sentir seu pânico. Mas havia algo mais. Algo estranho que irradiava da mulher. Franziu o cenho. Alguma coisa estava errada. Retomou o ritmo quando ela deixou o roseiral, mas estacou ao se pôr sob um fecho de luz.

Aquela não era a Sacerdotisa que ele procurava! Desapontado e confuso, ficou parado, observando enquanto ela lutava com o fecho da bolsa de couro que carregava, à procura de algo. Uma arma? Os olhos da mulher buscaram as sombras densas atrás dela freneticamente; as sombras em que ele se encontrava.

— Vamos, Mikki! Onde está esse maldito celular?!

Ele ouviu sua voz estranha e percebeu que ela tremia enquanto vasculhava a bolsa. Tremia tanto que o saco de couro escorregou de suas mãos e caiu no caminho de pedra com um baque surdo.

— Merda! Merda! Merda! — repetiu a estranha enquanto caía de joelhos e enfiava a mão na bolsa.

De repente, ela sugou o ar, aparentemente em resposta a uma súbita dor, e retirou a mão. Seus dedos pareciam pegajosos com sangue. O cheiro de sangue misturado ao do óleo sagrado de uma Alta Sacerdotisa o invadiu, refletindo em suas entranhas. Ela não era a traidora, porém tinha sido marcada por Hécate.

E ele deveria obedecer à vontade da deusa.

Começou a se mover em sua direção novamente, desta vez evocando seus poderes recém-liberados para chamar a escuridão e manter o corpo camuflado na noite.

Ainda assim, ela ergueu a cabeça e fitou o nada com os olhos arregalados em sua direção.

— Não tenha medo — ele murmurou, tentando imputar gentileza à sua poderosa voz.

A mulher soltou uma exclamação.

— Quem é você?! O que quer de mim?

Ele sentiu seu terror e, por um momento, lamentou o que deveria fazer.

Mas só por um momento. Conhecia seu dever. E, desta vez, iria cumprir com sua missão.

Antes que a desconhecida escapulisse, usou sua velocidade sobrenatural para chegar até o local onde ela ainda se encontrava ajoelhada sobre as folhas. Ela continuou fitando o nada, incapaz de enxergar através do manto de trevas.

E era tão pequena... tão humana.

Com um comando áspero, ele ordenou que a escuridão encobrisse a ambos e, no instante seguinte, passou os braços ao seu redor, engolfando-a em uma onda de vertigem. A brisa fresca que antes fora agradável e acolhedora, de repente, os açoitou em um frenesi de perfume e sons. Foram capturados em um turbilhão de confusão e o solo pareceu se abrir para engoli-los, tremendo, oscilando, sacudindo...

O mundo em torno deles começou a se desvanecer e finalmente desapareceu por completo enquanto o ar brilhante era cortado por um rugido.

Como uma cobra rastejando para seu buraco, a escuridão e a Fera sumiram, carregando Mikado Empousai com elas.

PARTE 2

CAPÍTULO 8

Suavidade... Ela estava cercada de maciez. Com o corpo enroscado de lado, tinha o rosto apoiado em um travesseiro. Mikki esfregou a face contra a superfície lisa. Seda. Tinha que ser seda. Aninhou-se mais fundo junto ao acolchoado espesso, aspirando o perfume da roupa de cama cara.

E, enquanto ela se deixava ficar ali, alguém lhe escovava os cabelos com uma escova grande, de cerdas macias. Mikki suspirou, feliz, e se pôs de bruços para que pudessem ter melhor acesso às suas madeixas. Era um sonho... Tinha de estar sonhando.

E seus sonhos vinham sendo maravilhosos ultimamente. Precisava mais era relaxar e desfrutá-los.

A pessoa cantarolava uma melodia, enquanto lhe escovava os cabelos. Sua voz era uma cascata de notas delicadas que se misturava às escovadelas suaves, mergulhando-a em um estado quase hipnótico de relaxamento.

Mikki suspirou, satisfeita.

De repente, em meio à cantiga de ninar, as palavras sussurradas *Bem-vinda, Sacerdotisa* ecoaram em sua mente e interromperam seu sono pesado. Ela respirou fundo em seu sonho. Precisava descansar mais.

Outras mãos a tocaram, e estas se concentraram em lhe massagear os pés. Com a segurança de um massagista profissional, alguém passou a executar movimentos em círculos por suas solas delicadas.

Mikki sentiu-se liquefazer. Sem dúvida merecia o melhor dos sonhos; ainda mais depois da noite que havia tido.

Sua mente viajou em retrocesso. O desastroso encontro às escuras... Uma fera imaginária perseguindo-a pelo roseiral... O corte nos dedos causado pelo frasco de perfume quebrado dentro da bolsa... O barulho ensurdecedor e a sensação terrível de estar sufocando...

As lembranças romperam o contentamento proporcionado pelo delicioso sonho. Como chegara em casa? O que acontecera antes da estranha vertigem que a assolara no Woodward Park?

Uma onda de desconforto a percorreu. Precisava despertar!

Abriu os olhos. Um burburinho de atividade soou atrás dela e Mikki virou o corpo, vendo duas mulheres ao lado de sua cama.

Não... Aquela não era a cama *dela*!

Aquilo não estava certo. Para ser mais precisa, era a cama de seus sonhos: a de dossel, *imensa*, no quarto *enorme*...

Pressionou as palmas das mãos sobre os olhos fechados, então esfregou o rosto vigorosamente. Podia sentir o próprio corpo, e muito bem. A sensação era clara, não como aquela bruma doce e erótica que lhe preenchia os sonhos. Com os olhos ainda fechados, deu

um tapa na própria face com força.

— Ai! Merda! — praguejou. Aquilo doía!

Mas agora tinha certeza de que estava acordada.

Abriu os olhos e as garras do medo lhe comprimiram o estômago. Nada havia mudado. A cama de dossel continuava lá, assim como o quarto gigantesco. As duas mulheres vestiam longas túnicas reluzentes, envoltas nos corpos, cujas barras roçavam o espesso tapete. Eram jovens e bonitas, e sua silhueta perfeita se desenhava contra uma parede de janelas envidraçadas.

— Que merda é essa?!? — Mikki deixou escapar, ao mesmo tempo que sentia o ar abandonando o corpo e o coração quase saltando pela boca. — Quem são vocês? — guinchou, em pânico. E se tivesse sido atacada no parque e morrido? — Eu estou morta?! Vocês são fantasmas?

As mulheres arregalaram os olhos, e a morena estendeu a mão delicada em um gesto que devia ter sido reconfortante.

Mas o simples fato de estar ali e reagir à pergunta foi ainda pior para Mikki, que recuou pela cama até se ver encurralada pela cabeceira.

— Senhora! Somos do mundo dos vivos... não há nada a temer. — A voz da moça era suave e melódica, e Mikki percebeu de pronto que esta era a que havia cantarolado para ela. — Estamos aqui para lhe dar as boas-vindas e para atendê-la, Sacerdotisa.

A outra mulher, cujos cabelos lembravam a juba de um leão da cor do trigo, concordou com um gesto de cabeça.

— Sim, Sacerdotisa. Estamos todas muito vivas.

Agarrando-se ao acolchoado, Mikki tentou controlar a agitação na voz.

— O-Onde estou?

— Em casa! — A morena sorriu, magnânima.

— E onde é “em casa”? — Mikki perguntou com uma sensação de dormência em torno da boca, como se tivesse chupado um picolé rápido demais e estivesse tendo dificuldade em mover os lábios.

— Está no Reino das Rosas — respondeu a loira.

— Então eu consegui — Mikki gemeu consigo. — Fiquei completamente louca! — concluiu, e escondeu o rosto nas mãos.

No mesmo momento, as duas desconhecidas correram para ela, acariciando seus ombros e cabelos.

Mikki afastou-se delas num pulo.

— Não me toquem! Só estão piorando as coisas... Posso senti-las quando fazem isso, mesmo dormindo! Isso devia ser um so... — interrompeu sua tagarelice. Com a respiração difícil, fez apenas um gesto para as duas mulheres. — Fiquem longe de mim. Só estão me dando mais uma prova de como estou maluca!

As duas recuaram alguns passos, tensas.

— Acredite, Sacerdotisa, não está doente — falou a morena, que obviamente era a líder. — Não fazemos parte de nenhum sonho seu ou fantasia sua. — Seu sorriso foi hesitante, porém doce. — Eu sei que isto deve parecer muito estranho... — ela olhou a parceira, que espelhou seu sorriso — ... mas você está mesmo no Reino das Rosas, e nós somos suas servas.

A loira assentiu, ansiosa, as ondas dos cabelos chacoalhando alegremente. Mikki sentiu o olho direito começar a piscar sozinho.

— Talvez eu esteja bêbada — murmurou, tentando lembrar-se do quanto havia bebido antes de largar Arnold falando sozinho no restaurante. Tinham sido três ou quatro taças daquele Chianti delicioso? Oh, Deus...

— Ficaremos felizes em lhe trazer um pouco de vinho, Sacerdotisa — a loira ofereceu num trinado.

— Fique quieta e me deixe pensar! — ela falou sem nenhuma delicadeza. — E parem de me chamar de Sacerdotisa. Esse não é o meu nome e nem o meu cargo!

Revirou os olhos diante do próprio comentário. Que coisa mais idiota para se dizer! Ser maluca já era suficiente. Ser uma maluca imbecil era o cúmulo da humilhação!

Suas servas, entretanto, pareciam alheias à sua idiotice. Continuaram paradas, trocando olhares assustados.

— Mas... — a morena recomeçou, hesitante — ... você deve ser a nossa Sacerdotisa. Afinal, despertou o Guardião.

Mikki deixou escapar uma exclamação exasperada.

— Estou maluca, *mesmo*...

As mulheres começaram a falar umas com as outras como se ela não estivesse mais ali.

— Ela é linda — comentou a loira e, estudando-a com cuidado, farejou o ar ao seu redor. — E foi devidamente ungida.

— Mas não é tão jovem como as outras Escolhidas. — A morena piscou, os olhos fixos nela.

Sua parceira concordou em silêncio, franzindo a testa com preocupação.

— Talvez assim seja melhor... — Sua voz tornou-se um sussurro e Mikki teve que se esforçar para escutar as palavras. — Você sabe bem o que aconteceu com a última.

— Quieta! — ralhou a morena.

A loira retesou-se, os lábios apertados em uma linha fina.

— Você é virgem, não é? — a morena perguntou a Mikki com naturalidade.

— Já chega! — Ela jogou as pernas para a lateral da cama e se pôs em pé tão depressa que as duas estranhas recuaram, assustadas. — Como se já não bastasse eu estar tendo um surto psicótico, meus delírios ainda discutem a minha idade e questionam a minha vida sexual! — Fez gestos agitados com as mãos. — *Circulando*, vocês duas... Prefiro curtir a minha psicose sozinha!

— Não pretendíamos ofendê-la, Sacerdotisa! — desculpou-se a morena, nervosa, ao que a loira assentiu de novo, aflita.

— Vocês não me ofenderam... Minha mente, ou melhor, *a falta dela* foi que me irritou. As mulheres piscaram feito duas bonecas.

— Ora, apenas me deixem sozinha por algum tempo! Tenho muito que pensar.

— Se precisar de alguma coisa, basta nos chamar — ofereceu a morena. — Voltaremos depois do pôr do sol a fim de prepará-la para o ritual noturno. Tomara que até lá...

— Não! Não preciso de nada. — Mikki ergueu a mão, interrompendo o discurso. — Para citar um contador idiota que tive a infelicidade de namorar, *já estou de saco cheio!* Vão embora! — E, diante da mágoa nos olhares de ambas, acrescentou: — *Por favor...*

Aquelas duas podiam ser uma criação de sua mente doentia, mas — como ela estava certa de que a mãe a teria lembrado — não havia razão para ferir seus sentimentos e ser indelicada. Elas não tinham culpa por seu mau humor.

Relutantes, as moças cruzaram o quarto.

Mikki esperou que elas atravessassem a parede, como bons seres de sua imaginação fariam, porém a loira abriu a enorme porta entalhada e a fechou devagar atrás delas.

Nem mesmo suas alucinações se comportavam como deviam!

— Louca — Mikki disse para si mesma. — Está completamente insana!

Sentiu as pernas fracas e sentou-se na cama. No mesmo momento, as cobertas se juntaram ao seu redor como uma nuvem dourada.

Incapaz de resistir, ela passou a mão pela superfície sedosa do acolchoado.

— Inacreditável — murmurou. A roupa de cama era maravilhosa. E bem mais sofisticada do que as que havia na Blue Dolphin, a loja cara que gostava de visitar na Utica Square.

E *visitar* era a palavra certa, pois jamais teria condições de comprar um só lençol lá.

Agora estava cercada por cobertas que fariam as da Blue Dolphin se parecerem com as da K-Mart.

Ao menos estava tendo um delírio caro...

Na verdade, *caro* nem mesmo chegava perto do que era aquele quarto. Melhor seria dizer OBSCENAMENTE SUNTUOSO. Assim mesmo, com letras maiúsculas.

Coisa de contos de fadas, explicou sua voz interior.

Mikki a ignorou, contudo, pois esta não se provaria confiável.

Olhou ao redor. Conhecia aquele quarto. Seus sonhos fantásticos sempre haviam começado ali, mas as imagens que retivera eram vagas. Em geral, quando acordava, lembrava-se apenas de ter estado naquele quarto e que este lhe proporcionara uma incrível sensação de conforto, a qual servira de base para o restante de suas experiências...

O que a morena tinha dito? *Está em casa, Sacerdotisa!*

Impossível. Sua casa era um pequeno apartamento, apenas bem localizado, e não o quarto típico de uma princesa.

Mikki percorreu seu entorno com o olhar, maravilhada. Princesa? Uma ova. Aquele lugar fora idealizado para uma deusa. A luz filtrada pela parede feita de vidraças era fraca contudo, três enormes lustres de cristal pendiam do teto em correntes douradas. Suas muitas velas combinavam com os candelabros que destacavam os cantos do cômodo, assim como com a enorme lareira, na qual um fogo crepitava, alegre. O efeito final era que o quarto todo parecia mergulhado no calor das chamas, e o ouro e o escarlate das roupas de cama refletiam bem a atmosfera do lugar.

O tapete era de pelúcia, incrivelmente macio, e da cor da neve. As paredes de mármore eram claras como nuvens e com pequenas linhas douradas, além de decoradas com tapeçarias, cujos desenhos intrincados eram — Mikki sorriu com agradável surpresa — todos de rosas! Um mais bonito do que o outro.

Entontecida, fixou o olhar na obra de arte mais próxima e prendeu o fôlego. Era uma rosa Mikado!

Seus olhos foram de parede a parede. Todas as tapeçarias retratavam rosas Mikado, percebeu. E todas pareciam tão reais que quase podia sentir seu *bouquet* delicado.

— Coerência deve contar para alguma coisa, mesmo que seja ilusória — falou consigo.

Intrigada com o que sua mente concebia, ela explorou o restante do quarto. Armários esculpidos descansavam, elegantes, entre as tapeçarias e um enorme espelho fora colocado não muito longe da cama de dossel, como se à espera de uma fada ou deusa prestes a sentar-se diante dele para se enfeitar. O leve tilintar de um lustre chamou sua atenção, e ela ergueu o olhar. O teto se estendia a uma altura inacreditável, tanto que teve de inclinar a cabeça para trás a fim de ver a abóbada pintada com afrescos delicados, nos mesmos vermelho e dourado das rosas Mikado.

— Onde, diabos, estou?! — murmurou, incrédula. Como sua cabeça podia ter fabricado aquela realidade? *Talvez eu não tenha inventado tudo isto... Talvez isto tudo seja real, e a minha vida chata e monótona do passado é que era um sonho.* O pensamento, mais efêmero do que fumaça, logo deixou sua mente confusa.

Tentando não se sentir como uma intrusa, Mikki se levantou, afundando os pés no tapete exuberante.

Estava descalça?

Olhou para si mesma. Vestia um manto longo e branco, com um profundo decote em “V” que expunha uma quantidade generosa de seu colo. As mangas terminavam em renda e circundavam seus pulsos, e todo o traje era bordado com pequenas rosas escarlates.

Passou um dedo pelo tecido. Nunca tinha sentido nada parecido! Não era exatamente de seda, mas muito maleável e escorregadio para ser de algodão.

Seria algum linho especial?

Fosse o que fosse, era maravilhoso. Caía como uma cascata diáfana por seu corpo, mostrando apenas o suficiente para deixá-la sedutora, sem parecer vulgar.

Projetou uma perna, amando a riqueza do tecido contra sua pele nua.

— Nua?

Congelou por um instante. Logo depois, erguendo a parte superior do vestido para longe do peito, olhou para baixo.

— Completamente nua! — sussurrou, sentindo o rosto pegar fogo.

Como ficara daquele jeito? Ou melhor, *quem* a tinha deixado daquele jeito?

Provavelmente as servas, disse a si mesma, tentando afastar da memória a fera que a perseguira com tanta tenacidade. Mesmo que as moças lhe fossem estranhas, ao menos eram mulheres.

Após se convencer disso e ser dominada por uma sensação de alívio, acariciou uma das mangas, distraída. A maciez do tecido acalmou seus nervos. Levantou o braço para olhar as rendas filigranadas mais de perto e notou que as feridas em sua mão já começavam a cicatrizar, ainda que doessem ao ser pressionadas. Lembrava-se claramente de tê-la cortado quando o frasco de perfume havia se quebrado dentro da bolsa, na noite anterior.

Apertou os pequenos cortes e fez uma careta. Eram de verdade! Respirou fundo, e o cheiro do perfume exótico que passara nos pulsos e que se espalhara por sua mão no momento em que ela a pusera dentro da bolsa subiu-lhe ao nariz. Uma alucinação não incluía tantos sentidos... Ou incluía?

Suspirou e caminhou até a parede envidraçada. Quando chegou mais perto, percebeu que os painéis centrais tinham alças e davam para uma enorme varanda. Pressionou o rosto contra o vidro, tentando enxergar em meio à luz que se esvaía. Tudo o que podia ver lá fora era o contorno distante da balaustrada. Além disso, só avistava formas vagas e escuras.

O vidro começou a ficar embaçado com sua respiração.

— Não seja tonta — disse para o próprio reflexo, e ignorando as batidas aceleradas do coração, forçou as maçanetas e saiu para a noite fria.

A varanda parecia estender-se indefinidamente. O chão era de mármore cor de pérola e se curvava ao longe numa elipse. E não era possível ver onde cada lado da sacada terminava naquela parte do... *castelo!*

Mikki engoliu em seco e virou-se para a estrutura imponente atrás dela.

— *Meu Deus do Céu!* — exclamou, atordoada, os olhos arregalados. A construção gigantesca era feita do mesmo mármore opaco da sacada e, olhando-se com mais atenção, parecia mais um palácio do que um castelo. Erguia-se acima dela como uma montanha e se estendia para ambos os lados, até onde a vista não podia alcançar. E parecia erguer-se acima de tudo o mais, como se tivesse sido construído sobre um precipício.

Mikki continuou a fitá-lo, boquiaberta. De onde estava, podia afirmar que havia várias asas arredondadas, as quais erguiam-se acima do que parecia a estrutura básica do palácio. E gigantescas janelas de vitrais cintilavam com luzes bruxuleantes.

De repente, algo pareceu estalar dentro dela.

— Não posso ter inventado isto — concluiu, fazendo com que o som da própria voz reforçasse as palavras. — Se eu fosse sonhar com um palácio, um castelo ou algo do gênero, teria imaginado algo como o castelo da Cinderela, na Disney. Não isto. — Balançou a cabeça. — Isto jamais teria saído da minha cabeça. — Ergueu as mãos e em seguida as deixou cair, desalentada. — Não sei onde estou ou o que aconteceu, mas isto não pode ser coisa da minha mente.

Atrás dela, um pequeno estalo chamou sua atenção, e Mikki se virou. Além da borda da sacada, luzes cintilaram.

Engolindo em seco, ela começou a avançar. Levou mais de trinta passos para alcançar as balaustradas esculpidas que a beirada da varanda ostentava. O mármore liso batia-lhe pouco acima da cintura e, com a respiração em suspenso, ela se inclinou e olhou para baixo.

— Rosas!

Mikki quase gritou de tanta alegria. O palácio era cercado por um enorme labirinto de roseirais misturados a árvores ornamentais, sebes, fontes e estátuas. No coração dos jardins, pensou ver uma silhueta escura, porém o início da noite não proporcionava luz suficiente para que pudesse distinguir claramente coisa nenhuma, ainda que, espalhadas por todo o lugar, houvesse pequenas lamparinas pendendo dos galhos das árvores, ou então tochas erguendo-se da terra.

O ruído abafado fez-se ouvir de novo e, dessa vez, Mikki avistou uma moça que vestia um traje de seda drapeado acendendo uma das tochas. Logo notou que havia muitas outras circulando em silêncio ao longo das veredas e, assim como cometas, deixando pequenas chamas em seu rastro.

Diante da cena inacreditável, sentiu uma onda de náusea.

— Deus! — Mikki abriu os braços em um gesto de total frustração, combatendo um princípio de tontura. — Está aí outra coisa que eu não poderia ter inventado... Ninfas acendendo tochas!

— Não está inventando nada do que vê, tampouco ficando louca, Mikado Empousai.

Mikki deu um pulo e prendeu a respiração quando uma voz forte de mulher a surpreendeu. O choque expulsou a sensação de vertigem que ameaçava dominá-la.

Dando meia-volta, ela viu-se diante de uma desconhecida que se materializara do nada e que, sem dúvida, reinava soberana sobre tudo ali. Estarrecida, não conseguiu descobrir a própria voz. Só conseguiu olhar para a mulher como uma criança maravilhada.

Ela era alta e de ombros retos. Tinha o corpo perfeito de uma estátua e um rosto forte e inteligente. Seus lábios eram cheios e vermelhos, e os olhos enormes e penetrantes eram de um cinza extraordinário. Usava um vestido feito de camadas cintilantes de seda preta, o qual lhe caía em torno do corpo à perfeição, e tinha a cintura delgada cingida por uma corrente de rosas de prata, interligadas por hastes de rubis. Através de uma fenda no tecido brilhante, Mikki pôde ver parte de uma perna bem torneada que parecia ter sido esculpida em mármore.

Seus pés estavam cobertos por sandálias douradas e, a seu lado, reclinavam-se os maiores cães que ela já vira.

Sem piscar, as criaturas negras a encararam com olhos de um vermelho sobrenatural. Mikki desviou o olhar, passando-o da tocha flamejante que a mulher segurava para o turbante brilhante que lhe envolvia a cabeça. Aninhada junto aos cabelos trançados e escuros, viu uma cascata de pequenos pontos de luz, os quais cintilavam tais como miniaturas de estrelas.

Quando a mulher falou novamente, o poder em sua voz provocou nela um arrepio de medo.

— Eu sou a Deusa Hécate. Bem-vinda ao Reino das Rosas.

CAPÍTULO 9

— Hécate? — Mikki sentiu a boca seca. Algo inominável na mulher fez seus joelhos bambearem, e ela recuou até se ver pressionada contra a balaustrada de mármore. — A Hécate de Medeia? — arriscou, a voz saindo num sussurro.

— Na verdade, *eu* sou a deusa de Medeia. — Hécate falou num tom áspero. — E se desmaiar como uma mulherzinha, ficarei muito descontente, Mikado.

— Eu nunca desmaiei! — Mikki disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Então não comece a fazer isso agora.

Ela só pôde assentir com um movimento de cabeça.

Hécate a estudou em silêncio. Seu rosto forte era impenetrável, e Mikki teve um desejo infantil de torcer as mãos e se mover, mas forçou os braços para o lado e ficou parada, embora o olhar da mulher fosse tão penetrante que ela imaginou poder sentir seu toque.

— Eu não sou apenas “a deusa de Medeia”. — Hécate quebrou o silêncio. — Sou a Deusa das Feras, da Magia e da Lua Negra. Tenho domínio sobre a escuridão da noite, sobre os sonhos e sobre as encruzilhadas entre o conhecido e o oculto.

As palavras da diva ecoaram com autoridade e Mikki sentiu seu poder deslizando pela pele como serpentes famintas. Então a voz de Hécate baixou, perigosa, e ela teve que se esforçar para não se encolher de medo.

— Eu conheci sua mãe, Mikado. E a mãe de sua mãe. E a mãe desta última... Por várias gerações tenho observado as mulheres de sua família. Continuei a observá-las e permaneci fiel a elas, mesmo depois que todas se esqueceram de mim.

— Minha mãe? Minha avó? — indagou Mikki, surpresa. — Mas como? Não estou entendendo nada disso.

Quase imperceptivelmente, a expressão da deusa abrandou.

— Nunca se perguntou sobre a origem dos dons que recebeu, Mikado?

— Dons?

— Sim! A *tinta*... — falou a deusa, áspera, e os cães a seus pés rosnaram, inquietos. — Não fique aí parada como se fosse um homem e só conseguisse pensar com a cabeça de baixo! Reconheça suas dádivas, Empousa!

Mikki reagiu ao comando da deusa com uma voz meio trêmula.

— Meu sangue faz as rosas crescerem. Eu o misturo com água durante a lua nova e... — Fez uma pausa, os olhos se arregalando ao perceber o que estava implícito no título “Deusa da Lua Negra”. — Durante a lua nova eu rego as rosas com ele.

— E suas rosas sempre crescem — a deusa concluiu por ela.

— Sempre — Mikki murmurou.

— Esse é um dom. O outro é algo que as mulheres de sua família carregam com elas de geração em geração — afirmou Hécate.

Mikki franziu o cenho, então seu rosto se iluminou.

— Meu sobrenome, Empousai! Todas as mulheres da minha família sempre o mantiveram. Nós nunca o mudamos, não importando o que aconteça. É uma tradição, uma regra não escrita que temos seguido há várias gerações. Mesmo quando era inédito para uma mulher não assumir o nome do marido, as Empousai se mantiveram fiéis a isso. Fundos fiduciários foram criados e diversos testamentos foram escritos sob a condição de que as Empousai mantivessem seu sobrenome. Minha mãe até me contou histórias sobre noivas Empousai que romperam seus compromissos quando os homens se recusaram a seguir essa regra. — Mikki fechou a boca de repente, ciente de que estava tagarelando como uma idiota.

Hécate concordou com um breve gesto de cabeça.

— Isso porque nas veias das mulheres de sua família corre o sangue sagrado de Empousa, minha mais querida sacerdotisa. Foi uma longa espera, mas alegre meu coração saber que, finalmente, reacendeu a chama da deusa que existe em você, ungiu-se, misturou o sangue à água e invocou meu nome. — Por um instante, o magnífico semblante de Hécate pareceu quase gentil. — Pode ver que recompensei sua fé. Você despertou meu Guardião e voltou para o Reino das Rosas.

— Mas foi um acidente! — Mikki falou, com vontade de chorar. — Eu não fiz nada de propósito.

— Então, explique-se! — A deusa cuspiu as palavras. — Como pode ter se ungido e me invocado por acidente?

O mármore da balustrada parecia ferro frio de encontro à túnica diáfana de Mikki. Os enormes cães aos pés da deusa levantaram as orelhas, como se também estivessem curiosos acerca de sua resposta.

À beira da histeria, ela se questionou se Hécate mandaria que eles a devorassem ao descobrir que aquilo tudo não passara de um enorme mal-entendido.

Respirou fundo e encontrou os olhos cinzentos e gélidos da divindade.

— Você diz que eu me ungi, mas suponho que esteja se referindo ao perfume que estou usando.

— Perfume? — Hécate levantou as sobrancelhas. — De fato... E como obtive a fragrância exata do óleo sagrado da minha Alta Sacerdotisa?

— Ele me foi dado por uma senhora que conheci esta manhã.

Mikki fez uma pausa. Havia acontecido naquele dia, fazia vários dias, ou anos antes?

Não podia pensar naquilo, entretanto. Não importava naquele momento. A única coisa que importava era que Hécate compreendesse que ela não pertencia àquele lugar.

Ou então nada daquilo importava porque estava enganada sobre aquele lugar ser sua nova realidade. Devia ter enlouquecido de vez, provavelmente estava toda curvada em posição fetal no meio do Roseiral de Tulsa, babando!

— Eu já disse que não está sofrendo alucinações nem tendo delírios, Mikado. Tampouco

está louca — afirmou Hécate.

— Consegue ler minha mente?

— Conheço os medos mais profundos e os desejos mais intensos das minhas Empousa. Agora, Sacerdotisa, continue a explicar esse acidente para a sua deusa.

Sua deusa.

Uma emoção inimaginável sacudiu o corpo de Mikki quando Hécate pronunciou aquelas duas simples palavras. Era como se alguma coisa esquecida dentro dela havia muito tempo tivesse despertado e estivesse ansiosa com a possibilidade de uma nova vida.

Seu coração se lembra, Empousa, assim como o seu sangue.

A deusa não falou, porém o eco da voz de Hécate soprou no ouvido de Mikki.

Uma voz em sua mente?

Ela sacudiu a cabeça, apavorada, e passou a falar depressa, na esperança de que o som da própria voz narrando os eventos que, ela sabia, haviam acontecido no “mundo real”, ancorassem seu senso de realidade.

— Uma senhora me deu o perfume. Nós nos demos bem porque ela também recebera o nome de uma rosa.

— E qual era o nome dessa velhota?

— Sevillana Kalyca — Mikki falou, reparando em como os olhos de Hécate se estreitavam. A deusa, porém, não a interrompeu mais e ela pôde continuar: — Eu tinha um encontro naquela noite, então pensei em usar o perfume. — Fez uma careta ao se lembrar do arrogante professor Asher. — Acontece que o sujeito era um horror. Eu o deixei e fui para casa.

Hécate balançou a cabeça, pensativa.

— Poucos homens são dignos de uma Empousa.

Mikki fitou a divindade nos olhos e se surpreendeu ao ver a compreensão neles. Sorriu para Hécate, tímida.

— Definitivamente, eu nunca dei sorte no amor.

A deusa bufou.

— Os homens são todos uns inconsequentes.

Mikki sentiu parte da tensão em seus ombros desaparecer. Com certeza tinha deparado com muitos deles.

— Pois então... eu decidi não ir direto para casa. Atravessei o parque porque fiquei com vontade de passear pelo roseiral.

— Mora perto de um roseiral? — indagou a deusa.

Mikki assentiu.

— Do outro lado da rua do roseiral da cidade. Sou voluntária lá há um ano.

Hécate pareceu satisfeita.

— Isso é bom. Como Empousa, sua mais importante missão, depois de me honrar, é

cuidar das rosas.

— Eu sempre cuidei das rosas. Assim como minha mãe, minha avó e...

Hécate interrompeu a explicação com um gesto impaciente.

— As mulheres da sua família estão ligadas por laços de sangue com as rosas. Eu sei disso. O que não sei é por que invocou meu nome.

— Foi sem querer. Eu estava andando pelo parque para chegar ao roseiral, e havia um grupo ensaiando a peça *Medeia*. Eles precisaram de alguém para substituir a atriz que fazia Medeia no mesmo momento em que passei por perto. O diretor me perguntou se eu podia ler algumas linhas, e eu concordei... — A voz de Mikki foi sumindo conforme ela se lembrava de como as palavras do roteiro tinham se embaçado, brilhado, e então sido pronunciadas por ela como se por vontade própria. — Depois que eu disse o nome da deusa tudo pareceu mudar! — Ela não percebeu que pensava em voz alta até que a voz poderosa de Hécate respondeu à sua dúvida.

— Sua alma e o sangue que pulsa em seu coração sabem o meu nome e o invocaram, embora sua mente tenha se esquecido de mim.

— Como é possível? — Mikki sacudiu a cabeça e passou a mão trêmula sobre o rosto.

— Entretanto, não houve sacrifício... O vento teria soprado suas palavras, a terra teria tremido e as águas iriam chorar como se queimadas pelo fogo. E você não poderia ter despertado o Guardiã e ser transportada para o meu reino sem derramar o seu sangue.

— Eu alimentei as rosas — Mikki contou com voz fraca, lembrando-se da cacofonia de sons que crescera em torno dela quando tinha lido a invocação à deusa.

Ar... Terra... Água... Fogo... Teriam todos reagido a ela?

O pensamento a emocionou e a oprimiu.

A expressão impaciente de Hécate, contudo, a trouxe rapidamente de volta à realidade.

— Trabalhadores de uma obra nos jardins judiaram das rosas — prosseguiu, tensa. — Era noite de lua nova, e eu já havia regado as que tenho na varanda da minha casa. Foi uma coisa natural eu reabrir o corte na mão e ajudá-las também. Mas acho que exagerei um pouco porque espalhei água por todo lado... inclusive na estátua. — Mikki segurou a respiração e olhou para Hécate. — A estátua! Aquela criatura... Ela... Ela...

— *Ele* — Hécate a corrigiu. — O Guardiã é do sexo masculino. E, sim, a sua invocação somada ao seu sacrifício de sangue o despertou. Foi ele quem a trouxe aqui. Era seu dever devolver a minha Sacerdotisa.

Os olhos de Mikki se desviaram da deusa para as sombras que aumentavam com o cair da noite.

— O Guardiã não está por aqui — Hécate a tranquilizou. — Ele esteve ausente de seu cargo por muito tempo... Tem muito que corrigir. E também não precisa temê-lo. A única finalidade do Guardiã é proteger o Reino das Rosas e certificar-se de que as tramas da realidade se misturam às dos sonhos e da magia.

Mikki abanou a cabeça.

— Tramas da realidade? Como ele...

— Não é importante que você compreenda seu propósito — a deusa a interrompeu. — Basta dizer que o Guardião não representa perigo algum para sua pessoa. Ele toma conta de todos que residem no meu reino.

— Se ele é seu Guardião, então o que fazia como uma estátua no Roseiral de Tulsa? — *E por que estava me seduzindo nos meus sonhos?* — ela completou em pensamento, inconformada.

O olhar de Hécate deixou Mikki, e a deusa da escuridão olhou para os jardins iluminados por tochas, que pareciam espalhar sua beleza indefinidamente. Quando falou, foi mais para as sombras do que para a mulher que tinha ao lado.

— Eu sou uma deusa, mas também sou falível. Foi por um erro de julgamento meu que o Guardião foi banido. É meu desejo corrigir essa minha falha.

Mikki não soube o que dizer. Se em algum momento tivesse parado para pensar em antigos deuses e deusas, iria pressupor que estes eram seres poderosos e onipotentes, imunes a qualquer tipo de engano.

Agora estava diante de uma divindade que dizia ser Hécate, que irradiava poder e autoridade e admitia ter cometido um equívoco. Não fazia sentido.

Mas, até então, nada do que estava acontecendo com ela fazia.

Mais uma vez, Hécate falou sem olhar para ela.

— Sim, uma deusa pode errar... Também tenho um coração e uma alma, paixões e sonhos. Eu amo e odeio. Como posso ser uma deusa sábia, digna de adoração, se não compreendo os erros da humanidade? Para compreender esses deslizos, preciso vivenciar alguns deles — concluiu com uma voz sombria.

— Perdão — Mikki murmurou.

Os olhos cinzentos de Hécate voltaram a pousar nela.

— Senti falta da presença da minha Empousa no Reino das Rosas. Mesmo que seu retorno pareça *acidental* — desta vez, ela acrescentou um toque de humor à palavra —, estou satisfeita por estar aqui. Já estava cansada de esperar.

— Mas ainda não sei por que estou aqui — lembrou Mikki. Poderia mesmo ser uma Sacerdotisa daquela deusa incrível?

— Está aqui por causa das rosas! — Hécate abriu os braços em um gesto magnânimo que abrangeu todos os jardins à sua frente. — Vai restabelecer meus rituais e trazer saúde e vida renovadas ao meu reino.

— Hécate, eu não sei como fazer isso, eu...

— Claro que sabe — a divindade a interrompeu. — Esse conhecimento está em seu sangue. Tudo o que precisa fazer é olhar para dentro de si mesma e interpretar o que deixei registrado em suas gerações passadas.

Um ruído suave de passos apressados sobre mármore impediu a resposta de Mikki. Ela e a

deusa olharam para os jardins lá embaixo, onde quatro mulheres corriam pelo caminho mais próximo até a escadaria que levava à varanda.

— Suas servas se aproximam. — Hécate olhou para o céu escuro. — Vejo que, ao menos, elas não se esqueceram da ordem correta das coisas, embora o Reino das Rosas tenha sofrido com a ausência de seu Guardião e de minha Empousa.

Como uma onda lambendo avidamente uma praia sedenta, as quatro mulheres correram juntas para a varanda e fizeram uma reverência graciosa, com as cabeças inclinadas, os longos cabelos caindo para a frente e sombreando seus rostos ansiosos. A serva que usava um traje de seda amarela, da cor do ranúnculo — um complemento perfeito para seus cabelos dourados —, foi quem falou primeiro. Ergueu o rosto para a deusa e chorou, a voz saindo embargada pela alegria:

— Ave, Hécate, grande Deusa da Lua Negra!

Em seguida, falou a menina vestida de vermelho, cujos cabelos longos e escarlates eram brilhantes como o fogo:

— Ave, Hécate, sábia Deusa das Feras!

Mikki percebeu que reconhecia as duas moças restantes quando a criada vestida de azul-safira e cabelos da cor da espuma das ondas do mar ergueu a cabeça.

— Ave, Hécate, bela Deusa da Magia!

Antes que o som de sua voz doce tivesse se desvanecido, a morena, a qual vestia seda verde-musgo, a mesma cor de seus enormes olhos adornados por cílios escuros, levantou a cabeça, o rosto radiante de alegria.

— Ave, Hécate, Deusa da Encruzilhada entre a realidade e os sonhos, e poderosa protetora do Reino das Rosas!

— Levantem-se, minhas filhas. Venham! Beijem a minha mão... Senti saudades.

As servas obedeceram e Mikki deu-se conta de que elas eram bem mais jovens do que pensara a princípio. Na verdade, eram praticamente adolescentes. Ainda mais considerando o modo como, rindo como crianças, cada uma delas pressionou os lábios na mão da deusa.

Hécate as recebeu, tocando-as nas cabeças, satisfeita. Para o espanto de Mikki, os cães enormes a seus pés se inquietaram tais como filhotinhos de estimação, farejando as meninas com entusiasmo e aceitando beijos e carícias de todas elas.

Então, a deusa ergueu sua tocha, e as moças ficaram imediatamente em silêncio.

— Servas de Hécate, eu as convido a dar as boas-vindas à minha Empousa!

Com seu pronunciamento, a tocha brilhou e uma cascata de faíscas caiu em redemoinho em seu entorno.

As jovens soltaram uma exclamação, cochichando entre si, entusiasmadas, enquanto faziam uma reverência a Mikki.

— Eu disse que ela havia voltado! — Ela teve a certeza de ouvir a morena dizendo para as outras.

Hécate levantou a mão, pedindo silêncio.

— Vão para dentro. Lá irão preparar a Empousa para o ritual de autoiniciação, que será realizado no coração do meu reino.

Hécate ergueu a tocha novamente, mas, desta vez, virou-se para os vastos jardins.

— Que o Templo de Hécate se acenda mais uma vez!

Ao comando da deusa, todas as luzes começaram a brilhar com intensidade, e as servas reagiram com exclamações de entusiasmo e alegria. De olhos arregalados, Mikki viu a silhueta de um templo adornado por colunas acender-se de repente.

— Vão — Hécate ordenou às servas suavemente. — A Sacerdotisa irá acompanhá-las em breve.

As meninas fizeram uma profunda reverência e atravessaram correndo a ampla varanda para entrar no quarto em que Mikki tinha despertado.

— Precisa fazer duas coisas esta noite, Mikado — Hécate disse-lhe com firmeza. — Em primeiro lugar, lançar um círculo sagrado. As servas irão ajudá-la com isso, até que possa pôr em prática o conhecimento que ainda dorme em seu sangue. Em segundo lugar, vai realizar um ritual de autoiniciação. Nesse ritual, irá dedicar-se a uma nova vida como minha Empousa, uma Sacerdotisa do Sangue de Hécate.

— Mas eu não sei como realizar um ritual de iniciação! Não sei como fazer ritual nenhum — Mikki falou, aflita com a própria inaptidão.

— Mikado! — Os olhos cinzentos de Hécate a fulminaram. — Você invocou a minha presença, despertou meu Guardião. Em seu sangue reside o conhecimento de gerações de Sacerdotisas minhas... Se não tem coragem para compartilhar esse conhecimento, lance o círculo sagrado e, depois, saia dele. Eu juro: no momento em que deixar o círculo, voltará àquela vida mundana, nos limites da minha encruzilhada. — Os lábios da deusa curvaram-se com desgosto, e os pelos nos braços de Mikki eriçaram-se em resposta à ira divina que ardeu ao seu redor. — Talvez você se case... talvez não. Mas, sem dúvida, vai gerar uma filha, outra “Empousai”, como as suas antepassadas começaram a chamar a si mesmas. Irá viver uma vida comum e morrer. E eu continuarei esperando por outras gerações pelo retorno da minha Sacerdotisa... Mas se não romper o círculo sagrado e, em vez disso, optar por completar o ritual, saiba que, tão certo como seu coração bate e seu sangue corre, será para sempre minha Alta Sacerdotisa, a Empousa do Reino das Rosas. — Hécate ergueu a tocha acesa outra vez. — Decida esta noite, Mikado Empousai, e saiba que nunca mais terá outra chance de mudar o seu destino! — Faíscas fluíram da tocha e, com uma lufada de vento, Hécate desapareceu.

CAPÍTULO 10

Completamente confusa, Mikki ficou sozinha, piscando contra os pontos brilhantes de luz que a deusa lhe deixara na vista. Deveria lançar o tal círculo? Aquilo não era bruxaria?

E, se conseguisse fazê-lo sem ser atingida por um raio ou ser engolida por Satanás — ou o que ou quem quer que fosse —, ainda deveria olhar para dentro de si mesma a fim de saber como poderia realizar um ritual de autoiniciação porque era uma Empousa: uma Sacerdotisa de Hécate.

Risinhos abafados fluíram da porta aberta de seu quarto e Mikki suspirou. Além de decidir sobre o próprio destino, também precisava se vestir...

— Droga de dor de cabeça! — Esfregou a testa que latejava. O novo templo iluminado atraiu seu olhar e Mikki viu-se mirando os jardins pouco iluminados ao redor da construção abobadada.

Uma onda de emoção fluiu através dela. Se aquilo tudo era verdade, se estava realmente acontecendo, então ela estava mesmo tendo a oportunidade de se tornar a Alta Sacerdotisa de uma poderosa deusa. Uma deusa que tomava conta das mulheres de sua família havia gerações.

Não podia negar que aquela possibilidade a fascinava.

Mas e se nada daquilo fosse real? E se houvesse inventado tudo aquilo e aquele mundo fantástico e sua deusa não passassem de um delírio?

Se isso fosse verdade, não importava se ela escolhesse ficar ou ir embora. De qualquer forma, estava *frita*... falando de modo figurado, por enquanto.

Então, por que não acabava logo com aquilo? Por que não optar por se tornar uma Alta Sacerdotisa de Hécate em vez de uma paciente de hospital psiquiátrico?

Pensou sobre a deusa. Hécate era poderosa e atemorizante. Como seria ser sua Sacerdotisa?

O pensamento teve o efeito de uma chama brilhante e a arrastou com um exótico calor. Hécate tinha dito que seu primeiro dever como Empousa seria cuidar de suas rosas.

Mikki olhou a extensão escura dos jardins. A brisa suave da noite girou ao seu redor, trazendo consigo o aroma atraente e familiar das belas flores. Fechou os olhos e respirou fundo. Era como estar em casa.

O pensamento a assustou. Era possível que pertencesse àquele lugar? Era corajosa o bastante para considerá-lo como sua realidade, seu futuro, seu destino?

Ela era muitas coisas: teimosa, obstinada, cínica... Mas não covarde.

Decidida, Mikki atravessou a ampla varanda e entrou no quarto cujo tema principal também eram as rosas. Como um pequeno grupo de peixes exóticos, de barbatanas de seda, as jovens mulheres voltaram-se para ela, curvando-se numa série de reverências.

— Empousa! Seu traje para o cerimonial a aguarda — disse a morena, apontando para

uma fabulosa túnica longa em seda roxa e cintilante, que caía em cascata pela beirada da cama.

— Obrigada — ela agradeceu, a mente demorando a se alinhar com as palavras. — Mas, antes de irmos, acho que precisamos nos apresentar. Meu nome é... — ela pausou apenas um instante — Mikado. Como vocês já devem saber, fui trazida até aqui por circunstâncias pouco comuns, e tudo isto é muito novo e assustador para mim.

A morena franziu o cenho.

— Não é Empousa em seu mundo?

— Não.

As quatro moças espelharam expressões de choque.

— Se não era uma Empousa, então o que fazia? — perguntou a morena.

— Eu... — Mikki hesitou, escolhendo as palavras com cuidado. — Eu era a assistente de uma mulher muito importante, que era responsável pelos cuidados para com muitos doentes.

A carranca da morena se aprofundou.

— Essa mulher não pode ser mais importante do que Hécate.

— Não! — as outras responderam em coro.

Elas a haviam apanhado.

— Talvez o fato de eu estar trabalhando para uma, há, *deusa* menos importante estivesse me preparando para este trabalho. — Mikki apertou os lábios, reprimindo um sorriso ao pensar como Jill reagiria ao ser considerada uma divindade.

— Trabalho? — repetiu a menina de cabelos vermelhos. — Ser uma Empousa não é um emprego, é um destino.

— Um privilégio divino! — acrescentou a serva vestida de seda amarela.

— Sim, eu estou começando a entender isso... — Mikki sentiu como se estivesse tentando segurar as rédeas de um cavalo em fuga. — Mas, no lugar de onde eu vim, as coisas são muito diferentes. Vai levar algum tempo até que eu me acostume ao meu destino.

A morena soltou uma exclamação, os olhos verdes cintilando com uma súbita compreensão.

— Você é do mundo comum!

— Isso mesmo — confirmou Mikki.

Horrorizadas, as servas a fitaram em silêncio. A loira cobriu a boca com a mão, como se para conter um soluço.

— Não é tão ruim lá... — Mikki falou, sentindo a necessidade de defender ao menos Tulsa. — É cheio de pessoas e coisas interessantes, como a Internet e... e... alguns restaurantes excelentes. Principalmente os da Utica Square.

Longe de se convencer, as moças continuaram a fitá-la.

— Então... — Mikki suspirou e mudou de assunto — ... que tal vocês me dizerem seu nome, depois vou me vestir e poderão me dar algumas dicas sobre como lidar com o restante da noite.

— Que indelicadeza a nossa, Empousa! — a morena se desculpou, lançando às outras três meninas um olhar zangado. — Eu sou Gii.

— Eu sou conhecida como Floga — contou a impressionante ruiva.

— Pode me chamar de Nera — disse a loira que a recebera ao lado de Gii.

— E eu sou Aeras — falou a última moça.

— É um prazer conhecer as quatro. — Mikki sorriu calorosamente, enquanto tentava decorar os nomes incomuns, e cruzou os dedos em pensamento para que todas se tornassem suas aliadas.

— Podemos vesti-la, Empousa? — Gii quis saber.

Mikki queria dizer “muito obrigada, mas não”. Olhou para a longa túnica de seda e percebeu que não tinha a menor ideia de como colocá-la. Será que precisava enrolá-la em torno do corpo? Com o que poderia prendê-la?

E onde estava a calcinha?!

— Está bem... Podem me vestir.

— Não posso sair em público assim! Deve estar faltando alguma coisa! — Mikki se olhou no espelho. A seda roxa fora presa apenas por uma trança prateada por cima de seu ombro direito. Dali, o tecido caía com graça por seu corpo, deixando seu seio esquerdo, assim como a perna direita, completamente, totalmente, absolutamente desnudos.

Gii tornou a franzir o cenho.

— Mas, Mikado, essa é a veste tradicional para o ritual da lua negra da Empousa.

— Por que quer acrescentar outra coisa? Está tão linda! — concordou Nera, a confusão enrugando-lhe a testa.

Mikki apontou para o reflexo de seu peito nu.

— Estou quase pelada!

Como aqueles bonequinhos de péssimo gosto que ficavam sobre o painel de alguns carros, as quatro sacudiram a cabeça para ela.

Mikki suspirou e tentou outra vez:

— Como posso andar por aí com um dos seios à mostra? — Sem mencionar a perna direita e metade do traseiro sem calcinha! — Isto não pode estar certo.

— Claro que está certo! — protestou Floga, a ruiva, claramente desconcertada com a reação negativa de Mikki. — É como a Empousa de Hécate sempre se veste para esse ritual.

— Não é normal, no mundo comum, uma Sacerdotisa realizar rituais com o seio exposto? — indagou Gii com um súbito discernimento.

— Na verdade, no mundo comum é bem anormal ser vista em público com um peito desnudo! Ao menos onde eu vivia...

Gii abanou a cabeça, tristonha.

— As mulheres devem ser muito reprimidas no seu antigo mundo.

Mikki abriu a boca para corrigi-la, dizer que as mulheres modernas dos Estados Unidos,

ainda que comuns, possuíam direitos iguais aos dos homens e...

A imagem de uma última vítima de estupro sobre a qual havia lido no *Tulsa World* veio-lhe à mente, porém. A moça tinha cerca de vinte anos e fora atacada enquanto se divertia no centro da cidade. O artigo fizera várias menções à maneira sedutora com que ela estivera vestida, deixando implícito que ela mesma podia ter provocado o estupro.

E, ainda fresca em sua memória, estava a voz do repórter que ela ouvira enquanto se vestia para o trabalho naquela mesma manhã. O maníaco sexual atacara outra mulher em Tulsa. Assim como em outras ocasiões, ele entrara no quarto da vítima por meio de uma janela aberta.

E a polícia, assim como os meios de comunicação, tinham aconselhado o público feminino a ser mais cuidadoso, trancando suas portas e janelas.

Mikki sentiu uma onda de raiva dominá-la. As mulheres é que haviam sido julgadas, alertadas, advertidas... Nenhum dos homens fora condenado por sua selvageria.

Encontrou o olhar de Gii.

— Creio que esteja certa, embora isso não seja aparente.

— Assim como os pensamentos, o que não se vê é geralmente o que nos controla — Gii afirmou.

Mikki concordou com um gesto de cabeça. Então tornou a se concentrar em seu reflexo no espelho. Endireitou os ombros e ergueu o queixo. A mulher que a encarou de volta parecia exótica e feminina, envolta naquela seda roxa drapeada, com os cabelos pendendo livres ao redor dos ombros. E, à luz bruxuleante das velas, sua pele nua assumira um delicado tom de pêssego.

Num impulso, ela ergueu um pouco a perna nua, apontando os dedos dos pés descalços, e o tecido macio do traje para o cerimonial a acariciou numa deliciosa resposta.

Sexy... Estava definitivamente *sexy*.

E, naquela roupa, os três quilos e pouco contra os quais vivia batalhando apenas enfatizavam sua sensualidade. Parecia mais curvilínea e muito mais bonita do que já tinha pensado ser possível.

— Estou pronta — falou com firmeza, mais para si do que para as quatro mulheres que a observavam atentas.

O sorriso de Gii foi instantâneo. Ela agarrou a mão de Mikki e a puxou delicadamente em direção às portas abertas que davam para a varanda.

— Vamos! O Templo de Hécate está cheio de luz outra vez. Vamos nos apressar e enchê-lo com vida também!

Em um rufar de sedas e risos, Mikki deixou-se levar por toda a sacada, depois pela escadaria cor de pérola que dava nos jardins.

Outra onda de náusea e vertigem dominou-a conforme seguia as servas. Nervosa, ela apertou os lábios e fez o que pôde para ignorá-la, afinal, mudar de mundo devia ser difícil.

para o organismo de qualquer um.

Com os olhos muito abertos, tentou assimilar tudo o que podia enquanto as meninas a apressavam por um dos muitos caminhos de mármore que serpenteavam por entre as inúmeras fileiras de rosas. Notou fontes borbulhantes e bancos, porém tudo se encontrava cuidadosamente protegido pela noite, pelas sombras e pela luz morna das lanternas a óleo perfumadas que pendiam dos galhos das árvores ornamentais.

Quando o templo surgiu como um sonho diante delas, Mikki estacou, e tudo deixou sua mente. Tochas brilhavam por dentro e por fora, iluminando as colunas altas que sustentavam o domo de um santuário ao ar livre. Diante deste, avistou uma gigantesca fonte contendo múltiplas bacias de mármore, das quais caía em cascata uma água cristalina que se derramava por todos os lados numa melodia que se espalhava por todo o jardim.

As linhas minimalistas do templo só faziam ressaltar sua elegância. Não havia nada no interior da construção, exceto uma única chama que queimava bem no centro de um espaço largo e circular de mármore liso.

— A tocha de Hécate foi acesa! — comentou Floga numa voz embargada pela emoção. A bela serva vestida de escarlate foi a primeira a subir a escada e entrar no santuário. — Senti isso na alma, mas vê-la outra vez faz meu coração pular de alegria!

E então, para o espanto de Mikki, ela caminhou direto para o fogo e acariciou suas chamas como se a uma criança amada.

Em vez de queimá-la, contudo, o fogo pareceu rejuvenescê-la. Suas mãos brilharam onde ela o tocou, e seus cabelos vermelhos crepitaram ao seu redor, como se tivessem vida própria.

— Ela está tocando o fogo e não se queima! — Mikki exclamou, ofegante.

— Claro que não — Gii afirmou. — Ela *é* o Fogo.

Com muito esforço, Mikki desviou o olhar da serva em escarlate e voltou toda a sua atenção para Gii.

— Como assim, “ela *é* o Fogo”?

A criada a estudou, atenta.

— Empousa, não reconhece suas próprias servas? Sei que estava confusa quando Nera e eu a acolhemos, mas decerto sabe quem somos agora que viu as quatro juntas.

— Gii, eu nunca tive servas antes. Como poderia reconhecê-las?

— Não nos reconhece? — a moça indagou, tristonha.

Mikki teve uma vontade insana de gritar que não reconhecia mais nem a si própria. Como, diabos, poderia reconhecer quatro mulheres que lhe eram totalmente estranhas?

A dor nos olhos da serva, contudo, a fez pesar melhor as palavras.

— No meu mundo antigo, eu não adorava nenhuma deusa — Mikki fitou as servas nos olhos.

No silêncio que se seguiu às suas palavras, ouviu que Floga se aproximava. Sem falar, a moça juntou-se às companheiras.

Mikki continuou, devagar:

— Eu nunca lancei nenhum círculo. Nunca realizei nenhum ritual. Eu não fazia ideia de que era uma Sacerdotisa de Hécate, até que ela mesma me contou. Então não é apenas a vocês quatro que eu não reconheço. Não reconheço absolutamente nada neste mundo.

As mulheres a fitaram de olhos arregalados.

— Não existem deusas no mundo comum? — Gii indagou por fim, com a voz abafada.

Mikki escolheu as palavras antes de responder, lembrando-se de que Hécate afirmara ter assistido as mulheres de sua família ao longo de várias gerações. E não havia dúvida de que as mulheres Empousai possuíam algo mágico em seu sangue.

Tocadas por uma deusa.

O pensamento voejou em sua mente. As mulheres de sua família tinham sido abençoadas por uma divindade, o que significava que, reconhecidas ou não, deviam agir mesmo em Tulsa, Oklahoma.

— Acho que existem deusas no meu antigo mundo — elaborou Mikki, pensando em suas antepassadas e deixando que o instinto lhe guiasse as palavras. — Mas a maioria das pessoas, a maioria das mulheres, aprendeu a viver sem elas.

— Que coisa terrível... — Aeras sussurrou.

— Por tudo isso, se não quiserem me chamar de Empousa, não haverá problema — Mikki afirmou num murmúrio. — Eu não mereço esse título.

— Mas *Hécate* a nomeou sua Empousa. É direito da deusa fazê-lo, e apenas ela poderá remover seu título — Gii afirmou. — Se Hécate a reconhece como tal, então, nós também a reconhecemos.

As outras três mulheres assentiram, porém não com tanto entusiasmo desta vez.

— E não se esqueçam — Gii acrescentou, olhando com firmeza para as outras —, Mikado despertou o Guardião. Isso é algo que apenas o sangue de uma Empousa de Hécate tem poder para fazer.

À menção do Guardião, Mikki sentiu um calafrio. Tinha quase se esquecido da estátua.

Tinha quase se esquecido *dele*, ela se corrigiu. Afinal, o Guardião não era mais uma escultura... E estava lá fora, em algum lugar, *vivo*, pois seu sangue o havia tocado.

Que papel ele desempenhava naquilo tudo? Por que ele visitara seus sonhos?

De repente, Mikki viu-se cansada de tantas perguntas sem resposta.

— Gii, você disse que Floga não se queima com fogo porque ela *é* o Fogo... Por favor, explique-me.

Floga, entretanto, não deu a Gii a chance de responder. Em vez disso, a serva de cabelos vermelhos adiantou-se e ficou ao lado de Mikki. Levantou a palma para cima e, sorrindo, assoprou de leve, como se estivesse lhe mandando um beijo.

Mikki sentiu o calor incomum de sua respiração antes mesmo que uma chama alaranjada brotasse da mão da moça.

— Foi isto o que Gii quis dizer, Empousa. Suas servas foram cuidadosamente selecionadas por Hécate entre todas as outras mulheres do Reino das Rosas. Cada uma de nós foi escolhida porque carrega dentro de si uma afinidade especial com um dos Quatro Elementos. Meu elemento é o fogo. Posso evocá-lo e nunca me queimar. Quando o fio da minha vida chegar ao fim, eu voltarei para ele.

— Inacreditável — Mikki disse, ofegante. Aproximou um dedo para tocar de leve o fogo que ardia na mão de Floga. Foi como tocar a chama de uma vela. Pôde suportá-lo por um instante, contudo sabia que iria se queimar se mantivesse o dedo ali por mais tempo.

Então seu olhar deslizou para as outras três mulheres.

Gii fez menção de falar, porém Mikki balançou a cabeça, interrompendo-a.

— Não, não me diga... Se sou mesmo uma Sacerdotisa de Hécate, deveria ser capaz de descobrir as coisas por mim mesma.

Piscou, pensativa.

Os Quatro Elementos. Floga já disse que é o Fogo. O que resta?

Conforme raciocinava, seus olhos permaneceram em Gii. Primeiro inconscientemente, em seguida, com mais propósito. Olhou as vestes cor de musgo que combinavam com o lindo verde de seus olhos e enfatizavam os longos e fartos cabelos castanhos... então soube.

— Terra! — exclamou. — Você tem que ser Terra.

O sorriso de Gii foi uma deliciosa recompensa.

— Isso mesmo, Empousa. Floga é fogo e eu sou Terra. — A moça silenciou-se e acenou com gestos de incentivo.

Mikki voltou a atenção para as duas restantes: Nera e Aeras. Nera vestia azul e tinha os cabelos tão leves que lembravam nuvens; mas não lembravam Ar. Era por demais voluptuosa. A seda azul envolvia seu corpo exuberante como ondas translúcidas.

A pequena Aeras, contudo, usava um traje amarelo que se movia em torno dela como uma brisa, e seus cabelos lisos e compridos eram da cor dourada do sol de verão.

— Nera é Água, e Aeras é Ar.

As servas bateram palmas alegremente, fazendo Mikki sentir-se orgulhosa de si mesma.

— Percebe, Empousa? — falou Gii. — Reconheceu todas as suas servas.

— Com sua ajuda. Agora talvez possam me ajudar também a lançar um círculo.

— Você tem aqui tudo o que precisa para lançar o círculo sagrado, Empousa — garantiu a moça. — Tem os espíritos dos Quatro Elementos e também sua própria afinidade.

— Minha própria afinidade? Mas há apenas Quatro Elementos. O que eu poderia representar?

— Representa o coração do círculo: seu espírito — afirmou Gii. — Por isso veste a cor púrpura. Essa é a cor sagrada do espírito. E, por isso, sua posição será sempre no centro do círculo.

— Vamos lhe mostrar, Empousa — disse Aeras, subindo os degraus para o templo. —

Todas temos nossas posições.

Mikki endireitou os ombros e percorreu o santuário junto com as outras.

Aeras caminhou com segurança até um local a poucos metros de distância da chama que ardia no meio e, então, virou-se para Mikki.

— O ar sempre fica a Leste.

Floga moveu-se ao longo de um círculo invisível para a esquerda de Aeras.

— O Fogo alinha-se com o Sul.

— A Água prefere o Oeste — Nera explicou, posicionando-se de frente para Aeras.

— O lugar da Terra é sempre ao Norte — falou Gii, completando o círculo.

— E seu lugar, a posição do espírito, é no centro, próximo do coração da chama da deusa.

Não se dando tempo para hesitar, Mikki rumou para o centro do círculo formado pelos elementos personificados e ficou ao lado da chama de Hécate. Sentindo-se um pouco perdida e extremamente tola, deu de ombros, inquieta.

— Não sei o que fazer agora — sussurrou, porém sua voz ecoou na quietude do templo.

— Na verdade, é algo muito simples — Gii explicou com gentileza.

— Muito natural — Nera acrescentou.

— Mas uma coisa maravilhosa! — completou Floga, mal contendo a emoção.

— Você sempre começa comigo — explanou Aeras, sorrindo. — Deve me saudar e chamar o vento, acolhendo o ar. Depois mova-se *deosil* ao redor do círculo e invoque os outros elementos.

— *Deosil?*

— Nesta direção — explicou Floga, movendo a mão em sentido horário.

— Está bem, entendi — Mikki assentiu.

— Conforme invoca cada elemento, pense na energia que está chamando para que esta a proteja e apoie, Empousa — lembrou Gii.

— Vai aparecer um círculo mesmo? — Mikki perguntou, tímida.

— Só depende de você, Empousa — disse Gii.

Ela sentiu o estômago se apertar. *Faça de uma vez!*, ordenou a si mesma. Então, ergueu o queixo e aproximou-se de Aeras.

CAPÍTULO 11

— Ave, Aeras.

— Empousa... — A serva ajoelhou-se e curvou-se sobre o chão de mármore numa mesura graciosa.

Mikki buscou algo, qualquer coisa, para dizer. Deveria concentrar-se no poder elementar, como a moça explicara.

Respirou fundo para se acalmar. Respirou o ar... que também era vento.

— Invoco o elemento Ar para o círculo! — disse, cruzando os dedos mentalmente para que não provocasse um desastre. — O ar que respiramos quando nascemos e sem o qual todos perecem.

Conforme falava, Aeras foi deixando sua profunda reverência. Ergueu os braços delgados, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Mikki engoliu em seco e continuou:

— Quando penso no vento, penso em seu movimento e em sua força invisível. É uma contradição, um paradoxo. Ele não pode ser contido, mas pode ser aproveitado. Pode preencher delicadamente os pulmões do recém-nascido, mas também tem o poder de dizimar cidades.

De repente, a seda amarela da veste diáfana de Aeras começou a se levantar e se agitar e, em seguida, em uma onda de som, o vento soprou em torno da serva enquanto ela permanecia no centro de um vórtice mágico. O ar tocou também a pele de Mikki, porém não com tanta violência. Apenas a acariciou, fazendo com que o mamilo desnudo enrijecesse. Surpreendentemente, ela não se sentiu constrangida ou exposta. Em vez disso, sua nudez lhe pareceu natural, e o fato de o elemento ter reagido ao seu apelo e tocado seu corpo com tanto amor fortaleceu sua confiança.

Ela sorriu e encontrou os olhos brilhantes de Aeras.

— Bem-vindo, Ar!

Virou-se para a direita. Seus passos eram bem mais seguros quando se aproximou da serva vestindo escarlate.

— Ave, Floga.

— Empousa... — esta respondeu, e também curvou-se no chão numa respeitosa mesura.

— Invoco o elemento Fogo para o círculo!

Assim como Aeras tinha feito, Floga se levantou, ergueu os braços e fechou os olhos.

Mikki observou a expressão ansiosa da moça, intrigada. Era como se ela estivesse preparada para receber um amante.

Inspirada pela personificação do elemento, ela prosseguiu:

— O Fogo é paixão e calor. Ele consome, mas também cuida e aquece. Sem fogo nossas noites seriam escuras e frias.

Os cabelos vermelhos e brilhantes de Floga começaram a se levantar e, em um turbilhão, seu corpo foi delineado por uma estranha luminosidade. Mikki sentiu o calor que irradiava de Floga a ponto de uma fina camada de suor brotar em sua pele.

— Bem-vindo, Fogo!

Quando virou-se para a direita mais uma vez, pensou ter um vislumbre de um delicado fio de luz prateado que se estendia entre Aeras e Floga.

— Ave, Nera.

— Empousa... — Nera curvou-se junto ao chão, e seus cabelos espessos, de um loiro platinado, cobriram-lhe o rosto como uma onda.

— Chamo agora o elemento Água para o círculo. A água nos cerca antes de nascermos e nos nutre durante nossa vida. Ela limpa e purifica, alimenta e acalma.

Nera levantou-se devagar, e Mikki viu quando seus contornos voluptuosos pareceram se liquefazer. De repente, seus cabelos transformaram-se em espuma e o azul de suas vestes de seda ondulou como a maré.

Mikki viu-se envolvida por um frescor que era um misto de chuva de primavera e praias quentes, tropicais.

— Água, bem-vinda! — saudou, sentindo-se mais leve conforme ia até o ponto onde Gii a esperava.

Desta vez, viu claramente a fita de prata cintilante que ligava Aeras a Floga e, agora, também a Nera.

— Ave, Gii.

— Empousa... — A moça fez a mesma reverência das demais.

— Eu invoco para o círculo o elemento Terra!

Mikki sorriu carinhosa para Gii conforme a serva se pôs em pé, levantou os braços e aguardou a aproximação do espírito de seu elemento.

— A Terra é a nossa mãe. Pode ser fértil e nutritiva como uma gleba cultivada, úmida como o solo e seca como areia. É o lar de todos os outros elementos.

As vestes cor de musgo de Gii foram se transformando até parecerem mais com hera do que com seda. Seus cabelos escuros pareceram se alongar, cobrindo-lhe os ombros e caindo por suas costas com a exuberância de um campo recém-arado.

Mikki teve os sentidos preenchidos com imagens da terra cheirando à doçura do feno cortado, das frutas maduras, e sentiu-se segura como se os braços da mãe estivessem mais uma vez ao seu redor, como um bebê embalado com carinho.

— Bem-vinda, Terra! — saudou com um nó na garganta.

— Agora, Empousa, deve receber o seu próprio elemento — falou Gii, apontando para o centro do círculo, ao lado da chama sagrada.

Mikki encaminhou-se para lá. Fechou os olhos e levantou os braços, imitando as outras mulheres.

— Invoco para o círculo o espírito!

As vozes das virgens inundaram seus pensamentos e sentidos, até que Mikki não soube mais dizer se elas falavam realmente ou se aquelas eram outras vozes, vindas das profundezas de sua alma.

— O espírito está presente em toda parte! — Aeras anunciou, então, em sua voz doce e límpida.

— É o grande alquimista! — A de Floga soou cheia de paixão.

— O espírito é o elemento que une todos os outros! — Nera entoou no tom fluido de um riacho.

— Ele tem o poder de moldar a natureza de todas as coisas! — disse Gii, em uma amorosa voz de mãe.

— Bem-vindo, espírito! — gritou Mikki.

Deu-se um estalo e o ar dentro do templo chiou. Mikki abriu os olhos e percebeu que estava no meio de um círculo formado por quatro mulheres ligadas por uma deslumbrante trama de prata, a qual, por sua vez, criava uma fronteira que pulsava com luz e energia. A chama que ardia a seu lado assumira uma encantadora coloração violeta.

— Funcionou! — exclamou, extasiada.

As servas riram e seu riso inundou o templo de felicidade. Parecia música, e Mikki teve vontade de rodopiar e dançar.

Dance, Empousa!

As palavras sussurradas penetraram sua mente tal como num sonho. Ela não parou para questionar seu impulso, tampouco hesitou. Apenas começou a dançar dentro do círculo, girando e ondulando os braços e o corpo.

As servas logo pegaram o ritmo de seus movimentos e começaram a cantar uma melodia sedutora. Mikki sentiu-se linda, poderosa e absurdamente feliz.

Agora sabia que decisão tomar quanto ao restante de sua vida. Iria escolher aquele mundo mágico. E não porque estava com medo de deixá-lo e descobrir que havia enlouquecido... Escolhia aquela vida porque tinha despertado nela uma profunda alegria.

Uma alegria que ela nunca experimentara.

A realidade que se danasse! Aquilo era mais do que suficiente para ela.

Diga as palavras que a unirão a mim, Empousa!, comandou a voz em sua cabeça.

Mikki respondeu à deusa e, enquanto falava, sua própria voz tornou-se mais forte e confiante:

— Hécate, Deusa das Encruzilhadas, das Feras e da Lua Negra, lancei teu círculo sagrado e recebi a chance de um novo destino. Estou no limiar entre minha antiga vida e uma nova... — Fez uma pausa, apenas por tempo suficiente para encarar a chama violeta. — Minha escolha é tornar-me tua Empousa!

Quais as duas palavras que a unirão a mim?

A voz sombria da deusa flutuou no meio do círculo sagrado, e Mikki olhou para a chama do espírito. Não fazia ideia de que palavras eram aquelas. O que poderia vinculá-la a Hécate? O que diziam seus instintos?

Não tinha certeza, mas sabia o que seu coração lhe dizia. Havia apenas duas coisas que vinculavam uma pessoa a outra.

— O amor e a confiança.

Então, que assim seja, Empousa. Está ligada a mim através do sangue, do amor e da confiança!

A chama violeta cresceu, quase alcançando a abóbada do templo.

— Benditos sejam os teus pés, que te trouxeram para este caminho! — entoou Aeras. E o espírito do Ar estendeu as mãos na direção da Empousa.

Mikki as segurou, sentindo a onda de energia ao seu redor.

— Bendito seja o teu sexo, fonte de amor e poder! — gritou Floga.

Ela refez o caminho dentro do círculo até o espírito do Fogo. Quando tomou as mãos de Floga, seu poder a preencheu com uma onda de calor.

A voz de Nera a chamou mais adiante:

— Bendito seja o teu peito, e o coração que dentro dele bate! — As mãos do espírito da Água foram como uma vaga de energia fresca que lembrou a Mikki um mergulho em um lago fundo e claro.

A bênção de Gii chamou-a para o topo do círculo.

— Bendita seja a tua boca que entoará os rituais da deusa!

Mikki segurou as mãos do espírito da Terra e sentiu a força de árvores centenárias e campos maduros adentrando seu corpo.

Logo depois, sem precisar ser incitada por nada, exceto por uma inata sensação de dever, ela retomou seu lugar ao lado da chama do espírito e sussurrou:

— Benditos sejam os meus olhos que irão enxergar o novo caminho à minha frente.

A Empousa é minha, e eu sou dela... de corpo, mente e espírito!, a voz poderosa de Hécate fez-se ouvir no templo. *O ritual está completo. Que assim seja!*

Mikki escutou, então, o clamor de uma multidão e, olhando para além do círculo, avistou, surpresa, centenas de mulheres, jovens e velhas, lotando os jardins do santuário, aplaudindo e acenando para ela, entusiasmadas. De repente, elas começaram a entoar uma melodia sem palavras, tambores juntaram-se a suas vozes, e começaram a dançar, descalças e exuberantes, no jardim iluminado por tochas.

Fascinada, Mikki assistiu à exibição. Nos vergéis semiocultos pelas sombras, as mulheres pareciam flores noturnas agitando-se na brisa fresca.

Perguntou-se o porquê de não haver homens ali; contudo, o pensamento foi fugaz e a voz de Gii o banuiu por completo de sua mente.

— Encerre o círculo sagrado, Empousa, e vamos nos juntar às outras para a celebração! — pediu o espírito da Terra.

Antes que ela perguntasse como, a voz macia de Aeras ergueu-se acima do bramido da multidão como uma brisa de verão:

— Caminhe na ordem inversa em torno do círculo. Toque em cada uma de nós e visualize a teia de luz se desfazendo.

Sorrindo, agradecida, Mikki refez seus passos, roçando a mão na cabeça de cada uma das mulheres conforme estas se curvavam em nova reverência à Empousa. Viu a trama de luz se dissolver, que, quando retomou seu lugar no centro do círculo, desapareceu no ar, deixando apenas a chama da deusa queimando no centro do templo.

Gii tomou-lhe uma das mãos; Aeras, a outra; e, ladeada por Terra e Ar, a recém-batizada Sacerdotisa foi levada até a multidão a fim de participar da celebração que lhe fora preparada.

O Guardião a tudo assistiu debaixo de um velho carvalho. A luz do Templo de Hécate o chamara. Quando esta brilhara outra vez no coração do reino, ele se vira atraído até ali, embora seu corpo ainda sofresse com as dores nos músculos e tendões recém-despertados.

Quisera ajoelhar-se ao lado da chama e pedir novamente o perdão da deusa, além da autorização para retomar todos os deveres que tinha para com Hécate quando a confiança entre eles ainda não fora abalada.

Mas antes que se pusesse em movimento, a brisa noturna mudara, trazendo o cheiro *dela*. Suas narinas haviam se inflado e sua pele morena, se arrepiado.

A Sacerdotisa se aproximava. Sabia que era ela por seu aroma: rosas e especiarias, destiladas pelo calor de sua pele macia. Ele o reconhecia porque bebera de seu perfume em seus sonhos e, mesmo acordado, tocara-lhe a pele ao segurá-la nos braços enquanto o poder de Hécate os transportava para o Reino das Rosas.

Fechou os olhos e inclinou-se contra a árvore. Ele a assustara, ainda que não tivesse tido essa intenção. Seu despertar fora abrupto, e a fera dentro dele, que parecia em constante batalha com seu lado humano, estivera demasiado forte, demasiado ansiosa por capturar e possuir.

Lembrando-se da sensação, ele sentiu o corpo tremer e o coração doer dentro do peito. Deveria partir, voltar ao seu refúgio e preparar-se para o dia seguinte. Ficara ausente do Reino das Rosas por tempo demais e já podia afirmar que nem tudo por ali estava como devia ser. Precisava se esforçar, se concentrar. Deveria retomar a guarda do reino, como era seu dever.

E se a deusa fosse misericordiosa, ele também seria autorizado a utilizar todos os seus dons novamente.

Entretanto, permanecera ali. Quando sua aguçada audição detectara as passadas leves da sacerdotisa, ele pronunciara um comando em uma linguagem havia muito tempo esquecida, e as lanternas que pendiam dos galhos da gigantesca árvore tinham se extinguido, mergulhando-o nas sombras. Sob as sobrancelhas grossas, seus olhos expressivos abriram-se a tempo de ver Floga correr para o templo.

Prestara pouca atenção ao espírito do Fogo, porém, ou ao de qualquer das outras servas.

Como uma fascinante sereia, *ela* capturara sua atenção e ele passara a observá-la.

Seu constrangimento era óbvio, assim como o das outras mulheres. Estas estavam habituadas a uma Empousa que se movia com confiança, que conhecia cada ritual da deusa a ponto de realizá-los com tanta naturalidade quanto respirar.

Mas ela era diferente.

As servas tinham sido obrigadas a explicar como ela deveria lançar o círculo sagrado. Ele a vira superar sua hesitação inicial, depois passar de elemento em elemento, chamado o Ar, o Fogo, a Água, a Terra e o Espírito para dentro do templo.

E, a despeito de sua inexperiência, seu poder ficara evidente na trama que se formara para unir o círculo.

E então ela havia dançado...

Ele respirou fundo. Sentira a respiração ficar mais forte, e um grunhido brotara, quase inaudível, de sua garganta. O desejo subira, quente e inexorável, através de seu corpo, em consonância com as batidas de seu coração. Sua visão inumana tornara-se mais aguçada... e amaldiçoada. Por conta desta, ele pudera ver o suor e o rubor na pele nua enquanto ela engendrava uma dança sedutora ao redor do círculo; a naturalidade com que o mamilo do seio exposto se contraía, sedutor...

Tinha virado a enorme cabeça a fim de afastar a tentação e pressionara a testa na casca áspera do carvalho, até que as pontas de seus cornos cor de ébano descansassem contra a árvore. Mas aquela brisa traidora voejara em torno dele, mais uma vez trazendo o perfume de rosas, óleo e especiarias da mulher, somado a seu suor e calor.

Resmungou uma maldição, condenando seus sentidos sobrenaturais. Que a deusa o ajudasse... o desejo ainda ardia dentro dele!

Mas por quê?

Ergueu as mãos, as quais se transformaram em garras afiadas que se cravaram na casca grossa da árvore. Por que, em seu longo cárcere, não conseguira curar aquela vontade absurda?

Tinha ouvido a voz de Hécate entoando as palavras do ritual, ordenando à nova Empousa que se vinculasse a ela.

Amor e confiança.

Ela proferira as palavras, e a noite as tomara e as levava até ele, de maneira que pudera sentir o poder do juramento em sua própria pele.

Por que ela escolhera aquelas duas palavras? Por várias gerações, as Empousas de Hécate tinham escolhido, para se vincular à deusa, termos como: conhecimento, poder, beleza, força, sucesso... E, no entanto, para completar o ritual de autoiniciação, a nova Empousa escolhera “amor e confiança”!

O Guardião mostrou os dentes. O que uma Sacerdotisa conhecia sobre o amor e a confiança? O que qualquer mulher mortal sabia sobre aquelas coisas? Ele havia pressentido quando a multidão aproximara-se do templo, e ordenara que mais sombras o cercassem. As

mulheres do reino não puderam vê-lo enquanto passavam pelo grande carvalho, mas haviam sentido sua presença e desviado os olhos para a escuridão que o encobria, afastando-se, tensas, da gigantesca árvore.

Quando elas gritaram de alegria com a conclusão do ritual e começaram a homenagear a Empousa com música e dança, ele se sentira como uma enorme ilha de tristeza no meio de um oceano de alegria.

E ainda não conseguira parar de olhar para ela.

Naquele momento, a Sacerdotisa fechava o círculo e a chama da deusa mudara de cor, acariciando-lhe a pele nua. Seu corpo o hipnotizou mais uma vez enquanto ela se aproximava de cada um dos elementos para dispensá-los.

Inconscientemente, ele cravou mais as garras na árvore, reduzindo a antiga casca a sulcos profundos.

Em resposta à súbita flexão de seus músculos, uma onda de dor percorreu-lhe os braços e peito.

Sentiu-se agradecido, porém. A dor o fazia lembrar-se de seu banimento e da razão para tanto. Estava enfeitiçado por várias gerações por conta de sua fraqueza.

Quanta ironia! Ele era uma fera. Nenhum mortal poderia igualar-se a ele em termos de força física... e uma fraqueza o tinha levado a faltar com seu dever e trair a si mesmo.

Mas isso não aconteceria de novo. Não permitiria que aquilo acontecesse outra vez!

Sua mente clareou com um novo pensamento. Talvez tudo aquilo — os sonhos dela, seu despertar, e agora a volta daquele desejo insano — fosse parte de um plano da deusa.

Sim...

Ele se endireitou, recolhendo as garras. Fazia sentido. Hécate estava lhe oferecendo a oportunidade de recuperar seu dever sagrado. Estava sendo tentado para que pudesse provar a ela que não iria acontecer de novo.

Nunca mais ele trairia sua deusa e seu reino. Voltaria a exercer as funções que ela lhe atribuía como o Guardião do Reino das Rosas. E quando chegasse a hora do Ritual de Primavera do Beltane, completaria sua missão, levando aquela nova Empousa a conhecer seu destino.

Não sem esforço, o Guardião reprimiu os anseios dentro de si. Não iria ceder a suas fraquezas novamente. Por incontáveis gerações, ele havia protegido o reino mágico de Hécate. Tinha sido sempre vigilante. Fora incansável em sua devoção.

E estivera sozinho, mesmo durante os breves momentos em que imaginara que sua solidão pudesse chegar ao fim.

Lembrou-se da dor de descobrir como estivera errado, e soube que a tristeza daquela rejeição fora maior do que todos os anos de solidão que a haviam precedido.

O que a última Empousa tinha dito era verdade. Ele era uma fera. Uma mulher poderia até se tornar sua amiga, poderia tratá-lo com compaixão, assim como faria com um gato ou

um cão fiel... mas jamais poderia amá-lo verdadeiramente. Pouco importava que a deusa tivesse lhe premiado com o coração e a alma de um homem. Esse coração e essa alma encontravam-se dentro do corpo de um animal. Era seu destino ficar só. E um destino não poderia ser alterado.

Com um último olhar para a nova Empousa, ele se virou.

Dever. Apenas isso deveria guiar sua vida.

Mas parte do meu dever é garantir a segurança da Empousa; ter a certeza de que ela está sendo bem cuidada, o homem dentro dele sussurrou numa tentação.

Será que alguma das servas lembrara-se de que a Sacerdotisa precisava comer e beber após o ritual para se fortalecer? Claro que não.

Parou e olhou, por cima do músculo dilatado do ombro, para onde as mulheres riam e a cercavam. Ela era tão inexperiente que precisara aprender a lançar um círculo. Não fazia ideia de que tinha de se alimentar e beber para repor as forças.

Mais uma vez, ele obrigou-se a desviar o olhar da Empousa. Rosnando um comando, fez com que as trevas o encobrissem ainda mais e traçou um caminho invisível para longe da celebração no templo.

Quando encontrava-se distante da multidão, apertou o passo, cerrando o maxilar contra a dor que lhe irradiava dos músculos das pernas, as quais, até o dia anterior, haviam estado mortas.

É meu dever como Guardiã mandar preparar sua refeição e ter certeza de que ela se alimentará bem.

Sim, aquela era apenas mais uma obrigação.

Seus cascos fendidos, porém, batiam contra o chão macio num ruído abafado que parecia entoar uma só palavra: *mentiroso... mentiroso... mentiroso...*

CAPÍTULO 12

Apenas quando parou de dançar Mikki sentiu voltar a vertigem. *Tantas mulheres!*, pensou, passando a mão pela testa suada e penteando para trás a massa de cabelos desgrenhados.

E cada uma delas tinha uma palavra de boas-vindas para lhe dar, queria dançar em sua companhia ou rir com ela.

Por isso agora encontrava-se ofegante e sentia as pernas fracas. Definitivamente, estava esgotada.

— Empousa? — Nera a fitou, preocupada. — Sente-se bem?

— Só estou cansada. Foi um longo dia.

— Venha comigo. — Gii se pôs a seu lado, firmando seu cotovelo. Começou a conduzi-la em meio à multidão que ainda festejava, rumando para o palácio. — Quer que as outras servas a acompanhem, Empousa? — indagou quando Nera, Floga e Aeras perceberam que elas se afastavam e fizeram uma pausa em sua celebração.

— Não! — Mikki falou depressa, sinalizando para que as moças permanecessem ali. A última coisa que queria agora era ser mimada. Na verdade, um pouco de solidão e algo para beber seria perfeito. — Também não precisa deixar a festa, Gii. Tenho certeza de que posso descobrir o caminho de volta para meu quarto.

— É uma honra acompanhá-la — Gii afirmou. Então sorriu e passou a dispensar as mulheres que insistiam para que Mikki permanecesse na celebração, resgatando a Alta Sacerdotisa da multidão.

Mikki suspirou e resignou-se aos cuidados maternos da serva. O palácio bem iluminado parecia aconchegante e convidativo, e ela ficou incrivelmente feliz em vê-lo avultar-se sobre ela.

Abraçou a si mesma. Agora que não estava dançando, tornara-se consciente do ar frio da noite, bem como da fome que sentia. Quando tinha comido uma refeição de verdade pela última vez? O jantar no Wild Fork havia acontecido na noite anterior? Como funcionava o tempo naquele reino mágico? Não era de admirar que estivesse faminta e se sentisse tão fraca e enjoada...

Subiu a escada de mármore que levava à varanda aos tropeços, até que Gii parou de repente, quase fazendo-a trombar com ela. Surpresa, a serva fitava a linda mesa que fora colocada próxima das portas abertas de seu quarto. Em meio à varanda escura, esta a aguardava sob o círculo de luz projetado por uma tocha. Uma manta espessa fora colocada no encosto da única cadeira de ferro forjado e um par de chinelos descansava estrategicamente no chão ao lado.

E a mesa encontrava-se repleta de alimentos.

— Nossa! Quem fez isto é o meu novo herói!

Ignorando a reticência de Gii, Mikki correu pela sacada escura e enfiou os pés gelados nos chinelos. Então, como boa apreciadora de comida que era, gemeu em voz alta diante da

variedade de pratos a sua frente. Eram inúmeras as iguarias: queijos, azeitonas, fatias finas de carne, pão quente saído do forno.

Antes de se regalar com o banquete como uma esfomeada, porém, lembrou-se de Gii, que continuava de pé, perto da escadaria. Intrigada, percebeu que a serva parecia ter esquecido-se dela. Sua atenção estava concentrada além das sombras, do outro lado da varanda.

Limpou a garganta para chamar a atenção da moça, e esta deu um pulo. E, embora Gii estivesse muito longe para que ela tivesse certeza, Mikki teve a nítida impressão de que a serva parecia quase apavorada quando seus olhos se encontraram.

Sorriu para a moça, perguntando-se o que a estaria incomodando. E se ela tivesse cometido algum tipo de gafe ao correr para a mesa posta sem convidar a serva para se juntar a ela? Certamente não tivera a intenção de ser rude com a pessoa que mais lhe demonstrara dedicação até o momento.

Mesmo preferindo ficar só para comer e relaxar, fez um gesto em direção à mesa.

— Eu sei que há apenas uma cadeira, mas podemos puxar outra do meu quarto até aqui. — Olhou para a mesa já com água na boca. — E há comida mais do que suficiente para nós duas... Por que não janta comigo?

Lançando mais um olhar nervoso para as sombras, Gii sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não, Empousa. Está cansada. É melhor comer à vontade e depois ir dormir. — A serva começou a se afastar. Então, mudando de ideia, virou-se e caminhou apressadamente até ela, a preocupação tornando-se cada vez mais visível no rosto delicado. — Perdoe a minha impertinência, Mikado, mas não posso ficar calada...

— O que foi, Gii?

A jovem serva terminou de cobrir a distância entre elas e ajoelhou-se a seu lado, tomando-lhe as mãos. Embora sua voz não fosse mais do que um sussurro, falou com uma intensidade que exigia toda sua atenção.

— Seu destino e o destino deste reino estão completamente entrelaçados agora. As escolhas que fizer terão muito mais consequências do que imagina.

Embora confusa, Mikki percebeu que a preocupação de Gii era genuína.

— Vou me lembrar disso, Gii. — E, não sabendo mais o que dizer, acrescentou: — Serei cuidadosa, prometo.

Parecendo aliviada, a serva assentiu e apertou suas mãos antes de soltá-las.

— Foi perfeita esta noite, Empousa. Bem-vinda ao Reino das Rosas. — Fez uma reverência profunda e, afastando-se, desceu a escadaria, desaparecendo tão rápida e silenciosamente como se tivesse sido apenas um sonho.

Ela estava sozinha, por fim. O que tinha sido tudo aquilo?

Cansada demais para pensar sobre o comportamento estranho e os conselhos enigmáticos de Gii, Mikki alongou e girou os músculos dos ombros. Seu pescoço, assim como o restante de seu corpo, estava rígido e dolorido. Que diabo havia de errado com ela? Deveria passar

mais tempo na academia. Quem não deveria? Mas não se encontrava em tão má forma que se divertir por cerca de uma hora e pouco pudesse fazê-la sentir-se como uma velha, ou então como alguém que tinha acabado de levar uma surra!

Suas mãos tremiam quando pôs queijo e carne no prato, mas, assim que engoliu alguns pedaços das deliciosas iguarias, começou a sentir-se melhor. Estremeceu e puxou a manta larga do espaldar da cadeira, colocando-a sobre os ombros. Uma vez aquecida, partiu um naco de pão e suspirou, feliz, ao morder o miolo macio, imaginando que este também alimentava-lhe a alma, além do corpo. Um lindo candelabro brilhava a sua frente, tal qual um parceiro silencioso que viera para a mesa apenas para fazer-lhe companhia, e sua luz dançou através da taça de cristal com vinho tinto. Ela a ergueu, admirando a linda rosa gravada em sua superfície e agradecida por alguém já ter lhe deixado o copo cheio, além de uma jarra inteira de vinho. Se havia uma boa ocasião para beber vinho, *muito vinho*, era aquela.

Mikki olhou ao redor, tentando ver algum movimento nas sombras mais ao fundo da varanda, mas o lugar continuava deserto.

Ao levar a taça aos lábios, ela parou, as sobrancelhas unidas. Flutuando no meio do pequeno mar escarlate da bebida havia um botão de rosa, tão vermelho que parecia quase preto.

Que diabo fazia uma flor dentro do copo?

Sem ter certeza de como deveria tirar a rosa do vinho, Mikki olhou para a mesa, depois de novo para a taça de cristal. Deveria puxá-la com os dedos ou usar um garfo?

Talvez uma colher de sobremesa fosse mais adequada?

— E nem posso pedir outra taça — murmurou, pensando que encontrar um botão de rosa no vinho era o final perfeito para um dia no mínimo bizarro. O que poderia dizer? “Ei, garçom, ou melhor, serva, há uma rosa na minha sopa, digo, no meu vinho!”? Balançou a cabeça e riu alto. — Inacreditável!

— Os povos antigos acreditavam que uma taça de vinho não podia ser desfrutada, a menos que houvesse um botão de rosa dentro dela... — Uma voz profunda e poderosa retumbou da área da varanda envolta em sombras, fazendo com que os cabelos em sua nuca se eriçassem. — ... Um hábito ao qual eu aderi.

Mikki pulou e atrapalhou-se com a taça, deixando-a quase cair.

— Perdoe-me por assustá-la, Empousa.

— E-Eu não estava esperando companhia... — Mikki vacilou, tentando enxergar através das sombras. Só havia escuridão, contudo ela não precisou vê-lo. Sabia de quem era aquela voz.

Sentiu o estômago se apertar. Respirou fundo e puxou mais a manta sobre os ombros, subitamente consciente de que não tinha se trocado depois do cerimonial e que continuava muito exposta.

— Pensei que estivesse sozinha — disse, espantada por a própria voz soar tão normal.

— Eu não queria perturbá-la. Vim apenas para me certificar de que iria se alimentar bem após o ritual.

Mikki olhou na direção da voz sem rosto e, ignorando a flor dentro da taça, tomou um longo gole de vinho. Era ele... A estátua. A fera de seus sonhos. A criatura que a espreitara através do roseiral.

Ao contrário de sua voz, suas mãos não puderam lhe esconder as emoções tão facilmente, e ela teve de apertá-las em torno da taça para se impedir de bater o cristal contra os dentes.

Quando ela não respondeu, a fera continuou falando naquela voz áspera e intensa, tão em desacordo com a civilidade de suas palavras:

— Mais uma vez, peço que perdoe minha falta de juízo, Empousa. Eu só quis ver se tudo se encontrava ao seu gosto, para que pudesse se sentir melhor. Não tive a intenção de incomodá-la.

Ela olhou para o espaço escuro de onde a voz se originava.

— Você fez tudo isso?

— Orientei os servos... sim. Deve se lembrar sempre de comer e beber depois de lançar o círculo sagrado ou realizar qualquer ritual. Dessa forma, conseguirá se estabelecer melhor neste mundo. Se não fizer isso, vai se sentir fraco e doente.

Mikki precisou engolir uma risada histérica. Estava conversando sobre regras a ser adotadas após um ritual divino com a estátua viva de uma fera, a qual falava como um professor universitário e com uma voz que poderia pertencer ao Godzilla...

Era uma loucura total.

Tomou outro longo gole da bebida. Desta vez sentiu o perfume do botão de rosa e notou a maneira como este acentuava o aroma do vinho encorpado.

Baixou a taça e observou a mesa posta: toalha de linho, porcelana fina, cristais gravados com o desenho de uma rosa, baixelas repletas de deliciosas iguarias... E, para completar, uma manta quente e chinelos confortáveis.

Ele havia pedido tudo aquilo?

Olhou para o canto da varanda e, em seguida, tornou a desviar o olhar às pressas para servir-se de mais vinho. Seu silêncio a fazia ainda mais nervosa do que sua voz poderosa e inumana. Ele a deixara ou continuava ali, à espreita?

A erótica cena de perseguição de seu sonho brotou-lhe na memória, fazendo suas faces corarem e as palavras saírem altas demais de seus lábios.

— Eu não sabia que precisava me alimentar depois dos rituais... Está tudo delicioso, obrigada.

Mikki quis morder o lábio diante da própria idiotice. Precisava, mesmo, agradecer a ele?

— Não me deve nenhum agradecimento, Empousa. Sou o Guardião deste reino. É meu dever velar pelo bem-estar das pessoas que nele habitam, e isso inclui a Alta Sacerdotisa de Hécate — ele respondeu.

— Ah, bem... — ela murmurou, desajeitada, sem saber o que dizer, mas querendo ser educada. — Ainda assim, muito obrig...

— Não!

Mikki sentiu a força do comando na pele e o sangue de seu rosto, antes corado, se esvair. A garantia de Hécate de que a fera não lhe faria mal algum de repente não pareceu suficiente; ela apertou as mãos nos braços da cadeira e juntou as pernas, pronta para correr para o quarto e se trancar lá. Talvez ele não entrasse no palácio. Ou talvez ela pudesse pedir ajuda e...

— Perdão! Parece que a assustei novamente... Não tive a intenção, eu juro. Acontece que não deve me agradecer por nada. O que eu fiz é parte do meu dever, por isso Hécate me convocou. Compreende?

Ele estava tentando modular a voz para um tom mais suave e menos intimidante, e Mikki reconheceu seu esforço, ainda que ele não estivesse sendo de todo bem-sucedido. Em vez de responder imediatamente, ela soltou os braços da cadeira e, com ambas as mãos, ergueu a taça de vinho aos lábios mais uma vez.

Após ter tomado outro gole da bebida fortificante, tornou a encarar as trevas. Aquilo era ridículo e duas vezes mais assustador, afinal estava falando com uma voz desencarnada e deixando a imaginação preencher todos os detalhes sinistros da aparência da fera.

— Estou tentando entender, mas não é fácil. Muito menos porque não consigo ver com quem estou falando.

Houve uma longa pausa.

E então ele saiu da escuridão.

A taça de cristal escorregou dos dedos dormentes de Mikki e espatifou-se no chão de mármore. A fera fez menção de se aproximar mais e, sofrendo outra súbita descarga de adrenalina, Mikki, pôs-se de pé, derrubando a cadeira no processo.

Ao vê-la pisando os cacos de cristal, ele estacou.

— Cuidado... Pode se cortar mesmo usando os chinelos. — As palavras eram gentis, entretanto a voz que as proferia vibrava, bestial.

Mikki não conseguia respirar e não pôde fazer com que suas cordas vocais trabalhassem. Consequia apenas mirar a criatura.

Ele suspirou, então, e ela reconheceu o ruído familiar, o que lhe permitiu uma exclamação abafada em meio ao pânico.

— Eu não vim lhe fazer nenhum mal. Tem a minha palavra de que não corre nenhum perigo.

Seus lábios estavam gelados e insensíveis, porém Mikki forçou-se a falar.

— Você é mesmo a estátua... A mesma do roseiral.

— Sim — ele assentiu com um gesto da cabeça enorme. — Você me conhece de quando eu me encontrava em seu mundo, sepultado em meio ao mármore... Agora que acordei, retomei minha posição como Guardiã do Reino das Rosas.

Mikki passou a mão trêmula pela testa como se pudesse clarear a mente.

A criatura avançou mais um passo em sua direção; os cascos batiam, assustadoramente, no silêncio da varanda.

— Não! — ela desabafou, o sangue pulsando nos ouvidos. — Fique longe de mim!

Como se para mostrar que não lhe faria nenhum mal, ele levantou a mão imensa.

Mikki fitou-a sem piscar. Apesar do tamanho, esta parecia normal. Contudo, vislumbrara algo como garras afiadas e mortais à luz bruxuleante da tocha.

Ele fechou a mão e deixou-a cair de lado, onde foi envolta pelas sombras.

— Pensei que fosse desmaiar.

— Estou bem — ela replicou. Escolheu o caminho com cuidado em meio aos pedaços de cristal, endireitou a cadeira e permitiu-se afundar nela antes que as pernas cedessem. — Não vou desmaiar. — Obrigou-se a soar tão normal quanto possível. Ele havia prometido que não iria machucá-la. A própria Hécate dissera o mesmo... Até porque, se ele fosse atacá-la, de nada adiantaria desmaiar.

Entrelaçou as mãos, tentando impedi-las de tremer.

— Estou bem, verdade — garantiu, mais para si própria.

— Precisa comer — ele lembrou. — Isso vai fortalecê-la.

Mikki apenas fitou. Como, diabos, poderia comer com aquela fera parada ali?

Ficou surpresa ao ver a compreensão em um rosto tão estranho. E, ao mesmo tempo, reconheceu algo mais. Algo que nublou a voz poderosa como névoa: tristeza.

Ele realmente parecia triste. Ou era apenas sua imaginação?

— Eu deveria deixá-la comer à vontade, mas primeiro permita-me... — Ele se interrompeu e deu um comando em uma voz áspera e ininteligível. Estendeu a mão enorme e, de repente, uma taça de cristal idêntica à que tinha quebrado surgiu no ar. Ele a apanhou no mesmo momento.

Mikki deixou escapar algo entre um soluço e um grito dos lábios.

— Não queria outra taça? — ele perguntou.

Ela conseguiu apenas acenar com um gesto de cabeça quando tudo o que queria dizer era que precisava de um *Valium* para engolir com o vinho.

A fera a observou, atenta, e ela teve a impressão de que sua expressão se atenuara. Porém seu rosto era tão feroz que era difícil dizer.

— Posso levar esta taça até você?

Mikki hesitou, depois assentiu novamente com um movimento rápido e leve de cabeça.

Ele avançou devagar, com uma graça atlética e tão intimidante quanto selvagem; o barulho dos cascos escuros contra o mármore da varanda ecoando no silêncio.

Mikki não conseguiu desviar o olhar um só instante. Quando ele se aproximou, não pôde evitar colar as costas na cadeira onde continuava rígida e imóvel, o coração batendo com força nos ouvidos. Por um momento, pensou que fosse passar por mentirosa e perder os sentidos.

Ele a ampararia se isso acontecesse?

Apenas pensar que ele poderia tocá-la a fez estremecer.

Tão logo aproximou-se do cristal quebrado, ele fez um gesto com a mão e murmurou uma palavra.

Os estilhaços o obedeceram de pronto, voando para longe da varanda em um pequeno tornado de cristal.

Então ele se pôs ao lado da mesa e a luz do candelabro bruxuleou sobre as linhas musculosas de seu corpo. Manteve-se imóvel, como se lhe desse tempo para estudá-lo e habituar-se a proximidade.

A estátua do parque não usava roupas, porém ele se encontrava coberto por uma espécie de couraça preta sobre uma túnica curta. O traje lembrava o que Russell Crowe usara em *Gladiator*, ainda que, se os dois ficassem lado a lado, o Guardião teria feito o ator australiano parecer um menino.

A criatura era enorme, devia ter mais de dois metros de altura. Seu cabelo era negro como uma noite de lua nova e caía, denso, sobre seus ombros maciços. Dois chifres escuros e afilados saíam de sua cabeça, curvando-se para a frente.

E seu rosto...

Mikki prendeu a respiração. O rosto da estátua tinha sido grosseiramente talhado, mas o do Guardião não era uma pedra inacabada. Era másculo, com sobrancelhas grossas e bem desenhadas, linhas bem definidas e um queixo quadrado. Lembrava aquelas imagens antigas estampadas nas moedas estrangeiras ou esculpidas em estátuas de guerreiros mortos havia muito tempo.

A combinação das características clássicas com os chifres e o brilho acentuado dos dentes de um carnívoro, contudo, mostrava que o homem não dominava completamente a fera, a qual parecia tão próxima da superfície.

Seu peito de armas e túnica deixava parte de seu corpo musculoso nu. A pele que cobria seu torso era morena e parecia bronze à luz das velas.

Mikki permitiu-se olhar mais para baixo. Ela sabia o que iria ver, mas, ainda assim, prendeu a respiração, chocada com a realidade. Suas pernas grossas eram cobertas de pelo escuro. Em vez de pés, a luz tremeluzente iluminava cascos fendidos.

Ele era a personificação do poder animalesco e, embora não a ameaçasse, a aura de selvageria que o cercava era quase palpável.

Mikki estremeceu e puxou mais a coberta em torno dos ombros.

— A noite está ficando fria — disse a fera o mais suavemente possível. — Eu devia ter posto seu jantar junto da lareira.

— E-Está bom aqui — ela gaguejou.

— Verdade? Ou está apenas sendo educada?

— Não. Costumo jantar na varanda da minha casa — ela afirmou, sentindo uma ponta

de saudade. Não que sentisse falta de sua antiga vida, mas o apartamento confortável e a vista que costumava ter do Woodward Park seria sempre uma lembrança amarga.

— Então, fico feliz por ter me decidido por servir seu jantar em sua nova varanda, Empousa.

Devagar, ele colocou a taça sobre a mesa e, com um gesto cortês, totalmente contrário a sua aparência bestial, encheu-a com o vinho da jarra. Cada um de seus movimentos foi realizado sem pressa e com uma graça felina.

Como um predador, ela refletiu.

Tão logo a serviu, ele recuou um passo e sinalizou para a taça cheia sobre a mesa.

— Beba. Vai ficar mais calma.

Mikki obedeceu, mal sentindo o gosto do excelente vinho tinto. Sentia-se como se seu corpo estivesse destacado da alma; contudo, a bebida a aqueceu e a ajudou a ancorar os sentidos. Bebeu vários goles, sem se importar se o vinho a deixaria tonta ou confundiria seus pensamentos.

Estes, afinal, já eram mais do que suspeitos.

— Eu sonhei com você. Lá atrás, em seu antigo mundo... em sua antiga casa. Sonhei com você muitas vezes.

As palavras a fizeram pousar a taça com força demais e esta também se quebrou. Mikki ergueu os olhos para os dele. Eles eram amendoados, escuros e profundos.

— Eu sei — respondeu num fio de voz. — Eu também sonhei com você.

— Foi um choque — ele confessou, desviando o olhar para fitar as trevas. — Depois de todos esses incontáveis anos de vazio... — Sacudiu a cabeça e seus cabelos moveram-se suavemente em torno de seus ombros. — Parecia impossível que eu estivesse consciente outra vez. A princípio, eu a sentia, mas não podia vê-la. Apenas sabia da sua presença... — Sua voz soou grave, hipnótica, porém seu rosto permaneceu impassível como se parte dele houvesse transformado-se em pedra mais uma vez. Ele não ousou encará-la. — ... Então os sonhos mudaram. Tornaram-se mais reais. Eu podia vê-la e senti-la. Foi quando me chamou e me despertou por completo. Eu sabia que era a Empousa de Hécate. Somente esta poderia ter me despertado. Meu domínio sobre a magia voltou, e eu a trouxe até aqui.

— Eu pensei que estivesse enlouquecendo — confessou Mikki, desejando que ele a fitasse ou lhe desse alguma pista sobre o que estava sentindo.

Contudo, ele continuou fitando a noite.

— Não, Empousa. Não está louca. Está cumprindo seu destino.

CAPÍTULO 13

— Você sabe que esse não é o meu nome! — ela protestou num desabafo.

Engoliu em seco. Por que, diabos, tinha dito aquilo?

Ele virou a cabeça e a encarou finalmente.

— Claro que não. Empousa é um título de respeito, não um nome.

— Mesmo assim, ainda não soa como se fosse eu. Como tudo, aqui parece estranho... fora de lugar. — Ela reprimiu um suspiro, perguntando-se como podia estar falando com tanta naturalidade com aquela criatura.

— Se não quer que eu a chame de Empousa, então como devo chamá-la?

— Mikki.

Ele franziu a testa larga e, por um momento, ela pensou ver uma ponta de humor nos olhos escuros.

— Mikki? Isso é um nome?

— Não o meu nome de batismo, mas é como todos me chamam.

— E qual é o seu nome?

— Mikado.

— Ah. — Ele balançou a cabeça sorrindo e, à luz das velas, seus dentes afiados reluziram.

— A rosa Mikado. Bem conveniente.

Mikki tomou outro gole de vinho e, conforme um delicioso calor propagou-se por seu corpo, viu-se dominada por uma súbita coragem. Limpou a garganta e falou rapidamente antes que mudasse de ideia:

— Qual é seu nome?

— Eu sou o Guardião das Rosas.

Mikki franziu o cenho.

— Mas como posso chamá-lo?

— Sempre fui chamado de Guardião.

— Guardião? — ela repetiu, em dúvida. — Mas soa como Empousa: um título, não um nome.

— É o que eu sou. Título ou nome, não existe diferença para mim. — Sua expressão mudou de novo e, desta vez, Mikki teve a certeza de ver tristeza nela antes que esta se transformasse em uma máscara indecifrável. Ele era um poço de contradições. Em um instante, tirava-lhe o fôlego de medo; no outro, fazia com que ela sentisse pena dele.

Mikki sentiu a cabeça rodar de leve. Estava mais relaxada. Não tranquila, porém relaxada o suficiente para se permitir mais uma pergunta.

— Estou imaginando você? Isto tudo está acontecendo apenas na minha mente?

— Não. Somos todos reais: você, eu, assim como o Reino das Rosas e a deusa a que ambos servimos.

— Então não estou dormindo e sonhando com isto?

— Não, Mikado. — Ele enunciou seu nome com cuidado. — Não desta vez.

Seus olhos encontraram os dela, escuros e expressivos, como se ele estivesse se recordando do que acontecera em seus sonhos.

— Está bem desperta, assim como eu... finalmente.

— Às vezes meus sonhos pareciam mais reais que o mundo à minha volta.

Devagar, sem tirar os olhos dela, ele aproximou-se e ergueu a mão para tocá-la de leve no rosto.

— Rompeu o feitiço que me sepultava... Terei uma dívida de gratidão para com você por toda a eternidade.

O calor de sua carícia a fez estremecer. Ele deixou cair a mão e se afastou.

— Por que eu? — A voz de Mikki soou áspera, refletindo o misto de medo e fascínio que duelavam dentro dela. — Como posso ter quebrado um feitiço do qual nem tinha conhecimento?

— Você carrega o sangue da Sacerdotisa de Hécate. Nenhuma outra poderia ter rompido o feitiço e me despertado.

— Então despertei você... — Mikki repetiu. — E estou aqui porque precisava ser libertado de um encantamento.

— Não, Empousa — o Guardiã disse com firmeza. E o poder que ela mantivera dominado vibrou entre eles mais uma vez. — Não está aqui por minha causa. Está aqui por causa das rosas.

Mikki encolheu-se inadvertidamente diante da força de sua voz, mais uma vez temendo a monstruosa criatura diante dela.

O Guardiã suspirou. Quando tornou a falar, havia modulado a voz de novo:

— Termine sua refeição sossegada. Se precisar de alguma coisa, basta chamar e suas servas virão atendê-la. Boa noite. — Ele se curvou, respeitoso, depois se virou e desapareceu nas sombras de onde tinha vindo.

Quando Mikki teve a certeza de que ele fora embora, soltou as mãos apertadas e enxugou o rosto.

Calma... Respire. Deixou as palavras instalarem-se em seu corpo.

E, em vez de pegar a taça de vinho, começou a comer carne e queijo devagar. Precisava pensar com clareza. Alimentar-se a fez se sentir mais normal, e ela o fez, permitindo que o simples ato de reabastecer o próprio corpo rejuvenescesse-lhe a mente. Não bebeu mais nem pensou sobre a conversa impossível que acabara de ter até ter aplacado a fome e a sensação de tontura, desaparecido.

Fez uma pausa no jantar e tomou um gole do vinho. Os alimentos haviam tido o efeito que ele prometera. Sentia-se satisfeita e normal novamente; se é que pudesse usar a palavra “normal” para se referir a qualquer coisa que estava experimentando naquele mundo de

fantasia.

A criatura... Como algo tão terrível e poderoso podia caminhar e falar como um homem? Quando era estátua ela sempre pensara nele mais como homem do que como um animal. Mas vê-lo vivo e ouvi-lo falar a fizera compreender muito bem que ele não era, nem poderia ser, apenas um homem.

Não está aqui por minha causa. Está aqui por causa das rosas.

As palavras ainda pareciam ecoar na varanda vazia, acusando e zombando dela. Lembrou-se da tristeza que lhe sombreara o rosto. As bestas sentiam tristeza? Um animal teria posto uma mesa suntuosa para uma mulher e, em seguida, deixado um botão de rosa em seu vinho? Poderia entrar nos sonhos e fantasias de uma mulher?

E por que uma fera tocara seu rosto com tanta doçura?

Ele não era, nem poderia ser, qualquer animal.

Mikki tentou concentrar-se em coisas que ele dissera. Ele não era um sonho. Não era uma alucinação. Tinha sido tudo muito real.

Está aqui por causa das rosas, havia dito, assim como Hécate.

Mas o que aquilo significava?

— Amanhã — disse em voz alta. — Amanhã eu vou descobrir tudo.

Bebeu um último gole do vinho e, com um gemido de protesto devido aos músculos rígidos, arrastou-se da varanda para o quarto.

Enquanto estivera ocupada, conversando com uma estátua viva, alguém apagara os candelabros, deixando apenas um deles aceso. O fogo fora amainado, contudo o quarto continuava agradavelmente quente após o frescor da noite. As roupas de cama espessas tinham sido puxadas para ela e uma camisola, muito parecida com a que ela usara na noite anterior, fora disposta ao pé da cama.

Antes de se trocar, Mikki fechou as portas para a varanda, nervosa, e puxou as grossas cortinas de veludo. Então livrou-se do escasso vestido do ritual e, agradecida, vestiu a camisola macia.

Enquanto enfiava-se em meio aos acolchoados, pensou como gostaria de mergulhar o corpo rígido em uma banheira com água quente.

Suspirou. Poderia apostar que, na manhã seguinte, estaria um *trapo*.

Sentiu as pálpebras pesadas. Era impossível mantê-las abertas.

Seu pensamento final, antes que mergulhasse no sono, foi se perguntar se ele a visitaria em seus sonhos naquela noite...

Em seu covil, o Guardião andava de um lado para o outro. Devia estar satisfeito... Poderia estar comemorando sua libertação. Por fim, depois de todos aqueles anos de silêncio e imobilidade, vivia e respirava.

E *ela* estava ali. Pouco importava que fosse inexperiente ou que tivesse vindo do mundo comum, onde ele ficara sepultado por muitos séculos. Ela contava com a bênção de Hécate.

Mikado era a nova Empousa. As coisas no Reino das Rosas, mais uma vez, voltariam ao normal.

Lembrou-se do medo em seus olhos quando ele saíra das sombras, mas então esse medo tinha mudado e sido temperado com fascínio, embora seu poder a intimidasse. Sabia como ela estava se sentindo. Fora seu próprio fascínio por ela que o havia despertado. Ele já a conhecera antes, da ocasião em que ela invadira sua mente até mesmo dentro do mármore. Não quisera admitir isso nem para si mesmo. Mas agora que ele a vira, conversara com ela, sentira seu perfume e tocara o calor de sua pele... não poderia mais se iludir. Seu desejo por ela era como o ar que o preenchia e sustentava. Sentia-se vivo apenas quando ele a *respirava*.

— Por quê? — resmungou enquanto andava.

Um teste. Era a única resposta. Hécate lhe dera esse encargo para suportar e, por todos os Titãs, ele iria fazê-lo!

A primavera chegava cedo ao Reino das Rosas. Certamente a deusa o aliviaria de sua agonia até lá e, então, ele poderia voltar para o isolamento, que sempre fora seu inimigo menos cruel. Até lá iria manter-se ocupado com os próprios deveres, os quais, admoestou a si mesmo, não incluíam observar a Empousa comer. Aquilo fora mais uma mentira que seu sedicioso desejo transformara em uma verdade temporária. Não precisava ter ficado e assistido, tampouco precisara falar com ela. O ritual a deixara faminta e sedenta, porém seu corpo teria exigido cuidados, naturalmente. Até mesmo os espíritos dos Elementos teriam eventualmente explicado um conceito tão básico à inexperiente Sacerdotisa.

Ele não deveria se iludir. Ficar longe dela era a escolha mais sábia, e isso seria fácil. Não tinha necessidade de vê-la para saber quando ela estava perto. Conhecia seu cheiro.

Cerrou os punhos e reprimiu a vontade de socá-los contra as paredes lisas da caverna. O cheiro dela iria avisá-lo de sua proximidade, assim como o sol brilhando em seus fartos cabelos cor de cobre.

Havia tocado aqueles cabelos em seus sonhos. Tinha deslizado as mãos por sua pele lisa, deleitando-se com sua suavidade.

E ela o havia tocado de volta, acariciando seu corpo como se eles fossem amantes. Ele vira a lembrança daquele toque em sua expressão. Tivera vontade de reagir, exatamente como desejara reagir ao corpo dela quando este estremecera sob o dele no último sonho...

— *Não!* — gritou, inconformado. Não podia permitir que aquilo acontecesse de novo. Agora tinha uma chance de endireitar seus erros passados. Não deveria amá-la. Não poderia. E desta vez não se enganaria, acreditando que existia alguma chance de ela amá-lo de volta, embora, na realidade, seus sentimentos pouco importassem.

Ela era Empousa de Hécate, portanto, deveria morrer.

Afundou na cama de peles em que dormia e afundou o rosto nas mãos. Queria chorar, mas sentia-se vazio de tudo, exceto de dor e desespero. Não obteria conforto nas lágrimas.

— Sente por eu ter permitido que ela o despertasse?

O Guardião virou a cabeça e deparou com sua deusa trajando toda sua indumentária: o penteadado de estrelas, envolta no véu da noite, com a tocha acesa na mão e a outra repousando sobre a cabeça de um dos gigantescos cães.

Numa súplica, caiu de joelhos diante dela, com a cabeça tão baixa que seus chifres tocaram o solo a seus pés.

— Grande deusa! Alegro-me por estar em sua presença mais uma vez.

— Levante-se, Guardião — ordenou Hécate.

— Não posso, Senhora. Não até que me perdoe pelo meu crime.

— Não cometeu crime algum. Apenas sucumbiu à humanidade que depusitei em você. Foi um equívoco castigá-lo de modo tão severo por uma fraqueza com que eu mesma o contemplei.

Os ombros largos estremeceram com o esforço que ele precisou fazer para manter as emoções sob controle.

— Então peço que perdoe a minha fraqueza, grande deusa!

Hécate curvou-se para tocá-lo na cabeça.

— Eu já demonstrei meu perdão quando permiti que minha nova Empousa o despertasse. Agora levante-se, Guardião.

Devagar, ele obedeceu.

— Obrigado, Senhora. Não vou decepcioná-la outra vez.

— Eu sei disso. Mas não vamos falar de um passado que está morto. Você finalmente voltou para mim. Meu reino sentiu muito sua ausência, assim como eu.

— Estou preparado para retomar minhas funções, Senhora, se isso for de sua vontade.

— Claro que é. — Hécate passou a mão pelo ar, reunindo um poder invisível, até que esta brilhou. Em seguida, num movimento rápido, arremessou a luz brilhante sobre ele.

— Tenho a honra de devolver-lhe os domínios sobre as tramas da realidade.

O Guardião tornou a baixar a cabeça conforme o poder mágico reassentava em seu corpo, preenchendo-o com seu calor familiar. Quando foi capaz, encontrou os olhos cinzentos de sua deusa.

— Obrigado, Hécate.

— Não precisa me agradecer. Estou devolvendo o que é seu. Durante todo o tempo em que estive fora, as servas nunca pegaram seu jeito... Nem mesmo atuando como os Quatro Elementos foram capazes de costurar a realidade aos sonhos mortais como sempre fez.

— Estou ansioso por começar de novo, minha deusa.

— Eu não esperaria menos de você. Mas, esta noite, ordeno que descanse. Pode começar amanhã.

— Sim, grande deusa — ele concordou e abaixou a cabeça novamente, esperando que ela desaparecesse como sempre fazia: em uma chuva de estrelas.

Quando Hécate não o fez, ergueu o olhar, curioso diante de sua hesitação.

— Senhora?

— Como sabe, minha Empousa voltou.

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Ela... — Hécate fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. — Ela não é como as outras Empousa. É do mundo comum. Este reino lhe é estranho e novo.

— E ela é mais velha do que as outras Sacerdotisas — ele lembrou.

O olhar de Hécate o fez praguejar em silêncio por sua ousadia.

— Tem razão. E também é verdade que ela não conhece as tarefas de uma Sacerdotisa. Mantenha-se atento ao que ela faz, Guardião. Mikado tem muito a aprender e muito pouco tempo para fazê-lo. O dia de Beltane já está chegando.

Ele abaixou a cabeça.

— Farei sua vontade, Senhora.

Os olhos cinzentos e penetrantes de Hécate o fitaram.

— Desta vez, tomei providências para que não se sinta tentado a errar. Com o retorno de seu poder sobre as tramas da realidade, também lhe dei um... — ela fez uma pausa e curvou os lábios em um sorriso de lado — ... digamos, seu próprio fio de realidade. Sei que seu corpo ardia pela minha última Empousa e que ela usou esse desejo contra você quando buscou o impossível. Então, nunca mais se verá tentado a trair a si mesmo por conta da luxúria de novo. Saiba que agora será impossível consumir seu desejo por uma mulher, a menos que esta o ame e o aceite como a fera que é, assim como o homem que se esconde dentro da criatura. Portanto, estará a salvo de seus sonhos impossíveis. Compreende, Guardião?

Dominado pela vergonha, ele abaixou a cabeça novamente.

— Sim, grande deusa.

A voz dela suavizou:

— Não faço isso por crueldade. Faço para protegê-lo, assim como meu reino. Afinal, que mulher mortal poderia amar uma fera de verdade?

Sem esperar por qualquer resposta dele, Hécate levantou a tocha e desapareceu em um turbilhão de luz, deixando seu Guardião como ele estivera antes: sozinho e cheio de desespero.

CAPÍTULO 14

Ao contrário da primeira vez, Mikki não se viu confusa ou com aquela estranha sensação de deslocamento quando despertou. Sabia exatamente onde estava. Abriu os olhos para a luz alegre da manhã que brilhava tal qual uma onda dourada através da parede de vidraças. Alguém tinha aberto as cortinas e ela percebeu que a mesa onde havia jantado na noite anterior fora repostada com um farto café da manhã.

Aquilo era obra *dele*? Estaria lá fora, esperando para observá-la mais uma vez?

Mikki sentiu o estômago apertar-se ao perguntar-se como seria vê-lo em plena luz do dia. Na noite anterior, ele se mesclara à escuridão como um bicho-papão... *Ou*, sua imaginação murmurou, traíçoeira, *como um amante proibido*.

— Contenha-se! — Mikki sentou-se, sacudindo a cabeça como se o movimento pudesse lhe clarear os ridículos pensamentos, e, mais uma vez, foi surpreendida pela beleza do quarto que agora era seu.

Afastando o Guardiã dos pensamentos, ela quis saltar da cama e correr para a maravilhosa varanda, como qualquer um que possuía a sorte de viver em um lugar incrível como aquele teria feito... contudo, só conseguiu mancar para fora da cama e soltar um gemido ao endireitar o corpo.

Caramba, como estava dolorida!, pensou, mancando até as portas da sacada. Quando as virgens a tinham conhecido, haviam dito claramente que ela era velha demais para ser Empousa. Talvez porque só mesmo uma adolescente para resistir às consequências de se lançar um círculo e depois ficar dançando o restante da noite acompanhada por um bando de mulheres...

Agora até mesmo seus cabelos pareciam doer.

Cheirou a si mesma. Precisava de um banho. De preferência um quente e bem longo.

Abriu as portas da varanda e foi recebida por uma brisa fresca com perfume de rosas, desviando sua atenção da refeição que a esperava, de seus músculos doloridos e do misterioso Guardiã, e incitando-a a atravessar a ampla sacada a fim de mirar os vastos jardins.

Mikki ficou extasiada. O espaço que estendia-se diante dela era preenchido por fileiras e fileiras de canteiros de rosas, as quais cintilavam em nuvens coloridas sobre o céu esverdeado de seus ramos. Vários caminhos formavam labirintos de mármore branco em torno dos jardins, ligando-os a árvores e arbustos, além de uma ou outra fonte. Dali podia ver o mármore cor de creme do teto abobadado do Templo de Hécate, e o reflexo dançante do sol que vinha da enorme fonte central próxima deste. Era tudo tão lindo que enfraqueceu a descrença e o cinismo, os quais ela levava como escudo desde muito moça. Poderia ser feliz ali... Poderia pertencer àquele lugar.

— Você escolhe, Empousa.

Desta vez, a presença de Hécate não a assustou. O fato de a deusa materializar-se a seu

lado era apenas um reforço para o milagre que descortinava-se a sua frente.

— Eu pertenço a este lugar — afirmou Mikki, sem desviar o olhar dos jardins.

— Sim, este é seu destino. — A deusa pareceu satisfeita com sua afirmação.

Mikki virou-se para Hécate e viu-se invadida pela surpresa. Na noite anterior, a divindade parecera ter entre trinta e cinquenta e poucos anos.

Naquela manhã, Hécate usava o mesmo traje escuro e brilhante, o mesmo penteado cheio de estrelas. Os cães gigantesco continuavam a seus pés, como tinham estado antes... Mas a deusa havia rejuvenescido décadas. Tinha o rosto cheio de frescor, o corpo jovem de uma adolescente e a face lisa tocada por um leve rubor cor de pêssego.

Hécate ergueu as sobrancelhas arqueadas.

— Não reconhece sua deusa, Empousa?

Mikki engoliu em seco. Ela podia parecer uma adolescente, mas não perdera sua aura de poder.

— Não é que eu não a reconheça, mas... está me parecendo tão jovem!

— Isso porque, das minhas três formas, escolhi a Virgem hoje. Mas não se engane pela minha fachada da juventude. Já deve saber que o exterior de uma mulher não define o que ela tem por dentro.

— Pode não defini-la por dentro, mas com certeza a afeta. Sou madura o suficiente para saber disso — afirmou Mikki sem preâmbulos.

Então, horrorizada com o tom brusco que adotara, acrescentou depressa:

— Não tive a intenção de desrespeitá-la.

Os olhos cinzentos e inteligentes da deusa pareceram sábios demais para seu rosto jovem.

— Não considero desrespeito uma Empousa falar honestamente comigo, Mikado. E está certa. Muitas vezes, somos julgadas por nosso exterior; sobretudo em seu antigo mundo, que há muito esqueceu-se das lições das deusas. — Hécate deu de ombros. — Mesmo em meu reino, onde a aparência de uma mulher não deveria servir como base para seu julgamento, minhas filhas muitas vezes esquecem-se das lições da deusa de três caras. — Os olhos sábios e cinzentos de Hécate brilharam. — Por exemplo, alguns diriam que uma Empousa da sua idade é muito velha para assumir o papel de minha Alta Sacerdotisa. Não em minha presença, mas, sem dúvida, diriam... Como responderia a tal impertinência, Mikado?

Mikki ignorou a tensão nas costas e nos músculos doloridos, e sustentou o olhar da deusa com firmeza.

— Eu diria que posso ser mais velha, mas isso significa apenas que vivi mais... Então sugeriria que cuidassem de suas jovens vidas. Idade e experiência normalmente triunfam sobre a juventude e a exuberância.

Hécate riu e, quando o fez, sua aparência mudou outra vez para a bela mulher de meia-idade que Mikki vira na noite anterior.

— Vou contar-lhe um segredo, minha Empousa. Das três, esta é a forma que eu prefiro.

A juventude é muitas vezes desprezada.

— Principalmente pelos jovens — Mikki concordou.

Sorriram uma para a outra e, por um momento, não eram uma deusa e uma mortal. Eram apenas duas mulheres em perfeita sintonia.

Depois de um breve silêncio, Hécate manifestou-se outra vez.

— Imagino que isso tudo lhe pareça bastante incomum. — Fez um gesto, abrangendo os jardins e o palácio.

Incentivada pela acessibilidade da deusa, Mikki deu um sorriso de lado.

— É estranho, incomum e irresistível. Sinto-me atraída demais por tudo o que há aqui. — Apressou-se em continuar, não querendo que Hécate se lembrasse de incluir naquilo seu visitante da noite anterior. — Quando lancei o círculo e realizei o ritual de iniciação, eu me senti mais bonita e poderosa do que em toda minha vida.

Hécate assentiu.

— O sangue de minha Empousa corre em suas veias, Mikado. Jamais poderia sentir que pertencia ao mundo comum. Parte de você ansiava retomar seu lugar em meu reino. Suspeito de que mesmo sua mãe, e as mães antes dela, passaram por esse desconforto.

Mikki pensou na mãe, lembrando-se de como ela sempre preferira ficar sozinha, ou passar o tempo trabalhando em seu jardim, com suas rosas, a se socializar. De como esta não parecia nem mesmo sentir a falta do marido. Quando ela, Mikki, perguntava sobre o pai, a mãe dizia apenas que ela fora resultado de uma indulgência de sua juventude, mas que sempre seria grata a ele por ter lhe dado seu bem mais precioso: uma filha.

Sua avó também não fora uma mulher de muitos amigos, exceto a própria filha e a neta. Raramente falava de seu avô. Apenas sorria e dizia que eles haviam tido pontos de vista diferentes sobre o casamento: que ele o aproveitara, mas ela não. Os homens não tinham sido muito importantes na vida de nenhuma delas.

Não que elas não tivessem sido dedicadas aos maridos. Haviam sido, sim. E ela sentia muita falta delas.

Sua avó morrera de um inesperado ataque do coração cinco anos antes, e um câncer de mama levava sua mãe quatro anos depois.

Mikki pensava em ambas como belas e atemporais, como se tivessem saído de um dos contos de fadas que a mãe costumava ler para ela quando era menina. Ambas tinham sido de outro mundo...

— Elas estão em paz agora, Mikado. Mesmo deixando o mundo comum, partindo para as fronteiras de minhas encruzilhadas, suas almas foram capazes de descobrir o paraíso dos Campos Elísios e, finalmente, seu verdadeiro destino. Não precisa chorar por elas.

Mikki ergueu a mão para o rosto, surpreendendo-se ao sentir lágrimas.

Olhou para Hécate.

— Elas também pertenciam a este mundo. Por isso não se encaixavam muito bem no

mundo comum.

— Parte delas pertencia a meu reino, mas a magia em seu sangue não era tão forte quanto a magia dentro de você. Se fosse, elas teriam despertado o Guardião e retornado.

Mikki enxugou o rosto.

— O Guardião... Eu o conheci na noite passada.

A deusa inclinou a cabeça, estudando sua Sacerdotisa.

— E qual foi sua reação?

— Fiquei assustada — ela confessou. Depois acrescentou, devagar: — Ele me deixou triste.

— Triste? — Hécate ergueu as sobrancelhas escuras.

Mikki moveu os ombros, inquieta.

— Não sei... Ele me pareceu tão sozinho.

— Não há nenhuma outra criatura como ele; então ele é sozinho por natureza. Eras atrás, quando assumi o domínio sobre este reino, precisava de um protetor para vigiá-lo. Este é o reino do qual todos os sonhos e a magia se originam, e ele precisa ser guardado. Por isso invoquei uma grande fera da antiguidade: o filho imortal de um Titã. Embora eu seja a Deusa das Feras, não detenho pleno domínio sobre elas. Mesmo eu não poderia obrigar uma delas a me servir. A criatura que conheceu na noite passada comprometeu-se voluntariamente comigo. Ele aceitou um fardo eterno que não era seu. Eu o premiei com alguns poderes que são exclusivos para este reino; contudo, o Guardião tem sua própria magia: ele une as tramas da realidade com as deste reino.

— Ele sempre foi como é agora?

O olhar penetrante de Hécate pareceu entrar dentro dela.

— O Guardião nunca foi um homem, e jamais o será. Não cometa o erro de acreditar no contrário.

Com muito esforço Mikki não se retesou diante da raiva da deusa. Mudou a linha de seu interrogatório depressa.

— Ele é chamado de “o Guardião”, e você afirmou que ele é necessário para proteger o reino. Contra o que *ele* precisa de proteção?

— Contra os Ladrões de Sonhos e aqueles que desejam possuir sua magia. Sonhos e Magia pertencem a toda a humanidade, mesmo àqueles que vivem no mundo comum. Ninguém tem o direito de roubar tais coisas para si mesmo.

Mikki não compreendeu o que a deusa estava falando. E estava cansada de soar como uma idiota. Como havia deixado claro para Hécate, era madura o suficiente para descobrir as coisas por si mesma.

Por isso iria manter os olhos bem abertos e aprender. E também não iria mais fazer tantas perguntas sobre o Guardião. Era óbvio que aquilo provocava a ira da deusa... E uma deusa irada não podia ser coisa boa.

Mas ainda existia uma pergunta que precisava fazer:

— Onde as rosas se encaixam nisso tudo?

Hécate sorriu enquanto contemplava a imensidão colorida das flores.

— As rosas são a beleza, e a beleza está no centro de todos os sonhos e magia. São sua base, seu apoio. Sem beleza, a mente não pode ir além do corpóreo para alcançar o etéreo.

Mikki arqueou uma sobrancelha enquanto franzia o cenho. A deusa não acabara de dizer que o exterior não definia o interior? Agora dizia que a beleza era tudo.

Hécate riu baixinho.

— Há mais de um tipo de beleza, Empousa.

Mikki respondeu a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Não diria isso se conhecesse o gosto da maioria dos homens do meu mundo.

— Por que soa tão cínica? Seu corpo e rosto são muito agradáveis, Mikado.

— Agradáveis. Apenas isso. Até me considero bonita. Tenho cabelos lindos, seios fartos e pernas bem torneadas. E isso é tudo o que os homens veem. Nenhum deles preocupa-se em me olhar mais a fundo.

Sua consciência lembrou-a de que ela não dera muitas oportunidades a qualquer homem de olhá-la mais a fundo, de descobrir seus segredos... E essa verdade só a fez ainda mais cínica.

— Acho que poderá ensinar muita coisa neste reino, Mikado. E há muito que ele também poderá ensinar-lhe em troca. Será uma aventura para você, assim como seu destino.

Mikki suspirou. Estava ali havia apenas um dia, e já estava farta de tantos mistérios.

— Estou aqui por causa das rosas — falou, imitando as palavras do Guardião.

— Está. Elas são o alicerce sobre o qual os sonhos e a magia são construídos, bem como a fronteira entre dois mundos.

— Fronteira entre dois mundos? Literalmente?

— Sim, Empousa. As rosas povoam este reino, e a força de sua beleza dá vida aos sonhos e à magia. Sua energia também delimita as fronteiras do meu reino. — Hécate apontou para os jardins e fez um gesto abrangente. — Os limites dos jardins são traçados por uma imensa muralha formada por rosas. Além dessa muralha, existe uma vasta floresta, uma espécie de submundo, que é a encruzilhada entre a realidade e a magia. Em um lado da floresta descansa o mundo antigo, onde os deuses e deusas ainda são venerados. Do outro, poderá encontrar seu antigo mundo: o mundo comum. A muralha das rosas é o que define os limites entre esse mundo e o nosso. Cuide da saúde das rosas e, em troca, tudo em meu reino irá prosperar. Se as rosas adoecerem, meu reino perecerá com elas. O Reino das Rosas passou muito tempo sem sua Empousa. As flores precisam de sua atenção, e você tem outras funções também... É a Alta Sacerdotisa da Magia e, como tal, terá de dar conselhos e realizar rituais para o povo. Seja sábia, Mikado, de modo que deve agir como uma encarnação minha. Quando falar, meu poder irá responder.

Mikki sentiu o sangue do rosto se esvaír.

— Mas, Hécate, não sei nada sobre feitiços, magias e rituais!

A expressão serena da deusa manteve-se inalterada.

— Sua mente não sabe, mas seu espírito sim. Olhe para dentro de si mesma, como fez na noite passada, e irá descobrir o que procura. Não importa como as coisas sejam na superfície; siga seus instintos. Eles não o abandonarão. E use sua experiência, Mikado. Creio que vou gostar de ter uma Empousa mais velha...

— Então, basta eu confiar em meus instintos?

— Em resumo, sim — afirmou Hécate. — Suas servas estão aqui para ajudá-la mas lembre-se: só você é minha Sacerdotisa. Elas personificam os Elementos sobre os quais eu lhe dei domínio. Integre-os se quiser. Use seus poderes se precisar. Assim como as servas, o Guardião também está à sua disposição. Ele é uma criatura mágica, cujos poderes foram destinados a proteger o Reino das Rosas. Se houver qualquer problema aqui, não hesite em invocá-lo.

Mikki sentiu um arrepio de emoção à menção do Guardião.

— Mas, se eu achar que o reino está em perigo, não deveria invocar a você? — indagou, em dúvida.

— Meus deveres são inúmeros! Não terei tempo de responder a suas invocações como se eu fosse uma mera serva!

Mikki deu um passo involuntário para trás, surpresa com a súbita explosão de Hécate.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Eu...

A deusa dispensou a desculpa com um gesto.

— Eu me esqueci de que não tem experiência como Empousa. Sou a deusa suprema do Reino das Rosas, mas a você e ao Guardião foi dada a tarefa de protegê-lo. Eu gostaria de passar mais tempo aqui, porém minhas obrigações não me permitem esse luxo. — Hécate a estudou com cuidado. — Não deve temer o Guardião. Eu já lhe disse que ele não lhe fará mal algum.

— Eu sei. — Mikki mordeu o lábio. Evitando os olhos da deusa, ela mirou os jardins. — É que nunca imaginei alguém como ele antes.

— É mesmo? — A voz de Hécate soou suave. — Mas não me contou que passou muito de seu tempo cuidando das rosas dos jardins em que ele dormia na forma de uma estátua?

— Sim. — Mikki assentiu com um gesto de cabeça.

— Então como ele pode ser tão diferente do que imaginou? — indagou Hécate com naturalidade.

— Quando coloca dessa forma... — As palavras de Mikki foram sumindo conforme ela se virava para a deusa.

— Não há outra forma de se colocar — replicou de pronto. — Ele ficou em silêncio, observando-a cuidar de suas rosas na ocasião, e fará o mesmo agora, só que não mais em

silêncio. Tente esquecer que ele é uma fera. Pense nele apenas como o Guardião que é. — E sem dar tempo a Mikki de responder, Hécate continuou: — Muito bem... Vou deixá-la agora. Faça seu desjejum e depois chame as servas para que elas a ajudem a se vestir antes que inicie suas tarefas do dia. Essas rosas já passaram tempo demais sem o toque de um Empousa. Elas necessitam de seus cuidados. Lembre-se: siga seus instintos, Mikado. Permita que seu espírito e o conhecimento intrínseco a seu sangue a guiem, e tudo dará certo.

A deusa levantou a mão e, numa chuva de faíscas coloridas, ela e os cachorros desapareceram.

Balançando a cabeça, Mikki caminhou para a mesa repleta de frutas, pão e queijos.

— Seria bem mais fácil se eu fosse mesmo louca — murmurou.

E, servindo-se do chá de rosas perfumado e fumegante, desejou ter uma aspirina e uma pomada anti-inflamatória.

CAPÍTULO 15

A comida estava deliciosa, principalmente o queijo, e Mikki deu conta do último pedaço de queijo branco cremoso que espalhara sobre uma fatia de pão. Tinha paixão por queijos havia anos — seu traseiro avantajado era uma prova disso — e os que tinham escolhido para seu café da manhã eram ainda mais extraordinários do que os do banquete da noite anterior.

O Guardião sabia do que ela mais gostava? Será que, assim como Hécate, ele conseguia enxergar seus gostos e medos? Teria descoberto suas comidas favoritas em seu subconsciente? Se tivesse, então também saberia que ela estava pensando nele... e que continuava intrigada, bem como intimidada pela ideia de vê-lo novamente.

Estou aqui por causa das rosas!

Deu um pulo, sentindo-se culpada. Ele era uma fera. Uma criatura de um mundo estranho que jurara guardar o reino de Hécate. Era evidente que alguma coisa dera errado para ele acabar como uma estátua em Tulsa.

O que havia feito?

Fosse o que fosse, ela apostava que ele não faria de novo.

Mikki suspirou. Havia tantos mistérios e perguntas sem resposta ali que já estava enlouquecendo.

Pare com isso! Balançou a cabeça e tomou um último gole de chá. Precisava dar um passo de cada vez e descobrir as coisas conforme elas se apresentavam. Precisava apenas pensar naquilo tudo como um novo emprego. Podia ser assustador ter que aprender tantos novos procedimentos, mas não era impossível.

Mas e quanto ao Guardião?

Deveria pensar nele como em qualquer outro segurança, concluiu.

Por um momento, a imagem do guarda-noturno do Roseiral de Tulsa, Mel, veio-lhe à mente. Ele era baixinho, gordo e muito pálido. Na verdade, lembrava um Papai Noel careca. Mel não poderia ser mais diferente do que a magnífica criatura que, de pedra, transformara-se em carne e osso...

Seus lábios curvaram-se num sorriso com a comparação. O Guardião e Mel? Só mesmo estando louca para encontrar alguma similaridade entre aqueles dois.

Mikki mordeu o lábio, tensa. Não sabia como lidar com aquela criatura, com as rosas, com a magia...

Antes que ficasse estressada mais uma vez, levantou-se e espreguiçou-se com cuidado na tentativa de aliviar a tensão nos músculos. Sentia-se muito melhor.

Fez o caminho de volta para o quarto, então. Precisava partir logo para o trabalho e manter-se ocupada. Isso ajudaria seus músculos a se soltar e seu cérebro a não ficar tão obcecado por chifres e cascos.

E estava ansiosa por ver as rosas. Suas rosas. Hécate tinha dito que ela era responsável por

cuidar delas, que aquele era seu destino. Não era mais apenas outra voluntária que sonhava em ter seus próprios jardins.

Olhou ao redor, ansiosa. Hécate havia dito que chamasse as servas para ajudá-la a se vestir. Isso significava que existia algum tipo de campainha ou sineta no quarto? Não era assim que as coisas funcionavam nos palácios de antigamente?

Aquela, entretanto, não era uma cena de filme com castelos e tal. Era um reino de mitos e magia, algo para o qual sua experiência de vida não a preparara.

— Talvez eu tenha que chamar uma coruja mensageira como em Hogwarts — murmurou para si mesma. — Agora já está sendo ridícula... — Mikki levou as mãos aos quadris. — Não pode ser tão difícil. Hécate disse para eu chamar as servas, então é isso o que eu vou fazer.

Na verdade, iria chamar Gii. Tinha mais afinidade com ela e, sendo honesta, as quatro moças ao mesmo tempo seriam mais do que ela poderia lidar no momento.

Limpou a garganta.

— Gii? — chamou timidamente, e depois um pouco mais alto: — Gii, poderia vir aqui, por favor? Preciso de sua ajuda!

Mas nada de a serva se materializar. Nada de passinhos apressados pela varanda.

— Está bem, deve haver outra maneira de fazer isso...

Mikki andou de um lado para o outro enquanto pensava. Precisava invocar as servas, concluiu, estacando. Afinal, elas eram a personificação de seus elementos. Não havia invocado cada um deles para o círculo, na noite anterior? Talvez devesse fazer algo parecido agora.

Fechou os olhos e pensou em Gii, no elemento Terra. Na noite anterior, sua presença fora precedida por um aroma que lembrava a fertilidade da terra e da colheita, a doçura do feno recém-cortado, a maturação dos frutos e bagas. Quase pudera sentir a riqueza de uma terra verdejante.

— Gii — chamou baixinho. — Venha até mim!

Quase de imediato, duas rápidas batidas soaram na porta, e ela abriu os olhos a tempo de vê-la abrir-se para o quarto suntuoso, proporcionando-lhe apenas um vislumbre de um corredor largo e claro, conforme Gii entrava correndo. Nos braços, a serva trazia metros e metros de tecidos âmbar, creme e dourado.

— Bom dia, Empousa! — Gii fez uma reverência graciosa.

— Eu consegui! — Mikki sorriu. — Eu a chamei e você veio!

— Que bom, Empousa! — O sorriso de Gii foi caloroso. — É um prazer ter a Alta Sacerdotisa de Hécate em nosso reino mais uma vez. Estivemos distantes por tempo demais. — Ela parou e olhou ao redor. — Não chamou as outras servas?

— Na verdade, como não estou acostumada a ter serva nenhuma, gostaria de começar apenas com você hoje. Pode ser?

— Como quiser, Empousa. É uma honra ter sido escolhida para servi-la. A alegria da

moça fez Mikki sentir-se muito menos nervosa por não saber bem que diabo deveria fazer. Estava onde devia estar, refletiu. Todo o restante entraria nos eixos aos poucos.

Apontou para os tecidos nos braços de Gii com um gesto de cabeça.

— Eu ia dizer que precisava de você para me ajudar a vestir algo, mas parece que já tomou providências... — Mikki cruzou dedos para que o traje daquele dia ao menos mantivesse seus seios cobertos.

— Claro, Empousa. Eu sabia que estaria ansiosa por supervisionar seus jardins. Quando me chamou, eu já me preparei.

Gii ajudou Mikki a se livrar da camisola com destreza. Com as palavras “seus jardins” ainda ecoando na mente, Mikki permaneceu muito quieta enquanto a criada ajeitava o tecido longo e dourado em torno de seu corpo. Com alfinetes de ouro que tirou das pregas volumosas de sua própria túnica, Gii prendeu-o a seus ombros. Para sua satisfação, o pano caiu num lindo drapeado, ocultando-lhe ambos os seios. Em seguida, Gii soltou um dos cintos trançados que trazia em torno da cintura e o amarrou sobre os quadris de sua Empousa.

— Gii, eu não quero reclamar, mas... — Mikki hesitou, tentando encontrar a palavra certa para definir o retângulo de tecido que vestia — ... esta roupa é muito linda para se trabalhar no jardim. Não teria algo mais adequado?

A serva endireitou o corpo e abriu-lhe um sorriso confuso.

— Que outro traje é mais adequado do que um quitão?

— Bem, há uma enorme quantidade de outros tecidos... — Apontou para o pano fino e comprido que lhe pendia graciosamente até os pés. — Será que isto vai atrapalhar?

— Não, se usá-lo assim... e assim. — Gii fez uma demonstração, prendendo parte da linda túnica cor de menta que usava em seu cinto, de modo a deixar suas pernas longas e fortes quase nuas. O elemento Terra estendeu os braços. — Não costumamos esconder os braços em mangas pesadas, mas, se ficar com frio, basta passar a *palla* em torno dos ombros.

— *Palla*?

Gii franziu a testa para sua Alta Sacerdotisa.

— Empousa, nunca usou um quitão com uma *palla*?

Com muito esforço Mikki não gritou de frustração.

— Gii, eu já lhe contei, na noite passada, que meu antigo mundo é muito diferente deste. Eu nunca entendi nada sobre sacerdotisas ou deusas, e não vestimos nada parecido com isto. Quando eu ia trabalhar no jardim, usava *jeans* — imitou vestir um par de calças — e uma camiseta curta que eu punha pela cabeça, e que cobria a metade superior de meu corpo.

Gii a fitou, horrorizada.

— Não quero falar mal do seu antigo mundo, Empousa, mas ele me parece um horror! Por que uma sacerdotisa, ou qualquer outra mulher, optaria por vestir-se com uma roupa tão feia e desconfortável?

Mikki fez menção de dizer que *jeans* não eram feios nem desconfortáveis, mas então seus

olhos foram capturados por seu reflexo de corpo inteiro no espelho, e as palavras morreram em sua boca. Ela parecia a rainha de um mundo antigo.

Caminhou para a frente, devagar, estudando-se com cuidado. O tecido era suave e solto, feminino e sedutor. Não havia o que lhe incomodasse o traseiro ou lhe pegasse nos ombros, deixando marcas vermelhas ao final do dia...

Em comparação àquela roupa, um sutiã, calcinha, *jeans* e camisetas eram, sim, feios e desconfortáveis.

— Explique-me direito, Gii. Você chamou isto de quitão?

— Sim, Empousa. Pode usá-lo de infinitas maneiras, principalmente se acrescentar uma *palla* ou outros tipos de manto.

Tomando uma escova larga e macia da penteadeira, Gii começou a escovar seus cabelos enquanto falava, para depois amarrá-lo com um cordão dourado.

— Acreditamos que o vestuário deve idealizar o corpo de uma mulher em vez de tentar esconder suas formas ou reprimi-lo.

— Sem dúvida, este traje é muito bonito, mas vou conseguir trabalhar com ele?

— Que tal experimentar, Empousa?

Mikki tomou a *palla* de cor âmbar esparramada sobre a cama e cobriu os ombros.

— Por que não?

Mikki soube que algo estava errado tão logo aproximou-se do canteiro de rosas plantado próximo da escadaria que saía da varanda, onde as flores chegavam a roçar o parapeito de mármore. Sentiu o mesmo mal-estar da noite anterior, só que, naquela manhã, este parecia bem mais forte. Seu estômago se apertou e ela teve que se esforçar para não vomitar.

O sorriso que iluminara seu rosto quando havia reconhecido as rosas *Old Garden* e *Blush Noisette* esvaiu-se junto com a cor de suas faces. O canteiro era grande e as plantas, bem espaçadas, mas quanto mais chegava perto destas, mais óbvio se tornava que elas não se encontravam tão saudáveis como pareciam lá de cima.

Correu pelos últimos degraus. Assim que deixou a trilha de mármore e aproximou-se das flores, ignorou a ânsia de vômito e, caindo de joelhos sobre o canteiro, praguejou baixinho enquanto tocava as folhas e os caules para observar melhor as plantas.

— Empousa?

— Elas estão horríveis! — Mikki exclamou, sem interromper sua inspeção. — As folhas estão amarelas e moles, e os caules tão finos! E as flores, que pareciam bem à distância, estão pequenas, e várias não terão forças nem mesmo para se abrir. Quando foram fertilizadas pela última vez?!

Não tirou os olhos das rosas até perceber que Gii não estava lhe respondendo. A serva fitava as mãos, as quais apertava com força.

— Gii, qual o problema? Eu só perguntei quando foi a última vez que as rosas foram fertilizadas. Isso deve ser feito sempre para que... — Ela parou ao perceber que a moça parecia

cada vez mais aborrecida.

— A Empousa é quem cuida das flores — Gii balbuciou, sem fitá-la.

— Está me dizendo que, durante todo o tempo em que estiveram sem uma Alta Sacerdotisa, ninguém cuidou destas rosas?

A serva levantou os olhos marejados para Mikki.

— Cuidar das rosas é o dever sagrado de uma Empousa. Sem poder contar com uma sacerdotisa, Hécate as enfeitiçou e elas adormeceram.

Assim como o Guardião.

A cabeça de Mikki começou a girar. Sentindo bile subir à garganta, ela mal conseguiu se concentrar no que Gii dizia:

— Não havia o que pudéssemos fazer por elas. As rosas não reagiam aos nossos cuidados. Tinham parado até mesmo de florescer. — A moça baixou a voz para um sussurro. — Pensamos que elas estivessem morrendo.

— E nenhuma de vocês se lembrou de me contar isso quando estávamos nos divertindo na noite passada? — Mikki ralhou, irritada consigo por estar tão encantada com tudo o mais que não tinha percebido como os jardins aparentemente belos se encontravam doentes.

E onde, diabos, estivera sua intuição na noite anterior? Por que, naquele dia, bastava se aproximar dos canteiros para ter vontade de vomitar o café da manhã?

Mas talvez sua intuição estivesse intacta. Na noite anterior, ela atribuíra seu mal-estar ao nervosismo e à falta de alimentos. Mas também ficara zonza, seu estômago se apertara e ela se sentira mal...

E naquela mesma manhã sentira-se como se tivesse levado uma surra.

Não fora porque havia estado prestes a ter um colapso nervoso ou porque dançara demais. Seu corpo apenas reagira à doença das rosas.

Por que Hécate não lhe avisara sobre o estado lamentável de suas flores?

Franziu o cenho. O que a deusa tinha dito mesmo?

O Reino das Rosas passou muito tempo sem sua Empousa. As flores precisam da sua atenção.

Precisavam de sua atenção?

Mikki deixou os olhos pousarem sobre o canteiro mais próximo, reconhecendo outras variedades de *Old Garden*, além de rosas *Eglantine* e *Laville de Bruxelles*.

Estreitou o olhar. Elas também estavam doentes. Iriam precisar de muito mais do que apenas sua atenção.

— Pensamos que tudo iria ficar bem agora que está aqui — prosseguiu Gii. — Até percebemos que estava chegando porque as rosas, de repente, começaram a florir outra vez.

— Gii, estas rosas não estão bem. Estão subnutridas e anêmicas! E estes botões não estão normais, eles estão... estão agonizando!

Então, como se Hécate ainda estivesse a seu lado, Mikki ouviu a voz da deusa ecoando em sua mente.

Os limites dos jardins são traçados por uma imensa muralha formada por rosas... Essa muralha é o que define os limites entre o mundo comum e o nosso... Se as rosas adoecerem, meu reino perecerá com elas.

Um arrepio a percorreu, e ela sentiu o alerta em seu próprio sangue. Precisava chamar o Guardião.

CAPÍTULO 16

— Gii, todas as rosas do reino estão como estas?

A serva acedeu e, parecendo uma criança, repetiu:

— Pensamos que tudo ficaria bem depois que você chegasse!

Mikki esboçou um sorriso que, ela esperava, não parecesse muito forçado.

— Acho que vai ficar tudo bem, mas isto vai dar trabalho. A primeira coisa que quero fazer é reunir todas aquelas mulheres que estavam dançando conosco na noite passada. Peça-lhes para me encontrar no Templo de Hécate. E chame as outras três servas também.

— Sim, Empousa. — Gii fez uma reverência, mas hesitou antes de se afastar. — Não vem comigo?

— Não, vá na frente. Eu a encontrarei no templo em breve. Tenho algo de que cuidar aqui primeiro.

A moça lançou-lhe um olhar aliviado antes de correr para longe.

Mikki esperou até que ela desaparecesse na esquina de mais dois canteiros de rosas doentes, então endireitou os ombros e caminhou de volta para a escadaria de mármore que levava à ampla varanda.

Estaria fazendo a coisa certa? Achava que sim...

Não. Tinha certeza disso. Quando percebera o quanto as rosas estavam doentes — todas elas —, sentira aquele calafrio inconfundível.

Subiu dois degraus e parou. Reconsiderou, depois subiu mais um.

Pronto. Ali estaria alta o bastante.

Fechou os olhos e, assim como havia chamado Gii, o invocou. Pensou na força de seu corpo, no poder de sua voz, na consideração que ele tivera com ela ao lhe pedir um jantar, nos chinelos e no botão de rosa que flutuava dentro da taça de cristal...

— Guardião? — chamou suavemente. — Venha até mim.

O ar pareceu engrossar e pressionou sua pele com um furioso zunido.

— Por que me chamou?

Por um instante, Mikki manteve os olhos fechados com força.

Estes são os meus jardins agora, e ele é como um segurança. Pense nele apenas como um funcionário difícil!

Abriu os olhos e o viu parado a poucos metros dela.

Deus, como uma criatura podia ser tão grande? Fora inteligente de sua parte subir mais um degrau. À luz reveladora da manhã, o Guardião parecia menos humano do que na noite anterior. Vestia a mesma túnica curta e o peitoral de couro, em estilo militar, mas as roupas nada faziam para disfarçar a bestialidade das pernas peludas e da cabeça adornada por chifres. Nem de longe ele parecia civilizado... ou controlável.

Sentiu a boca seca e precisou engolir duas vezes antes de reencontrar a voz.

— Eu o chamei porque foi o que Hécate me disse para fazer caso eu achasse que o reino estava em perigo — ela esforçou-se para explicar, e o resultado foi que sua voz soou alta e exasperada.

Quando os olhos escuros arregalaram-se com surpresa, Mikki decidiu que sua assertividade, ainda que não intencional, tinha sido útil.

— E qual é o perigo, Empousa? — ele rugiu.

Desta vez, ela mordeu o lábio, nervosa.

— Não sei ao certo. Tudo o que sei é que as rosas estão doentes, o que significa que o muro de rosas que circunda o jardim provavelmente encontra-se doente também. Minha intuição me diz que essa possível fraqueza, de alguma forma, é perigosa.

Segurou a respiração, esperando por um grunhido. Em vez disso, ele a surpreendeu, curvando a cabeça para ela.

— Fez bem em me invocar, Empousa. Eu não devia ter questionado sua autoridade. Se a fronteira entre os mundos se encontra enfraquecida, devo guardá-la contra aqueles que queiram utilizá-la para se infiltrar em nosso reino.

— Então, para curar as rosas, preciso me concentrar na muralha antes de tudo?

— Seria o mais sábio, Empousa.

Mikki aquiesceu.

— Era o que meus instintos me diziam — murmurou, mais para si mesma do que para ele. — Ainda bem que Hécate me mandou ir fundo.

— *Ir fundo?*

— Sim — ela confirmou, apressada. — Hécate disse que eu devia seguir meus instintos e faria a coisa certa.

— A deusa a mandou “ir fundo”?

Seria possível que seus olhos escuros estivessem brilhando com humor?

— Bem, não foi exatamente nesses termos. — Surpreendendo a si mesma, Mikki sorriu para ele.

Seus olhares encontraram-se, e ela pôde sentir a força dos olhos castanhos, como se estes pudessem atravessar o espaço que os separava e tocá-la com sua intensidade.

E sentiu algo mais. Algo que reconheceu de seus sonhos: a agitação do desejo. Ele era perigoso e assustador, mas era também muito viril... E, assim como nos sonhos, Mikki viu-se irremediavelmente presa por seu fascínio.

Sustentando o olhar, respirou fundo.

— Hécate mandou que eu seguisse minha intuição, e é isso o que pretendo fazer.

Como se arrastado pela força de seus olhos, o Guardião avançou alguns passos até ficar perto o suficiente para poder tocá-la.

— E o que sua intuição está lhe dizendo agora, Mikado?

Mikki prendeu a respiração. Podia sentir o calor de seu corpo. O fato de ela ter subido

alguns dos degraus os deixara quase no mesmo nível e, mais uma vez, ela se viu impressionada pelos contrastes que compunham o rosto a sua frente: bonito e bestial... perigoso e fascinante.

Ele não é parte homem, parte fera. É mais do que isso. Ele é um semideus.

Lentamente, o Guardião ergueu a mão e pegou uma mecha do cabelo espesso que tinha escapado do cordão dourado, e Mikki permaneceu imóvel enquanto ele a deixava escorrer como água pelos dedos.

— Não consegue falar, Mikado? — Sua voz profunda vibrou entre eles. — Onde está a Sacerdotisa corajosa que invocou minha presença? Minha proximidade a assusta?

— Estou com medo, mas não vou a lugar nenhum — ela afirmou, resoluta, e ficou contente ao ver a surpresa nos olhos castanhos. Imitando seu gesto, estendeu a mão e tocou a cabeleira escura e brilhante que lhe caía sobre os ombros.

Como se seu toque lhe provocasse uma descarga elétrica, o Guardião se afastou.

— Cuidado, Empousa... — ele alertou com voz rouca. — Pode descobrir que a fera que despertou não é tão inofensiva como suas rosas de estimação.

Então virou-se com um grunhido e se afastou, os cascos batendo ruidosamente contra o mármore.

Ele estava indo embora!

— Espere! — Mikki gritou, aflita.

A criatura estacou e olhou por cima dos ombros largos.

Ela quase pôde se ver refletida nos olhos enormes: uma mulher fraca, indecisa... uma menina inexperiente que o chamara de volta sem nem mesmo saber ao certo o que queria dizer.

O pensamento a irritou. Hécate a havia escolhido para ser sua Sacerdotisa, Empousa do Reino das Rosas. *Ela* o havia invocado. Seus instintos a tinham alertado para um possível perigo, e não importava que não o compreendesse bem. Estava fazendo o que a deusa lhe ordenara.

E, *droga!*, o Guardião a tocara primeiro! Que diabo de jogo era aquele, e com que direito ele achava que poderia dispensá-la? Ela não era nenhuma menininha vestida com trajes de sacerdotisa. Era uma mulher madura, independente e inteligente, que não tolerava homens machistas... com ou sem cascos e chifres!

Mikki estreitou o olhar e falou devagar e claramente:

— Há coisas que preciso saber antes que fuja.

— Eu não estou fugindo.

— Ah, não? — ela replicou, ignorando a ameaça na voz profunda. — Está se esquecendo de que falo com a autoridade de Hécate. Portanto, ouça e me responda.

Uma estranha mistura de homem e fera estampou-se em seu rosto; contudo, Mikki teve a certeza de ver uma ponta de admiração nos olhos escuros.

— O que deseja saber, Empousa? — Virando-se por completo, ele andou alguns passos

em sua direção.

Foi como se mudasse o padrão do ar em torno dela.

Mikki engoliu em seco, porém tratou de manter a voz neutra e os pés no chão.

— Preciso saber se existe na muralha alguma parte em que o acesso seja mais fácil. Algum lugar onde haja uma falha nas rosas; uma passagem ou portal.

Ele considerou a pergunta por um instante, depois concordou com um gesto de cabeça, os cabelos chacoalhando sobre os ombros largos.

— Sim, há um portal na muralha. Faz sentido que esse seja o local onde a barreira possa ser mais facilmente violada.

— As servas sabem onde fica esse portal?

— Sim, Empousa.

— Então vou pedir que me levem até ele depois que elas conseguirem fertilizantes.

O Guardião ergueu as sobancelhas grossas.

— Espera que as servas cuidem das rosas?

Mikki o encarou e deu de ombros.

— Como espera que eu cuide delas sozinha? Só para começar, as flores precisam ser fertilizadas e podadas. Eu iria me matar tentando fazer tudo, sem mencionar que não daria conta do serviço. Não seria inteligente nem produtivo.

O rosto moreno transformou-se em uma máscara indecifrável mais uma vez, e Mikki deixou escapar um suspiro de frustração.

— Está me dizendo que as outras Empousas faziam tudo sozinhas?

— Não me lembro de ter visto uma Empousa pedindo às mulheres que cuidassem das rosas; exceto quando pediam algumas para decorar seu quarto.

— E quanto à adubação, o controle de pragas e os cuidados gerais de que as flores sempre necessitam?

— Essas rosas nunca precisaram desse tipo de cuidado. Elas só necessitavam da presença da Empousa para se desenvolver.

— Elas nunca ficaram doentes antes?

— Nunca.

— E antes de ter ficado preso como uma estátua... viveu aqui por muito tempo?

— Vivo aqui desde que Hécate proclamou seu domínio sobre o reino.

O que, Mikki imaginava, acontecera havia muito, muito tempo. Por eras, as rosas tinham sido saudáveis e dispensado qualquer cuidado, exceto a presença da Alta Sacerdotisa de Hécate.

E isso até ela ser nomeada Empousa do Reino.

Que maravilha. As notícias estavam ficando cada vez melhores.

— Bem, parece que os tempos mudaram. Ou então sou uma Empousa diferente porque as rosas necessitam de cuidados agora. Não posso cuidar delas sozinha, por isso as mulheres

vão ter que me ajudar.

O Guardião fitou-a em silêncio.

— Acredito que seja, mesmo, um tipo diferente de Alta Sacerdotisa — falou, quando Mikki já não suportava mais esperar.

— Isso é bom ou ruim?

— Não sei — ele admitiu num rosnado. — É apenas um fato.

— Pois eu acho que é bom — ela replicou com firmeza, determinada a não se deixar intimidar por seu cinismo. Sabia, por conta de sua própria tendência para o sarcasmo, que essa era a atitude típica de quem desejava esconder sentimentos dolorosos. Seu cinismo, por exemplo, ocultava o fato de que ela nunca se sentira bem em sua antiga vida.

Mikki perguntou-se o que o Guardião tentava encobrir. Será que tinha algo a ver com o fato de Hécate tê-lo transformado em pedra e banido do reino?

Percebeu que continuava parada, encarando-o, e tratou de continuar, apressada:

— Suponho que mudar de mundo tenha me feito pensar assim.

— Estranho — ele comentou, a voz profunda recheada de escárnio. — Não teve o mesmo efeito em mim.

— Imagino que se eu tivesse sido transformada em pedra, também não estaria tão disposta a achar que “diferente” é sinônimo de “bom”. Mas ao menos sabe que não posso transformá-lo em estátua novamente — ela completou.

E quis cobrir a boca por deixar escapar palavras tão estúpidas ao ver o rosto do Guardião transformar-se numa máscara de tensão.

— Isso é tudo o que deseja me perguntar, Empousa? Preciso ir para a muralha das rosas e fiscalizar a fronteira.

— Sim. Vou chamar as outras mulheres e o encontrarei no portal. — Mikki precisou falar a última frase em voz alta, pois ele já se afastava a passos largos. — Obrigada — murmurou para si mesma.

Deus, ele a deixava confusa! Em um instante parecia sedutor e perigoso, o típico *bad boy*... E, no outro, contido e cínico! Era como se fossem duas pessoas!

— Mas que diabo estou pensando? — Balançou a cabeça. — Ele é isso mesmo! Mas não duas pessoas. É uma pessoa e um animal. E eu preciso parar de ter delírios com esse Marlon Brando de chifres e me lembrar de que ele não é completamente humano. Relacionamentos inter-raciais, que seja, mas entre espécies? Por favor, Mikado. Já chega. Recobre o juízo e trate de cuidar dessas rosas!

Com um suspiro, começou a percorrer o caminho que Gii tomara para o centro dos jardins, partindo para o que, ela desconfiava, seria um dia muito difícil.

As mulheres reunidas separaram-se como um mar colorido de flores delicadas, abrindo caminho para Mikki juntar-se às quatro moças que aguardavam em pé dentro do Templo de Hécate. Muitas delas a saudavam, contudo pareciam bem mais contidas do que haviam estado

na noite anterior.

Mikki torceu para que elas estivessem dispostas a trabalhar. Subiu os degraus do templo, cumprimentou os Quatro Elementos e, em seguida, virou-se para a multidão.

Por favor, não deixe que percebam como estou nervosa!, pensou. No mesmo momento, a voz severa de Hécate manifestou-se em sua mente:

Sou eu quem fala por seu intermédio.

As palavras aumentaram sua confiança. Mikki ignorou a dor persistente no corpo, assim como a náusea da qual parecia incapaz de se livrar, e encarou a multidão, fitando várias das mulheres nos olhos.

— As rosas estão doentes.

Murmúrios assustados percorreram o grupo e ela precisou levantar a mão para silenciá-lo.

— Por isso mesmo estou aqui. Eu entendo de rosas. Sei do que elas precisam e, com sua ajuda, poderemos torná-las saudáveis outra vez. — Mikki ficou satisfeita com as expressões atentas das mulheres. — A primeira coisa que se deve fazer é fertilizá-las, então peço que reúnam as coisas de que as flores vão precisar.

Fez uma pausa, ordenando os pensamentos. Já tinha percebido o óbvio: dependeria inteiramente de métodos orgânicos de adubação e de controle de pragas e doenças, o que não era de todo ruim. Muitas vezes, os métodos naturais eram os melhores. Na noite anterior, ela havia comido carne com gosto de presunto. Isso significava que eles deviam ter porcos em algum lugar, o que já era um começo.

— Esterco de porco — disse, e as expressões atentas transformaram-se em caretas. — Vocês têm porcos, não têm?

Algumas assentiram, hesitantes.

— Que bom. Pois preciso que encham algumas cestas com dejetos de suínos. — Virou-se para Nera sem esperar por resposta. O elemento Água a fitava com os olhos muito abertos. — Nera, há um lago ou mar nas proximidades?

— Sim, Empousa, há um grande lago dentro do reino.

— Excelente. — Ela voltou-se para a multidão. — Vou precisar de cabeças ou entranhas de peixes; qualquer coisa que normalmente se joga fora em vez de cozinhar. Na verdade — continuou como se as mulheres não estivessem olhando para ela, boquiabertas —, preciso de matéria orgânica morta, tanto vegetal como animal... Gii, imagino que a floresta do lado de fora da muralha das rosas seja escura e densa.

— É, sim, Empousa.

— Então seu solo deve ser rico em argila. Levem baldes, cestos, o que for, junto com alguma coisa para revirar a terra ao redor das rosas, de modo que possamos misturar o fertilizante ao solo.

— Mas levar para onde, Empousa? — indagou Gii.

— Ah, perdão... — Mikki falou em voz alta para a multidão. — Levem tudo: cestas vazias

e as que encherem com o adubo que mencionei, além de ferramentas para jardinagem, até o portal na muralha das rosas. Vamos começar por lá.

Ninguém se moveu.

— Seria bom se comesçassem agora — ela acrescentou com firmeza. — Essas rosas já foram ignoradas por tempo demais.

Ainda assim, ninguém saiu do lugar.

Floga limpou a garganta e aproximou-se dela.

— Empousa, isto não está certo.

— O que não está certo? O fato de eu dizer que precisamos fertilizar as rosas ou que estão se recusando a fazer o que uma Empousa pede?

A serva empalideceu.

— Eu jamais ousaria desobedecer a uma ordem sua.

Mikki olhou para as outras três servas.

— Nenhuma de nós poderia recusar um pedido seu, Sacerdotisa — Gii afirmou depressa e as demais concordaram.

Ela virou o olhar para a plateia e ergueu a voz, deixando claro que encontrava-se aborrecida.

— Então são apenas as mulheres do reino que se recusam a obedecer a Empousa de Hécate?

A multidão se agitou.

Uma mulher, provavelmente de mesma idade que a dela, avançou um passo e fez uma breve reverência.

— Minhas irmãs e eu reuniremos as cestas para o barro da floresta, Empousa.

Outra destacou-se do grupo.

— Eu trarei restos de peixe.

— Eu também...

— Cuidaremos dos dejetos dos suínos! — uma menina disse do meio de um grupo de adolescentes.

Mikki teve vontade de chorar com alívio e agradecer a todas. Mas algo lhe dizia que não era essa a reação que as pessoas esperavam ou mereciam.

— Eu as encontrarei no portal — respondeu apenas. — Precisam se apressar. Temos um longo dia pela frente. Quanto mais rápido começarmos, melhor. — Deu as costas para a multidão que começava a se dispersar e buscou os olhos de Gii. — Preciso que me mostre onde fica o tal portal — pediu baixinho.

A serva sorriu antes de abaixar a cabeça e curvar-se em uma profunda reverência.

— Como quiser, Empousa.

CAPÍTULO 17

— Ali! É essa a muralha da rosa. O portal fica depois daquela curva no arbusto. — Gii apontou um pouco à frente delas, para uma parte da parede viva que fazia uma curva de volta para o jardim.

— Rosas Multiflora... Quem diria? — Acompanhando a imponente divisa que pareceu materializar-se do nada, Mikki abanou a cabeça. — Eu sabia que elas eram conhecidas como “cerca viva”, mas nunca as vira de uma forma tão ordenada.

Ela já vira rosas Multiflora tomarem conta de pastagens e destruí-las em menos de dois anos, mas diante dela estava uma enorme parede de rosas silvestres que, aparentemente, tinha sido “domada”.

Contornaram a muralha, e Mikki olhou para cima. A muralha de flores devia ter quase quatro metros de altura.

— Elas não se espalham e ameaçam tomar conta da floresta? — *Ou o restante do reino?*, pensou consigo.

— A muralha obedece aos comandos de Hécate.

Mikki viu Gii pular em resposta à voz grave do Guardião e ficou grata por não ter tido a mesma reação.

Mas sabia que ele ficara de encontrá-la junto ao portal.

Inconscientemente, ou talvez nem tanto, estivera preparada para sua chegada.

Seu olhar deixou a muralha das rosas e pousou no estranho ser. Ele estava de pé na outra extremidade da curva, emoldurado pelo que parecia ser uma imensa porta feita de rosas Multiflora. Como de costume, seu rosto era sombrio e sua expressão, indecifrável, mas os olhos... estes se encontravam fixos nela.

Ele não vai me intimidar. Não passa de um segurança. Um segurança enorme e mal-humorado... E eu sou a Empousa, ou seja, sua supervisora, no mínimo.

Mikki sorriu.

— Conheço muitos fazendeiros no meu antigo mundo que fariam qualquer coisa para ter Hécate comandando as rosas dessa maneira, a fim de que estas se comportassem tão bem.

Ele franziu o cenho.

— Hécate não é uma comerciante que pode ser...

— Eu não quis dizer isso literalmente. Só estava brincando — ela o interrompeu, esforçando-se para não revirar os olhos.

Olhou para Gii. A serva mordia o lábio, os olhos enormes indo de um para o outro, assustados.

Céus!, pensou Mikki. Pelo visto ninguém brincava com o Guardião. Ou a última Empousa nunca tivera muito senso de humor, e as outras, provavelmente, eram jovens demais para se arriscar.

Outra coisa que ela teria de mudar por ali.

— Muito bem... Então esse é o portal. — Ignorou a ambos e marchou adiante, parando não muito longe do Guardião. Pelo canto dos olhos, percebeu que Gii a seguira, mas tomara o cuidado de não ficar muito perto da criatura.

Mikki aproximou-se do portal, observando que as flores que compunham a parede pareciam apenas um pouco mais saudáveis do que as plantas doentes dos jardins. As folhas das rosas Multifloras ainda estavam verdes em sua maioria, mas havia uma quantidade preocupante de folhagem amarelada misturada à que crescia de modo saudável. Havia uns poucos botões rosados, mas nenhuma das flores se abria.

Ela tocou as folhas, virando-as e olhando em meio à massa de plantas que compunha o corpo do arbusto, atentando para pontos negros e insetos.

— Não vejo nada de muito errado com elas. Nenhuma doença ou infestação. — Suspirou. — Assim como o restante das rosas nos jardins, elas apenas parecem doentes.

O Guardião aproximou-se dela, também estudando as flores na muralha.

— Pode curá-las?

— As rosas costumam gostar da minha companhia — afirmou, ainda que nunca tivesse conhecido uma parede de rosas Multiflora que atendia aos comandos de uma antiga deusa. Seria contraproducente mencionar isso, contudo. — Vamos começar pelo começo... Passo um: precisamos nos certificar de que as flores sejam bem fertilizadas. Isso é básico.

Nesse momento, uma leve brisa trouxe até eles um burburinho. Eram mulheres conversando.

O Guardião ergueu a cabeça e respirou fundo. Então olhou para Mikki com uma careta.

— Deve estar sentindo o cheiro do nosso fertilizante... — Mikki sorriu. — De qual deles? Cabeças de peixe ou estrume de porco?

— Dejetos de porco.

Desta vez, não importou que o rosto dele não fosse como o de nenhum outro ser vivo. Mikki reconheceu em seus olhos o brilho do humor.

— Que bom! — comentou alegremente.

— É mesmo uma Empousa incomum se estrume de porco a faz feliz...

Ela riu.

— Eu sou incomum e, sim, estrume de porco me deixa feliz. Agora é hora de começarmos a trabalhar.

O Guardião abriu um sorriso, exibindo dentes muito brancos... e afiados.

Curvou-se para ela.

— Às suas ordens, Sacerdotisa.

Ignorando a exclamação de Gii, Mikki inclinou a cabeça de uma maneira que, gostava de pensar, uma deusa faria para reconhecer um gesto de boa vontade. Em seguida fez meia-volta e começou a dar instruções para as mulheres que se aproximavam.

Até que elas não estavam fazendo um trabalho muito ruim para quem nunca havia trabalhado com rosas, Mikki pensou e, levantando-se, esticou-se toda, circulando os ombros para tentar aliviar a tensão que sempre encontrava uma forma de descansar sobre suas costas.

Limpou as mãos em uma parte do tecido que dobrara para dentro do quitão e olhou ao redor. Havia mulheres espalhadas ao longo da muralha viva até onde se podia ver. As que ela convocara para atuar junto à parede tinham três tarefas: um grupo cavava buracos rasos acima e abaixo das raízes das rosas; outro cobria de fertilizante a terra recém-cavada; e um terceiro derramava o conteúdo orgânico das cestas nos buracos.

Um fluxo constante de mulheres ia e vinha, carregando cestas com os dejetos de porcos e restos de peixes. Havia também uma corrente delas passando cestas cheias com o barro do chão da floresta, que ficava do outro lado, para as que esperavam do lado de dentro da muralha a fim de acondicioná-lo em torno da base da cerca viva.

Mikki olhou para o portal aberto. Com certeza, teria de aguardar apenas alguns instantes para ver o Guardião. Ele passara a manhã toda andando de um lado para o outro, inquieto, do lado da floresta. A boa vontade que se instalara entre eles tinha se dissipado assim que Mikki insistira para que as mulheres fossem até o outro lado para encher as cestas com o solo rico que sustentava a floresta.

— Não é sábio manter esse portal aberto — ele rosnara, mesmo depois que ela havia explicado a que se destinavam as cestas.

— As rosas necessitam de nutrientes que são encontrados na matéria orgânica que compõe o chão da floresta. O portal precisa ficar aberto porque as mulheres terão de ir e vir — ela dissera de forma clara e sem nenhum medo, diante de todas as outras.

— A floresta não é segura — o Guardião insistira, teimoso.

— Não é por isso que está aqui?

Ele tinha resmungado algo ininteligível que fez sua pele se arrepiar; entretanto, ela se recusara a desviar o olhar, assim como não abria mão de ver as mulheres indo para a floresta. Sabia do que as rosas necessitavam, e muitos dos nutrientes só poderiam ser encontrados lá fora.

Aquele mal-humorado teria de lidar com aquilo. Não conseguiria demovê-la da ideia de fazer algo que ela sabia estar certo.

Afinal, o que ele poderia fazer com ela na frente das outras mulheres do reino? Devorá-la? Mordê-la? Sacudi-la? Ela era a Empousa e ele, aquele que deveria cuidar de sua segurança. Não poderia lhe fazer mal algum. O máximo que poderia fazer seria largar tudo e ir embora.

Se ele fizesse isso, ela precisaria descobrir uma forma de abrir aquele gigantesco portal feito de rosas, que não tinha alças, travas e nem...

— Insisto para que nenhuma das mulheres fique fora da minha vista.

— Como quiser... Segurança é o seu trabalho, não o meu.

O Guardião havia inclinado a cabeça e enviado-lhe um olhar fulminante.

— Quer saber? Faça o que quiser. Contanto que elas possam ir para o outro lado recolher o barro — ela corrigira docemente.

— Ainda assim, não estou gostando disso.

— Pois eu insisto.

Ela havia sentido os olhares abismados das mulheres quando enfrentara o Guardião. Pareciam chocadas por ela tê-lo enfrentado, o que a fez perguntar-se como as Empousas mais jovens administravam eventuais desentendimentos com o intimidante protetor.

Não importava, disse a si mesma com firmeza. Ela era a Empousa agora, e ele precisava saber que ela não era nenhuma criança inocente que poderia ser subjugada.

Ele bufou, mas caminhou até o portal. Erguendo as mãos, pronunciou algumas palavras que ela não conseguiu entender, mas que pareceram ondular sobre sua pele como água quente... Então o portal abriu-se devagar, apenas o bastante para que ele passasse com seu corpanzil.

Ela o seguiu e as mulheres, lideradas por Gii, também iam atrás da fera e de sua Empousa para as margens da mata escura.

A floresta era densa, como ela já esperara que fosse. E as árvores, gigantescas: carvalhos antigos, de troncos tão espessos que nem mesmo os braços do Guardião conseguiriam envolvê-los. Ramos entrelaçados formavam uma copa verde e luxuriante que a luz solar mal conseguia penetrar.

Mas parecia perfeitamente normal. Pássaros chilreavam. Esquilos corriam. Mikki até pensou avistar a traseira de um cervo assustado à distância.

As mulheres que escavaram o solo coberto de folhas para colocá-lo nos cestos permaneceram silenciosas, e nenhuma delas foi muito longe. Mas nenhum bicho-papão ou monstro saltou sobre elas. E durante todo esse tempo, o Guardião andou de um lado para o outro, os olhos atentos, indo das mulheres para as profundezas da floresta e vice-versa.

A voz doce de Gii interrompeu as reflexões de Mikki:

— Já é meio-dia, Empousa — avisou o elemento Terra, enxugando o suor da testa. Apontou, então, para uma fila de mulheres que vinha de uma direção diferente da que trazia os fertilizantes. — As criadas do palácio já estão trazendo a comida.

— Já é tarde assim? — Mikki desviou o olhar do sempre vigilante Guardião e sorriu para a serva.

— Sim, Empousa. E várias de suas novas jardineiras precisam comer para depois trocarem de lugar com as Tecedoras de Sonhos.

— Tecedoras de Sonhos?

— Eu me esqueci de que você é nova neste reino e não está habituada com as coisas daqui. Principalmente depois de vê-la lidar com tanta facilidade com... — Gii fez uma pausa, e seu olhar deslizou para o portal aberto, além do qual se encontrava o sinistro protetor — ... as rosas.

Mikki ignorou a referência ao Guardião porque não sabia ao certo o que fazer com ela.

Mas estava morrendo de vontade de fazer perguntas sobre ele e as Altas Sacerdotisas que tinham vindo antes dela. Por exemplo, onde estas encontravam-se agora? Será que as Empousas se aposentavam? Se era assim, uma delas não poderia ser temporariamente convocada para treiná-la?

A intuição lhe dizia, porém, que fazer muitas perguntas acerca do Guardião e das outras Empousas iria fazer com que parecesse ainda mais inexperiente e insegura do que ela já se sentia. Sem dizer que ganhara um pouco de respeito das mulheres naquele dia e não queria perdê-lo.

Mas havia algo estranho na maneira como elas desviavam os olhos do Guardião e evitavam ficar muito perto dele.

— Posso, Empousa? — Gii estava perguntando.

— Ah, me desculpe, Gii... Sim, já é hora de fazermos uma pausa. Enquanto isso, vou me informar melhor sobre essas Tecedoras de Sonhos. — As quais, ela imaginava, eram um assunto mais seguro.

Conforme a serva mandava duas moças que trabalhavam ali perto informar aos outros três Elementos que era hora do almoço, Mikki afastou-se para um dos muitos bancos de mármore estrategicamente colocados em meio a lindas alcovas repletas de rosas por todo o jardim. Sentou-se, percebendo como seus músculos encontravam-se doloridos agora que havia parado de se movimentar, e ficou grata por Gii ter assumido a liderança.

As mulheres logo dividiram-se em pequenos grupos, reunindo-se em torno dos bancos e fontes. O som suave de sua conversa mesclou-se ao perfume sempre presente das rosas, criando uma atmosfera que a acalmou a despeito de seus músculos cansados e da sensação ruim que se apossara dela a princípio, no momento em que deparara com as flores doentes.

Mikki respirou fundo, pensando em como o jardim ficaria maravilhoso quando as rosas estivessem saudáveis outra vez. Deixando a mente vagar junto com os olhos, imaginou os canteiros e a muralha das rosas em plena floração.

Seus devaneios foram interrompidos no instante que seu olhar pousou no carrancudo Guardião conforme ele conduzia a última das mulheres de volta através do portal. Parecia tão sério e sombrio... Por quê? O que havia naquela floresta que o deixava tão tenso?

Droga. Talvez ele fosse sempre daquele jeito.

Não. Ela se lembrava bem do brilho de humor em seus olhos, do toque de sua mão em seus cabelos... Era óbvio que nem sempre ele era tão tenso.

Ainda assim, precisavam ter uma conversa franca. Ela não aceitaria mistérios nem subterfúgios. Se a floresta era tão perigosa, precisava saber.

O Guardião proferiu um comando conciso e o portal fechou-se de pronto. Mikki bocejou e esticou-se, tentando não dar na vista que o observava. Uma das criadas do palácio aproximou-se dele, ressaltada, e ofereceu-lhe uma cesta de alimentos. Ele a ignorou, mas

aceitou um odre, do qual bebeu profundamente. Quando o entregou de volta à mulher, esta se afastou quase correndo.

Mikki acompanhou-o com o canto dos olhos conforme ele caminhava até uma árvore que crescia perto da muralha das rosas e pareceu desaparecer à sombra de seu tronco.

Nesse momento, Gii aproximou-se com uma cesta cheia, de onde exalavam cheiros deliciosos, e sentou-se a seu lado.

— Não gostou da comida, Empousa? — indagou quando ela não fez nenhum movimento para começar a comer.

Mikki tratou de desviar o olhar da árvore.

— Não, não... Tudo está maravilhoso. — Partiu um pedaço de pão e adicionou nele uma fatia de queijo. — Eu estava apenas me perguntando por que o Guardião não come.

O elemento Terra encolheu os ombros enquanto preparava seu próprio sanduíche.

— Eu nunca o vi comer. Não que ele não o faça... A comida que é deixada na entrada de seu covil sempre desaparece e tem que ser substituída.

— Covil? — Mikki repetiu, quase engasgando com o pedaço de queijo que tinha acabado de engolir.

— Sim, covil. — Gii parou, confusa, com a surpresa de Mikki. — O lugar em que ele dorme e onde fica quando não está cuidando das rosas.

— Pensei que ele vivesse no palácio, como nós.

— Oh, não, Empousa, ele é como um animal. — Gii pareceu chocada. — Não seria adequado que morasse no palácio.

Mikki estudou a serva, tentando compreender as palavras. O elemento Terra era gentil e compassivo. Tanto que ela passara a procurar Gii com mais frequência do que as outras moças, e já sentia como se as duas fossem amigas.

No entanto, naquele momento, Gii lhe pareceu fria e insensível. O Guardião era um animal e talvez não necessitasse das mesmas comodidades dos que habitavam o palácio... mas também era o protetor do Reino das Rosas.

Bem lá no fundo, aquilo não lhe parecia certo. Ao contrário, parecia dolorosamente errado.

Entretanto, ela não contestou Gii, tampouco a questionou mais. Ainda não sabia o suficiente sobre o que se passava por ali.

Mas algo não se encaixava, e tinha a ver com o Guardião. Ela já havia aprendido, só de chegar perto das rosas, que nem tudo naquele reino era como parecia... Por isso manteria os olhos bem abertos no que dizia respeito ao protetor. Seu instinto lhe dizia que, se ela se aproximasse dele o suficiente, poderia descobrir o que se escondia sob aquela fachada feroz.

Isso se ele permitisse. Ou se ela tivesse coragem.

Até lá iria apenas observá-lo, tentar aprender mais sobre ele e seguir seus instintos.

— Fale-me mais sobre as... Como as chamou mesmo? Tecedoras de Sonhos? — Mudou

de assunto propositadamente.

O rosto de Gii se iluminou.

— As Tecedoras de Sonhos têm a capacidade de pegar as coisas comuns e as não tão comuns, incorporá-las aos sonhos e à magia e, logo depois, enviá-las para outros mundos. É a partir do que é criado aqui que nascem todos os sonhos e a magia da humanidade.

Mikki esforçou-se para compreender.

— E quais são esses “outros mundos”?

— Seu antigo mundo, o mundo comum, por exemplo. Há também o mundo antigo, onde os deuses e deusas continuam a ser reverenciados e de onde as mulheres deste reino e eu fomos escolhidas.

Então era a isso que Hécate se referira ao falar sobre as encruzilhadas entre os mundos, concluiu Mikki. Ela ficara confusa na hora, mas agora sentia-se mais capaz de absorver os detalhes incompreensíveis de seu novo lar.

E percebeu que ao menos uma das dúvidas sobre as quais vinha ponderando fora respondida. As outras Empousas, obviamente, tinham vindo do mundo antigo e deviam ter voltado para lá. Fazia sentido.

— Você disse que as mulheres precisavam voltar ao palácio para trocar de lugar com as Tecedoras de Sonhos. É isso o que elas estão fazendo lá agora? Criando sonhos e magia?

— Sim, Empousa.

— Nossa, como eu gostaria de ver isso! Não posso assistir? — perguntou, ansiosa.

— Pode fazer mais do que assistir... — Gii sorriu. — Como Empousa, também tem habilidade para tecer sonhos e lidar com magia.

CAPÍTULO 18

Ela possuía habilidade para tecer sonhos e lidar com magia?

As palavras de Gii permaneceram na mente de Mikki pelo restante do dia, dando voltas em sua imaginação, a qual se manteve tão ocupada quanto suas mãos. Apenas o conceito de que os sonhos vinham de algum lugar que não o subconsciente já era bizarro.

E pensar que ela possuía a capacidade de criá-los! Era a coisa mais extraordinária que já imaginara.

— Empousa?

A voz grave do Guardião a assustou, porém Mikki teve o cuidado de encobrir seu nervosismo limpando as mãos no quitão enlameado antes de erguer-se para longe do imenso arbusto de rosas *Felicite Parmentier*. Ele estava tão perto que sua sombra pareceu engoli-la, assim como as rosas em que ela vinha trabalhando.

— Ah, Guardião... Só um momento — Mikki pediu, tentando ganhar tempo para se acalmar. Então chamou Gii. — Gii, as rosas deste canteiro precisam ser replantadas. Pode me lembrar de trazer estacas de madeira amanhã?

— Claro, Empousa — a serva respondeu, solícita.

Uma vez recomposta, Mikki virou-se para o Guardião.

— Perdão. No que posso ajudá-lo?

— Está anoitecendo. As mulheres não podem permanecer na floresta depois que escurecer.

Por cima do ombro largo, Mikki espreitou o sol que, de fato, começava a se pôr sobre o imenso dossel verde da floresta.

— Céus! Perdi a noção do tempo. Como pode ser tão tarde? Mas está certo. Já é hora de pararmos.

— Já trabalhou muito, Empousa.

Mikki sorriu. Pelo visto, ele não se encontrava mais aborrecido com ela.

— Soa como um elogio...

— E é. — O Guardião assentiu de leve.

Ela respirou fundo, discretamente.

— Seria uma ajuda e tanto se você checasse o restante da muralha e me informasse se existem outras partes vulneráveis — falou, agora que ele parecia ter recuperado o bom humor.

— Ela é tão grande... Quero ter certeza de que será fertilizada por inteiro. Mas sinto que é importante começarmos a trabalhar nas rosas dos jardins.

— Faz sentido. O jardim também precisa de seus cuidados. Vou inspecionar a muralha amanhã cedo.

— Obrigada. Isso vai me economizar um bom tempo. — Mikki tentou não prestar atenção na forma como o sol brilhava, incandescente, por trás dos chifres escuros. Como ele

não fez menção de se afastar, ela acrescentou, tensa: — Estive pensando... Seria bom se Gii ou outra pessoa me arrumasse um mapa dos jardins. Assim poderei dividir a área em quatro: Norte, Sul, Leste e Oeste. Cada um dos Elementos pode assumir uma dessas partes com um grupo de mulheres, e essa seria a seção dos jardins pela qual elas ficariam responsáveis... pela fertilização ou qualquer outra coisa necessária. Claro que vou passar por todas as seções para supervisioná-las, mas dividir a área pode organizar melhor as coisas.

— Excelente. — Ele pareceu prestes a dizer mais, no entanto desviou o olhar, parecendo mudar de ideia.

— O que foi? — Mikki o fitou, atenta. — Ei, preciso de todos os conselhos do mundo quanto a esse trabalho... Não precisa ficar preocupado em pisar nos meus calos.

A fera enrugou a testa e olhou de seus cascos fendidos para os pés delicados dela, calçados por chinelas.

Mikki caiu na gargalhada, despertando olhares curiosos de várias das mulheres.

— Eu não falei literalmente! É apenas um modo de dizer... Você estaria “pisando nos meus calos” se tentasse me dar conselhos sem que eu os tivesse pedido, é isso.

— Ah — ele bufou. E, para a total surpresa dela, riu. Um riso que soou alto e claro, e não houve mulher por ali que não arregalasse os olhos, abismada.

— Não está rindo porque pensou mesmo em pisar no meu pé, não é?

— Não agora que concordou que as mulheres devem deixar a floresta.

Aquilo era um gracejo? O Guardiã estaria mesmo brincando com ela?

A vida era mesmo uma caixinha de surpresas.

— Gii? — Mikki chamou, sem desviar o olhar do dele. — Pode avisar às mulheres que terminamos por hoje? Certifique-se de chamar as que estão na floresta primeiro, por favor. O Guardiã precisa fechar o portal o mais rápido possível.

— Sim, Empousa — aquiesceu a serva, lançando um olhar nervoso ao ser diante dela.

— Obrigado, Mikado — ele falou em voz baixa. — Não considero o reino seguro enquanto essa porta permanece aberta.

Sem saber se aquele era o momento certo para perguntar sobre os perigos que a floresta encerrava, Mikki abaixou-se para apanhar o par de tesouras que usara para podar as rosas. A alça da túnica escorregou por seu ombro, mas, antes que ela pudesse puxá-la de volta, ele inclinou a cabeça e, como se em câmera lenta, usou a ponta do chifre para recolocá-la no lugar com delicadeza.

Uma onda de calor percorreu toda a extensão de seu braço, e seus olhares se encontraram.

— Eu não... não estou acostumada a usar esses quitões — Mikki gaguejou incoerentemente.

— Vai se acostumar em breve.

— O-obrigada — ela falou sem fôlego. Embora sua voz tivesse saído mais fraca do que um sussurro, a intensidade nos olhos escuros obrigou-a a perguntar: — Esse tipo de coisa

também é dever do Guardião?

O rosto moreno, que parecia tão legível um momento antes, de repente se fechou. Como se lembrasse a si mesmo de sua condição, ele recuou um passo.

— É... Sim — respondeu, inseguro, sem olhar para ela. — Cuidar de você é meu dever.

Mikki franziu o cenho. Que diabo estava acontecendo com ele? Aquele seu humor instável estava acabando com ela!

Assim como o silêncio incômodo que se instalou entre eles.

Estava procurando alguma coisa para dizer quando o Guardião manifestou-se outra vez:

— Posso lhe desenhar o mapa, se quiser. — Sua voz soou profunda e tão inescrutável como sua expressão. Ele fitou-a por um instante, então desviou o olhar para longe, inexplicavelmente nervoso.

— Mapa? — Mikki repetiu, distraída, depois se lembrou. — Ah! O mapa dos jardins para que eu possa dividir a área entre os Elementos... Seria ótimo — concordou depressa. — Dê-me algum tempo para arrumar as coisas por aqui e me limpar. Mais tarde podemos nos encontrar na minha varanda e discutir esse projeto enquanto jantamos, que tal? Pode levar o que tiver de material e já começar um esboço para mim.

— Não! — A palavra saiu quase num rugido, fazendo com que várias cabeças se voltassem em sua direção. — Não... — repetiu o Guardião em voz baixa. — Não seria correto.

— Não sei por quê! — ela replicou, dando de ombros. — Eu preciso comer, você também. Temos que conversar sobre isso, e quanto mais cedo, melhor. Assim poderei dar as novas coordenadas para as servas bem cedo, amanhã.

Mikki se questionou se deveria ou não incitá-lo. Aquilo teria algo a ver com a maneira insensível com que Gii se referira a ele antes?

Hora de eu parar de me questionar e seguir meus instintos!, disse a si mesma.

— Se não quer ir à minha varanda, o que eu não compreendo, porque ontem mesmo estive lá, posso pedir que levem o jantar para o lugar onde mora. Poderíamos comer lá, enquanto discut...

— Eu vou à sua varanda — ele decidiu depressa.

— Ótimo. — Ela teve o cuidado de não demonstrar a alegria que sentiu ao vê-lo ceder. — Mas não se esqueça de que tenho de terminar aqui antes e depois tomar um banho porque...

O Guardião levantou a mão para interrompê-la.

— Prefere que eu o invoque quando estiver pronta? — Mikki perguntou num murmúrio.

— Isso mesmo. Chame e eu irei até você — ele falou com um suspiro, e afastou-se em direção ao portal.

Mikki sorriu.

— Acho que me dei bem — sussurrou para o arbusto de *Felicite Parmentier*.

— Céus!, o que eu não daria por um longo banho de imersão em uma banheira de hidromassagem! — Mikki disse para ninguém em particular enquanto, exausta, caminhava

lentamente de volta ao palácio na companhia de suas quatro servas.

— O que é um banho de imersão em uma banheira de hidromassagem? Pode me explicar? — Nera quis saber.

— Claro, e vai gostar, pois tem tudo a ver com água. — Ela sorriu para o elemento Água, que riu em resposta. — Pode-se tomar um banho de imersão com hidromassagem numa enorme banheira de água quente que *assopra* a água em torno de você, formando bolhas que aliviam seus músculos cansados. — Mikki suspirou, melancólica. — Mas isso só é possível por meio da tecnologia, que é a versão do meu mundo para a magia.

— Pois acho que seu novo mundo pode lhe proporcionar coisa melhor...

Gii sorriu significativamente para as outras servas.

— Sem dúvida podemos oferecer muito mais do que uma banheira de água borbulhando para a nossa Empousa — confirmou Nera.

— É verdade! — concordou Aeras.

— E se quiser um banho mais quente, posso cuidar disso — garantiu o elemento Fogo, travessa.

Gii tomou uma das mãos de Mikki, e Nera, a outra. Com energia renovada, as servas a arrastaram pela lateral do palácio, passando pelo local onde ficava seu quarto e a varanda em curva e rumando por um caminho entre duas fileiras de arbustos ornamentais cortados em forma de cones. A alameda fazia uma curva e então revelava uma ampla escadaria em espiral que seguia para a direita. Antes que chegassem ao final dela, Mikki percebeu a temperatura subir e sentiu um perfume vagamente familiar.

A escada acabava em uma plataforma. Ela pisou no mármore branco e suspirou, maravilhada.

— Piscinas de água quente!

Mas não eram como nenhuma que ela já vira.

Havia dois níveis: o primeiro, superior, continha piscinas menores; cinco no total, Mikki contou depressa. E todas cheias com uma água borbulhante azul-turquesa. Cada uma delas possuía mais ou menos o dobro de uma banheira de hidromassagem, e era como se tivessem sido escavadas na rocha irregular e branca por uma colher de sorvete gigante.

Da borda desse nível, a água coberta por vapor caía em cascata para uma piscina maior. Mikki caminhou até a beira e espiou lá para baixo. A piscina era funda e rodeada por mais pedra clara. E era possível ver, através da água límpida, a areia branca que havia ao fundo.

— As piscinas de cima são mais quentes que a de baixo — explicou Nera. — Garanto que elas vão ajudá-la a afastar as dores no corpo.

— Inacreditável! — Ela suspirou. — Para ficar mais perfeito eu só precisaria de sabão, roupas limpas e muito vinho!

Mal tinha pronunciado as palavras, ouviu passos leves na escada atrás delas. Sem palavras, assistiu a várias mulheres deslocarem-se pelo complexo, apressadas. Algumas traziam várias

bandejas com taças e jarras de vinho. Outras carregavam tecidos nos braços, enquanto outras, ainda, seguravam inúmeras cestas repletas de delicadas garrafas de vidro, esponjas macias e escovas.

Gii riu ao ver a expressão de Mikki.

— Empousa, se desejar algo, vai acontecer! Essas mulheres são criadas do palácio, cuja única responsabilidade é fazer todas as vontades da Empousa de Hécate.

— É como magia! — sussurrou Mikki.

— Não é *como* magia. É magia. A sua magia — garantiu Gii, soltando os broches que mantinham sua túnica suja precariamente presa ao ombro.

— Então, meus desejos são mesmo uma ordem? — Mikki perguntou, com uma sensação de dormência enquanto as servas dispunham as bandejas na piscina e, com uma reverência, desapareciam escadaria acima.

— Claro que são — concordou Gii.

— Meu Deus, e se eu desejar algo inapropriado?

Gii fitou-a nos olhos.

— Creio que seja sábia demais para isso, Empousa.

Ela esperava que sim, refletiu Mikki, preocupada. Por sorte faria muito esforço físico por algum tempo. Desejar um *fudge cake* triplo àquela hora não poderia ser classificado como inadequado, mas ficar sem exercício depois disso seria definitivamente imprudente.

Perdida em pensamentos, ela permitiu que o elemento Terra a livrasse do quitão e, com um gemido de prazer, escorregou, nua, para uma das piscinas borbulhantes. Nera, Aeras e Floga já haviam enchido cinco taças até a borda com o vinho branco da cor da luz do sol e arrastado cestas cheias com garrafas e esponjas para a borda de cada uma das piscinas.

Gii passou um cálice a Mikki antes de começar a tirar a própria roupa.

— Que bom que escolheu este vinho branco gelado em vez de um tinto! — Floga falou da piscina à esquerda da dela. — Sonhei com esta delícia a semana toda!

— Mas eu não... — Mikki começou e, em seguida, fechou a boca ao perceber que, sim, havia imaginado vinho branco e refrescante enquanto falava. Inacreditável.

A bebida gelada fazia um maravilhoso contraste com a água quente e borbulhante, e ela estremeceu de prazer. Descansou de encontro ao lado liso da piscina e fitou a beleza que se estendia a sua frente. As pequenas lagoas situavam-se na parte de trás do precipício em que o palácio fora construído, e a vista era espetacular.

Olhou uma área dos jardins repleta com o que parecia ser um mesmo tipo de rosa, as aquais tinham sido plantadas em canteiros em forma de espiral e, embora certamente estivessem doentes, pareciam mais verdes e saudáveis do que as do restante do reino.

Além desses canteiros, podia ver dali a grossa muralha de Multifloras e, um pouco além, a floresta. O sol já havia se posto no horizonte, escorado nas folhas verdes; contudo, o céu ainda ostentava algumas cores.

Mikki tomou um gole de vinho e fixou o olhar nas roseiras circulares, apreciando a simetria e o estilo dos canteiros exclusivos. Conseguia vislumbrar dali a silhueta de alguns botões, e alguns deles pareciam até mesmo ter desabrochado. Eram vermelhos, com um toque de ouro na base...

Sentou-se de um salto, fazendo a água espirrar sobre a pedra lisa e clara ao redor da piscina.

— Eu estava me perguntando quando você ia notar... — Gii falou baixinho.

— Esses canteiros sempre foram de rosas Mikado?!

— Não. Eles mudam a cada nova Empousa. Esta parte dos jardins é reservada às Altas Sacerdotisas de Hécate. Se olhar com atenção, verá que no meio do canteiro central há um pequeno templo. É seu santuário particular, um lugar em que jamais será perturbada.

Um pensamento brotou na mente de Mikki e, quase sem querer, ela fez a pergunta:

— Onde é o covil do Guardião?

— A entrada fica logo abaixo destes mananciais. Hécate fez questão de acomodá-lo num local próximo, de maneira que ele nunca ficasse distante de sua Empousa.

Mikki percebeu o desagrado na voz de Gii e virou-se para fitar a serva.

— Você não gosta dele.

— É irrelevante eu gostar ou não do Guardião. Ele é um animal e seu único propósito é proteger o reino — a moça soou estranhamente concisa.

— Ela tem medo de que ele cometa outro desliz e condene o reino a mais feitiços — explanou Floga, a expressão tão fria e desaprovadora quanto sua voz.

— Parece que está preocupada com isso também — observou Mikki, perspicaz.

— Estou...

— Vocês também? — Ela olhou para Aeras e Nera, e ambos os Elementos assentiram sem cerimônia. — Afinal, o que o Guardião fez para deixar Hécate com tanta raiva? — indagou, ao mesmo tempo que se perguntava por que ela se sentia tão irritada com as servas e tão disposta a defender aquela criatura sinistra.

Quando ninguém respondeu, voltou-se para Gii. A serva moveu-se, inquieta, e não fitou-a nos olhos.

Mikki suspirou.

— Querem fazer o favor de me dizer o que aconteceu? É tão terrível assim?

Afinal, Hécate permitiu que ele voltasse!

Gii ergueu o rosto finalmente, e seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas.

— Não podemos dizer, Mikado.

— Só podem estar brincando! Por que, diabos, não podem me dizer?

— Perdão... Perdoe a todas nós, mas não estamos autorizadas a falar sobre isso. Nem deveríamos ter permitido que a conversa chegasse a este ponto. — Lágrimas escorreram pelas faces do elemento Terra.

— Por favor, não fique zangada, Empousa! — implorou Nera.

— Gii está dizendo a verdade! — choramingou Aeras. — Fomos proibidas de tocar nesse assunto.

— Ela está certa. Eu não devia ter mencionado isso — afirmou Floga. — Hécate ordenou que essa história permanecesse no passado. Não podemos falar do assunto nunca mais.

— E quanto ao Guardião? Ele falaria?

— Oh, não, Empousa! — implorou Gii, o rosto antes corado pelo banho quente perdendo toda a cor. — Não deve falar do passado com ele!

Os outros Elementos ecoaram suas súplicas, horrorizadas.

— Está bem, está bem! Eu não vou perguntar a ele. Fique tranquila, Gii, por favor, não chore... Vamos esquecer esse assunto — Mikki assegurou, odiando-se por ter causado tanta aflição nas moças. — Agora me ajudem a descobrir o que há nestas garrafas. Não quero usar óleo em vez de xampu nos cabelos.

Fungando e enxugando os olhos, Gii apontou os sabonetes e óleos na cesta de Mikki; contudo, esta mal prestou atenção em sua explicação. Seus pensamentos continuavam girando em torno das questões não respondidas. Apesar das advertências, ela ainda pretendia perguntar ao Guardião o que acontecera.

Não naquela noite, claro. Não tão cedo. Mas e se viesse a conhecê-lo melhor? Naquela tarde, ele havia sorrido e até brincado com ela.

E a havia tocado...

Estremeceu ao lembrar-se de como o simples toque de seu chifre tinha feito a pele de seu braço se arrepiar e de como seus olhos pareciam ver a alma dela.

Admita... Ele a tira do prumo!

Era verdade.

Mikki silenciou os pensamentos, porém, obrigando-os a deixar a fera e se concentrar no mistério que cercava o reino que esta guardava. Hécate não podia esperar que ela vivesse ali sem que quisesse descobrir a sequência de eventos que a levava a se tornar sua Empousa. Talvez a deusa houvesse proibido as servas de falar sobre o assunto porque não queria que ela ficasse sabendo das coisas por terceiros.

Gii não dissera especificamente que o Guardião também fora proibido de falar. Apenas se preocupara diante de sua intenção de perguntar a ele sobre o passado...

E era evidente que suas damas de companhia, assim como as outras mulheres no reino, *pisavam em ovos* quanto à criatura. Não sabiam se tratavam o Guardião como um cão raivoso ou um semideus.

Pois ela não pensava nele como nenhuma das duas coisas.

Tirou a rolha da garrafa que Gii apontara como sendo xampu e derramou uma quantidade generosa dele nos cabelos. Conforme a noite esfriava, o vapor das piscinas naturais erguia-se em ondas espessas, envolvendo cada banhista na névoa quente. Perdida em um

mundo só dela, Mikki respirou fundo, notando que o sabão tinha a mesma fragrância do perfume exótico que Sevillana havia lhe dado.

Terminou de lavar e enxaguar os cabelos e destampou as outras garrafas: sabão, xampu e óleo possuíam todos o mesmo aroma.

— Têm o perfume da unção da Empousa... Nenhuma outra pessoa pode usá-lo.

Como cada mulher degustava seu vinho e se banhava, as piscinas tinham se aquietado e a voz de Floga a assustou. Mikki fitou-a através do vapor e notou a estranha expressão do elemento Fogo. Era quase como se ela estivesse irritada.

— Queria usá-los, Floga? — perguntou sem preâmbulos, baixando a voz para que suas palavras chegassem apenas até a linda ruiva.

— Não, Empousa! — A serva respondeu num sussurro, contrariada. — Claro que não.

Quando a moça desviou olhar do dela, contudo, Mikki não teve tanta certeza disso.

CAPÍTULO 19

— Não, obrigada, Gii. Vou comer alguma coisa e ir direto para a cama. Estou exausta, e amanhã vai ser um dia cheio. — Mikki abriu um grande sorriso, dizendo a si mesma que não estava mentindo para a serva. Estava apenas omitindo parte da verdade.

— Mas, Empousa, tem certeza de que não quer que eu a ajude com a camisola?

— Não é necessário. — Mikki olhou para a veste amarela, simples e elegante. — Acho que já estou me acostumando a amarrar essas túnicas.

Gii sorriu.

— E a que usou esta tarde deu certo como roupa de trabalho?

— Acho que sim. — Mikki foi sincera. Após a dificuldade inicial em ficar dobrando o tecido das saias, tinha descoberto que a veste era confortável e até adequada para se trabalhar...

Mesmo que tivesse exigido alguma ajuda do Guardião para ficar no lugar.

Na verdade, talvez por isso mesmo ela havia gostado de usá-la.

— Então gostou mais do quitão do que do *jens*?

— *Jeans*. — Mikki riu. Obrigou-se a se concentrar na moça a sua frente e, num impulso, deu-lhe um forte abraço. — Quer saber? Acho que gostei, mesmo, mais do quitão do que do jeans.

Gii retribuiu o abraço, afetuosa.

— Descanse bem, Empousa.

— Você, também, Gii. Chame as outras meninas assim que eu acordar, e tomaremos o café juntas. Estou com algumas ideias que quero discutir com vocês.

— Como quiser, Empousa. — Gii fez uma reverência, então saltitou alegremente até a escada da varanda e desapareceu na escuridão.

Uma vez sozinha, Mikki viu-se ansiosa quanto ao restante da noite. Tal como acontecera na noite anterior, a mesa fora colocada do lado de fora das portas de vidro e, de novo, encontrava-se repleta de carnes frias, queijos, pão e vinho. Notou as duas cadeiras, mas havia apenas um prato com talheres e uma taça.

Franziu o cenho. Ele não iria se safar dessa. Ela o convidara para jantar, e assim seria!

Fechou os olhos e pensou nas criadas que tinham aparecido de forma mágica quando ela desejara vinho, sabão e roupa limpa.

— Preciso de mais um lugar na mesa, por favor! — pediu em voz alta.

Antes que pudesse contar até dez, ouviu duas batidas fortes na porta do quarto. Enfiou a cabeça para dentro do cômodo e ordenou que entrassem.

De imediato, reconheceu uma das mulheres que a servira na piscina natural, a qual, apressada, veio carregando uma bandeja com as louças.

Mikki foi a seu encontro.

— Obrigada por ter vindo tão rápido.

— Peço desculpas, Empousa. Se eu soubesse que não estaria jantando sozinha, já teria colocado a mesa para dois.

— Não se preocupe com isso. Na verdade, foi uma mudança de planos — ela respondeu, evasiva, torcendo para que as criadas só lessem seus pensamentos quando ela estivesse precisando de alguma coisa, e não quando estivesse mentindo. Estendeu as mãos para pegar a bandeja. — Pode deixar...

A mulher pareceu confusa.

— Quer que eu traga mais comida e vinho?

— Não. Já trouxe o suficiente. Não precisa se preocupar.

— Nunca é um incômodo atendê-la, Empousa.

Mikki esforçou-se para não suspirar. Podia não ser um incômodo servi-la, mas já podia dizer que tanta diligência podia ser, sim, muito aborrecida.

— Qual é seu nome? — perguntou, mudando de tática.

A criada piscou, surpresa.

— Daphne.

— Daphne... Lindo nome.

A moça corou até a raiz dos cabelos.

— Eu mesma levo isto para a mesa agora, Daphne. — Apanhou a bandeja das mãos da desconcertada serva. — Mas vou precisar de você amanhã cedo. Pretendo tomar o café da manhã na companhia dos Quatro Elementos. Não se esqueça de trazer o suficiente para todas nós, está bem?

— Sim, Empousa.

— Maravilhoso! Agora, você e as outras mulheres podem descansar... Não preciso de mais nada. — Daphne abriu a boca para protestar, contudo Mikki a interrompeu com firmeza: — Boa noite, Daphne. Eu a verei amanhã, no desjejum.

Relutante, a serva curvou-se e deixou o quarto.

— *Saco!* — Mikki murmurou para si mesma enquanto punha a mesa. — Esse “Sim, Empousa?”, “O que posso fazer por você, Empousa?” pode soar interessante na teoria. Na prática, é um *porre!*

Talvez não fosse se ela não estivesse se esgueirando feito uma adolescente prestes a se encontrar com um namorado à revelia dos pais.

— Não sou nenhuma adolescente! — disse ao próprio reflexo enquanto escovava os cabelos já secos. — E ele não é meu namorado. Vai ser apenas um jantar de negócios. — Pressionou a mão contra o frio na boca do estômago. — Então, pare de agir como uma menininha, droga!

A mesa estava pronta. *Ela* estava pronta.

Ou tão pronta como podia estar, concluiu Mikki, apreensiva.

Caminhou até a varanda e sentou-se. Respirando fundo, colocou as mãos no colo, fechou

os olhos e pensou no Guardião: na forma como ele cuidara das mulheres naquela tarde, em seu sorriso, no calor de seu corpo quando ele estava perto dela, em seu toque... E em como ele parecera só ao desaparecer na sombra da árvore em vez de se juntar ao restante do grupo na hora do almoço.

— Parece triste, Empousa. Há alguma coisa errada?

Mikki abriu os olhos. Ele estava em pé, fora do círculo de luz que o candelabro emanava de cima da mesa.

— Não estou triste. Estava apenas me concentrando. Não estou acostumada a chamar alguém apenas pensando na pessoa.

— É um dom com o qual Hécate contempla cada Empousa.

— Fico muito agradecida, mas talvez ainda leve algum tempo para me habituar a ele. — Fez um sinal na direção da cadeira no outro lado da mesa. — Sente-se... Eu não tinha percebido como estava com fome até agora, quando senti o cheirinho da comida.

Ele saiu das sombras devagar, como se lhe dando tempo para se adaptar à sua presença.

Mikki disse a si mesma para não ficar olhando. Seria muito rude.

Mas ele era uma criatura tão inacreditável que não havia como dar apenas um sorriso e iniciar uma conversa educada, fingindo que, a cada nova visão sua, ela não ficava em choque.

Seus cascos tocaram o mármore no silêncio e Mikki viu-se olhando para baixo. Ele vestia outra túnica curta, ao estilo militar, o que deixava grande parte das pernas musculosas desnudas. Exceto por estas serem cobertas por uma camada de pelos lisos, eram mais parecidas com as de um ser humano do que com as de um animal. O peitoral de couro moldava claramente os músculos do peito e do abdômen, os quais eram, sem dúvida, os de um homem.

Não, Mikki corrigiu-se em pensamento. Nenhum homem tinha um tórax como aquele. Ele não era mais de pedra, mas podia ter sido esculpido em mármore de tão perfeito.

O Guardião aproximou-se da mesa e parou, como se permitindo que ela o estudasse. Mikki sentiu o rosto arder, traiçoeiro.

— Como se chama isso? — perguntou num impulso, tentando disfarçar a vergonha por tê-lo encarado.

— Isso o quê, Empousa? — Ele enrugou a testa, confuso.

— Essa armadura que você usa... Lembre-se de que sou nova por aqui. — Ela ergueu uma ponta da própria roupa. — Apenas esta manhã Gii me ensinou que isto é chamado de quitão. Então fiquei curiosa por saber sobre essa sua roupa. — Ela sorriu de leve, perguntando-se se não estava parecendo uma imbecil.

Provavelmente.

Ele olhou para si mesmo, depois voltou a fitá-la.

— É o *cuirasse* de um guerreiro. Uma couraça.

— *Cuirasse* — ela repetiu a palavra. — Usa sobre um quitão?

— Não, esta é uma túnica curta. Um guerreiro não poderia vestir um quitão em uma batalha.

Diante da expressão divertida no rosto forte, Mikki ousou apontar para as pernas desnudas dele.

— Pois eu acho que você precisaria de mais proteção numa batalha.

O rosto do Guardião endureceu.

— Eu precisaria se fosse um homem. Os gregos costumam entrar numa batalha com *enemides* de couro dos tornozelos aos joelhos. — Ele levantou a pata e a baixou em seguida com um baque surdo. — Eu não necessito de tal proteção.

— Compreendo... — Ela sentiu um pequeno tremor, misto de medo e fascínio, percorrer a pele. Fitou os olhos escuros, orgulhosa por fazer a voz soar normal: — Esse tipo de uniforme deve ser muito útil em seu trabalho.

— Ser o Guardião de Hécate não é meu trabalho, é minha vida.

Mikki obrigou-se a dar um sorriso despreocupado e colocou uma fatia de carne fria no prato.

— Não tem ideia de quantos homens no meu antigo mundo falam o mesmo sobre seus trabalhos...

— Eu não sou um homem — ele reafirmou num rosnado.

Desta vez, ela suspirou, largou o garfo e o encarou.

— Estou bem ciente disso. Assim como imagino que você e os outros habitantes deste reino estejam bem conscientes de que não sou como as outras Empousas. Nem por isso fico cheia de melindres! Fico lembrando que sou provavelmente uns vinte anos mais velha do que as outras, e que fico confusa com quase tudo o que me cerca aqui? Não. Por dois motivos. Em primeiro lugar porque é muito aborrecido e, em segundo, porque ficar me lamentando não vai mudar nada. Ou seja, eu poderia reclamar o tempo todo sobre querer ser mais alta ou mais magra, mas isso não iria mudar o fato de que estou uns dois, três... — ela hesitou, reconsiderando — uns *quatro* quilos acima do meu peso. — Apontou para a cadeira outra vez, frustrada. — Agora sente-se e vamos jantar. Estou faminta e, se não como logo, fico irritada.

Para sua surpresa, ele não rosnou para ela nem fez meia-volta. Sentou-se.

Mikki pegou o garfo e prosseguiu, carregando o prato com uma variada e deliciosa seleção de carnes e queijos. Naquela noite, tinham trazido também azeitonas pretas picantes e pimentões assados, bem como figos frescos.

Ela levantou a cabeça quando percebeu que ele continuava apenas sentado a sua frente, e ergueu uma sobrancelha.

— Não estou acostumado a comer na companhia de outros — explicou o Guardião em voz baixa.

Mikki não teve que indagar por quê. Gii já havia respondido a essa pergunta. O restante

do reino o via apenas como uma fera, um animal. A própria Hécate tinha afirmado que ele nunca fora e nem nunca seria um homem.

Pois ela via as coisas de modo diferente.

Não, ele não era um homem... Mas também não era um animal.

— De onde eu sou é pouco educado deixar alguém comer sozinho, sabia?

— E você não é mesquinha, Mikado.

Ele não colocou a frase como uma pergunta, mas ela respondeu assim mesmo.

— Não. Às vezes sou egoísta e teimosa; até mesmo cínica. Mas posso jurar que nunca fui mesquinha.

Enquanto falava, algo no rosto dele mudou. Era como se ela tivesse, de alguma forma, retirado a camada protetora dentro da qual ele se mantinha, deixando-o, inesperadamente, muito vulnerável.

Mikki lembrou-se do rugido terrível de solidão que ecoara da estátua pelo mundo moderno até seus sonhos. Quis estender a mão e tocá-lo, dizer-lhe que tudo ficaria bem, mas, de repente, ficou com medo. Não do ser fantástico que continuava sentado, sem jeito, do outro lado da mesa, e sim de si mesma.

Desviou o olhar da emoção estampada em seus olhos e ocupou-se em arrumar a comida. Não demorou e ouviu o tilintar das louças e talheres, o que indicava que ele também enchia seu prato.

Encheu o próprio cálice com o vinho branco gelado, cujo jarro transpirava, e ficou contente por ser o mesmo vinho excelente que lhe tinham oferecido nas piscinas.

Olhou para o Guardiã.

— Vinho?

Ele concordou, e ela o serviu. Então ergueu a própria taça e sorriu.

— Às rosas — falou num brinde.

Ele hesitou. Logo depois, fez um pequeno gesto com a mão e falou uma única palavra em voz baixa. Só depois levantou a taça, a mão enorme envolvendo o cristal delicado desajeitadamente, como se estivesse com medo de esmagá-lo.

— À nossa nova Empousa.

Quando ela ergueu o copo até os lábios, viu a rosa branca e perfeita flutuando no mar de vinho.

Sorriu. Esta não estivera lá antes. *Ela* a fizera aparecer para ela.

Fechou os olhos e bebeu, inalando seu doce perfume; um acompanhamento perfeito para o líquido borbulhante.

Mais tarde, pensou, iria se lembrar daquele como o exato momento em que se apaixonara por seu Guardiã.

CAPÍTULO 20

Mikki queria que o jantar fosse tranquilo e casual, mas, no fim, houve vários momentos embaraçosos. O Guardiã manteve-se em silêncio e desconfortável, o que fazia todo o sentido. Ele sempre comia sozinho. O reino inteiro o considerava um animal, um intruso. *Como podia saber como se portar educadamente em um jantar?*, ela se perguntou, desolada.

Teve o cuidado de não fitá-lo, pois, sempre que o fazia, ele parava de comer. Tentando deixá-lo mais à vontade, dispensou sutilezas como o garfo e a faca e passou a consumir a carne e o queijo com os dedos, mastigando mais ruidosamente do que o normal. Ainda assim ele continuou calado, comendo e bebendo pouco, e apenas quando sua atenção encontrava-se em outro lugar.

Mikki encontrou seus olhos por cima da mesa e desviou o olhar pela milésima vez. Pena não terem uma televisão diante da qual pudesse se sentar ou, pelo menos, outros comensais nos quais pudessem prestar atenção. Ele precisava de algo que o fizesse esquecer que estava jantando ali com ela.

Foi então que Mikki se lembrou.

— O mapa dos jardins! — exclamou, ansiosa. — Poderia desenhá-lo para mim enquanto estamos comendo... Aposto que as criadas que me trazem comida poderiam arrumar papel e lápis.

Ela poderia ficar perto da porta e não permitir que as criadas entrassem no quarto. Ninguém precisava saber que ele se encontrava ali.

— Fiz um enquanto aguardava seu chamado.

O Guardiã estendeu a mão enorme e falou uma palavra que soou como um grunhido misturado a vogais. No instante seguinte, um pergaminho surgiu em sua mão. Ele o estendeu para ela, e Mikki o segurou devagar, com medo que desaparecesse com seu toque.

— É incrível a maneira como pode fazer as coisas aparecer. — Ela limpou a garganta e, em tom de brincadeira, acrescentou: — Será que não pode me ensinar a fazer isso? — Duvidava, mas, naquele mundo, tudo era possível.

— Receio que tivesse de ter nascido filha de um Titã para ter a capacidade de conjurar objetos inanimados.

— Ah, que pena! Seria ótimo poder conjurar uma enxada ou tesouras de poda quando eu precisasse delas em vez de ter que carregá-las para todos os cantos.

Os lábios dele curvaram-se num breve sorriso.

— Em compensação eu não tenho a capacidade de invocar os Quatro Elementos, tampouco de lançar o círculo sagrado de Hécate.

Mikki sorriu de volta.

— Ser Empousa tem suas vantagens.

— Concorde. — Ele ergueu o vinho com ela novamente e, desta vez, pareceu mais à

vontade ao segurar a taça de cristal.

Mikki empurrou alguns dos pratos até a borda da mesa, abrindo espaço para o amplo pergaminho. Desenrolou o mapa e colocou quatro dos pratos menores em cada um dos cantos, de modo a poder estudá-lo.

Pelo visto, o esboço fora feito com pena e tinta. Ele havia desenhado um círculo amplo e espesso que representava claramente os limites da muralha. Dentro dele, em extraordinários detalhes, fizera a planta do jardim. O palácio fora colocado ao Norte, onde ele desenhara até mesmo a varanda em que estavam, bem como o rochedo atrás da gigantesca construção, onde ficavam as piscinas naturais e os canteiros de rosas exclusivos dela. O Templo de Hécate fora representado em forma de cúpula, acompanhado do imenso chafariz, o qual, ela pôde ver, ficava bem no centro dos vergéis. E, espiralando destes, como raios de uma roda, desenhara os inúmeros canteiros de rosas aninhados em um labirinto de veredas entrelaçadas.

Mikki esperava algo parecido com um desenho de escola, mas aquilo era uma obra de arte rica em detalhes e beleza.

Perplexa, olhou do mapa para a criatura que o fizera com tanto cuidado e inesperado talento.

— Mas, Guardiã, este mapa está maravilhoso! Não apenas tem tudo o que preciso para dividi-lo em quatro partes e mostrar às servas exatamente qual a área dos jardins pela qual elas serão responsáveis, como também vai me ser muito útil! Agora não tenho mais que me preocupar em não encontrar o caminho de volta para o palácio. — Fitou as mãos gigantescas que assemelhavam-se mais a enormes patas do que às ferramentas delicadas de um artista. — Como fez isto?

Por um momento, ele não respondeu. Em seguida, ergueu a mão esquerda devagar. Era a mão de um homem, porém maior, com dedos do tipo que um *linebacker* de futebol americano teria.

— Elas são realmente mais habilidosas do que parecem — murmurou. — Levei séculos para aprender a manejá-las.

Espalhou bem os dedos, e sua mão tremeu antes que, de cada unha, brotasse uma longa garra.

— *Cacete!* — Mikki exclamou, estupefata.

Ele soltou uma risada áspera.

— Isso é uma praga?

Ela endireitou a espinha.

— Mais ou menos. De péssimo gosto. Eu devia cuidar da minha língua, mas você... — Mais uma vez, ela ficou sem palavras. Só conseguia olhar para as cinco facas perigosas em que os dedos dele tinham se transformado.

— Eu a assustei — ele concluiu.

— Não! — Mikki replicou depressa. — Você não me assusta, apenas me surpreende. —

Fitou-o nos olhos. — Posso tocar?

— Sim... — A palavra pareceu brotar do fundo de seu peito.

Ela tocou uma das garras reluzentes.

— Você é como o Wolverine.* [1](#).

— Como o carcaju, aquele animal pequeno e temperamental?

— Não! — Fascinada, Mikki continuou a olhar as garras, sentindo as lâminas frias e duras na ponta dos dedos. — Esse também é o nome de um personagem dos quadrinhos... uma espécie de livro do meu antigo mundo. Na verdade, ele deve se chamar Wolverine por causa do nome inglês do bicho. É um homem que tem habilidades especiais. Uma delas é que pode fazer brotar garras das mãos, assim mesmo.

O Guardiã não tirava os olhos do dedo que o tocava, quente.

— E esse Wolverine também é um demônio rejeitado pelo restante dos personagens da história?

— Ele tem lá seus problemas... Mas no fundo é um homem de bom coração que se esforça para fazer a coisa certa. — Mikki finalmente ergueu os olhos para os dele. — Depois que você o conhece melhor, começa a compreender que o único demônio dentro dele é o que ele próprio imagina.

Não conseguiu mais desviar o olhar. Aqueles olhos escuros devoravam sua razão. De repente, já não importava o que ele era. Não enquanto ficasse olhando para ela como se ela fosse seu mundo.

Com um pequeno tremor, Mikki sentiu as garras se retraírem e percebeu que agora sua mão descansava na dele. Com uma risadinha nervosa, puxou a dela depressa.

— Usa suas garras como pena de escrever?

— Sim, Empousa. — Sua expressão tornou-se ilegível novamente.

Mikki sentiu o estômago se apertar. Não queria que ele subisse a guarda outra vez e, em vez de recostar-se na cadeira, colocou a mão em seu antebraço.

Os olhos escuros do Guardiã voltaram-se para ela, contudo ele nada disse; tampouco afastou-se de seu toque.

— Obrigada por este belo mapa. Era exatamente o que eu precisava para organizar as mulheres amanhã.

— Por nada, Empousa.

Ela sorriu e se recostou, enfim.

— Eu queria que me chamasse de Mikki. Gosto de ser Sacerdotisa, mas há momentos em que desejo ser apenas eu mesma.

— Se não se importar, prefiro chamá-la de Mikado. — A voz grave ressoou entre eles. — É uma bela rosa, e descobri que ela me lembra você.

Mikki sentiu um arrepio de prazer com o elogio.

— Não me importo. Gosto da maneira como meu nome soa quando o pronuncia... como se houvesse algum segredo contido na palavra.

— Talvez haja.

— Talvez — ela murmurou, mais uma vez perdendo-se em seu olhar.

— É melhor eu ir — ele falou de súbito, rompendo o contato e fazendo menção de se pôr em pé.

— Ainda não... — Inclinando-se para a frente, Mikki segurou-lhe a mão e sentiu o tremor que passou por ele. — Fique um pouco mais e beba outra taça de vinho comigo.

Ao vê-lo relaxar de volta na cadeira ela o soltou, relutante, e ocupou-se em encher as duas taças.

— Sei que deve estar esgotado... Meu corpo também está, mas minha mente continua girando com tudo o que preciso fazer amanhã e com o que eu devia ter feito hoje.

— Fez muitas coisas hoje. Devia estar satisfeita.

— E estou. Mas também estou impaciente para começar a trabalhar no restante dos jardins.

O Guardião concordou com um gesto de cabeça.

— É importante que as rosas se curem e se desenvolvam. Elas são a base e a força do nosso reino. É perigoso para elas adoecer.

— O que há na floresta que o deixa tão preocupado? — Mikki perguntou em voz baixa.

— Ladrões de Sonhos.

— Hécate os mencionou, mas não faço ideia de quem eles sejam. Tudo o que sei é que você, ela e, pela maneira como as mulheres que entraram na floresta ficaram caladas e assustadas, olhando, todos neste reino acreditam que eles são perigosos. Compreendo, mas não imagino o que possam ser.

— Ladrões de Sonhos assumem formas diferentes dependendo de sua vítima. Essa é uma das razões pelas quais eles são tão perigosos. A face que iriam lhe mostrar seria bem diferente daquela que mostrariam a uma de suas servas.

— Então eles são seres físicos?

— Eles podem ter formas físicas, sim. — O Guardião parou e a estudou com cuidado. — Em seu antigo mundo também deve haver Ladrões de Sonhos. É possível que eles se personifiquem de outra maneira lá.

Mikki pensou nos jovens membros de gangues que viviam lotando a sala de emergência, até que, inevitavelmente, acabavam no necrotério ou na penitenciária... Nas estatísticas que apontavam Oklahoma como um dos estados com o maior número de adolescentes grávidas, bem como nos relatórios de abuso infantil; além do número absurdo de mulheres que viviam na pobreza.

— Tem razão. Também há Ladrões de Sonhos no meu antigo mundo. Jovens jogam fora suas vidas, meninas se submetem a abusos até não terem mais saída... Coisas terríveis

acontecem todos os dias.

— E o que faz essas coisas acontecer? O que está no centro dessas tragédias?

— O ódio, a ignorância, a apatia...

— Exatamente. E esses são apenas alguns dos Ladrões de Sonhos que espreitam a floresta da encruzilhada entre os mundos. Se eles entrassem em nosso reino, não apenas destruiriam a vida das pessoas, mas os sonhos que fazem as gerações sobreviverem.

— Vai mantê-los longe daqui, não vai?

— Jurei pela minha vida que sim.

— Devia ter me contado tudo isso antes. — Mikki estremeceu, sentindo-se mal só de pensar como insistira para que ele abrisse o portal e permitisse que as mulheres fossem para a floresta. — Não, não é culpa sua... Você tentou me dizer que era perigoso. Eu devia tê-lo escutado.

— Você fez o que acreditava ser melhor para as rosas. Nada aconteceu, e eu estava lá para proteger o portal... Eu sempre estarei por perto para proteger o portal.

— Mas, se essas coisas estão na floresta, por que existe um portal? Não deveríamos eliminá-lo e nos certificar de que ele nunca mais fosse aberto de novo?

— Não podemos. Mikado, nem tudo na floresta é ruim. Você deve saber que até mesmo os sonhos precisam ser temperados com a realidade de tempos em tempos. Nossa realidade vem da floresta, e as tramas desta, que vagueiam por lá, vêm do além.

— Vai inspecionar o restante da muralha e ver se nenhum outro pedaço dela ficou vulnerável com as rosas doentes, amanhã cedo?

— Vou. Pode dormir tranquila, Mikado. O reino é seguro sob minha proteção.

Mikki sabia que o que ele dizia era verdade. Sabia, nas profundezas da alma, que aquele ser incrível, meio homem, meio animal, daria a vida para manter o Reino das Rosas e sua Empousa seguros.

— Obrigada.

Dessa vez, em lugar de indignar-se com seu agradecimento, ele apenas curvou ligeiramente a cabeça.

Durante algum tempo eles beberam, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— Posso lhe fazer outra pergunta? — Mikki rompeu o silêncio.

— Pode. — Ele a fitou com uma expressão interessada.

— Quando eu perguntei se você poderia me ensinar a conjurar as coisas, disse que não porque apenas alguém nascido de um Titã tinha essa habilidade... Afinal, quem eram seus pais?

Ele não respondeu à pergunta de imediato, ponderando se deveria contar sua história ou se deveria ficar em silêncio e deixar que aquilo permanecesse um mistério para Mikado. Um mistério que ela acabaria se cansando de tentar resolver.

O pensamento o fez sentir-se muito sozinho.

Quando começou a falar, sua voz soou estranhamente fraca e ele não conseguiu olhar para ela. Em vez disso, desviou os olhos para a noite escura.

— Meu pai é o Titã Cronos. Certo dia, ele visitou a antiga ilha de Creta e pôs-se encantado por algo além da beleza dessa terra perdida no meio do mar. Ele viu e caiu de amores por Pasífae... Mas ela não era uma virgem ingênua. Sabia que os mortais que tornavam-se amantes dos deuses costumavam ter fins trágicos, por isso recusou o Titã. Cronos não se deixou abalar por sua rejeição. Esperou e observou. Quando Minos, rei de Creta, escolheu Pasífae como sua noiva, meu pai viu sua oportunidade... Na noite de núpcias de Minos, ele drogou o rei e tomou sua aparência, bem como a virgindade de sua noiva. Minos foi enganado, assim como Pasífae. Mas a mulher de Cronos, Reia, não. Suspeitou da infidelidade do marido e enfrentou Cronos. Ele negou ter se deitado com Pasífae. E, na verdade, não mentiu. Uma vez que havia saciado seu desejo pela mortal, seu amor tinha desaparecido... Ainda assim, Reia não ficou satisfeita. Ela vigiou Pasífae e descobriu que esta estava grávida. Em um arroubo de ciúme, Reia amaldiçoou a criança: se, de fato, fosse o filho de um Titã, não nasceria homem nem deus, mas uma abominação, uma criatura como nenhuma outra do mundo antigo. Foi no que eu me transformei.

— Mas, então... o mito do Minotauro foi baseado em você!

Os olhos castanhos encontraram os dela, vazios.

— Esse foi o nome que Minos me deu. Ele me odiou no momento em que nasci.

— E quanto a sua mãe?

— Pasífae foi mais gentil do que o marido. Até ousava me visitar secretamente; e eu me lembro de que, quando era criança, às vezes ela cantava para eu dormir. — O Guardiã fez uma pausa, lutando para controlar as emoções.

— Então sua mãe amou você.

Ele se retesou, como se as palavras o ferissem.

— Prefiro pensar que ela *tentou* me amar. Ela me deu o nome Asterius, recusando-se a me chamar de Minos, mas, mesmo em sua bondade, não conseguia esquecer que eu era uma aberração. Sabia, por conta da minha forma monstruosa, que Cronos conseguira deitar-se com ela, e abominava tal ideia. Minha figura era um lembrete constante de que o Titã a tinha enganado e invadido seu corpo. Assim, ela convenceu Minos a construir um enorme labirinto, dizendo que, em seu centro, ele deveria esconder a fortuna de Creta, e que eu poderia guardá-la. Foi assim que cresci no labirinto da ilha, longe dos olhos de minha mãe e daqueles que me caçavam por esporte. E estaria lá até hoje se não fosse por Hécate.

— Meu Deus! Contam tantas histórias sobre você. Dizem que muitas virgens e meninos foram sacrificados por sua causa.

A expressão atordoada no rosto de Mikki o desconcertou.

— Precisa saber que nem sempre fui como sou agora. Antes de responder à invocação de Hécate, eu era como Reia havia me amaldiçoado: uma abominação de corpo e alma. Quando

me comprometi com a deusa, ela abrandou a maldição de Reia e me deu o coração e a alma de um homem, embora não houvesse nada que a grande deusa pudesse fazer para alterar minha aparência.

A Empousa estendeu a mão e tocou a dele, que descansava sobre a mesa, perto do mapa aberto. O Guardião fitou a mão delicada, surpreso.

— Não vejo uma abominação quando olho para você — disse Mikki.

— Talvez devesse olhar mais a fundo. Ainda existe uma fera dentro de mim.

— Se me permitisse, eu gostaria de acreditar no homem, Asterius.

— O homem... — Suas palavras foram quase inaudíveis enquanto seus olhares se encontravam. — O homem a escuta, Mikado, mesmo que ainda pareça estar falando nos meus sonhos.

— Talvez eu esteja. — Ela sorriu suavemente. — Você e eu já estivemos nos sonhos um do outro antes.

Ele virou a mão pequena sobre a dele e deixou o polegar rastrear a delicada linha da vida na palma, seguindo até o pulso. Então, com uma carícia mais suave do que a asa de uma borboleta, alisou-o em círculos.

— Posso sentir as batidas de seu coração — murmurou.

— Percebe como ele está batendo mais rápido?

Ele ergueu os olhos para os dela.

— Sim.

O rosto de Mikado estava tão próximo que ele podia sentir o calor de sua respiração. Seus olhos se enevoaram e os lábios entreabriram-se num convite.

Ele precisava prová-la! Queria beber dela e perder-se em sua doçura...

Com um rosnado baixo, substituiu o polegar pelos lábios. Podia sentir a vida pulsando em seu sangue e provou o sal da pele macia.

Mikado estremeceu sob o toque, e ele moveu a boca para o recuo suave de seu cotovelo. Levantou a cabeça. A respiração dela havia se acelerado, e Mikki o fitava com os olhos embaçados pelo desejo.

Antes que a razão e o bom-senso o fizessem mudar de ideia, Asterius inclinou-se e tocou-lhe os lábios.

Ela deixou escapar um gemido que pareceu brotar da alma, e ele aprofundou o beijo.

Uma espécie de dor varreu seu corpo. Seu sangue pareceu transformar-se em lava, e pulsar com intensidade em suas veias. Por um momento, ficou tão desorientado que suas garras surgiram e ele sentiu os dentes se arreganharem, prontos para combater o inimigo invisível que o tinha atacado...

Então, compreendeu. O feitiço de Hécate! A Empousa não o amava e, portanto, sua paixão não seria permitida.

Levantou os olhos torturados para ela. Pálida, Mikado parecia chocada e havia recuado na

cadeira o mais que pudera.

Ele se levantou, derrubando o próprio assento e fazendo com que a mesa oscilasse perigosamente.

— Foi imprudência demais... Eu não devia estar aqui.

— O que aconteceu? Parece estar sentindo uma dor terrível... — Hesitante, ela estendeu a mão em sua direção, porém ele se esquivou, incapaz de suportar o gesto de solidariedade.

— Não deve me tocar!

— Está bem! — Ela deixou cair a mão trêmula a seu lado. — Não vou mais tocar você. Basta sentar e me dizer o que está acontecendo.

— Não. — Ele recuou mais um passo. — Eu devia ter obedecido a seu comando de lhe trazer um mapa e depois ter voltado ao meu covil.

— Eu não *mandei* que fizesse um mapa. Eu apenas pedi que o fizesse, assim como pedi para jantar comigo. Não fez nada de errado. *Nós* não fizemos nada de errado — ela argumentou, totalmente confusa com aquela súbita mudança de comportamento.

— Está enganada. Você não fez nada de errado, mas eu fiz. Comecei a torcer as tramas da realidade para transformá-la em um sonho, algo que, mesmo neste mundo de fantasias e magia, é tão impossível quanto perigoso... Isso não pode acontecer novamente.

Com a agilidade de uma fera e o poder de um deus, o Guardião bateu em retirada e distanciou-se dela. Conforme o fez, a dor em seu corpo cedeu, deixando-o exausto e vazio.

Então era aquilo no que sua vida havia se transformado; o que seria dali para a frente. Ele era um homem dentro de um animal, amarrado a uma deusa. Podia sentir desejo, mas não a satisfação. Como Tântalo, estava condenado a viver em tormento, com o alívio à vista, porém inatingível.

Asterius estacou, pendeu para trás a cabeça e gritou em agonia para o céu impassível.

CAPÍTULO 21

Mikki acordou com dor de cabeça e os olhos inchados e vermelhos. Espreguiçou-se com um bocejo e caminhou até a parede de janelas, abrindo a porta. O sol apenas começava a espreitar no horizonte, e a manhã estava tão fria que ela podia ver a própria respiração. Alguém já tinha levado toda a louça do jantar, o que a entristeceu. Era como se toda a noite anterior, tanto os bons como os maus momentos, tivessem sido varridos sem deixar rastros.

Caminhou até a cadeira em que o Guardião se sentara, os dedos demorando-se no espaldar.

Asterius...

Ele jamais seria apenas o Guardião para ela outra vez. Não depois do que ele lhe dissera e depois do que ela vira em seus olhos: uma profunda solidão e, por um momento, um desejo que despertara uma pronta resposta dentro dela.

Mas não importava que ele houvesse lhe dado um vislumbre de sua alma. Aquilo não daria em nada.

E não apenas por conta do óbvio: por ele ser uma fera ou, mais precisamente, misto de deus e mortal; um ser como nenhum outro... assim como ele mesmo tinha explicado.

Asterius.

Não. Não era por causa do óbvio. O óbvio importava cada vez menos para ela. Se fosse honesta consigo, teria que admitir: mesmo em Tulsa, quando ele começara a seduzi-la em seus sonhos, sua aparência não fora um impedimento; muito pelo contrário. Representara um fascínio desde o início.

Se as coisas não eram possíveis entre eles, era porque *ele* as estava tornando impossíveis.

Era como se houvesse alguma lei impedindo-os de se aproximar. Ele a havia tocado, beijado, desejando-a claramente... E depois fugido como se *ela* fosse a criatura perigosa. Seu comportamento era confuso e irritante.

Mikki esfregou os olhos. Tudo bem. Talvez fosse mesmo uma lei ou comando. Talvez ninguém tivesse permissão para ficar perto dele.

Então a coisa mais inteligente a fazer seria falar com Hécate a respeito. Pedir à deusa que...

... Que o quê? Estava mesmo disposta a perguntar a Hécate se ela se importava que sua nova Empousa estivesse apaixonada pelo homem-fera, seu Guardião?

Francamente!, refletiu Mikki, desgostosa. Não era uma idiota. Aquilo não estava certo. Asterius deixara tudo bem claro. Se falasse com Hécate e a deusa ordenasse que ela ficasse longe dele, o que poderia fazer? Teria de manter distância dele, não teria?

Era melhor não perguntar nada.

E ela estaria mesmo pensando em conquistá-lo depois do que tinha acontecido entre eles na noite anterior?

Sim. Estava, sim. Não fazia ideia de onde aquilo iria levá-los, mas não conseguia esquecer o

choque que atravessara seu corpo quando o havia tocado.

Esfregou o pulso, distraída, lembrando-se do calor de seus lábios. Além de seu magnetismo, ela vira a solidão imensa que sombreava sua expressão a cada vez que ele baixava a guarda; mesmo quando ele rejeitara seu toque.

Por outro lado, Asterius devia estar tão acostumado a ser tratado como uma aberração que, talvez, sua rejeição fosse mais por medo e hábito do que pelo desejo de afastá-la.

Ela precisava pensar mais sobre o rumo que estava tomando. Precisava pensar mais sobre o Guardião.

Mikki estremeceu quando a brisa da manhã soprou sua camisola fina. As fontes termais deviam estar quentes e deliciosas em uma manhã gelada como aquela... Que lugar melhor haveria para pensar?

Antes de descer a escada da varanda e pegar o caminho para a lateral do palácio, contudo, Mikki fechou os olhos e enviou em pensamento uma rápida mensagem para Daphne.

Mikado estava pensando nele enquanto se banhava, concluiu o Guardião. Podia senti-la fazendo isso.

Não porque o invocava. Não era nada tão específico. Ela estava apenas *pensando* nele.

Não devia ser capaz de sentir aquilo. Não devia saber.

Mas sabia. E isso jamais tinha acontecido.

Em todas as eras em que atuara como o Guardião de Hécate, em todas as gerações de Empousas que tivera como Altas Sacerdotisas em seu reino, ele nunca captara o pensamento de nenhuma das escolhidas.

Assim como nunca sentira a gentileza do toque de qualquer Empousa. Nem mesmo da sacerdotisa que havia amado... e que ele pensara tê-lo amado em troca.

Na verdade, nenhuma mulher jamais o tocara com carinho. Ele tinha apenas uma vaga lembrança da mãe esgueirando-se pelo labirinto algumas vezes.

Numa delas, ela até tocara sua face... Mas fora há tanto tempo, e uma carícia tão breve.

E, no entanto, aquela mortal do mundo comum não apenas havia lhe tocado de bom grado e aceitado sua carícia, como estremeecera sob seus lábios.

O toque de uma mulher... Algo tão pequeno, tão simples. Tanto os mortais quanto os deuses pouco pensavam sobre isso. Tocavam-se na saudação e na despedida. Tocavam-se enquanto riam e conversavam. Tocavam-se quando amavam. Uma coisa tão pequena, tão comum...

Até que lhes fosse negada.

Como ele tinha desejado os carinhos de uma mulher para acalmar a fera que habitava dentro dele!

E o toque de Mikado fizera ruir suas defesas.

Seu gemido de frustração transformou-se em um rosnado enquanto erguia-se do catre. Ela o havia chamado de Asterius e dito que acreditava no homem dentro do monstro... E ainda

permitira que ele a beijasse!

Com certeza, aquilo não fora nada mais do que um gesto de bondade. Mikado não percebia que seu toque e suas palavras seduziam o homem, assim como atraíam a fera para ela.

Os cascos de Asterius feriram o mármore do covil enquanto ele andava. Ela não podia saber o quanto ele encontrava-se desesperado para ajoelhar-se a seus pés e implorar-lhe que nunca mais parasse de tocá-lo, de pensar nele, de falar com ele como se realmente acreditasse em seu lado humano.

E mais tarde, na primavera, quando ela deveria ser sacrificada?

Desesperado, ele olhou as mãos conforme suas garras se estendiam. Ainda podia sentir a suavidade de sua pele nas lâminas frias. Permitiria que Mikado escapasse, assim como fizera com a que viera antes dela?

Não. Claro que não. As rosas estavam doentes e ele não tinha dúvidas quanto ao motivo. A última Empousa havia fugido sem completar seu destino.

O que aconteceria ao reino se Mikado fizesse o mesmo?

Sabia o quê. Ele não iria sobreviver.

E se havia alguém que deveria pagar por isso, era ele. Tudo aquilo era culpa sua.

Tinha consciência da verdade, embora esta o envergonhasse.

Não que não estivesse correndo o risco de trair sua deusa outra vez...

Mas não importava quão desesperadamente ele desejava Mikado. Não permitiria que seus desejos causassem a destruição do Reino das Rosas.

Seu rugido se aprofundou e ele teve que lutar contra a vontade de derramar uma lágrima. O homem dentro dele manteve a fera sob controle, mas apenas por um instante. A dor e o desejo pelo impossível, que deixavam suas emoções em um turbilhão, também despertavam o monstro dentro dele. Mikado podia acreditar no homem, mas este continuava em consonância com o animal. Eram duas criaturas em uma. Se ela mexesse com o homem, a fera despertava. Ele precisava se lembrar de que, não importando com quanta doçura ela pronunciasse seu verdadeiro nome, ou o tocasse, ou permitisse que ele a tocasse, Mikado estaria imaginando o homem.

O que aconteceria quando ela percebesse que estava seduzindo também o animal?

Iria rejeitá-lo, na certa. Todo o restante era apenas um sonho.

E ele, de todas as criaturas, sabia como os sonhos eram insubstanciais. Precisava esquecê-los e lidar com a realidade, o que ele fazia de melhor.

Nada daquilo importava. Ele não poderia amá-la. Mal podia tocá-la sem sentir a dor lancinante causada pelo feitiço de Hécate.

De repente, Asterius ergueu a cabeça e seus olhos se arregalaram. Era isso! Ele não precisava mais ter de conter a fera. A deusa reprimira o monstro dentro dele. Poderia ficar próximo de Mikado tanto quanto ela lhe permitia. A magia de Hécate iria garantir que ele nunca fosse longe demais. Tudo o que tinha de fazer era suportar alguma dor. E quando esta

se tornasse insuportável...

Lembrou-se da sensação da pele de Mikado contra os lábios, da mão pequena dentro da dele. Sim, ele poderia suportar parte da punição da deusa em troca do milagre que era tocar a pele da Empousa.

Isso se ela permitisse que ele se aproximasse novamente.

Retomou suas passadas frustradas. Após a maneira como ele a deixara na noite anterior, seria compreensível se ela evitasse sua companhia.

Mas, talvez, Mikado não fosse evitá-lo para sempre. Era tão excepcional, tão diferente das outras mulheres. Ela havia lhe perguntado se ele não poderia eliminar o portal! Nenhuma outra Empousa teria indagado uma coisa dessas.

Mas claro que não sabia de seu destino. Não sabia que sua única saída seria passar por ali e seguir até o mundo comum que ficava além da floresta.

Contudo, uma voz dentro dele dizia que, mesmo que ela soubesse, Mikado ainda poderia optar por ficar com as rosas... e com ele.

Asterius foi até a entrada do covil. O sol começava a despertar o céu com gavinhas de luz, e ele pôde sentir a Empousa afastar os pensamentos dele conforme deixava seu banho.

Logo depois, já não conseguiu sentir mais nada. Imaginou que ela estivesse se preparando para chamar os Elementos e começar seu dia.

E ele também deveria iniciar o seu. Mikado pedira-lhe que inspecionasse a muralha das rosas, e seu pedido fora sábio.

Com um suspiro, Asterius deixou o covil e deu início a sua caminhada solitária ao longo da fronteira entre os mundos.

Preferindo ficar invisível, Hécate observou o Guardião. Seu andar poderoso parecia cansado, e ela viu claramente o conflito de emoções em seus olhos escuros e expressivos.

Sorriu e acariciou a cabeça de um de seus enormes cães.

— As coisas estão indo bem.

— Viram como eu dividi os jardins em quartos? — Mikki tinha odiado mexer no mapa de Asterius, porém era necessário que tudo estivesse claro para os Elementos. Por isso ela pedira a Daphne que lhe trouxesse uma pena e tinta, e havia desenhado suas próprias linhas, bem menos atraentes, para dividir o projeto. — Como eu disse antes, cada uma de vocês terá a área que corresponde à direção de seu elemento. Por exemplo: Nera ficará a Oeste; Aeras, a Leste. Gii e Floga, naturalmente, ficarão ao Norte e ao Sul. E cada uma terá seu próprio grupo de mulheres. Comecem fertilizando os canteiros, como lhes mostrei ontem. Eu passarei por cada área, verificando se as rosas necessitam de atenção especial. Têm alguma dúvida? — indagou aos Quatro Elementos.

Como havia feito na noite anterior, tinha empurrado os pratos de lado e aberto o mapa de Asterius sobre a mesa. As servas a fitaram, extasiadas.

— Que mapa bonito, Empousa! — Gii elogiara, tocando o esboço delicado que

representava a fonte central do reino.

— E preciso, também! — concordou Aeras. — Acho que todas as veredas foram representadas aqui.

— Vejam! Tem até as piscinas! — exclamou Nera, satisfeita com o traçado das águas que representavam seu elemento.

— Quem fez isto, Empousa? — Floga perguntou.

Mikki ergueu os olhos do mapa para encontrar o olhar penetrante do elemento Fogo.

— O Guardião — contou, tomando o cuidado de manter a voz casual e a expressão serena.

— O Guardião?! — exclamou Gii. — Mas como ele...

— Ela ordenou, ora — Floga interrompeu o elemento Terra. — Ele faria qualquer coisa que a Empousa mandasse.

— Na verdade, eu não *ordenei* que ele fizesse coisa nenhuma. Apenas perguntei se ele podia me ajudar a fazer o mapa. — Mikki ergueu os ombros, sem se abalar com o tom estranho da moça. — Aparentemente, não foi nenhum sacrifício. Ele tem garras que pode estender e usar como penas embutidas. E está aqui há séculos... Não me admira que conheça todos os recantos do reino. — Deu um sorriso tenso na direção de Floga. — Mas obrigada por me lembrar. Preciso invocar o Guardião para que ele venha até aqui. Pedi a ele que inspecionasse o restante da muralha das rosas e verificasse se há alguma outra parte enfraquecida à qual precisemos dar uma atenção especial.

Mikki não precisou fechar os olhos para se concentrar nele. Depois do que acontecera na noite anterior, o Guardião nunca ficava longe de seus pensamentos.

Desviou o olhar das servas e mirou os jardins.

— Venha até mim, Asterius! — sussurrou para o vento.

Mal teve tempo de se perguntar se ele se importaria que ela o chamasse pelo nome dado pela mãe antes que a pressão do ar na varanda mudasse. De súbito, este pareceu mais pesado e denso contra sua pele.

Pouco depois, ouviu as batidas fortes de cascos no mármore, conforme ele subia para a varanda.

Embora suas passadas fossem poderosas, uma mistura inconfundível de animal e homem, Mikki notou que Asterius parecia cansado. Parecia tão aborrecido quanto ela ficou decepcionada quando ele se curvou e se dirigiu a ela formalmente, sem fitá-la nos olhos.

— Chamou, Empousa?

— Sim. Queria saber se teve a chance de inspecionar o restante da muralha das rosas esta manhã.

— Sim, Empousa.

— E então?

— Não vi mais nenhuma área vulnerável, exceto a que envolve o portal.

— Acha que podemos nos concentrar nas rosas do jardim agora?

Ele encontrou seu olhar enfim.

— Sim, estou de acordo.

— Que bom — ela respondeu rapidamente, ignorando o arrepio que ele lhe causava no estômago. Virou-se para as servas. — Cada uma de vocês reunirá seu grupo de mulheres e providenciará suas cestas de fertilizantes. Preparem os canteiros, assim como fizemos na área em torno das raízes das rosas Multiflora. Visitarei cada parte do jardim, e veremos o que precisa ser feito.

— Sim, Empousa — os Quatro Elementos responderam em coro. Fizeram uma reverência e começaram a deixar a varanda junto com o Guardião.

— Floga, Guardião... Eu gostaria de conversar com vocês — chamou Mikki.

Embora o elemento Fogo houvesse mantido uma expressão neutra, seus olhos revelaram um profundo desconforto.

Ela não confia em mim.

— Floga, sua área do jardim é a seção que fica mais ao Sul, e a que inclui o portal das rosas. Eu sei que seria mais rápido para suas mulheres ir para a floresta e usar o barro como fertilizante, como fizemos ontem, mas estou preocupada em manter o portal aberto hoje novamente.

Floga pareceu surpresa, e Mikki não podia culpá-la. No dia anterior, ela insistira, na frente de todos, que Asterius mantivesse o portal aberto, ignorando o perigo.

Ela o fitou.

— O que aconselha?

— Creio que seja uma atitude sábia não abrir o portal tão cedo — opinou ele.

— Então estamos de acordo que, talvez em um ou dois dias, Floga possa permitir que as mulheres colem mais barro, mas que agora não é uma boa ideia?

— Sim, Empousa. Estamos de acordo.

— Ótimo.

Mikki sabia que seu sorriso para o Guardião fora mais do que caloroso, e pudera sentir os olhos da serva fixos em sua expressão, porém não se importou. Todas ali deveriam saber que ela valorizava a opinião de seu protetor. Não iria tratá-lo como um animal, pois ele não era um; e nem as demais o fariam. Não enquanto ela fosse a Empousa. Havia uma nova autoridade no reino, e seria melhor se elas se acostumassem com aquilo.

Ainda sorrindo, Mikki voltou-se para Floga.

— Entendeu o que eu preciso que faça?

— Sim, Empousa.

— Que bom. Então está livre para começar. O Guardião e eu iremos para lá em breve.

Os olhos de Floga se arregalaram, contudo ela não disse nada enquanto fazia uma reverência e, em seguida, corria da varanda, deixando a Sacerdotisa e o Guardião sozinhos.

— Bom dia, Asterius — Mikki falou suavemente.

Foi o que bastou para ele. O som de seu nome nos lábios dela o desarmou e ele não pôde mais lutar contra seu desejo por ela, assim como contra a necessidade de permanecer em sua presença. Apesar do feitiço de Hécate e da dor que este lhe causaria, viesse a primavera ou as portas do inferno, pelo tempo que passassem juntos, ele queria ouvir o som doce daquela voz. E, se o destino lhe concedesse esse privilégio, sentir o toque de sua mão de novo.

— Perdoe-me, Mikado.

— Pelo quê?

— Pela maneira como a noite terminou. Não tenho nenhuma prática em... — Fez uma pausa, buscando palavras que nunca tinha dito antes.

— Não há nada para perdoar — ela afirmou. — É difícil saber a coisa certa a dizer ou fazer, principalmente quando deparamos com uma situação nova. Às vezes é mais fácil fugir.

— Isso me faz parecer um covarde.

— Não. — Ela sorriu. — Isso o faz parecer humano.

Asterius a fitou, chocado. Logo depois, bem devagar, seus lábios esboçaram um sorriso que acabou chegando a seus olhos.

— Você é uma mulher extraordinária, Mikado.

— Vamos ver se ainda vai pensar assim no final do dia.

Ele levantou uma sobrancelha, confuso.

— Vou colocar todos esses músculos para trabalhar... Esta noite estará muito cansado para não dormir.

Seus olhos escuros encontraram os dela.

— Sabia que eu não dormi na noite passada?

— Não fique muito impressionado com meu poder de observação. Não preciso ser uma deusa para saber disso. Está com uma aparência péssima nesta manhã.

— Como se eu fosse muito bonito normalmente... — ele replicou, seco.

Mikki quase engasgou.

— Não me diga que agora deu para fazer piada das coisas!?

A brisa carregou seu riso enquanto os dois deixavam a varanda.

E ela nem mesmo notou as mulheres que os observavam com os olhos arregalados através das janelas do palácio.

CAPÍTULO 22

Mikado não havia exagerado quando afirmara que iria pôr os músculos dele para trabalhar, pensou Asterius. Ele nunca tinha carregado tantos cestos ou escavado tantos buracos em todos os longos séculos de sua vida imortal.

E nunca havia sido tão feliz.

Vinha trabalhando ao lado da Empousa todos os dias. Ela supervisionava tudo ativamente e não hesitava em arregaçar as mangas para ajudar no mais sujo dos trabalhos. As mulheres do reino não pareciam muito satisfeitas com as tarefas complicadas e cansativas que Mikki lhes atribuíra, mas se mostravam contentes com o fato de sua Empousa estar ali, bem no meio daquela bagunça, junto delas.

Mikado trabalhava tanto quanto as outras e parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

E o mais surpreendente: estava feliz com aquilo. A Alta Sacerdotisa parecia gostar de sujar as mãos na terra enquanto demonstrava exatamente como esta precisava ser trabalhada em torno das raízes dos arbustos. Não se enojava com o fertilizante malcheiroso, pelo contrário. Ajudava a misturá-lo no solo e até ria e fazia piadas, perguntando-se como algo que cheirava tão mal podia ser tão bom para fazer as rosas vicejar.

Asterius ignorou os olhares que as mulheres lhe lançavam. Estava acostumado àquilo. Não importava quantas vezes ele caminhasse entre elas, estas sempre mostravam-se pouco à vontade com ele por perto.

Agora, mais do que nunca. Todas sabiam o que ele fizera e a ira que sua atitude evocara na deusa, pois elas também pagaram por seu erro. Não foram envoltas em pedra e banidas do reino como ele, mas tinham sido obrigadas a esperar, sem envelhecer, sem mudar, incapaz de fazer mais do que ver o tempo passar a seu redor por todos os séculos em que ele dormira.

Asterius suspirou. Podia imaginar como devia ser perturbador para elas vê-lo ao lado de sua Empousa de novo, principalmente quando Mikki deixava claro que valorizava sua opinião e o tratava como se ele fosse um *homem*.

Que maravilhoso milagre era Mikado! E ela continuava a seu lado, ou melhor, *ele* continuava a seu lado.

Mikado começara a inspeção das rosas a Leste e, após uma análise exaustiva de todos os canteiros, com Aeras prometendo seguir cada uma de suas instruções, fora até o Sul.

Ele nunca iria se esquecer de como ficara lá, fingindo-se ocupado, empilhando cestas vazias ao alcance das mulheres, enquanto ela despedia-se alegremente do elemento Ar. Pensou que fosse ficar ali no Leste e continuar trabalhando, que talvez mais para o final do dia fosse ter um vislumbre dela andando entre as plantas, porém Mikki tinha outras ideias. Quando percebeu que ele não a acompanhava, marchara de volta.

— Preciso de você comigo. Eu gostaria muito de sua ajuda hoje.

— Claro, Empousa — ele havia respondido.

Mas a alegria que o invadira não fora nada formal, e ele tivera esperanças de que ela pudesse vê-la refletida em seus olhos.

Conforme afastavam-se de Aeras e suas mulheres, a *palla* de Mikado tinha ficado presa a uma roseira e escorregado. Sem pensar duas vezes, ele a desenroscara habilmente e a ajudara a recolocá-la, descansando as palmas sobre os ombros delicados até sentir uma pontada de dor.

Mas quando ela havia sorrido para ele, fitando-o nos olhos, esquecera-se da dor e lembrara-se apenas do calor de sua pele.

Não era de admirar que os olhares das virgens agora os seguissem por onde quer que fossem. Ele não conseguia manter as mãos longe dela, e ela... ela *sorria* para ele, muitas vezes deixando claro o prazer que sentia em sua companhia.

Mikado levava mais tempo para inspecionar o trecho sul dos jardins. As rosas estavam mais doentes lá, embora ele nem precisasse olhar para as plantas para saber disso. Ver as feições da Empousa tornarem-se sombrias e pálidas dizia-lhe muito mais do que inspecionar as roseiras.

O meio do dia chegou depressa. Ele estava preparando as cestas de fertilizantes para um canteiro de rosas multicoloridas muito murchas, chamadas *Masquerade*, quando sentiu o cheiro de comida. Não ergueu a cabeça ao perceber as criadas do palácio chegando com o almoço, porém. Continuou trabalhando. A parte mais constrangedora do dia anterior tinha sido exatamente aquele momento: as mulheres separando-se em pequenos grupos para conversar, rir e comer juntas, o que sempre lhe fora negado. Ele podia tomar conta delas, mas não era aceito nem mesmo o suficiente para compartilhar com elas uma simples refeição.

Na noite anterior, ao compartilhar com ele sua mesa, Mikado havia lhe dado um grande presente.

Amaldiçoou-se em silêncio por ter arruinado aquele momento, na véspera.

Ouviu as mulheres preparando-se para o almoço. Elas agruparam-se em torno das fontes, lavando as mãos nas águas claras, seu riso mesclando-se à melodia suave das fontes.

Perguntou-se onde estaria Mikado. Provavelmente no meio delas. Ela era uma das que tinham o riso mais fácil, e as mulheres do reino respondiam bem a seu bom humor. Tomara ela estivesse ocupada e distraída o suficiente para não perceber como ele era rejeitado. Não queria sua piedade.

De qualquer modo, sabia que uma das servas do palácio logo iria encontrá-lo ali e oferecer-lhe comida e bebida. Não porque queria, mas porque era seu serviço.

Sem olhar ao redor, Asterius afastou-se do canteiro em que estivera trabalhando e seguiu em direção ao portal das rosas. Havia uma árvore gigante ali, em cuja sombra ele poderia se sentar e tentar escapar de olhares indiscretos. Também poderia descansar e talvez beber um pouco do vinho que a criada lhe oferecesse.

Estava com fome, claro, mas não iria comer. Não podia suportar tantos olhares. Era como

se ele fosse ficar de quatro e rasgar a comida com os dentes.

Talvez devesse fazer isso... Causaria uma grande celeuma, no mínimo.

Reprimiu um suspiro cansado. Isso faria apenas reforçar a crença de que ele era, na verdade, uma fera estúpida e insensível.

— Aí está você! — Mikado correu até ele, um pouco sem fôlego. — Ainda bem que é alto ou eu nunca o teria encontrado aqui!

Ele parou e fitou a cesta enorme nas mãos dela. Suas mãos e seu rosto estavam molhados, como se ela tivesse acabado de se lavar; enquanto sorria para ele, usou uma dobra da túnica manchada de sujeira para limpar um filete de água do rosto.

— Acabei de preparar o canteiro das *Masquerades*. O que quer que eu faça agora?

— Quero que almoce! — Ela sorriu, apontando para o cesto carregado. — Eu trouxe comida suficiente para nós dois.

Asterius perguntou-se se Mikado podia escutar o sangue correndo em suas veias, bombeando o choque e a descrença por todo seu corpo.

Respirou fundo. Quando falou, esforçou-se para manter a voz baixa, de modo que apenas ela o escutasse.

— Devia comer com as outras mulheres.

— Não. Elas já formaram suas *panelinhas*... quero dizer, seus grupos. Se eu me convidasse para qualquer um deles, na certa as deixaria constrangidas por terem que comer com a chefe, e estragaria a festa. E, como já dei muitas ordens, hoje, elas devem estar loucas para se livrar de mim. Além do mais, prefiro comer em sua companhia — ela acrescentou.

— Mas eu nunca...

— Não! — Mikki o interrompeu, fazendo com que várias cabeças se voltassem. Em um tom mais calmo, porém ainda firme, continuou: — Estou cansada de ouvir sobre o que nunca foi feito antes. Sou a Empousa agora, e as coisas vão ser diferentes por aqui. E não apenas em relação às rosas.

— Como quiser, Empousa — ele aquiesceu, lançando mão da formalidade para encobrir suas turbulentas emoções.

— Que bom. Vamos comer debaixo daquela árvore em que você desapareceu ontem... Quero dar outra olhadela naquele portal depois.

— Como quiser. — Asterius começou a caminhar em direção à árvore antiga, próxima do portal das rosas, cuidando para diminuir as passadas, de modo que ela não precisasse se esforçar para acompanhá-lo.

Quando chegaram à árvore, sentiu uma onda de alívio. Nenhum grupo de mulheres tinha escolhido comer nas proximidades.

Com um longo suspiro, Mikado sentou-se e apoiou as costas no largo tronco do carvalho. Olhou para o portal.

— Não parece muito melhor do que estava ontem — comentou, desanimada.

— Mas também não parece pior.

— Acho que isso já é alguma coisa. Não sei por que, mas não sinto nada de muito terrível vindo da floresta. Se você não tivesse me falado sobre os perigos que existem lá, eu continuaria pensando que essa mata nada mais era do que um amontoado de árvores antigas e sombrias.

— Os Ladrões de Sonhos escolhem bem o momento de aparecer. Lembre-se de ficar sempre alerta quando estiver próxima do portal, ou na floresta propriamente dita.

— Mas vai estar sempre comigo, não vai? Quero dizer, não posso abrir essa passagem sozinha.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Claro que pode, Empousa!

Mikki mirou o portal com os olhos muito abertos antes de voltar-se para ele outra vez.

— Vou tomar cuidado, prometo. — Então, voltou a atenção para a cesta de comida. — Vamos nos preocupar com essa floresta mais tarde... Agora é hora de comermos.

Hesitando apenas um momento, Asterius sentou-se e fez um gesto quase imperceptível para que as sombras se fechassem mais em torno deles. Queria observá-la à vontade, o que não seria possível se as outras mulheres os enxergassem com facilidade.

— Parece cansada — comentou, atento.

— Você também — ela respondeu, enquanto puxava um odre da cesta e, em seguida, tomava um longo gole.

— Está um pouco pálida, Mikado.

— Não me surpreende. — Ela entregou-lhe o odre e começou a tirar queijo e pão da cesta. Olhou para ele. — Beba! — ordenou.

Ele obedeceu, pensando com prazer que poderia provar ali a essência deixada por seus lábios...

E a sensação foi mais intoxicante do que o vinho jamais poderia ser.

Só então deu-se conta do que ela havia respondido e obrigou-se a parar com aqueles devaneios.

— Por que não está surpresa com sua palidez?

— Porque as rosas nesta parte do jardim estão mais doentes do que as do Leste — ela explicou em meio a mordidas.

— Eu percebi.

— De alguma forma, estou ligada a elas. Consequentemente, também me sinto mal.

— Imaginei. Você mudou quando entramos nesta parte dos jardins.

— Sabe se isso já havia acontecido com alguma outra Empousa?

— Cada Empousa tem uma ligação especial com as rosas — ele explicou devagar. — Isso está no sangue das Altas Sacerdotisas de Hécate.

— Eu sei. Mesmo em Tulsa eu tinha uma forte conexão com as rosas, assim como todas as mulheres da minha família têm. Sempre tivemos. É uma espécie de tradição familiar.

Ela pareceu incomodada, notou Asterius. Talvez tivesse perdido a família. Ou sentia falta de seu antigo mundo?

O pensamento fez o peito dele se apertar. Haveria algum outro homem? Por isso ela parecera tão estranha ao mencionar sua antiga vida?

Antes que considerasse perguntar, Mikado continuou:

— O que eu queria saber é se alguma das outras Empousas sentia coisas por causa das rosas...?

— Talvez, mas eu não saberia dizer. As outras Sacerdotisas raramente falavam comigo.

Ela pareceu surpresa.

— Mas sempre foi o Guardião do reino. Elas não precisavam falar com você sobre... — fez um gesto na direção da muralha de rosas e ao redor — ... proteção e tudo o mais?

— As outras Empousas sabiam que eu cumpriria com meu dever. Nenhuma sentiu a necessidade de falar comigo a respeito. Se uma Sacerdotisa pressentia algum perigo, chamava por mim. Fora isso, raramente tínhamos a necessidade de conversar.

Ele pensou na Empousa que viera antes de Mikado e, mais uma vez, sentiu vergonha por ter se deixado enganar e acreditado que esta se importava com ele. Mas a razão pela qual seu estratagema tinha funcionado tão bem fora justamente o fato de, antes dela, ter havido inúmeras gerações de Empousas que o evitavam, tomando sua proteção como certa. Bastara uma ou duas palavras amáveis por parte dela, e ele ficara cego para tudo, exceto para a possibilidade de ela conceder-lhe mais um pouco de atenção...

Era o que estava acontecendo de novo com Mikado? Continuava tão desesperado pelo carinho de uma mulher que estava se deixando levar por outro jogo?

Mas que jogo? Mikado não conhecia seu destino. Não tinha motivo para seduzi-lo por interesse.

— Asterius?

O som de seu verdadeiro nome invadiu os pensamentos turbulentos do Guardião.

— Não deve me chamar assim quando alguma das mulheres puder ouvir. — Sua voz soou mais áspera do que ele pretendia, e ele odiou a mágoa que viu refletida nos olhos dela.

— Sinto muito. Eu devia ter perguntado se você se importava que eu o chamasse por seu verdadeiro nome.

— Não me importo... — Ele encontrou seu olhar, disposto a permitir que ela lesse em seus olhos tudo o que ele sentia e tudo o que não podia pôr em palavras. — Mas prefiro continuar a ser apenas o Guardião para o restante delas.

— Compreendo.

— Mesmo? Tem ideia do poder que existe em um nome de verdade?

— Não — ela admitiu suavemente. — Explique-me.

— Quando fala meu nome verdadeiro, eu não o escuto apenas com os ouvidos, mas com a alma. Com essa palavra, toca a minha alma, Mikado.

— A alma de um homem, Asterius.

— Assim me disse a deusa.

— Não acredita nela?

— Eu nunca deixaria de acreditar em Hécate — ele afirmou depressa.

— Então é em você mesmo que não acredita — ela concluiu.

Asterius desviou os olhos para longe do olhar perspicaz da Empousa e não respondeu. Durante muito tempo, tudo o que fez foi abrir e fechar as garras inconscientemente.

— Talvez eu tenha mesmo dificuldade em acreditar no homem dentro do monstro — confessou, relutante.

Foi a vez de Mikki permanecer em silêncio.

Ele podia sentir seus pensamentos. Não conseguia lê-los, porém sabia que ela estava pensando nele, ponderando, pesando sua resposta.

— Talvez precise de alguém que acredite no homem, de maneira que possa parar de ver apenas o monstro.

As palavras abalaram Asterius, e a esperança surgiu dentro dele com tanta intensidade que ele sentiu a fera arrepiar-se em resposta.

— Como pode enxergar alguma coisa além do monstro? — A profundidade de suas emoções fez sua voz soar com a força de um rosnado. Percebendo que, desta vez, ela não recuara um só centímetro, lutou para recuperar o autocontrole. — Olhe para mim. Ouça-me... — falou por entre os dentes, contido. — Não consigo nem mesmo controlar a voz para falar com você! Há muito pouco de humano em minha natureza.

— Basta eu olhar além de sua aparência.

O sorriso que curvou os lábios carnudos fez o coração de Asterius bater mais forte. Ele teve vontade de puxá-la para os braços e esmagá-la contra o peito, mas não podia. Não ali, não naquele momento. Talvez nunca.

Mas poderia tocá-la. Só por um instante...

Levantou a mão e deixou os dedos roçarem o rosto delicado.

— Você me faz acreditar que eu ainda sonho, Mikado — falou o mais suavemente possível.

Os olhares se encontraram.

— Seria tão bom! Gii me disse que eu tenho poder para tecer sonhos. Quem sabe eu consiga tecer um para nós?

Os dedos dele começaram a arder e, relutante, ele os afastou da pele macia.

Mikki suspirou, como se também estivesse desapontada por ele ter interrompido o contato, então estremeceu.

— Os sonhos devem ficar para depois... Vamos comer logo. Ainda não terminei e quero fazer uma inspeção completa nas áreas de Nera e Gii antes que fique muito escuro.

Almoçaram em silêncio e sob o escrutínio de muitas das mulheres do reino, que não

paravam de lançar olhares em sua direção, tentando enxergar através das sombras do antigo carvalho.

Sua audição acurada captou o som de um dos Elementos aproximando-se antes mesmo que Mikado a notasse e, disfarçadamente, ele fez com que as sombras ao redor da árvore clareassem. Depois levantou-se e se pôs de lado, querendo dar a impressão de que estava ali apenas aguardando pela ordem seguinte da Empousa, e não de que haviam estado juntos, partilhando uma refeição.

— Empousa, as mulheres terminaram o almoço — anunciou Floga, lançando um olhar desconfiado em sua direção.

— Que bom! Nós também terminamos aqui. — Mikado estendeu a mão para ele.

Asterius hesitou apenas um instante antes de tomá-la e ajudar a Sacerdotisa a se pôr em pé. Esta sorriu e agradeceu, como se ele fosse um cavalheiro acostumado ao toque da mão de uma dama.

Virou-se para o elemento Fogo.

— Vamos voltar ao trabalho.

CAPÍTULO 23

— Estou contente por o palácio estar situado ao Norte e Gii e seu grupo estarem no comando das rosas que o rodeiam — Mikki disse a Asterius enquanto eles observavam o elemento Terra avisar as mulheres que o trabalho havia terminado naquele dia.

— É óbvio que você e ela estão se tornando amigas — ele comentou.

— Estamos, sim — Mikki concordou, pensando que também era óbvio que Gii parecia incomodada com a familiaridade da Empousa com o Guardião.

— Não é de estranhar que sejam tão compatíveis. Rosas combinam naturalmente com a terra.

— Está certo, combinam mesmo.

Gii teria apenas que se acostumar a ter Asterius por perto, ponderou Mikki. Mas não achava que isso fosse ser muito árduo para a moça. Tudo o que a serva precisava fazer era parar de pensar nele como uma fera, e logo enxergaria o homem que existia ali dentro.

Não tinha sido nada difícil para ela. Mas como seria para o restante das mulheres?

— Preciso ir agora, Mikado. As servas vão querer ficar algum tempo a sós com você, e ainda tenho muito que fazer.

Ela o fitou, surpresa por estar triste com sua partida depois de ter passado o dia todo em sua companhia. Em geral, ficava cansada da companhia de um homem em menos da metade desse tempo.

— Vai voltar?

Mikki notou o modo como os olhos castanhos escureceram.

— Se me invocar, eu voltarei.

— Então farei isso — ela decidiu.

O Guardião curvou-se numa mesura, assim como as quatro damas de companhia que se aproximavam. Não passou despercebido para Mikki o modo como elas pareceram aliviadas quando Asterius virou-se e desapareceu nas sombras do jardim.

Tratou de reprimir seu aborrecimento. Elas haviam trabalhado muito naquele dia e deviam estar todas exaustas. Além do mais, não seria razoável esperar que as mulheres mudassem a maneira como se sentiam acerca de Asterius em apenas dois dias. As outras Empousas tinham tratado seu Guardião como um animal. Era natural, portanto, que qualquer mulher do reino tratasse-o da mesma forma.

Ela teria apenas que dar o exemplo. Elas eram meninas inteligentes; logo iriam mudar de comportamento.

— Vocês quatro... prontas para um longo banho de imersão?

Aquela noite parecia ainda mais fria do que a anterior, e o vapor das piscinas mergulhava tudo em uma névoa quente e úmida. Mikki recostou-se na lateral da piscina privada e comeu outra uva. Já encontrava-se agradavelmente satisfeita e um pouco tonta por conta do vinho.

Não tinha planejado jantar com as mulheres. Havia pensado em tomar um banho rápido, retirar-se para o quarto e ter um jantar a sós com Asterius... Mas as servas estavam com fome e, afinal, quem poderia banhar-se tão depressa quando as piscinas estavam tão deliciosas e a companhia era tão agradável?

Estava sinceramente feliz por desfrutar o momento. As servas encontravam-se exaustas depois do longo dia, mas em nenhum momento queixaram-se ou reclamaram. Em vez disso, conversaram sobre o trabalho que haviam realizado em suas áreas e fizeram incontáveis perguntas sobre os cuidados com as rosas, já discutindo planos para a manhã seguinte. A adubação continuaria; entretanto, algumas das mulheres começariam a podar flores murchas ou aquelas que pareciam fracas demais para desabrochar. Mikki concordou, inclusive, em mostrar-lhes um exemplo de cada no período da manhã.

— Acho que já fizemos a parte mais difícil do trabalho de recuperação das rosas. A fertilização será praticamente concluída amanhã. Em seguida, vamos nos concentrar na poda de qualquer haste inútil. Depois disso, basta ficarmos atentas a elas e esperar.

— Quanto tempo elas vão levar para se recuperar por completo? — Gii perguntou.

— Não demora muito para que um bom fertilizante comece a fazer efeito, muito menos se o que faltava para as rosas era uma boa nutrição. Devemos ver mudanças em breve.

— E se não virmos? — indagou Floga.

— Então eu tentarei algo diferente. Tenho mais truques na manga. — Ela balançou o braço molhado e nu no ar, fazendo as moças rir.

— Deveria lançar um feitiço para dar mais saúde às rosas — sugeriu Nera.

— Você sabe... como faria se alguma das mulheres do reino lhe pedisse para livrá-la de uma febre.

— É uma boa ideia! — concordou Aeras.

— Não faria mal algum — aderiu o elemento Fogo enquanto comia um figo.

— Pelo contrário, pode fazer um grande bem — Gii acrescentou.

Sentindo-se insegura quanto às próprias capacidades, Mikki desejou que seu novo emprego e destino tivessem vindo com um manual.

— Seria como o ritual de autoiniciação. Nós quatro ficaríamos junto com você quando lançasse o círculo sagrado, e depois bastaria seguir seu coração. — O sorriso de Gii foi cheio de generosidade. — Você sabe o que fazer, Empousa.

— Também pode começar com uma magia para algo que conheça tão intimamente como as rosas. Será mais fácil dessa maneira. De qualquer forma, é apenas uma questão de tempo antes que as mulheres do reino comecem a procurá-la para que lance feitiços de amor e etecetera... — afirmou Floga.

— Ela está certa, Empousa — concordou Gii.

— Feitiços de amor? — Mikki indagou.

— Feitiços de amor! — Aeras suspirou, melancólica. — Há quanto tempo!

— Tempo demais! — concordou Floga.

— Na verdade — Nera recomeçou, hesitante —, eu estive pensando. Talvez possa... Bem... — O elemento Água fez uma pausa e olhou, nervosa, para as outras servas, que assentiram, encorajando-a. Ela afundou um pouco mais na água quente, então, como se sugando a força de seu elemento e, logo depois, concluiu depressa: — Eu gostaria de saber se poderia lançar um feitiço de sedução para mim e para algumas outras...

Mikki notou o rubor que coloriu as faces da serva, e que não era causado pela água quente.

— Eu ficaria feliz em lançar um feitiço para você e suas amigas, mas quem estaríamos enfeitiçando, e onde?

— Os homens, ora! — Nera respondeu, tímida, o rosto passando do rosa para o vermelho.

— E aqui... — Floga ronronou.

Mikki bufou.

— Eu ia perguntar justamente sobre a ausência de homens neste reino.

— Não há homens no Reino das Rosas — confirmou Gii.

— Você quer dizer, exceto pelo Guardião — lembrou Mikki.

Gii franziu o cenho.

— O Guardião não é um homem. Ele é um animal.

Mikki abriu a boca para protestar, porém Floga já estava falando.

— Não há homens no reino porque eles só podem vir até aqui se a Empousa enviar um convite mágico para o mundo antigo. Como não tem havido Empousas no Reino das Rosas, há tempos os homens não são convidados.

Mikki olhou para o elemento Fogo.

— Está me dizendo que desde que o Guardião foi banido e a última Empousa se foi, estão sem homens aqui?

— Sim! — os Quatro Elementos responderam juntos.

— Quanto tempo faz isso?

Por um momento, ninguém respondeu. Então Gii sussurrou:

— Tempo demais, Empousa.

E ela pensando que sua vida amorosa fosse um horror!, Mikki refletiu, chocada. Era a rainha do romance em comparação àquelas meninas.

— Claro que vou fazer um feitiço de sedução! E um dos grandes, agora mesmo!

Gii riu.

— Pode ser amanhã, Empousa. Esta noite estamos cansadas demais para que esse feitiço nos seja de muita utilidade...

— Amanhã, então. Que tal trabalharmos até meio-dia? Depois posso lançar um círculo e tentar um *feitiçozinho*.

— O meu eu não quero pequeno! — Floga falou brincando. — Homenzinhos não me

interessam, ainda mais depois desse tempo todo!

Nera riu e fez um movimento com o pulso na água da própria piscina, dando um banho em Floga. Gii chamou-a de “sangue quente” e Aeras brincou, dizendo que se Floga precisasse de um sopro de vento frio do Norte, ela o providenciaria de bom grado.

Mikki riu e observou as brincadeiras bem-humoradas, mas sua mente não estava nas servas, e sim em uma pele morena, uma voz profunda e poderosa... e na luz das velas refletindo em um par de chifres escuros.

Será que ficaria sempre nervosa antes de invocá-lo?

Mikki olhou ao redor da varanda, certificando-se pela milésima vez de que estava sozinha.

A mesa encontrava-se pronta e sobre ela havia um jarro de vinho e duas taças. Tomara que ele não tivesse esperado para comer com ela. Não o convidara para jantar...?

Não. Lembrava-se de ter pedido que ele viesse vê-la mais tarde, mas não para jantar.

Alisou o tecido macio da túnica, que, naquela noite, era de um tecido fabuloso que envolvia seu corpo como seda, e do mesmo verde de seus olhos. Sabia que a cor lhe favorecia, assim como tinha consciência de que Daphne a trouxera para ela após o banho porque ela mesma desejara algo bem lindo para vestir. Queria ficar bonita para Asterius...

— Venha! — sussurrou para a noite, e pôde senti-lo se aproximando. Tal como uma tempestade, ele era um poço de energia e vigor.

— Boa noite, Mikado.

— Olá, Asterius... — Ainda nervosa, ela apontou para a mesa. — Gostaria de um pouco de vinho? Espero que já tenha jantado. As servas quiseram comer comigo no banho, e elas trabalharam tanto hoje que eu não tive coragem de dizer “não”.

— Era assim que devia ser. Os Elementos necessitam da presença de sua Empousa. Não se preocupe. Eu comi enquanto aguardava sua chamada.

— Mas vai se juntar a mim em uma taça de vinho...?

— É claro.

Mais uma vez, quando Mikki levou a taça aos lábios, encontrou um botão de rosa flutuando no vinho e deliciou-se com a fragrância delicada enquanto bebia.

— Vai acabar me deixando mal-acostumada — falou sorrindo. — Nunca mais vou conseguir desfrutar uma taça de vinho sem que haja uma rosa dentro.

— É assim que deve ser — ele repetiu.

Mikki observou-o sorver a bebida devagar. Naquela noite, Asterius parecia mais relaxado do que na anterior, e ela sentiu-se mais à vontade para olhá-lo abertamente.

Ele era um paradoxo tão grande... Tinha a força descomunal de um monstro e um corpo que mesclava o de o homem com o de uma fera. No entanto, era humano o suficiente para conjurar uma rosa para seu vinho.

— O que pensa quando olha para mim assim?

Mikki deu um pulo, culpada, diante da súbita pergunta.

— Não precisa responder se não quiser — ele acrescentou depressa, desviando o olhar.

— Eu não me importo em responder, é que... Bem... Sei que é rude da minha parte ficar olhando.

— Estou acostumado aos olhares das mulheres.

Mikki sentiu uma onda de raiva ao pensar no tipo de olhar que ele precisava suportar.

— Vou contar o que eu estava pensando... Estava pensando que é incrível que seja tão poderoso e ao mesmo tempo tão amável.

— Amável?

— Não fique tão chocado. É claro que é amável. Quem pediu um jantar para mim na primeira noite em que cheguei aqui? E ainda ordenou que colocassem uma manta e chinelos para mim aqui fora! Sem mencionar as rosas que nunca se esquece de adicionar a meu vinho.

— Isso não me faz amável. Apenas demonstra que estou cumprindo com meu dever de cuidar da Empousa.

Ela bufou.

— Por favor. Você não é gentil apenas comigo. É assim com todas as mulheres. Eu vi hoje. Mesmo quando elas o tratam com estranheza e mostram-se ariscas a sua proximidade, tem a maior paciência do mundo com elas.

— Esse é meu dever, Mikado. Apenas isso.

— Está me dizendo que nunca se sente frustrado ou aborrecido com elas?

— Não — ele confessou.

— Então por que não demonstra isso?

— Porque isso seria uma desonra e... — Ele parou de repente, percebendo que estava falando demais.

— E o quê? — ela insistiu.

— Seria errado.

— Seria errado ou seria provar que o que dizem é verdade?

Os olhos escuros encontraram os dela, e ela leu a resposta neles.

— O que dizem sobre você não é verdade — Mikki falou em voz baixa.

— Não pode afirmar isso.

— Claro que posso. Eu sei disso aqui... — Ela pôs a mão no coração. — E aqui... — Estendeu a mão por sobre a pequena mesa e tocou suavemente a couraça que lhe moldava o peito. Através do couro maleável, sentiu a batida forte do coração dele e a maneira como sua respiração acelerou-se com o contato.

Entreolharam-se. Mikki desejou que Asterius retribuísse o toque, que cobrisse a mão dela com a sua, que ele lhe dissesse que não se importava por ela tocá-lo... Mas seus únicos movimentos foram a batida de seu coração e sua respiração.

Relutante, tirou a mão do peito largo.

— Deu tudo certo hoje, Mikado. — A voz de Asterius soou estranhamente alta no

silêncio que se instalara entre eles.

— Também acho. Amanhã vamos trabalhar apenas até o meio-dia. Depois tentarei fazer um feitiço.

Os lábios dele curvaram-se de leve.

— Isso vai ser interessante.

— Ainda mais porque não tenho ideia do que vou fazer!

— Vai, sim. Basta ouvir sua voz interior. E lembre-se: os Quatro Elementos estarão lá para ajudá-la. Quando lançar um feitiço, pode evocar qualquer coisa no âmbito de seu poder para ajudá-la na magia.

— Como assim? — Mikki se entusiasmou.

Ele bebeu um gole de vinho e considerou a questão.

— Digamos que uma moça venha até você porque foi amaldiçoada com dores terríveis na cabeça e pede um feitiço para curar essa dor. A lavanda tem sido associada à saúde, à paz e ao relaxamento... Basta que peça a Gii que lhe forneça lavanda fresca e a Aeras que encha a brisa ao redor da virgem com o cheiro da erva.

— Faz sentido! — ela falou com entusiasmo. — Então, tudo o que preciso fazer é pensar sobre o que cada Elemento pode fornecer para me ajudar nos feitiços que eu quiser lançar!

— E completá-lo com as palavras e o poder de Hécate.

— Nossa! — ela exclamou. — Incrível...

— Vai ver que funciona. As Altas Sacerdotisas de Hécate lidam com grande poder. Sua magia será poderosa e consistente.

— Em outras palavras, é melhor eu pensar antes de falar.

— Não tenho nenhuma dúvida de que vai agir com sabedoria, Mikado.

— Eu queria ter tanta certeza — ela murmurou, depois deu um suspiro. — Há tanta coisa que eu ainda não sei.

— Mas vai aprender.

— Pode me ajudar?

— Talvez — ele replicou com cuidado.

— Que bom! Então há algo que quero que faça esta noite. — Mikki ignorou a inexpressividade atrás da qual ele se escondeu mais uma vez. — É mais ou menos como o desenho do mapa que fez para mim na noite passada... — Isso pareceu tranquilizá-lo e, quando ele acenou com um gesto de cabeça, ela prosseguiu: — Como conhece os jardins tão bem, suponho que conheça o palácio da mesma forma.

Ele pareceu surpreso, porém concordou.

— Conheço.

— Pois eu não. — Ela apontou as portas de vidro que levavam a seus aposentos. — Até agora só deixei meu quarto por ali. Nunca pus um pé no corredor! Mas sei que deve haver algum tipo de sonho ou magia acontecendo lá dentro...

Implícito nas palavras, estava o que ela dissera anteriormente: que queria tecer um sonho para eles dois.

— É verdade.

— Eu adoraria ver isso com meus próprios olhos. Mas quero ser capaz de compreender, de assimilar tudo. Poderia me mostrar o que acontece lá, Asterius?

Os olhos escuros do Guardião brilharam com a intensidade da alegria que aquele pedido lhe proporcionava. Ele sorriu, permitindo que ela vislumbrasse seus caninos brancos.

— Seria uma honra.

CAPÍTULO 24

Andar pelo quarto com Asterius foi uma experiência estranhamente íntima. Mikki percebeu os olhos dele pousando na cama opulenta. Suas passadas longas e seguras vacilaram e, pela primeira vez, ela o viu mover-se com certo constrangimento.

Teve de se esforçar para não sorrir. Se ele não estava pensando em levá-la para a cama, então por que a visão o abalara? Aquele era um excelente sinal.

Quando Asterius abriu a porta e afastou-se para que ela pudesse passar, esse tipo de pensamento a abandonou. Seu quarto era o último no corredor, e a varanda ladeava toda a lateral de seus aposentos, o qual ficava no extremo leste do palácio. À sua esquerda, a galeria principal da vasta construção estendia-se indefinidamente. O corredor era imenso; o teto, muito alto. Enormes janelas quadriculadas davam para o sul, exibindo a paisagem noturna do jardim iluminado por tochas. O lado norte da galeria ostentava incontáveis portas, cada uma delas entalhada com símbolos místicos e desenhos. Ao lado destas, assim como na parede em ambos os lados do corredor, ardiam archotes.

Mikki piscou, surpresa, ao ver as floreiras de mármore entre as portas. Estas não eram de rosas. A atmosfera na galeria encontrava-se impregnada por uma fragrância doce e delicada que lembrava a das orquídeas, mas, na verdade, as flores pareciam-se um pouco com lírios. Suas folhas eram maiores e mais arredondadas, embora as pétalas brancas também tivessem o formato de um clarim.

Que estranho!, pensou, aproximando-se. Elas eram cercadas por uma névoa cintilante, como se tivessem sido aspergidas com *glitter*.

Algo nas flores cutucou sua memória.

— Mas... São flores-da-lua! Nós as temos em Oklahoma. Elas se abrem assim apenas à noite. Durante o dia, suas pétalas se fecham, e elas se curvam como se estivessem quase mortas.

— Sim, nós as chamamos de flores-da-lua aqui também.

— Mas o que é essa névoa que parece sair das flores?

— Não está saindo das flores. Está sendo atraída por elas.

— Sendo atraída? Como assim?

— É a essência dos sonhos. Todas as noites, as flores-da-lua capturam a essência dos sonhos e a levam para as salas, onde as mulheres do reino a pegam e transformam novamente, enviando-a de volta ao mundo para criar a magia que nasce dos sonhos.

— Tudo isso está acontecendo por detrás dessas portas?

— Está. — Ele sorriu diante de sua expressão maravilhada.

O sorriso que Mikki lançou-lhe de volta foi brilhante e, quando ela apertou-lhe o braço, Asterius pensou que seu coração fosse explodir dentro do peito.

Porém, tinha de se lembrar que a magia do reino a animara daquela forma, e não ele.

Mas não importava. A felicidade de Mikado o agradava, qualquer que fosse o motivo, e ele encontrava-se determinado a aproveitá-la; assim como a alegria de estar em sua presença pelo máximo de tempo que lhe fosse permitido.

— Continue, Mikado, e eu a acompanharei até as salas dos sonhos.

Mikki assentiu com um gesto de cabeça, respirou fundo e baixou a maçaneta da primeira porta, que se abriu para dentro. Entrou no cômodo e piscou, tentando dar sentido ao que estava vendo.

O quarto encontrava-se perfumado com o doce aroma de flores-da-lua, e mulheres sopravam bolhas de vidro, o que não era muito difícil de entender. Estava mais quente ali do que na galeria, mas não tanto como devia estar se considerasse os fornos abertos em cada canto do aposento.

As mulheres ergueram as cabeças, deixando de lado suas tarefas, quando ela e o Guardião entraram. Ignoraram Asterius, contudo puseram-se a fazer medidas para ela, cumprimentando-a alegremente.

— Não parem! Continuem trabalhando... seja lá no que for — Mikki completou para si mesma.

— Elas estão criando bolhas de sonho.

Asterius estava muito próximo e sua voz grave vibrou no ouvido dela, fazendo a pele de sua nuca se arrepiar.

— Está vendo como, conforme cada esfera cresce, aumenta também o sonho dentro dela?

Mikki assentiu e observou, extasiada, enquanto as mulheres sopravam ao longo dos tubos compridos, virando e moldando, até as protuberâncias nas extremidades em forma de globos de vidro delicados e iridescentes, de diferentes cores. Conforme as bolhas iam crescendo, ela percebeu que havia algo dentro delas.

Chegou mais perto e deu-se conta de que estava diante de cenas fantásticas. Em uma esfera, uma menina pulava de um penhasco, mas, em vez de cair, a criança flutuava em um céu cor de violeta, com pássaros que pareciam pinguins voadores. Na outra, dois cavaleiros lutavam enquanto mulheres parcamente vestidas torciam. Em outra, ainda, uma idosa olhava para um espelho de mão e, no espelho, seu rosto foi ficando cada vez mais jovem até ter de novo a pele lisa de uma adolescente...

— O que está vendo é a essência dos sonhos sendo reformulada.

— Então esses são sonhos que as pessoas terão de verdade? — ela indagou num sussurro.

— Sim.

— Como eles vão daqui até a mente delas?

— Daquele modo... — Ele ergueu o queixo em direção a uma mulher cuja bolha tinha atingido o tamanho de uma toranja. Ela parou de soprar no tubo e levantou a esfera ao nível dos olhos.

Na cena que se desenrolava ali dentro, Mikki pôde ver uma mulher dançando com um

mar de grama azul até os joelhos e com o céu chovendo flores a sua volta. A criada do palácio deu apenas um toque na bolha, e esta soltou-se do tubo.

Mas não se espatifou no chão como Mikki esperava. Em vez disso, flutuou. A mulher soprou-a uma última vez e a bolha ergueu-se no ar, desaparecendo no teto.

— Gostaria de criar um sonho, Empousa?

Mikki deu um pulo quando a serva que havia acabado de soltar a bolha ofereceu-lhe o tubo vazio.

— Ah, não, obrigada... Esta noite estou apenas observando.

— Como quiser, Empousa. — A criada sorriu para ela e voltou ao trabalho.

Mikki agarrou a mão de Asterius e o puxou na direção da porta.

— Quero ver mais!

— Claro, Empousa — respondeu o Guardião, tentando parecer formal e indiferente diante das mulheres que os observavam e ouviam.

Mas a mão delicada dentro da dele era um tesouro sem preço, e Asterius não conseguiu esconder de todo a felicidade que iluminou seu rosto por ela tocá-lo com tanta intimidade.

Não se importou mais que estivessem olhando; tampouco com a dor que irradiava por seu braço. O mais importante foi que ela não tirou a mão da dele até chegarem à porta seguinte, que Mikki abriu, cheia de expectativa.

Ele a seguiu, sorrindo diante de sua exclamação de prazer.

Aquela sala era muito mais fria e cheirava a flor-da-lua e chuva de primavera. Um córrego claro borbulhava no centro do cômodo, vindo do nada e desaparecendo no nada. De um lado do curso, mulheres descansavam em enormes almofadas vermelho-claras, conversando e rindo, enquanto corriam as mãos pela água. De vez em quando, uma delas puxava algo que parecia uma moeda do riacho, estudava-a com cuidado, estalava os dedos e a moeda desaparecia em uma nuvem cor-de-rosa.

Do outro lado do córrego, as servas encontravam-se confortavelmente sentadas, com as pernas cruzadas, mergulhando aros redondos na água.

Uma delas a avistou e saudou, alegre:

— Bem-vinda, Empousa!

Logo, o restante das Tecedoras de Sonhos a cumprimentou.

— Não me deixem interrompê-las, eu só quero observar! — garantiu Mikki. Então, baixou a voz e aproximou-se de Asterius. — E agora, o que elas estão fazendo?

— O riacho carrega as moedas de todos os poços e fontes dos desejos do mundo comum. As mulheres escolhem uma moeda e, se gostam do desejo, elas o transformam em um sonho.

— E se elas não gostam?

— Este permanece no córrego e, eventualmente, transforma-se no lodo de que são feitos os pesadelos.

— Elas não podem jogá-los fora ou algo assim? Odeio pesadelos!

— Deve haver equilíbrio, Mikado. O claro e o escuro, o bem e o mal, a vida e a morte. Sem equilíbrio, o círculo da vida entraria em colapso.

— Continuo não gostando de pesadelos — ela resmungou. Depois apontou as mulheres com os aros. — O que elas estão fazendo?

— Estão tentando encontrar a mistura ideal entre os sonhos, a água e a magia para fazer espelhos mágicos.

— Espelhos mágicos?

— Espelhos usados para segunda visão; para se discernir o que não pode ser visto a olho nu.

— Verdade? Mas isso é incrível! Quero olhar mais de perto... — Mikki marchou para uma das mulheres que pescavam moedas.

— Ficarei honrada se quiser juntar-se a mim, Empousa. — A serva sorriu, calorosa, e abriu lugar na almofada.

Mikki sentou-se e olhou para dentro da água: esta era clara e corria apressada sobre a areia branca que se formava no fundo do riacho mágico. De repente, um círculo de prata rolou, ficando à vista e, sem pensar duas vezes, ela mergulhou a mão. A água encontrava-se agradavelmente quente, fazendo um delicioso contraste com a sala fria.

Seus dedos se fecharam em torno da moeda. Sorrindo, triunfante, Mikki a ergueu.

— Muito bem, Empousa. — A voz profunda de Asterius retumbou a seu lado. — Agora, olhe para ela e verifique se o desejo é um sonho que irá conceder.

Mikki estreitou os olhos para a moeda e, com um pequeno choque, percebeu que estava segurando um quarto de dólar, e que a data estampada era 1995. Era apenas uma moeda de vinte e cinco centavos, igual às que ela vira e gastara a vida inteira. Como poderia haver magia dentro del...?!

A face da moeda ondulou, e ela quase a deixou cair. Fitou-a mais de perto. Era quase como colocar os olhos num daqueles antigos binóculos para *slides*, mas a cena dentro da moeda movia-se como num vídeo.

Um homem e uma mulher encontravam-se deitados sobre um tapete de pele de carneiro, diante de uma lareira acesa. Estavam nus e faziam amor. Mikki pôde ouvi-lo dizendo o quanto ela era bonita, como tinha gosto de mel e amor... Em seguida, conforme a mulher atingia o ápice, neve começou a cair na sala, ao redor do casal, sem tocá-los ou deixá-los molhados.

— Quer que esse desejo seja transformado em sonho? — Asterius perguntou.

Mikki olhou da cena erótica para o estranho ser a seu lado. Engoliu em seco, permitindo que o olhar viajasse do peito largo para os lábios benfeitos e tão humanos.

— Quero, sim — falou baixinho.

Sem que ninguém precisasse dizer-lhe o que fazer, estalou os dedos e a moeda explodiu em uma nuvem de fumaça cor-de-rosa que derivou preguiçosamente na direção do teto.

— Deseja escolher outro, Empousa? — a mulher sentada a seu lado indagou.

— Eu gostaria muito, mas ainda preciso visitar as outras salas esta noite.

E, pela segunda vez naquele dia, Mikki estendeu a mão para o Guardião.

Desta vez não houve hesitação antes que ele a tomasse e a ajudasse a se pôr em pé.

Quando ela se levantou, Asterius soltou-lhe a mão; contudo ela não se afastou. Em vez disso, segurou-o na dobra do braço para que ele a acompanhasse para fora da sala, como se ele fosse um daqueles antigos cavalheiros do Sul.

— Vamos ver os outros cômodos.

— Como quiser, Empousa.

Suas palavras ainda eram formais, mas não havia mais dúvida quanto à forma como a expressão dele se suavizava quando falava com ela, e como eles se inclinavam na direção um do outro, partilhando sorrisos e sussurros. Deixaram a sala sem dar a menor atenção ao espanto nos olhares das Tecedoras de Sonhos.

CAPÍTULO 25

A mente de Mikki encontrava-se em um turbilhão, tal fora a beleza que ela testemunhara nos quartos de tecelagem de sonhos. Quando pensava que não havia mais nada de incrível, Asterius a levava a outra sala e ela ficava espantada outra vez.

Desejou que sua mãe e sua avó estivessem ali com ela. Sua mãe, em particular, adoraria a sala onde as mulheres pintavam minúsculos animais feitos de porcelana, os quais ganhavam vida e saíam flutuando através do teto. Sua avó gostaria mais da confecção de sonhos que era dedicada à magia, como a sala onde cenas coloridas eram pintadas em longos rolos de pergaminho, tão finos que podia-se ver através deles. Quando as cenas eram concluídas, o papel de repente se partia e, como asas de pomba, voava para longe da vista.

Asterius explicara que ali as mulheres criavam a essência das cartas de Tarô.

Havia também uma sala onde elas usavam agulhas de prata para tecer diáfanas mantas de crochê, as quais variavam do amarelo ao cinza. “Véus de Lua”, usados para atrair o luar, ele explanara. E Mikki tinha percebido que, de fato, eles possuíam as cores das diferentes fases da lua.

Mas sua sala favorita era a das velas. Era cheia com várias fileiras de velas grossas, cor de creme, nas quais as servas esculpiam na cera mole fantásticas cenas de sonho. Quando a cena era concluída, a vela era acesa. E, conforme queimava, o sonho era lançado e transportado para o outro mundo em uma nuvem perfumada e colorida.

— Só mais uma sala — Asterius determinou, sério, conforme deixavam a das velas. Antes que Mikki pudesse protestar, ele sacudiu a cabeça. — Já está ficando com olheiras. Pode continuar sua exploração amanhã à noite.

— Isso tem a ver com sua obrigação de cuidar de mim, ou está cansado de ser arrastado de sala em sala?

— Não — ele respondeu calmamente enquanto aproximavam-se da porta seguinte. Parou e segurou o rosto dela com ambas as mãos, os polegares traçando as sombras sob seus olhos. — É que não gosto de ver você com aparência de cansada, mesmo desejando que esta noite não tivesse fim.

Mikki o fitou, surpresa e satisfeita com as palavras e a suavidade de seu toque. Quis dizer que sentia muito por ter entendido mal, ou agradecê-lo ou, *droga!*, dizer que estava tendo uma noite maravilhosa também... mas Asterius já abria a porta entalhada, e a atenção dela deslocou-se para a nova sala e os milagres que nela se realizavam.

Tudo ali dentro parecia normal. Mulheres encontravam-se sentadas diante de enormes telas de tecido, suas agulhas trabalhando furiosamente enquanto criavam primorosas tapeçarias.

Como de costume, elas a cumprimentaram, mas, desta vez, não ignoraram Asterius.

— Trouxe mais fio, Guardião? — Uma das mais velhas indagou em um tom profissional.

— Não tenho nenhum comigo. Esta noite estou acompanhando a nova Empousa pelas salas de confecção de sonhos.

— Empousa, por favor... Não quero desrespeitá-la, mas é importante que o Guardião vá buscar mais material para nós ainda esta noite, se lhe conceder sua licença. Enquanto ele esteve — a mulher fez uma pausa, constrangida, antes de prosseguir — *distante* do reino, fomos obrigadas a trabalhar com as tramas que os Quatro Elementos nos forneciam, e estas mal foram suficientes.

— As tapeçarias estão ficando fracas — acrescentou outra mulher um pouco mais jovem, com uma espessa massa de cabelos loiros que tinha presa em uma trança.

Várias das outras servas concordaram.

Confusa, Mikki conteve sua frustração com um suspiro.

— Claro que vou permitir que o Guardião vá buscar mais fios para vocês. Já estávamos terminando nossas visitas mesmo...

— Ah, obrigada, Empousa!

Mikki dispensou os agradecimentos e retirou-se da sala com Asterius.

— Muito bem, vai ter que me explicar isso — pediu de pronto.

— Percebeu alguma coisa diferente nas cenas desta sala?

Ela franziu o cenho, não gostando do fato de ele ter respondido à sua pergunta com outra, mas pensou sobre as cenas e as mulheres que as bordavam. Havia uma em que uma mãe segurava o filho recém-nascido no colo. Outra mostrava um homem falando diante de uma enorme multidão. Em uma terceira, uma mulher encontrava-se sentada em uma escrivaninha, mastigando um lápis, pensativa.

Mikki encolheu os ombros.

— Não sei. Elas me pareceram normais.

— Porque, nessa sala, os sonhos tecidos na tapeçaria são os que vão se tornar realidade.

— Quer dizer que eles realmente acontecem? As coisas que aquelas mulheres estavam criando se tornam realidade no mundo real?

— Sempre — ele garantiu.

— Então, por isso o fio tem que ser diferente — ela falou devagar, seguindo sua intuição com cuidado, como a uma trilha mal traçada. — Elas não podem obtê-lo apenas do material que as flores-da-lua sugam. Sonhos que se tornam realidade precisam de algo mais... real.

— Isso mesmo. — Ele pareceu satisfeito. — Sonhos que vão se tornar realidade precisam ser tecidos com fios colhidos da realidade.

— E você pode fazer isso?

— Posso — ele concordou com um gesto de cabeça.

— Pode me mostrar como?

Asterius começou a protestar, dizendo que era tarde demais e que ela estava muito cansada, porém Mikki tocou-o de leve no braço.

— Por favor!

— Está bem. Venha comigo.

— Aonde estamos indo?

— Para o portal das rosas — ele explicou, levando-a de volta pelo corredor.

— Estamos indo para a floresta? — A mão dela apertou seu braço.

— Sim. A realidade não pode ser adquirida no reino dos sonhos e da magia. — Ele cobriu a mão delicada com a dele. — Não tenha medo. Não deixarei que nada lhe aconteça.

Mikki sorriu.

— Não tenho medo. Não quando estou com você.

O enorme portal feito de rosas, contudo, parecia um tanto sombrio naquela noite. Não importava que houvesse tochas nas proximidades e que lanternas pendessem dos galhos do antigo carvalho. Ainda estava escuro, e a muralha parecia algo saído dos livros da controvertida autora britânica Tanith Lee. Mikki até gostava das versões estranhas de seus contos de fadas... Muito, aliás.

Mas não queria vivenciar nenhum deles. Nunca.

— Fique aqui. Eu vou para a floresta, colho os fios e volto o mais rápido que puder — orientou Asterius.

— Não! Não vou ficar sozinha. Quero ir com você.

Com a mão dela presa firmemente à dobra do braço, o Guardião apanhou uma das tochas fincadas no chão, perto da passagem. Após pronunciar a palavra mágica que abria o portal, ambos deixaram o Reino das Rosas.

Mikki estremeceu.

— É mais frio aqui.

Ele deu outro comando e uma *palla* na cor púrpura materializou-se sobre seus ombros.

— É mesmo útil ter você por perto! — comentou Mikki, tentando acalmar os nervos com um sorriso. Então acenou em direção ao fundo escuro da floresta. — Estamos indo para lá?

— Não tenha medo.

— Fácil para você dizer... eu não tenho garras — ela resmungou.

O sorriso branco do Guardião brilhou à luz das tochas.

— Minhas garras estão a seu inteiro dispor, senhora...

— Você diz coisas tão doces! — ela recitou com seu melhor sotaque sulista, e Asterius soltou uma gostosa gargalhada.

Entraram na linha das árvores e foram imediatamente engolidos por uma escuridão que bloqueava a luz prateada da lua crescente.

A luz da tocha de Asterius emanava sombras que se movimentavam, sinistras, nas cascas das árvores antigas.

Se não estivesse com Asterius, Mikki pensou, estaria apavorada. Na companhia dele sentia-se apenas assustada e ansiosa por voltar para a claridade segura do palácio.

— Já andamos o suficiente. Preciso apenas recolher alguns fios para satisfazer as mulheres. Amanhã posso vir buscar mais. — Ele parou e enfiou a tocha no chão outra vez, olhando para onde a mão dela agarrava seu braço. — Preciso dos meus dois braços livres, Mikado... — completou suavemente.

— Ah, desculpe. — Ela afrouxou o aperto e recuou um passo, agradecida pela escuridão que escondia seu rubor.

— Não se desculpe — ele falou, meio áspero. — Seu toque me agrada.

Mikki piscou, surpresa. Tinha ouvido bem? As palavras eram gentis, mas Asterius parecia aborrecido.

Ficou confusa. Assim como ficava quando as mãos dele a tocavam suaves, porém, seu rosto parecia refletir algo parecido com dor.

— Verdade? — indagou, insegura.

O suspiro de Asterius foi quase como uma ventania.

— Verdade. — Ele a segurou pelos ombros e a moveu alguns passos para o lado.

— Fique aqui. Isso não vai demorar muito.

Em silêncio, Asterius estendeu as mãos e uma luz brilhou das garras que, de repente, brotaram de seus dedos. Ele fechou os olhos e ergueu a cabeça, movendo-se em círculo até que se voltou para a brisa suave. Embora estivesse meio afastado dela, Mikki podia vê-lo movendo os lábios, como se numa oração silenciosa. Asterius levantou a mão e a empurrou para a frente, como se estivesse agarrando o vento; em seguida, a torceu e fechou em um gesto breve e inumano.

Foi então que, da ponta de suas garras, o ar começou a brilhar, enquanto fios longos e finos começaram a tomar forma. Ele os puxou, mão após mão, deixando um monte de filigranas luminosas junto aos cascos.

Espantada, Mikki assistiu-o trabalhar. O Guardiã movia-se em um pequeno círculo, permanecendo próximo dela, dentro da luz da tocha. Não apenas tirava os fios do nada, mas também estendia a mão na direção das folhas da velha árvore acima deles e puxava tramas invisíveis. Mudava o foco e corria os dedos pelas plantas da floresta que brotavam do solo fértil e verdejante.

E, enquanto isso, o extraordinário amontoado de fios crescia. Mikki nem podia olhar diretamente para eles por muito tempo. As tramas a deixavam tonta com suas variações e fulgores. Na pilha, ela pensou vislumbrar silhuetas de pessoas; contudo, estas pareciam desmembradas. Era como tentar estudar um Picasso através da imagem distorcida de um espelho.

Em vez dos fios, Mikki observou Asterius. Ele movia-se com a graça de um guerreiro somada à força de um grande felino. Apesar dos chifres e dos cascos fendidos, parecia mais um leão do que um touro com aquela cabeleira escura, os olhos escuros e profundos e a graça selvagem.

De repente, seus olhos voltaram-se para ela. Asterius respirava pesadamente e seus braços estavam úmidos de suor.

— De todas as maravilhas que me mostrou esta noite, ver você puxar as tramas da realidade das trevas foi o que achei mais incrível... — ela comentou.

— Gostaria de experimentar?

— Claro que sim!

— Então precisa vir até mim.

Sem hesitar, Mikki fez o que ele pedia.

— Confia em mim? — Asterius quis saber.

— Sim.

— Vire-se de costas.

Ela obedeceu e sentiu que ele cobria a pequena distância que os separava, depois curvava-se de modo a poder pegar suas mãos nas dele.

— Abra as mãos e pressione-as contra as minhas, assim será como se minhas garras fossem suas.

Mikki espalhou os dedos, juntando-os com os dele na medida do possível. Pressionou os braços aos de Asterius da mesma forma, até que viu-se moldada contra sua pele.

Seus corpos se encontraram, e ela percebeu quando ele sugou o ar, assim como o arrepio que o atravessou. Seu próprio corpo respondeu com um calor que fez o interior de suas coxas arder.

— Agora, mova-se comigo...

Ela se moveu, as mãos vasculhando o ar da noite junto com as dele. Sentiu o formigamento dos fios contra as palmas. Quando as mãos de Asterius se fecharam, fechou também as dela e, de repente, as cenas em meio ao monte de fios já não lhe causavam vertigens: entraram em foco e tornaram-se muito claras. Conforme as puxava da escuridão, era como se estivesse assistindo ao desenrolar de uma fita de filme.

De repente, viu uma mulher de costas para um homem, na mesma posição em que ela se encontrava com Asterius. Ela estava nua, e a linha clara e delgada de suas costas só era quebrada pela cascata de cabelos cor de cobre.

Como o meu cabelo! Ela tem o meu cabelo!, Mikki pensou, entontecida.

Foi então que, na cena, surgiram dois braços musculosos, cuja pele era do tom do bronze polido. Os braços envolveram a mulher, puxando-a para trás, de maneira que seu corpo repousasse em um peito nu. O homem curvou a cabeça para a frente, acariciando o pescoço da mulher... e uma luz brilhou de seus dois chifres escuros.

O rosnado do Guardiã fragmentou a cena que o fio revelava. Mikki tropeçou e quase caiu quando ele afastou-se dela. Quando retomou o equilíbrio e virou-se para fitá-lo, Asterius estava de pé ao lado da tocha, com a cabeça baixa e rodeado por pilhas de fios. Respirava pesadamente e, enquanto ela o observava, limpou a testa com as costas da mão, trêmulo.

— Preciso levar os fios para o palácio. — Sua voz voltou a soar formal e sem emoção.

— Eu o aborreci? — Mikki quis saber.

— Não.

— Então por que está agindo assim?

Quando ele ergueu a cabeça e a encarou, ela pensou que nunca tinha visto olhos tão sombrios.

— Viu a cena na trama?

— Sim — ela admitiu num sussurro.

De repente, com movimentos instáveis e violentos, ele começou a recolher as pilhas de fios.

— Não compreendo o que aconteceu. Essas são tramas da realidade. Supõe-se que sejam tecidas em sonhos que se tornarão realidade.

Em silêncio, Mikki tirou a *palla* dos ombros e a esticou no chão, perto de Asterius, para que ele pudesse empilhar os fios dentro dela.

— E daí? — incitou diante de seu silêncio.

— Daí que não se espera que elas mostrem fantasias e mentiras!

A força de sua voz fez a luz da tocha bruxulear, porém Mikki não se alterou. Em vez disso, percorreu os dois passos que os separava. Ao vê-lo imóvel, estendeu a mão e deixou a ponta dos dedos acariciar seu rosto.

Ele estremeceu sob o toque, mas não se afastou.

— Gosta quando toco você? — ela perguntou baixinho.

— Sim...

— Quer me tocar também?

— Sim! — ele rosnou por entre os dentes.

— Então não entendo por que diz que a cena que acabamos de ver é uma fantasia ou mentira.

— Porque sou um animal e você é uma mortal.

— Pare com isso! — Mikki fitou-o nos olhos. — Você é o único que está tornando isso impossível. Eu não me importo com nada disso... — Ela fez um gesto brusco, apontando seus chifres e cascos. — Nada me impediu de desejá-lo em Tulsa, quando começou a visitar meus sonhos. E eu nem conhecia o homem dentro de você! Por que iria me impedir de desejá-lo agora?

— Não entende, Mikado. Há mais em jogo do que o que pode ou não acontecer entre nós dois. Você só está aqui...

— ... por causa das rosas! Droga, Asterius, eu sei disso! Acha que sou incapaz de fazer meu trabalho e amá-lo ao mesmo tempo? Santo Deus! As pessoas deste reino disseram coisas terríveis sobre meu antigo mundo, e algumas delas até são verdade, mas estou começando a me perguntar sobre as Sacerdotisas que vieram antes de mim. Elas não eram nem um pouco

flexíveis?

— Por favor, não me diga nada que não seja verdade.

Mikki estreitou os olhos. Asterius soava como se seu coração tivesse sido partido.

— Do que está falando? Estou sendo sincera.

— Uma mortal não pode amar uma fera.

— Quem disse isso?

Ele desviou o olhar rapidamente.

Mikki deu um passo e se pôs a sua frente, tocando-o no rosto outra vez. Asterius fechou os olhos, como se seu toque lhe causasse muita dor.

— Foi a última Empousa, Asterius? A que fez Hécate ficar zangada com você?

Ele abriu os olhos em choque.

— Quem lhe falou dela?

— Ninguém. Ninguém ousaria... Mas não sou estúpida. Você irritou Hécate, a Empousa se foi, as rosas estão doentes... Eu estou aqui, e foi você quem me trouxe. Ora, vamos, não é tão difícil imaginar que algo aconteceu entre vocês dois.

— Estou proibido de falar do passado.

— Compreendo. Você e todos aqui estão proibidos... Mas eu não. Então me deixe explicar algo: em primeiro lugar, eu não sou ela. Tenho certeza de que sou bem mais velha do que a outra sacerdotisa e, digamos, ao menos em relação a isto, um pouco mais sábia. Em segundo lugar, venho de outro mundo, o que significa que não tenho os mesmos preconceitos das mulheres deste reino. Por exemplo: não vejo nenhum problema em sujar as mãos para cuidar das rosas. Assim como não tenho dificuldades em ver o homem que existe dentro de você. Agora, quero que responda a uma pergunta de forma muito honesta e clara para mim, e não quero ouvir nada dessa história de “Estou proibido de falar sobre isso”...

— Diga.

— Existe alguma regra dizendo que a Empousa de Hécate não pode amar seu Guardião?

Seus olhos escuros encontraram os dela.

— Não conheço nenhuma regra parecida, mas creio que uma norma dessas nunca foi necessária antes.

Mikki prendeu a respiração por um momento.

— E é agora?

— Mikado... — A voz dele saiu tensa. — Disse que enxerga o homem dentro de mim?

— Na verdade, o que estou dizendo é que estou apaixonada pelo homem dentro de você! Acho que estive desde que veio para meus sonhos, Asterius.

Ela não o estava tocando, contudo encontrava-se perto o suficiente para ver que ele tremia.

— Apenas ouvi-la dizer essas palavras é um raro e maravilhoso presente para mim... Algo que nunca me foi dado antes. Mas deve compreender que, apesar de eu ter o coração e a alma de um homem, também tenho as paixões de uma fera. Consigo domar o animal, mas ele está

sempre presente... e mostra-se tão voraz por seu amor como o homem.

A onda de emoção que invadiu Mikki fez aumentar as batidas de seu coração. Mas ela não ficou com medo. Ficou fascinada.

Pegou a mão dele devagar e a ergueu até os lábios.

— Eu não poderia amar o homem sem aceitar a fera.

— Não tem medo de mim? — ele rosnou com sua voz profunda.

Mikki descansou o rosto contra a mão larga. Asterius segurou-lhe o rosto, e ela beijou-lhe a palma.

— O animal dentro de você quer me machucar?

— Não! Ele quer amá-la, mas não sabe como.

— Então vamos ter que ensiná-lo.

Com um suspiro, eles juntaram os fios em silêncio, porém suas mãos encontraram-se muitas vezes e seus olhos falaram de sonhos ainda não realizados.

Retomaram o caminho através da floresta, preocupados demais um com o outro para pressentirem a presença do que escondia-se nas sombras e cujos olhos vermelhos seguiam, vorazes, todos seus movimentos.

CAPÍTULO 26

Asterius carregou os fios embrulhados na *palla* de seda, e eles cruzaram o caminho por entre os jardins adormecidos. Caminharam juntos, os braços roçando um no outro, porém ele recebeu a dor que o contato lhe causava no corpo de bom grado. Estava mais do que disposto a pagar tal preço pela proximidade de Mikado.

Sua cabeça era um só turbilhão.

O contato com ela ainda me dói, então Mikado ainda não me ama. Mas poderia estar se apaixonando por mim? Seria possível? E se isto for apenas um engano ou um impulso que ela resolveu seguir, mas do qual vai se arrepender?

Sentiu o peito se apertar. Deveria mais era ir embora e fechar aquela noite com as palavras e a esperança que ela lhe dera. Era o suficiente.

Não, não é o bastante!, rugia a fera dentro dele.

Mas tem que ser. Mesmo que, por algum milagre, ela possa me amar, isso não muda nada... Seu destino deve permanecer o mesmo.

Com a mente e o coração em franco combate, Asterius permaneceu em silêncio, vivenciando sua batalhas internas ao mesmo tempo que deliciava-se com o toque macio do braço delicado contra o seu.

Mikki, por sua vez, tentou não pensar. De vez em quando lançava um olhar na direção do perfil forte: o queixo quadrado, a testa larga, os chifres escuros como ônix...

Um arrepio a sacudiu, parte por medo, parte por fascínio.

Mas não, não iria pensar. Iria seguir os próprios instintos.

Ambos estavam tão preocupados que surpreenderam-se ao deparar com a escada que levava à varanda de Mikki.

— Vou levar os fios para as Tecedoras de Sonhos — Asterius murmurou com voz grave.

— Vá... Elas estão esperando por você. — Ela fez menção de tocar a pilha brilhante de tramas, porém pensou melhor e, deixando a mão cair ao lado do corpo, o encarou. — O sonho em que estávamos juntos... As mulheres vão vê-lo e tecer uma tapeçaria também?

Asterius pareceu surpreso com a pergunta.

— Não faço ideia. Nunca um sonho meu tornou-se realidade.

Mikki ergueu a cabeça de modo a fitá-lo nos olhos.

— Não tem sonhos?

— Tenho, mas eles não acontecem. Desde que me dispus a ficar a serviço de Hécate vejo muitos dos sonhos dos outros tornando-se realidade, mas esse presente nunca me foi concedido. — Asterius continuou a olhar para ela. — Agora já sabe que sou filho de um Titã, que já vivi por incontáveis séculos e que estes se prolongam interminavelmente diante de mim. Mas também quero que saiba: vou me lembrar deste dia enquanto meu coração bater.

— Está falando como se hoje tivesse acabado.

Ele sorriu, permitindo que ela vislumbrasse os dentes brancos e afiados por um momento; contudo, seus olhos permaneceram tristes.

— Foi um dia agradável, mas, assim como todas as coisas, ele também precisa terminar.

Mikki, no entanto, não queria que ele acabasse. Não ainda. Queria que Asterius...

Seus pensamentos perderam-se diante das possibilidades. O que desejava que ele fizesse? Estar tão perto dele a deixou, mais uma vez, impressionada com seu tamanho e a mistura poderosa do homem e animal: as patas e pernas cobertas de pelo, o peito largo, os ombros musculosos, o rosto que parecia pertencer a um antigo deus guerreiro, e não a uma criatura que era em parte fera. Em seus sonhos, ela fora perseguida por ele e terminara em seus braços. E tinha sido tão erótico e excitante!

Mas não passara de um sonho. A realidade era muito diferente.

Primeiro porque Asterius, definitivamente, não a perseguia. Segundo porque ela precisava se lembrar do que o Guardião dissera sobre o animal que habitava dentro dele. Ela não era nenhuma princesa de conto de fadas, e Asterius não iria se transformar em um príncipe janota se ela concordasse em se casar com ele.

Inferno. Asterius sequer lhe havia proposto casamento! Só Deus sabia quais eram suas intenções. Na maior parte do tempo, sua expressão era tão impenetrável que ela não podia nem imaginar o que ele estava pensando.

Afinal, o que *ela* pretendia? Já havia admitido que poderia estar apaixonada, mas o que aquilo significava? Até onde estava disposta a ir?

— Se não precisa mais de mim, então já é hora de eu lhe dar boa-noite, Mikado.

Quando Asterius falou, Mikki percebeu que tinha ficado ali, parada, olhando para ele como uma idiota. Piscou, sentindo-se como se tivesse saído de um transe.

— Há mais uma coisa que pode fazer por mim. — Subiu três degraus da escada para a varanda.

Asterius começou a segui-la, porém ela fez meia-volta e ele teve que estacar. Mikado ficou quase no nível de seus olhos e, por um momento, ele apenas ficou parado, deliciando-se com a rara sensação de estar tão próximo de uma mulher que não se encolhia em sua presença, tampouco tratava-o como se ele fosse um cão vira-lata.

Então, ela colocou as mãos em seus ombros.

— O que posso fazer por você, Mikado? — A despeito da dor lancinante que começou a irradiar por sua pele com o toque delicado, ele tentou falar o mais suavemente possível, amaldiçoando o peito descomunal e a voz que brotava de dentro dele, temendo assustá-la de novo, com medo de que ela parasse de tocá-lo... ou de que não o fizesse.

— Isto — Mikki sussurrou, e colou os lábios aos dele.

Asterius não conseguiu se mover. Foi como se o beijo o tivesse transformado em pedra outra vez.

Ela afastou-se apenas alguns centímetros, de maneira a poder fitá-lo nos olhos.

— Seus lábios são quentes — falou num sussurro.

— E os seus, incrivelmente macios. — De algum modo, ele conseguiu proferir as palavras que encontravam-se presas em sua garganta.

— Posso beijá-lo de novo?

Asterius sabia que ela podia sentir seu corpo tremendo por conta do prazer doce e incomum causado pelo peso de suas mãos pequenas. Não confiando em si mesmo para manter o controle da voz, ele apenas assentiu.

Desta vez, os lábios de Mikado demoraram-se mais sobre os seus. Com um esforço supremo, ele ignorou a onda excruciante de dor e bebeu dela.

Seu perfume preenchia-lhe os sentidos. Mikado tinha o cheiro pungente das rosas e o calor de uma mortal, e o tocava, beijava, quase mergulhando em seus braços.

Foi mais inebriante do que qualquer magia que ele pudesse operar.

— É melhor você me beijar de volta! — ela murmurou contra seus lábios.

Como ele havia visto tantas vezes nos sonhos de outros homens, entreabriu a boca e inclinou a cabeça.

Uma língua macia tocou a sua de leve, e Asterius percebeu o corpo reagindo instantaneamente. Com um grunhido que transformou-se num gemido, ele largou a *palla* e os fios luminosos derramaram-se à volta deles na escada. Suas mãos circundaram a curva suave da cintura de Mikado, e ela arqueou o corpo, fazendo com que seus seios fartos pressionassem a *cuirasse*.

Asterius sentiu seu peso e calor com tanta intensidade como a doçura da boca que o engolia e viu-se dominado por um misto de agonia e luxúria. Seu pulso se acelerou e seu sangue afluiu como fogo líquido nas veias, fazendo latejar suas têmporas. Não havia mais nada no mundo exceto ela: seu toque, seu gosto, seu calor...

Ele precisava tê-la. Mesmo que aquela dor o destruísse, Mikado tinha que ser sua! Precisava mergulhar nela e preencher seu calor com todo o desejo que o consumia.

Braços delicados fecharam-se em torno de seus ombros, e o beijo se aprofundou. Asterius deslizou a mão pela linha suave das costas delgadas enquanto a outra descia para segurar a curva irresistível das nádegas redondas para trazê-las mais para si, pressionando-as com firmeza contra seu membro.

Por Hécate! Ele nunca havia sentido nada parecido com a dor deliciosa de ter o corpo pressionado contra o dela!

Sua mente preenchida pela dor e pelo prazer não registrou o primeiro grito de Mikado. Só ouviu o segundo, quando ela começou a tentar desvencilhar-se dele.

Respirando com dificuldade, Asterius obrigou-se a afastar a boca da dela.

Foi então que sentiu cheiro de sangue e olhou para os lábios de Mikado. Estavam inchados, machucados, e um deles tinha um corte que sangrava. Mikki ofegava tanto quanto ele, os olhos verdes fitando-o, arregalados.

— Não! — ele rosnou, inconformado e, libertando-a, cambaleou para trás.

Ela também recuou um degrau, vacilante, e apoiou-se no corrimão. Quando seu corpo tocou o mármore, Mikki fez uma careta de dor.

— O que eu fiz? — ele indagou, grave.

— Suas garras... — ela começou, a voz soando um pouco estridente. — Deve ter me arranhado.

Asterius olhou para as mãos e viu as lâminas totalmente estendidas.

Voltou os olhos para ela.

Oh, Deusa, por favor... Não permita que eu a tenha ferido!

— Deixe-me ver suas costas — murmurou, mas quando começou a mover-se em sua direção, Mikado recuou mais um passo.

— Estou bem... Tenho certeza de que estou bem.

Asterius parou como se ela tivesse lhe cravado uma estaca, mantendo-o no lugar. Os olhos dela estavam cheios de medo e repugnância... Algo que ele reconhecia de pronto. Conhecia muito bem aquele olhar, pois o tinha visto na outra Empousa que o havia rejeitado. Os olhos desta também revelavam que ela temera e odiara a fera.

Desistindo de avançar e tocar Mikado, Asterius recolheu os fios derramados, reunindo-os dentro da *palla*. Então endireitou o corpo e desceu a escada antes de se permitir olhar para ela novamente.

Mikado continuava parada, as costas pressionadas contra o corrimão, observando-o com os olhos muito abertos.

— Eu não queria machucá-la. Não peço que me perdoe porque sei que isso não é possível... mas peço que ao menos tente acreditar: não tive a intenção de feri-la, Mikado. Eu jamais iria querer isso.

E, com um rosnar abafado, ele virou-se e desapareceu na noite.

Quando Asterius se foi, Mikki passou a mão trêmula pela boca. Retraiu-se ao sentir o corte no lábio com a língua. Sequer tinha percebido os dentes dele fazendo aquilo!

Sentiu os joelhos fracos e subiu a escada curva devagar.

Mas não foi para o quarto. Continuou andando ao longo da sacada e desceu a escadaria que levava ao leste do palácio.

Por sorte, não precisou chamar Daphne. Como pedira mais cedo, naquela mesma noite, as servas haviam começado a deixar grossas toalhas, assim como túnicas extras e camisolas, junto com os sabonetes, óleos e jarras de vinho, em grandes cestos perto das piscinas de água quente. Naturalmente, elas tinham protestado, dizendo que era seu dever atender às necessidades da Empousa a qualquer hora, porém ela insistira. Queria ter privacidade para se banhar.

Só não sabia que iria querer desfrutá-la tão depressa.

Livrou-se do quitão, encheu um cálice com o vinho tinto de um jarro e, devagar, deixou-

se afundar em uma das piscinas fumegantes, prendendo o fôlego quando a água mineral tocou-lhe as costas.

Havia ficado muito assustada. Estava beijando Asterius e adorando a experiência... Ele tinha um gosto de homem misturado a algo almiscarado. Algo tão estranho quanto emocionante.

E ele parecia uma rocha, pensou, estremecendo. Seu corpo era quente e forte.

E Asterius a quisera. Desesperadamente. Pudera sentir seus músculos retesando-se e tremendo sob seu toque.

Suspirou. Havia deleitado-se com a firmeza da ereção pressionada contra ela, e seu próprio corpo reagira com um ardor e umidade tão deliciosos que chegara até a doer... Esfregara-se contra ele, provocante, sensual, adorando sentir o membro másculo através da seda fina da túnica.

E o rosar abafado que ele soprara em sua boca a excitara ainda mais... *Céus!*, conseguia fazer tudo aquilo com ele!? Pensar que tivera uma fera nos braços e a fizera tremer por ela era no mínimo inebriante.

Respirou fundo. Havia encaixado-se nele, moldado sua suavidade aos músculos fortes. Tinha sido quase como no sonho, só que melhor, pois não teria que acordar sozinha e contentar-se com um orgasmo solitário e pouco satisfatório... Asterius estava bem ali, e ela poderia tê-lo por inteiro.

Então a dor havia misturado-se ao prazer.

Mikki suspirou. Sabia que ele não tivera a intenção de estender as garras. Asterius apenas perdera-se em seus braços, e a paixão tinha provocado uma reação espontânea nele.

Ela bem que tentara pedir que ele se afastasse um pouco, contudo Asterius pareceu não ouvi-la a princípio, e depois...

Fechou os olhos. Tinha sido terrível. Ele vira o medo em seus olhos e fugira, ainda mais depois que ela não permitira que ele se aproximasse.

Fora um mal-entendido. Claro que sim. Quantas mulheres não deviam ter olhado para ele com medo? Provavelmente fora assim com a outra Sacerdotisa. Quando ele havia dito que Hécate não possuía nenhuma razão para criar uma regra em que o Guardião e a Empousa não pudessem desejar um ao outro, dera a entender que não tinha acontecido nada entre os dois... Mas ela sabia que Asterius estava escondendo algo. *Todos* estavam escondendo algo dela.

A outra Empousa partira o coração dele. Talvez por isso Hécate o tivesse punido: para que ele pudesse superar tal sentimento. E talvez tivesse expulsado a outra Sacerdotisa porque ela o rejeitara.

Mas quem sabia o motivo? Quem sabia o porquê das coisas naquele estranho mundo de sonhos, magias e desejos?

Mikki pensou no olhar tristonho que vira no rosto moreno de Asterius no momento em que ele a havia deixado. Ela também partira seu coração sem querer.

Mas ficara tão chocada e com tanto medo quando aquelas garras tinham lhe arranhado as costas. Não pela dor em si... mas porque sentira um desejo absurdo invadi-la. Tivera vontade de cravar os dentes nos lábios dele e de obrigá-lo a amá-la ali mesmo, com violência, sem parar! Sentir que tudo aquilo era seu a excitara além da razão, e pensar que Asterius mal controlava seu desejo, sua paixão, sua violência!

Mikki estremeceu de prazer ao lembrar-se de que poderia invocá-lo sempre que quisesse, e que ele iria responder com aquele mesmo fogo até que ela estivesse tão saciada como com nenhum dos homens em sua vida. Tinha ficado extasiada, intrigada e chocada ao obter um vislumbre do que poderia satisfazê-la...

E em pensar que *aquilo* talvez não fosse de um homem, mas de uma fera...

A verdade, no fim, era que não tivera medo dele. Havia tido medo de si mesma.

CAPÍTULO 27

— Acho que fizemos muito, principalmente por termos trabalhado apenas metade do dia.

Mikki limpou as mãos uma na outra e inspecionou os canteiros de rosas recém-fertilizadas que circundavam o Templo de Hécate. Se não olhasse muito de perto, ou não tivesse aquele mal-estar sempre que encontrava-se perto das rosas doentes, os jardins pareceriam-lhe quase normais, principalmente na área do reino mais próxima ao templo. Ali as rosas eram todas em tons de lavanda e roxo e, mesmo na triste condição em que estavam, sua doce fragrância preenchia tudo ao redor.

A água fluía da imensa fonte com múltiplas bacias, gotejando nas valas de mármore que estendiam-se desde sua base até os quatro cantos dos jardins. Nera havia explicado que o chafariz carregava água para todas as roseiras. Mikki nunca imaginara que pudesse existir um sistema de irrigação tão bonito.

— O trabalho está indo bem. Muitas das mulheres estavam sorrindo hoje — comentou Gii.

— Isso porque os rumores de que vou lançar um feitiço para convidar os homens para o reino já se espalhou — contrapôs Mikki, sorrindo de volta para o elemento Terra.

Mas as mulheres tinham mesmo trabalhado muito e feito tudo com bom humor; principalmente naquele dia. Ela estava bem ciente disso porque lutara durante toda a manhã contra um enorme desânimo, o qual não fora fácil de ocultar.

Droga! Asterius não havia mostrado um casco, chifre ou fio de cabelo até aquele momento.

Verdade que ela não o invocara. Não tivera nenhum motivo para isso. A maior parte do trabalho pesado fora concluída no dia anterior. Naquele dia, as mulheres haviam estado concentradas em podar as flores mortas e limpar as hastes fracas. Nenhuma tarefa exigia sua força.

Mas ele podia ter aparecido para dizer bom-dia ou checar alguma coisa!

Asterius devia estar certo de que ela o rejeitaria depois que ele a havia machucado e assustado.

Mas a triste verdade era que o amor e o desejo não eram lógicos. Ela queria vê-lo. *Ansiava* por vê-lo. Mas não queria pedir, muito menos forçá-lo, que viesse até ela. Queria que ele viesse por não conseguir ficar longe por muito tempo.

— Devo dispensar as mulheres, Empousa, ou prefere que elas permaneçam aqui enquanto lança o círculo sagrado e invoca a magia? — indagou Gii.

— Ah, desculpe... Sim, dispense as mulheres. Ainda não fico à vontade com muita plateia. — Mikki ordenou os pensamentos. — E diga às outras servas que quero fazer o feitiço primeiro. Podemos comer depois.

— Sim, Empousa. — O elemento Terra saiu correndo.

Mikki franziu a testa e mordeu o lábio. Em vez de ficar alimentando aquela obsessão por

Asterius, devia ter pensado no que iria fazer quanto à magia para o jardim.

Suspirou. O feitiço para atrair os homens devia ser mais fácil de fazer, ou pelo menos assim ela esperava.

Por outro lado, continuava confusa e com ideias muito pouco consistentes.

Merda.

Não demorou, e os Quatro Elementos a chamavam e acenavam para ela, já de seus lugares, ao redor do fogo que ardia no centro do Templo de Hécate.

Mikki jogou o cabelo para trás das orelhas e limpou uma mancha de sujeira do quitão cor de violeta. Tinha ficado insegura, naquela manhã, quando Gii lhe trouxera a linda e escandalosa túnica, pensando que não seria fácil para ela trabalhar até o meio-dia com um seio de fora... Mas a moça tinha rido e dito que o traje que lhe expunha um peito seria usado apenas nos rituais que aconteciam nas noites sem lua. Caso contrário, era suficiente que ela usasse apenas a cor do Espírito para os feitiços.

Fora um alívio. Ou ao menos devia ter sido um alívio... pois parte dela murmurava que adoraria ter visto a reação de Asterius àquela roupa sedutora. Isso se ele tivesse se preocupado em aparecer naquela manhã!

Subiu os degraus e entrou no Templo de Hécate, sentindo que sua beleza acalmava-lhe os nervos. Endireitou a espinha e caminhou com o queixo erguido. Era a Alta Sacerdotisa ali, cujos poderes tinham sido concedidos pela deusa. Não era apropriado que ficasse pensando em um homem (ou num animal, que fosse!) quando devia estar centrada na obra de uma Empousa.

Tomou seu lugar no centro do círculo. Fechou os olhos e limpou a mente, respirando fundo para se concentrar.

Então pensou nos fios de luz que vira da última vez em que lançara o círculo sagrado, e em como eles haviam formado um campo de magia e energia, ligando os Quatro Elementos. Quando sentiu-se pronta, voltou-se para Aeras, a Leste, e se aproximou.

— Ave, Aeras.

— Empousa... — O elemento Ar fez uma reverência profunda e graciosa.

Invocar os elementos para o círculo foi mais fácil dessa vez, e Mikki andou *deosil*, passando depressa pelo Ar, pelo Fogo, pela Água e pela Terra, e com muito mais confiança do que sentira na primeira invocação. Quando chamou o Espírito, os fios de proteção que formavam a fronteira do círculo brilhavam, bem visíveis, mesmo à luz do meio-dia.

Mikki respirou fundo outra vez e aguardou um momento para ouvir atentamente sua voz interior antes de dar início ao ritual.

— Hécate, grande deusa da Lua Negra, peço-te que me concedas o poder e a sabedoria para evocar saúde e proteção para o Reino das Rosas!

A chama do espírito à sua frente saltou em resposta, e ela sentiu uma súbita onda de energia dentro do corpo. Seguindo seu instinto, virou-se primeiro para Floga.

— Floga, tu és o Fogo, e eu te ordeno que teu elemento proteja o reino. Toda noite, quando o sol se puser, quero tochas ardendo ao longo de toda a muralha das rosas, enviando luz para a escuridão e fazendo com que o que esconde-se nas sombras procure outro lugar onde se camuflar.

Uma chama bruxuleante lambeu o corpo da serva enquanto ela respondia ao ritual:

— É o que me pedes, pois que assim seja.

Em seguida, Mikki aproximou-se do elemento Água.

— Nera, tu és a Água. Tua parte na magia de hoje será a saúde, e não a proteção. A cada alvorada, quero que a água de uma chuva leve e refrescante banhe os jardins. Não é suficiente que o reino seja irrigado. As rosas precisam do teu elemento nas pétalas para que mantenham-se saudáveis.

A túnica de um azul-pálido de Nera oscilou em torno de seu corpo, feito ondas chegando numa praia.

— É o que me pedes, portanto, que assim seja.

Mikki se colocou, então, entre Gii e Aeras. Olhou de uma para a outra enquanto abordava os elementos personificados.

— Gii, tu és a Terra... Aeras, tu és o Ar. Uni-vos para promover a saúde das rosas. Quero que convoques as joaninhas da floresta, Gii. — Mikki fez uma pausa, pensando nos pequenos insetos vermelhos e pintados de preto. — E, Aeras, desejo que as sopres até trazê-las para o reino, onde irão descobrir um novo lar, assim como eu descobri. — Sorriu para o lindo elemento Ar.

Juntas, Gii e Aeras entoaram:

— É o que tu pedes, portanto, que assim seja.

Mikki voltou para o lugar do Espírito.

— Eu vos agradeço, Ar, Água, Fogo e Terra, poderes dos elementos, espíritos divinos da natureza. Com a bênção de Hécate, peço que estejais sempre presentes neste reino de sonhos, magia e beleza. Rogo a vós e digo: que assim seja.

Quando Mikki concluiu o feitiço, teve uma profunda sensação de realização, como se tivesse limpado um canteiro de rosas cheio de ervas daninhas particularmente desagradáveis.

Um feitiço já foi. Mas ainda falta o outro...

Começou com o elemento Ar, assim como no momento em que lançara o círculo sagrado pela primeira vez. Já tinha pensado sobre o que gostaria de pedir a cada um dos elementos, ensaiado as palavras e praticado em pensamento naquela manhã, de modo que, quando falou, sua mente vagou para longe.

— Aeras, eu te ordeno que aos homens seja permitido visitar o reino outra vez, mas apenas a convite de uma mulher. Se esta fizer o convite em voz alta, carrega com o vento suas palavras até seu amante, e depois deixa que ele venha.

Asterius. Esse é o nome que eu chamaria, e o amante que pediria ao vento...

Mikki caminhou até o elemento Fogo.

— Floga, tua afinidade é com a chama. Usa o calor do teu elemento para inflamar a paixão de qualquer homem que for desejado por uma mulher do Reino das Rosas e deixa que a amor entre eles arda como fogo.

Eu sei que Asterius me quer. Ele provou isso na noite passada... Pois desejo que Asterius queime por mim. Tanto que não consiga se manter longe, que não permita que nossas diferenças nos separem!

Estava em pé diante de Nera.

— Deixa o teu elemento preparar nosso corpo para a doce intrusão de um amante. Quente e úmido: é como quero o corpo de cada mulher que desejar um homem em sua cama, de modo que todas experimentem a emoção da consumação do amor.

Quero Asterius na minha cama, seu corpo junto do meu... E não quero mais ter medo do meu desejo por ele!

Quase sem saber como chegou lá, Mikki viu-se diante de Gii.

— A terra é rica e selvagem, fértil e viçosa. Deixa o teu elemento preencher os sentidos dos amantes. Deixa-os conhecer a plenitude do amor, que é tão profunda com uma floresta antiga e tão doce como as frutas maduras.

Ajuda-me a não ter medo de amá-lo, assim Asterius poderá conhecer o amor a meu lado por fim!

De volta à chama do Espírito, Mikki sentia o corpo todo arder, os mamilos intumescidos contra o tecido macio da túnica.

— Hécate, eu te imploro que, por meio do teu poder e dos poderes dos elementos, este reino seja um lugar de paixão e amor, assim como de paz e encantamento. É o que peço a ti... Que assim seja.

Fechou os olhos ao sentir o desejo brotar, líquido, em seu corpo, e teve que morder o lábio para não gemer o nome dele em voz alta.

Asterius.

Mikki não devia ter se surpreendido com a rapidez com que as servas desculpavam-se e afastaram-se para seus quartos. Porém, ela agora sabia que as mulheres do reino viviam na ala oeste do gigantesco palácio, tão longe de seus aposentos que ela poderia ter passado eras sem saber que estariam lá, caso Gii não houvesse lhe contado.

Sorriu para si mesma enquanto caminhava, sonhadora, rumo à escada para a varanda. Podia imaginar o que iria acontecer naquela noite em seus aposentos...

Desejo que aconteça a mesma coisa no meu quarto... só que com rosnados e mordidas!

Deixou escapar uma risadinha. Ainda sentia-se quente e tonta.

Não. Não era bem assim. Sentia-se quente e *excitada*.

Olhou a varanda em volta. Vazia. Havia tido esperanças de que Asterius estivesse ali! Ele era do sexo masculino, devia ter sentido o feitiço, e devia saber que ela era a única pessoa que poderia tê-lo lançado.

E se Asterius pensasse que ela estava abrindo o reino para os homens apenas para que

pudesse chamar alguém para ela?

Mas como ele poderia pensar nisso? Ela usara o nome dele durante o ritual; só pensara nele.

A verdade era que devia estar mantendo-se afastado porque pensava tê-la ferido. Ou talvez porque tinha medo de machucá-la se a amasse.

Apenas o pensamento fez Mikki estremecer de prazer. Todo aquele poder... Um homem no corpo de uma fera. Era bom demais. E tão erótico!

Ela poderia invocá-lo e ele teria que vir, claro. Mas era isso o que queria?

Claro que não. Queria que ele viesse de livre e espontânea vontade.

Era isso! Asterius precisava que *ela* fosse até ele. Se o fizesse, estaria demonstrando que não o temia, que gostava dele, que o desejava, *que o amava* o bastante para ir a seu encontro.

Gii dissera que o lar do Guardião ficava logo abaixo das piscinas térmicas, e Mikki não parou para pensar duas vezes: seguiu seu instinto e seu coração. Correu da varanda rumo ao caminho que conduzia às fontes de água quente. Passando pelo primeiro nível, desceu a escada que ligava a piscina maior às de banho individuais de um patamar acima. Não tinha estado naquele nível antes, mas não demorou muito a descobrir a segunda escada, que claramente não era tão utilizada quanto as outras. Esta descia, íngreme, voltada o Norte.

O final da escadaria dava em uma área gramada que abraçava a lateral do penhasco onde ficavam o palácio e as piscinas quentes. À sua direita, o gramado abria-se para o labirinto formado pelos canteiros de rosas Mikado, as quais eram, de longe, as mais saudáveis de todo o reino.

Mikki lembrou-se de que seu templo particular ficava bem no meio do arranjo em espiral das roseiras. Havia passado por aquela área com Aeras e Asterius no dia anterior, então também sabia que não havia nenhum covil por ali.

Estudou o imenso gramado. Este corria ao longo da base do rochedo como um caminho.

Sorriu e seguiu os próprios instintos. Virando numa curva da esquina, a parede do penhasco de repente abria-se para a entrada disfarçada de uma caverna.

— Ou melhor dizendo... um covil — sussurrou para si mesma.

Respirou fundo, seguro o fôlego e entrou.

E ficou surpresa com o que viu. A entrada era apenas um pouco maior do que uma porta comum, mas, lá dentro, tochas que não emanavam nenhuma fumaça emprestavam uma luz quente e amarela a todo o espaço, fazendo com que o lugar acolhedor nada tivesse de uma caverna. As paredes de cor creme eram altas e lisas como as das piscinas térmicas... E também eram repletas de pinturas exuberantes.

Impressionada com o talento do artista, Mikki as percorreu com o olhar. As cenas retratavam uma ilha rochosa, cercada por praias de areia branca e águas de um turquesa brilhante. A única pessoa na paisagem era uma mulher alta, de cabelos dourados.

A ilha de Creta! Só podem ser imagens da ilha em que ele nasceu.

Mas e aquela mulher? Era a mãe de Asterius ou a Empousa que o rejeitara?

Sem ter certeza se queria saber, ela afastou-se das lindas paredes decoradas.

Havia uma enorme mesa de madeira no meio da sala, contendo uma tigela cheia com carnes frias, queijo e uma jarra de vinho. Também viu vários rolos de pergaminho e garrafas de vidro cheias com um líquido espesso e escuro. Intrigada, Mikki aproximou-se e percebeu que o líquido era tinta. Um dos pergaminhos fora desenrolado e preso no lugar por pedras lisas, onde ela avistou um desenho quase terminado.

Com o coração aos saltos, contornou a mesa para ver o que Asterius tinha desenhado. Era um esboço seu, com o traje do ritual que usara em sua primeira noite no reino! Estava de pé no Templo de Hécate, diante da chama do espírito. De alguma forma, Asterius havia capturado a aura de poder que ela sentira dentro do círculo sagrado. Desenhara seus cabelos voejando ao seu redor e captara a expressão de êxtase em seu rosto.

Era um desenho lindo, obviamente trabalhado com amor e atenção aos detalhes, bem como pelo talento de um mestre.

Uma fera não faria aquilo. Mas um homem faria...

E um homem que estivesse perdidamente apaixonado.

— *Você não devia estar aqui!*

CAPÍTULO 28

O poder da voz de Asterius fez as tochas oscilarem, porém Mikki não se retesou, tampouco pulou, surpresa. Devagar, ergueu os olhos do esboço.

E então sentiu um aperto na boca do estômago. Ele encontrava-se parado sob uma porta arredondada que levava a outra sala, mais para o fundo da caverna, e estava quase nu. Não usava a *cuirasse* nem a túnica. Tudo o que tinha sobre a pele era uma espécie de toalha pequena, amarrada ao redor dos quadris.

Mikki umedeceu os lábios e lembrou que, se não falasse, Asterius chegaria à conclusão de que o medo a paralisara.

— Você não iria até mim, por isso aqui estou.

Pôde ver a raiva em sua expressão abrandar. Sorriu, e ele ficou sem palavras.

Tentando ignorar sua quase nudez, ela acenou com um gesto de cabeça na direção das paredes da caverna.

— Essas pinturas são lindas. São de Creta?

— Sim.

— Você é muito talentoso. Só de olhar para elas já fiquei com vontade de passar férias no Mediterrâneo. — Antes que ele pudesse formular uma resposta, apontou para o desenho dela mesma. — E isto é muito lisonjeiro. Eu nem sabia que estava lá naquela noite.

— Não tive a intenção de adular ninguém.

— Eu não quis dizer isso! Quis dizer apenas que me fez ficar bonita, poderosa... e isso é muito lisonjeiro.

— É como eu a vejo.

— Verdade?

— Eu nunca mentiria para você.

— Dizem que evasão e omissão também são mentiras — ela contrapôs sem preâmbulos.

— Se a deusa manda que eu faça ou diga alguma coisa, devo obedecê-la, Mikado. Fiz um juramento a Hécate.

— Está bem, eu compreendo... Sinto muito. Essa situação, em que não conheço todos os fatos, é extremamente frustrante para mim.

— Se eu pudesse responder a todas às suas perguntas, juro que eu o faria — ele reiterou.

— Imagino que sim. — Mikki deu um suspiro e olhou ao redor da caverna. — Que tal me mostrar seu covil? Este lugar é incrível.

Asterius não se moveu do batente da porta.

— Foi por isso que veio aqui, Mikado? Para que eu lhe mostrasse meu covil?

— Não. Eu vim porque queria vê-lo.

— Por quê?

— Porque você não foi me ver hoje. Senti sua falta, ainda mais depois que lancei um

feitiço que permite que os homens venham para o reino.

— Eu não sou um...

— Ei, chega! Já não conversamos sobre isso ontem? Eu sei que não é um “homem”, mas, homem ou não, quando eu estava lançando o feitiço, foi em você que eu pensei — ela confessou.

Asterius desviou o olhar e Mikki pôde ver a tensão em sua mandíbula, a forma como ele cerrava os punhos.

— Eu sei. — Sua voz soou tensa. — Senti a mágica e sabia que estava pensando em mim... Mas queria que não tivesse pensado.

— Por quê?!

— Porque não posso suportar isso! — ele falou, por fim, as palavras saindo por entre os dentes.

— Eu não fiquei com medo ontem à noite — Mikki declarou depressa.

— Eu vi o medo e o ódio em seus olhos, Mikado, embora não a culpe. Eu só queria tomá-la nos braços, beijá-la, e não pude nem mesmo fazer algo tão simples sem me tornar uma fera!

— Não queria fazer mais nada além de me beijar? — ela indagou com um sorriso sedutor. Os olhos de Asterius se estreitaram.

— Se eu lhe mostrar a minha casa, vai me deixar em paz, Empousa?

— Provavelmente não.

— Pensei que não fosse mesquinha, mas vejo que estava enganado — ele redarguiu, ríspido.

— Não sou mesquinha! Estou apenas me explicando mal. Estou nervosa e não consigo colocar o que sinto em palavras. — Mikki queria se mover ou andar, mas obrigou-se a ficar quieta e fitá-lo nos olhos. — Não me machucou ontem à noite, e eu não estava com medo. Eu *quis* você; ainda mais quando as coisas ficaram intensas entre nós. Gostei de tudo, Asterius. De seu poder, dessa força em seu corpo que mal consegue conter... Tem mais paixão do que eu já vi em toda minha vida. Até eu conhecer você, os homens não passavam de uns inconsequentes para mim. E agora acho que sei por quê. Eles sempre me pareceram fracos, principalmente se eu os comparava às mulheres que me criaram. Asterius, eu preciso de alguém que seja *mais* do que um homem. Na noite passada, quando me dei conta disso, essa verdade me assustou. Meu medo se baseava em tudo o que ouvi das pessoas a vida toda; pessoas do mundo comum que ficariam chocadas com o que eu sinto por você...

Ele não falou por muito tempo. Ficou apenas olhando para ela, como se tentando entender algo muito importante que estava sendo dito em uma língua que ele mal compreendia.

— Ainda gostaria de ver o restante da minha caverna? — indagou finalmente.

— Claro que sim.

Asterius se pôs de lado.

— Este é meu quarto. — Gesticulou para que ela o precedesse.

Mikki atravessou a porta em arco e entrou no cômodo, sentindo que ele a seguia. Seu corpo inteiro parecia em sintonia com sua presença, como se ele fosse uma cobra e ela estivesse tentando encantá-lo.

Então a beleza do aposento se fez ver. Era menor do que a sala principal e também possuía tochas que não soltavam nenhuma fumaça. Só que ali não havia tantas delas, o que deixava o quarto quase na penumbra. O chão era coberto com grossas peles de animais, no meio das quais via-se uma enorme cama coberta com mais peles.

Ele dorme aqui...

O pensamento fez uma onda de calor percorrer o corpo de Mikki e ela desviou o olhar para as paredes.

E ficou surpresa mais uma vez. As paredes ali eram todas preenchidas com cenas de um jardim repleto de infinitas fileiras de magníficas roseiras em flor. Cada nível do vergel continha uma fonte de água e na camada central via-se uma estát...

— É o Roseiral de Tulsa! — exclamou, ofegante. — Como pode ter tido tempo para pintar essa cena depois que voltou? — Aproximou-se da parede lisa e a tocou com cuidado. Estava completamente seca. — Há tanta coisa aqui... Deve ter levado meses, ou até mesmo anos, para terminá-la!

— É verdade.

Mikki fitou-o por cima do ombro, sem ter certeza de que tinha ouvido bem.

— Como é possível, Asterius?

— Pinteí esse cenário com base em imagens que via em meus sonhos.

Ela deslizou a mão pela parede com carinho.

— É perfeito. Conseguiu captar cada detalhe.

— A pintura a faz sentir falta da sua casa?

Mikki pôde senti-lo se aproximar, mas não se virou, temendo que ele se afastasse.

— Não. O Reino das Rosas é minha casa agora. Não quero estar em nenhum outro lugar a não ser a seu lado.

— Eu não via a hora de revê-la, Mikado...

— E eu não conseguia parar de pensar em você! — Mikki sentiu a mão tremer e a deixou cair. Asterius estava tão perto que podia sentir o calor de seu corpo.

Mãos quentes pousaram em seus ombros, e ele falou em seu ouvido.

— Quando lançou o feitiço, abrindo o reino para os homens, escutei você me chamando, pedindo... — ele rosnou baixo e sua voz poderosa vibrou nas profundezas da alma de Mikki.

— Pensei que fosse enlouquecer!

— Então não fique longe de mim! Não quero que fique longe de mim — ela repetiu sem fôlego, e recostou-se nele, sentindo sua ereção contra as nádegas. Os lábios quentes de Asterius

roçaram a lateral de seu pescoço em meio a pequenos beijos, os dentes afiados arranhando sua pele de leve. Quando as mãos dele deixaram seus ombros para cobrir-lhe os seios, Mikki arqueou o corpo e ergueu os braços de modo a puxá-lo mais para si pela cabeça.

E, assim como em seu antigo sonho, sentiu os chifres em meio à massa espessa de cabelos, ao mesmo tempo que seus dentes encontravam o vale entre seu pescoço e ombro, mordendo-a de leve.

Mikki gemeu e pressionou o corpo com mais firmeza contra o dele.

De repente, Asterius congelou.

— Não, não pare! — ela implorou, aflita.

— Ela... ela sumiu! — ele exclamou, estremecendo.

Preocupada, Mikki virou-se em seus braços. Asterius a fitava com uma expressão que era um misto de alegria e choque.

— O que foi? O que aconteceu?

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Você me ama! — Sua voz profunda soou embargada, e lágrimas escorreram silenciosamente pelo rosto moreno.

— Claro que amo! — Mikki sorriu. — Mas o que sumiu?

Asterius fechou os olhos, tentando dominar as emoções.

— O feitiço, Mikado. E a última barreira entre nós. Não importa o que as Parcas tenham-me destinado... Eu vou amar você até o fim dos tempos! — Ele inclinou-se e a beijou com paixão.

Mergulhando a mão em seus cabelos, ela o puxou com ímpeto contra a boca, e o rugido de Asterius vibrou em seus sentidos já despertos como uma carícia.

Ele ergueu a cabeça e abriu os olhos escuros e cheios de desejo, a pele morena coberta de suor. Mikki deslizou as mãos pelo corpo másculo, desde os ombros fortes, passando pelo peito largo até os músculos bem definidos do abdômen, sentindo-os estremecer sob seu toque.

Asterius tirou as mãos de seu rosto e as colocou contra a parede, a cada lado dela, de maneira que agora Mikki encontrava-se presa em meio a seus braços.

— Não se mexa! Deixe-me tocá-lo — ela pediu com voz rouca.

— Não sei por quanto tempo poderei manter minhas mãos longe de você! — O peito dele arfava e a paixão tornara-lhe a voz ainda mais densa.

— Não vai demorar muito. — Mikki acariciou-o no rosto e traçou a linha de seus lábios com o polegar. — Primeiro quero vê-lo... por inteiro.

Viu a dúvida escurecer os olhos castanhos, porém Asterius aquiesceu devagar. Então suas mãos deslizaram pelo corpo forte outra vez, rumando com segurança para a toalha que ele tinha enrolada em torno da cintura. Puxou-a, e esta soltou-se com facilidade.

Mikki olhou o corpo nu à sua frente por um momento.

— A esposa de seu pai quis amaldiçoá-lo e acabou criando um ser de incrível beleza — sussurrou, ofegante. — Você não é uma abominação, Asterius, você é um milagre!

Ele era uma mistura tão perfeita de homem e animal que era difícil dizer onde terminava o ser humano e começava a fera. Sua cintura estreita dava continuidade a quadris e coxas musculosos, cobertos com pelos lisos e escuros. Daí para baixo, embora seus contornos continuassem fortes e bem definidos, Asterius era menos musculoso do que aparentava quando encontrava-se vestido.

Hipnotizada, Mikki acariciou o ponto onde o corpo do homem dava lugar ao do bicho. Asterius abaixou a cabeça e rosnou baixinho, e ela o fitou, atenta. Ele fechara bem os olhos e respirava pesadamente, em um esforço para controlar a criatura que tinha por dentro.

Mikki respirou fundo, sentindo uma onda quente de prazer invadi-la enquanto observava a fera que tentava se conter. Seus olhos moveram-se mais para baixo. Asterius possuía as mesmas formas de um homem e encontrava-se totalmente ereto. A pele que lhe encobria o membro era da mesma cor de bronze do peito largo.

Ela o tomou nas mãos, afagando com uma, apertando com a outra, e, quando o fez, os olhos dele se abriram, alarmados.

— Não precisa manter a fera acorrentada o tempo todo, Asterius! — ela sussurrou, sem parar de acariciá-lo, e inclinou-se para a frente, circulando seu mamilo com a língua. — Solte-a, meu amor! Eu não tenho medo dela... — afirmou, mordendo o mamilo endurecido.

O rosnado de Asterius ecoou, ensurdecedor, pela caverna. Ele a ergueu nos braços, os cascos batendo com força contra o chão coberto de peles conforme caminhava até o catre. Colocou-a sobre este, mas, antes que pudesse cobri-la com o próprio corpo, Mikki se pôs em pé, fazendo-o se retesar mais uma vez. Ela leu a dor em sua expressão, certa do que ele estava pensando.

— Tem que parar de achar que tenho medo de você, Asterius, porque eu não tenho. Não me levantei para fugir. Achei apenas que gostaria de ver isto... — Começou a soltar o broche de prata em forma de rosa que segurava-lhe a túnica sobre o ombro direito, porém suas mãos tremiam tanto que não conseguiu.

Frustrada, ela o fitou. Em seguida, sua expressão mudou para um sorriso sedutor.

— Faria algo por mim?

— Qualquer coisa! — ele respondeu, ofegante.

— Então solte as garras e me ajude com isto.

Com os movimentos graciosos de um felino, ele estendeu as lâminas lentamente e, com facilidade, cortou o tecido.

Mikki encolheu os ombros, e o quitão caiu a seus pés.

Os olhos de Asterius ficaram ainda mais escuros. Com o peito arfando, ele ergueu a mão para tocar os seios redondos, mas as puxou de volta ao se lembrar das garras ainda estendidas.

Ela agarrou-lhe um pulso.

— Não seria capaz de produzir arte de tanta qualidade se não tivesse controle sobre estas lâminas... Use-as para me tocar, Asterius. Deixe que eu sinta seu poder na minha pele! — E, sem pensar duas vezes, apertou a mão dele contra um seio.

Hesitante, Asterius deixou as pontas afiadas tocarem com suavidade a pele alva e macia, até que sua mão desceu do peito para o ventre reto, escorregando, devagar, bem devagar, para o centro quente e úmido.

Mikki prendeu a respiração e estremeceu.

— Não pare! — pediu com um gemido.

Ele não tirou os olhos do rosto delicado enquanto suas garras percorriam as coxas roliças e, depois, as curvas voluptuosas das nádegas.

— Vire-se... Quero vê-la de costas — ordenou, a voz profunda saindo ainda mais densa com o desejo.

Ela obedeceu.

E sentiu os lábios de Asterius substituir as lâminas quando ele beijou as marcas rosadas que havia deixado nela antes.

— Pensei que a tivesse cortado inteira! — ele murmurou, a respiração aquecendo-a por inteiro.

— Claro que não... Foram apenas arranhões.

A boca de Asterius moveu-se para o final de sua espinha, a língua quente provando-a sem meandros.

— Pensei que nunca mais fosse tocá-la de novo!

Mikki virou-se e o segurou pelo pescoço, permitindo que ele tomasse seus mamilos com a boca.

— Nunca pare de me tocar! — pediu. E, deitando-se na cama, puxou-o com ela.

Asterius ajoelhou-se a seu lado. Recolhendo as garras, tocou-a no rosto com delicadeza.

— Eu não conseguiria parar agora, nem mesmo se Hécate aparecesse e me ordenasse isso!

— Sshh... — Ela pressionou seus lábios com um dedo. — Não quero pensar em nada a não ser em você. — Lentamente, levantou mais a mão, seguindo a linha suave de um chifre escuro. — Você é incrível. Acho que nunca vou me cansar de acariciá-lo.

— É um presente raro e inesperado para mim, Mikado. — A voz de Asterius tremeu com a profundidade de suas emoções. — Eu nunca conheci o amor. Nunca, em todas as eras da minha existência, uma mulher me tocou, aceitou e amou como você. — Ele teve que fazer uma pausa antes de continuar. — Vou amá-la enquanto respirar. E além, se as Parcas e a deusa permitirem!

— Então venha para mim, Asterius! Mostre-me o poder de seu amor! — ela implorou.

Ele a adorou com a boca e com as mãos, e bebeu dela como se nunca fosse se faltar. Explorou-a e, com os sentidos sobre-humanos de um animal, leu cada sinal e mudança em seu corpo, aprendendo o que mais lhe trazia prazer.

Quando pensou que não poderia viver algo mais doce do que observar a paixão que havia provocado nela, Mikki pressionou-o contra o catre e deu início à sua própria exploração. Quando sua língua e boca o provocaram por inteiro, e ela sussurrou que seu membro rijo era magnífico, demonstrando o quanto o desejava, Asterius pensou que fosse morrer de prazer.

— Preciso sentir você dentro de mim!

Mikki se abriu, e ele estremeceu no esforço para se controlar enquanto ela o envolvia com as pernas e se encaixava em seu corpo. Sentiu o sangue arder nas veias e um rugido escapou de sua garganta. O animal dentro dele queria investir violentamente contra ela, afundar o membro endurecido em seu calor úmido... Porém ele cerrou os dentes, deslizando com cuidado para dentro e para fora de Mikki, tentando concentrar-se nos sons suaves de puro prazer que ela soltava em meio ao turbilhão que assolava-lhe o corpo e a alma.

E então percebeu que *ela* ia de encontro a suas estocadas suaves com uma ferocidade que refletia-se em seus olhos verdes.

Quando inclinou-se para beijá-la, Mikki mordeu-o no lábio com força.

Ele rosnou, e ela sorriu.

— Solte o animal que existe em você, Asterius! É ele quem eu quero agora! — pediu com uma voz rouca e sensual.

As palavras acenderam tal chama dentro dele, que Asterius temeu que ambos fossem consumidos por ela. Incapaz de lutar contra a força combinada do desejo e do poder da fera, virou-se no catre e, agarrando-a pelas nádegas, ergueu-a de encontro a ele, afundando nela seguidas vezes.

Mikado não fugiu dele, pelo contrário. Respondeu a sua paixão com a força e a determinação de uma deusa.

O animal e a sacerdotisa arderam juntos, até que, finalmente, o ser humano dentro dele não pôde mais se conter e derramou dentro dela toda uma vida de desejos, ao mesmo tempo que fera e homem rugiam seu nome em uníssono.

CAPÍTULO 29

Asterius não conseguia parar de olhar para Mikado. Ela dormia nua, o corpo pressionado contra o dele. Tinha um braço apoiando a cabeça, uma perna longa e macia sobre a sua, e a mão jogada sobre seu peito, indolente.

Respirou fundo, permitindo que seu perfume lhe invadissem os sentidos. Nunca havia imaginado aquilo. Mesmo quando tivera esperanças de que a outra Empousa pudesse gostar dele, que pudesse amá-lo, pensara apenas no toque de suas mãos suaves.

Apenas em sonho permitira-se imaginar fazendo amor com uma mortal... Mas nenhum deles tornara-se realidade.

Até aquele momento. Até Mikado.

Quando ele a tocara e percebera que a dor causada pelo feitiço de Hécate tinha sumido — e o que aquilo significava —, Mikado transformara seus sonhos em realidade e, ao fazê-lo, também curara a ferida da solidão que o afligia havia séculos.

Pelos deuses, o que ele iria fazer? Ela o salvara... Como ele poderia lhe fazer algum mal agora?

Mas se ele não a sacrificasse, o Reino das Rosas iria perecer.

Talvez não acontecesse imediatamente. Hécate poderia descobrir outra Empousa, porém um dano irreversível já teria sido feito. A traição de uma Sacerdotisa já fizera um reino que jamais conhecera pragas, pestes ou doenças de qualquer espécie adoecer. Aquele tipo de coisa nunca existira no reino de sonhos e magia de Hécate.

Mas a traição e o abandono haviam provocado o enfraquecimento da muralha e, ele tinha certeza, apenas a rápida atuação de Mikado impedira um desastre.

Por isso precisava escolher entre destruir seu próprio sonho ou a destruição dos sonhos da humanidade.

Na verdade, não possuía alternativa. Apenas um animal poderia optar por si mesmo em detrimento da humanidade.

Asterius sentiu a agonia pelo que deveria fazer pressioná-lo como uma lança flamejante em suas entranhas.

— Está me olhando — Mikki disse baixinho e, sonolenta, abriu os olhos e sorriu para ele.
— Não consegue dormir?

— Prefiro olhar para você. — Ele afastou-lhe uma mecha espessa de cabelo do rosto.

— Eu devia ter adivinhado que era um romântico quando colocou aquela rosa no meu vinho...

— Isso não é ser romântico, é ser civilizado. — Ele temperou a voz grave com um leve sorriso e acariciou a curva graciosa de seu pescoço e ombro, sorrindo ao vê-la suspirar, feliz, e esticar-se como um gato.

— Não estrague minha alegria... Prefiro pensar que é romântico.

— Então vou chamar de romance, também, só por sua causa. — Hesitante, porém com uma doçura e inocência totalmente em desacordo com a aparente ferocidade de seu corpo, Asterius inclinou-se e beijou-a nos lábios. — Quando veio até mim, hoje, ofereceu-me mais do que seu corpo e seu amor, Mikado. Ofereceu-me aceitação: uma alegria que eu nunca imaginei que fosse conhecer.

Ela entrelaçou os dedos com os dele.

— Isso é algo que você e eu temos em comum. Eu sempre me senti como se não pertencesse ao meu antigo mundo. — Respirou fundo e tomou uma decisão. Queria que Asterius soubesse. *Precisava* que ele soubesse. — Hécate me explicou parte da razão pela qual eu me sentia tão deslocada. Era porque eu já estava destinada a ser sua Empousa neste mundo. Sempre carreguei o sangue de uma Alta Sacerdotisa nas veias. Mas há outra razão... Por isso nunca deixei ninguém, muito menos um homem, aproximar-se de mim. Tem a ver com meu sangue também. — Ela estudou os olhos escuros, querendo que ele compreendesse. — As mulheres da minha família estão intrinsicamente ligadas às rosas. Se regarmos as flores com água misturada ao nosso sangue, estas se desenvolvem além do normal. No mundo comum, o que eu fazia era inédito. Exceto pelas mulheres da minha família, ninguém mais conseguia entender. Isso me fazia sentir como se eu fosse uma aberração e, por isso, eu escondia meu segredo. — Preocupada ao ver como Asterius ficara imóvel e pálido, Mikki sentiu-se retesar. — Diga alguma coisa... Eu nunca contei isso a ninguém.

Quando ele permaneceu em silêncio, ela começou a se afastar, mas, com um rosnado baixo, Asterius puxou-a com determinação de volta para a proteção de seus braços.

— Você não se sentia aceita lá porque era seu destino ser Empousa de Hécate e vir até aqui para salvar as suas rosas e seu Guardião solitário. O sangue que corre em suas veias é a vida deste reino, Mikado. É seu amor que nos sustenta. — Ele fechou os olhos e afundou o rosto nos cabelos vermelhos, tentando não tremer, tentando não pensar.

Mikki relaxou e aninhou-se mais junto a ele.

— Isso ainda me espanta. Se as coisas não tivessem acontecido numa sequência perfeita, eu não estaria aqui. — Recostou-se em seus braços de modo a fitá-lo e, mais uma vez, perguntou-se o porquê de Asterius ainda estar tão pálido. — Foi meu sangue que o despertou, sabia?

— Não. — A voz dele soou ainda mais grave. — Eu só sabia que havia me despertado, que podia sentir seu cheiro e que você era a Empousa de Hécate.

— Na verdade, esse é um dos aspectos mais estranhos do que aconteceu. Naquele mesmo dia, em Tulsa, uma senhora que eu mal conhecia havia me dado um pouco de perfume e, num impulso, eu o usei. Por mais estranho que pareça, é o mesmo perfume que estou usando agora. Gii o chama de “o óleo sagrado da Empousa”.

Asterius franziu o cenho.

— Como é possível?

Mikki deu de ombros e tornou a se aconchegar junto a ele.

— Eu não faço ideia, mas ela era muito excêntrica. E linda, mesmo sendo velha. Tinha os olhos azuis mais incríveis que já vi. Era estrangeira, porém eu não consegui discernir muito bem seu sotaque. Ela disse que tinha conseguido esse perfume... — Mikki parou para pensar — ... em algum lugar da Grécia, se não me engano. O que me lembro com certeza é de seu nome porque, assim como eu, ela também tem nome de rosa: Sevillana.

Mikki sentiu o choque que atravessou o corpo de Asterius, e ergueu-se sobre um cotovelo, vendo a expressão indecifrável no rosto moreno e agora pálido.

— O que foi? Alguma coisa errada?

— É que... nada. Não foi nada. Só estou surpreso por uma mulher do mundo comum ter obtido o óleo sagrado da Sacerdotisa de Hécate. É um mistério. — Asterius passou os braços a seu redor. — Deite-se aqui comigo... Deixe-me sentir seu corpo tocando o meu.

Mikado descansou no peito largo.

A mente de Asterius girava num turbilhão enquanto ele acariciava a linha suave de suas costas. Sevillana... Apenas o nome tinha enviado ondas de choque por todo seu corpo. Era ela!

Ele, também, jamais iria se esquecer da beleza fria de seus olhos azuis e penetrantes, muito menos de seu nome. A última Empousa continuava viva no mundo comum.

Como era possível? O tempo passava de forma diferente por lá, ele sabia. Mas ao menos dois séculos, pela contagem daquele mundo, deviam ter se passado. Talvez a antiga Empousa houvesse atravessado a encruzilhada com mais do que apenas um frasco de óleo para unção. Talvez tivesse conseguido roubar alguma magia do reino.

A enormidade daquela revelação infiltrou-se em seu estado de choque. Sevillana estava viva! Na primavera, quando uma Empousa precisasse ser sacrificada pelo reino, Sevillana, e não Mikado, deveria morrer! Tudo o que ele precisava fazer era descobrir uma maneira de trazer a Sacerdotisa ausente para o Reino das Rosas!

Tinha que ser possível. Sevillana havia escapado, portanto certamente poderia retornar.

Asterius segurou Mikado com mais força, e essa foi sua resposta. Ele não a sacrificaria. Apenas a trocaria pela antiga Alta Sacerdotisa e devolveria Mikado com segurança para sua casa no mundo comum.

Ficaria sem ela, sentiria sua falta por toda a eternidade, sem dúvida... Entretanto, poderia suportar isso. O que não poderia suportar era saber que ela teria de morrer por suas mãos. Se Mikado partisse, perderia seu amor. Se ele a sacrificasse, perderia a própria alma...

Pois ele não sacrificaria seu amor, tampouco iria perder a própria alma. Tinha uma alternativa, e também os poderes do filho de um Titã. Transformaria aquele imenso cúmulo de magia para alcançar seu objetivo.

Mas não naquele momento. Não naquele dia.

Naquela noite, ele iria se deleitar com o milagre do amor de Mikado, e não pensaria mais sobre o vazio infinito das madrugadas que estavam por vir.

Mikki encostou-se à entrada discreta para a caverna e olhou a manhã nublada enquanto mastigava um pedaço de pão. Asterius veio por trás dela, e a fez inclinar-se de encontro a ele.

— Chuva! — disse, surpreso. — Não costuma chover por aqui.

— Fui eu que fiz isso. Ordenei ao elemento Água que a trouxesse quando lancei o feitiço de saúde e proteção ontem. Em todas as manhãs haverá chuva por algum tempo. É bom para as rosas e é bom para o reino também. Manhãs chuvosas são repousantes; um momento perfeito para dormir e fazer rejuvenescer a alma. — Ela se virou em seus braços. — Infelizmente, eu não pensei em avisar as servas, ontem, que manhãs chuvosas equivaleriam a tirar uma folga... Imagino que os Quatro Elementos estejam se perguntando por que eu ainda não as chamei para trabalhar. E como a noite passada foi a primeira, em muito tempo, em que os homens puderam ser convidados a vir ao reino, aposto que estão cansadas e me esperando de mau humor... Preciso ir vê-las. O que vai fazer?

— A mesma coisa que faço todas as manhãs: inspecionar a muralha das rosas ao redor do reino para ter certeza de que tudo está seguro. Depois vou colher mais fios para as Tecedoras de Sonhos. — Ele acariciou o rosto dela. — Só que, nesta manhã, cumprirei minhas funções com seu cheiro na minha pele... E com a lembrança do seu sorriso, toque e gosto no meu coração. — Ele sorriu. — Dizem que a chuva é sombria e triste, mas, para mim, esta manhã parece brilhante e cheia de promessas.

— Um romântico incurável... Quem diria? — Mikki segurou-o pela *cuirasse*. — Beije-me, para que possamos arregaçar as mangas depois — ela ordenou, enquanto se perguntava se algum dia ele iria perder aquele ar de felicidade que se estampava em seu rosto a cada vez que ela o surpreendia com um toque ou, como naquele momento, com um beijo. Sinceramente, esperava que não. — Pode tirar uma folga para almoçar comigo?

Asterius beijou-a outra vez antes de responder.

— Claro que sim. Tudo o que precisa fazer é me chamar.

— E à noite?

— Peça, Empousa, e eu obedecerei — ele murmurou, os olhos escuros brilhando.

— Você diz isso agora. Vamos ver o que vai achar de obedecer a todas as minhas vontades daqui a um ano ou mais — Mikki disse brincando, enquanto levantava uma sobrancelha, travessa.

Ficou surpresa ao ver a expressão dele mudar e seus olhos perderem todo o humor.

— Eu jamais me cansaria de você ou das suas vontades, Mikado. Nem se tivéssemos uma eternidade para compartilhar.

As palavras fizeram seu coração se comprimir. Como podia ter se esquecido de que Asterius era um imortal? Ela iria envelhecer, ele não. E, ao contrário dele, ela morreria.

Não! Não pensaria naquilo. Não no alvorecer de seu amor. Eles mereciam algum tempo para que pudessem saborear a doce sensação de um sentimento novo e inebriante. Nesse ponto não eram diferentes de qualquer outro casal. Ela não iria estragar aquela lua de mel com

pensamentos terríveis sobre um futuro em que iria se arrastar, encolhida, pelos jardins, inclinando-se sobre o braço sempre jovem e forte de Asterius...

Ele a deixaria, então? Será que ainda iria querer ficar com ela?

Pare com isso! Está fazendo exatamente o que prometeu não fazer!

Mikki fez brotar um sorriso nos lábios.

— Eu não estava falando a sério. Estava apenas brincando com você. Mas já que mencionou seu dever de obedecer a meus comandos... ordeno que venha me ver esta noite.

— Olhou por cima do ombro largo para a caverna acolhedora, tão impregnada da presença de Asterius como da requintada arte que ele criara. — Na verdade, acho que prefiro vir para cá.

— Aliás, creio que não tenha conhecido bem meu lar, como me pediu ao chegar...

— Essa é uma das coisas que terá de fazer esta noite... Mas apenas uma delas.

A leve chuva mudou a aparência dos jardins, como se alguém os tivesse pintado com um pincel de aquarela e dado um toque impressionista à realidade.

Mikki decidiu que gostou do que via. Combinava com o restante daquele lugar de sonho.

Quis ir direto para o palácio e chamar os Quatro Elementos. As pobres meninas deviam estar bem aborrecidas com ela, principalmente se alguma delas tinha expulsado alguém delicioso da cama...

Mas continuou vagando, perdida na magia que emanava das rosas.

Elas pareciam melhores naquela manhã. Mesmo quando ela rumou devagar em direção ao Sul, a náusea que revirava seu estômago sempre que ela perambulava pelos jardins não veio. Viu até mesmo várias flores saudáveis, cor de lavanda, que reconheceu como rosas *Angel Face* em plena floração, onde no dia anterior havia apenas brotos anêmicos.

Sorriu e, num acesso de orgulho, autodenominou-se “a Deusa das Rosas”.

E sonhou com Asterius.

Suspirou. Encontrava-se dolorida em lugares dos quais ela até se esquecera... Quase um ano se passara desde a última vez em que fizera sexo, mas nunca havia experimentado nada como o amor que fizera com Asterius. Aquele corpo forte, aquela mistura de homem e animal fora tão intrigante, tão sedutora!

Mas o mais excitante tinha sido a liberdade que sentira com ele.

Sorriu. Com Asterius ela poderia soltar a fera que existia dentro dela quando estivessem juntos, sem temer que ele se afastasse. Asterius correspondia inteiramente à sua paixão. E ele a conhecia, *lia* sua alma.

Asterius, Minotauro, Guardião... Ele também sabia o que era ser um marginal.

Pois bem, eles haviam encontrado um lar juntos enfim.

— A chuva foi uma ideia inteligente, Empousa.

Mikki pensou que fosse desfalecer ao som da voz de Hécate.

— Minha nossa, você quase me matou de susto! — exclamou.

Então lembrou-se de com quem estava falando, limpou a garganta e virou-se para encarar

a deusa com o coração batendo dolorosamente no peito. Hécate encontrava-se sentada em um banco de mármore, a poucos metros.

— Perdão, eu me assustei... — Fez uma reverência, como via as servas fazendo com tanta frequência. — Não devia ter falado dessa maneira.

Hécate fez um gesto de desdém com a mão.

— À minha Empousa são permitidas liberdades de que muitos nem precisam saber. — Ela apontou o espaço a seu lado. — Venha, sente-se aqui comigo.

Engolindo em seco, Mikki aproximou-se da divindade. Os cães gigantesos encontravam-se a postos ao lado dela, porém a ignoraram por completo.

Hécate vestia as cores da noite: preto, o mais profundo dos azuis e cinza. Manifestara-se como a linda mulher de meia-idade outra vez, e as gotículas de chuva cintilavam como joias em seu cabelo negro.

— O feitiço para proteção e saúde que lançou ontem foi muito bem pensado. Concordo com seus instintos. A chuva refresca as rosas e o reino. Além disso, os pequenos insetos que pediu à Terra foram uma surpresa encantadora... O elemento Ar adorou trazê-los para cá. — A deusa fez uma pausa e, em seguida, surpreendeu Mikki com uma deliciosa risada. — Embora não se possa enxergar seu corpinho vermelho e preto em meio a essa névoa.

— Joaninhas alimentam-se de pulgões, e as rosas odeiam pulgões — lembrou Mikki, ainda surpresa com o declarado elogio da diva.

— As rosas estão desenvolvendo-se de novo, e isso me agrada.

— Obrigada, Hécate.

— Também foi bom ter instruído Fogo a iluminar a muralha das rosas, principalmente as do portal. Agora que os homens estarão indo e vindo outra vez, precisam tomar muito cuidado com essa passagem.

— Eu nem havia pensado nisso! — Mikki passou a mão pela testa, nervosa. — Sou mesmo uma tola. Como esperava que eles fossem entrar e sair do reino?

— Não foi ruim ter permitido que os homens viessem aqui de novo. Fez muitas mulheres felizes. Durante toda a noite, ouvi os nomes dos amantes sendo sussurrados em convites que foram levados ao mundo antigo. — A deusa sorriu de lado, maliciosa. — Ainda esta manhã alguns continuam sendo chamados e apreciados pelas mulheres, as quais há muito são reverenciadas como algumas das mais belas e inteligentes do mundo antigo. Ter os homens por perto dará vida nova ao reino... Bebês meninas são uma bênção, e estou ansiosa por seu nascimento.

— Mas os Ladrões de Sonhos estão na floresta. Temos que ter cuidado se esse portal vai abrir e fechar a cada pouco.

— Você é a Empousa, Mikado. Pode colocar limites quanto ao ir e vir dos homens. — Hécate deu-lhe um olhar afetuosos. — É bom que saiba dos perigos que espreitam do outro lado da barreira, mas não precisa se preocupar. A força do Guardiã irá proteger o reino. Case

a vigilância dele com seu carinho pelas flores, e tudo ficará bem no Reino das Rosas.

Mikki tentou não pensar ou reagir. Manteve a mente vazia e assentiu.

— Ótimo. Agora, o que vim dizer é que tenho assuntos para resolver que vão me afastar do reino. Não se preocupe se eu não vier visitá-la aqui por... — Hécate ergueu um ombro — ... algum tempo. Mas meus poderes estarão sempre com você, caso necessite deles. Sinto que está confiando mais em seus instintos e, por isso, aplaudo sua sabedoria. Deixe que sua intuição a guie. Se seu sangue, alma ou espírito lhe disserem algo, pode acreditar. E, lembre-se, Empousa, aprecio muito o que tem feito pelas rosas, mas não foram apenas suas providências que deram início à recuperação delas. Foi também sua presença. Tem laços de sangue com as flores, o que garante que elas irão prosperar. Seja sábia, Mikado. Os sonhos da humanidade dependem de você.

Hécate levantou a mão e desapareceu em uma névoa brilhante.

CAPÍTULO 30

Mikki não podia dizer que não estava aliviada por Hécate ter partido por algum tempo. É claro que devia ter lhe contado sobre seu relacionamento com Asterius... Contar seria bem melhor do que a deusa ler sua mente ou descobrir de outra forma.

Tinha vontade de correr e se esconder só de pensar nisso!

Iria dizer tudo a ela, sem dúvida, mas não queria fazer isso tão já.

Não que estivesse com vergonha por amar Asterius, ou porque temia sua deusa, ainda que Hécate fosse um tanto assustadora. Mas queria manter o Guardião para si mesma.

Por que não podiam ter privacidade para descobrir os segredos daquele novo amor? Mesmo que tivesse se apaixonado por um homem de Tulsa, ela gostaria de ter tempo para que os dois aproveitassem a novidade de sua descoberta antes que a revelassem aos sete ventos e abrissem a própria vida à especulação. Ela era discreta e quanto mais uma coisa lhe era importante, mais discreta ela tornava-se a respeito.

E Asterius era muito importante para ela.

Quando Hécate voltasse, sabia-se lá de onde, poderiam ter uma conversa acerca do Guardião. Então iria lidar com a resposta da deusa, qualquer que fosse ela.

Até lá, iria valorizar aquele período de lua de mel que lhe fora concedido e desfrutar completamente o fato de que tinha se apaixonado.

Satisfeita com seu plano, Mikki deixou o banco e verificou os canteiros e fontes vizinhos para certificar-se de que rumava na direção certa. Os comentários de Hécate sobre os homens indo e vindo através do portal das rosas a haviam preocupado e, a despeito do que a deusa dissera sobre Asterius, iria se manter alerta.

Naquele exato momento, seus instintos lhe diziam que verificasse o portal por conta própria, depois anunciasse um toque de recolher, embora detestasse a ideia de agir como uma inspetora de colégio. Gostaria de conversar com Asterius sobre aquilo, mas só faria sentido colocar alguns limites quando o portal estivesse aberto.

E também precisava descobrir quem, exatamente, poderia abri-lo. Asterius poderia, claro. E ele dissera que ela também poderia fazê-lo. As Tecedoras de Sonhos haviam mencionado que os Quatro Elementos tinham colhido os fios da realidade enquanto o Guardião estava enfeitiçado, então elas também eram capazes de abrir o portal.

Mas quem mais? Seria uma tremenda dor de cabeça se todas as mulheres do reino pudessem fazer um gesto e abrir a maldita porta como se esta fosse o Mar Vermelho...

Sem dúvida, tinha muito trabalho a fazer.

Calculando a hora, Mikki apertou o passo. Precisava se mexer e chamar suas damas de companhia.

Poderia chamá-las naquele exato momento e fazer com que se encontrassem ali nos jardins, claro; mas preferia checar pessoalmente o portal, voltar correndo para o quarto, trocar

aquela túnica molhada e rasgada, embora a tivesse remendado naquela manhã, pedir a Daphne que trouxesse um pouco daquele chá delicioso e reunir-se com as meninas mais tarde para um *brunch*.

Mesmo assim, ainda era cedo. E as servas não eram estúpidas. Decerto olhariam a chuva e perceberiam que havia pouco a ser feito nos jardins com aquele clima. Talvez até voltassem para a cama.

Mikki sorriu para si mesma, esperando que elas não fizessem isso sozinhas. Ela mesma não o faria naquela noite.

A chuva mudara aos poucos da garoa fina para uma bruma, e depois para um nevoeiro claro que agora pairava sobre as rosas como na região dos Lagos, na Inglaterra.

A cerração tornou-se mais espessa conforme ela caminhava para o Sul.

Mikki pensava na noite que tinha pela frente, tentando decidir como poderia convencer Asterius a ir até as fontes termais para um banho a dois, quando uma parede de rosas Multiflora surgiu bem diante de seu nariz, e ela quase se chocou contra a muralha.

— No próximo feitiço, lembre-se de dizer ao Ar para afastar o nevoeiro depois da chuva!
— resmungou para si mesma enquanto esquadrihava o portal, procurando por sinais de desgaste. — Você parece bem — elogiou, acariciando parte da folhagem.

— Sacerdotisa! Pode nos ajudar?

Mikki olhou ao redor, tentando ver de onde vinha a voz profunda. Era inequivocamente masculina, o que soava estranho nos jardins.

— Aqui! Estamos aqui!

Ela percebeu que a voz vinha do outro lado da muralha das rosas e inclinou-se um pouco, de modo a olhar através de uma parte menos densa dos ramos.

Seus olhos arregalaram-se de surpresa. Quatro homens encontravam-se do lado de fora do portal, cercados pela névoa espessa e cinzenta. Três deles estavam trajados como ela sempre imaginara que os antigos gregos deviam se vestir: com uma espécie de túnica, um braço nu e capas cor de púrpura, regamente bordadas, sobre as costas largas. Eram todos altos, musculosos... e muito, muito bonitos.

O quarto homem, o que havia falado, devia ser o líder. Encontrava-se à frente dos demais e vestia-se no estilo em que ela estava acostumada a ver Asterius: com uma *cuirasse* sobre uma túnica curta, de pregas.

Era aí, entretanto, que sua semelhança com o amante dela terminava. Era um homem bonito, alto e de pele morena, que destacava-se mesmo na manhã nevoenta. Sua pele tinha um tom dourado que poucos loiros verdadeiros exibiam. Um bronzeado saudável, da cor do mais puro mel, e que cobria um corpo que era uma perfeição: atlético, sem ser demasiado musculoso e brutal. Seu cabelo era espesso e ondulado, cortado num comprimento que era másculo e, ao mesmo tempo, juvenil.

E seus olhos eram tão azuis e límpidos que ela podia vê-los mesmo em meio à profusão de

rosas.

Mikki suspirou. Nunca vira um homem tão bonito de tão perto. Geralmente, tanta perfeição limitava-se a Hollywood e às maquinações dos produtores de filmes e cirurgões plásticos.

— Aí está, Sacerdotisa! — Ele sorriu, e seu rosto iluminou-se ainda mais. — Estamos aqui. Respondemos a seu chamado.

Ela sorriu de volta. (Quem não o faria diante de um sorriso como aquele?)

— *Meu* chamado?

— Só posso rogar à grande deusa que eu tenha tido a sorte de ter sido chamado por uma beldade como você...

Mikki percebeu que corava e sentiu-se ridícula.

— Ouvi dizer que os olhos azuis são mais fracos do que os castanhos ou verdes — replicou. — Acho que acabou de comprovar essa teoria.

Ele riu, e o som de seu riso era tão cativante quanto sedutor.

— Ah, vejo que minhas preces foram atendidas! A deusa me concedeu uma Sacerdotisa que tem inteligência, além de beleza. — O estranho deu alguns passos em direção ao portal, e seus amigos o seguiram.

Por entre os ramos, Mikki observou-o mover-se com naturalidade e confiança, de modo tão atraente e tão diferente do modo selvagem de Asterius que ficou chocada. Não chegou a desejar o lindo loiro, mas sentiu uma ponta de inveja da mulher que o tinha chamado.

Viu-se invadida imediatamente por uma onda de culpa. Que diabo havia de errado com ela? Tinha acabado de deixar a cama de Asterius após proclamar seu amor por ele, e agora estava toda *derretida* diante de um estranho só porque ele era bonito?

Talvez a chuva tivesse atravessado seu crânio e inundado seu cérebro.

— Vai abrir o portal para nós, Sacerdotisa, ou meus companheiros e eu teremos de atravessar essa parede espinhosa?

— Não! — ela respondeu um pouco alto demais. E então, sentindo-se como uma idiota, adicionou: — Não fui eu que o chamei. Não precisa me cortejar.

A expressão de decepção do rapaz pareceu sincera.

— Se é assim, creio que eu lhe deva desculpas, graciosa dama. Imaginei que fosse um dos Elementos, com essas tranças avermelhadas e sua extraordinária beleza. Fogo, talvez. Afinal, foi ela quem me chamou aqui. Eu seria um homem de sorte se tivesse acertado.

— Desculpe, mas não sou nenhum dos Elementos. — Mikki sorriu, travessa.

Não estava sendo infiel a Asterius por ser educada com o rapaz. Estava apenas cumprindo seu papel de Empousa, afinal, fora ela quem lançara o feitiço para permitir que os homens adentrassem o reino.

— Eu sou a Empousa.

Os olhos azuis do estranho plissaram-se adoravelmente nos cantos com seu sorriso.

— Empousa! — Ele curvou-se em um lindo e cavalheiresco floreio, que os outros homens copiaram enquanto a saudavam, galantes. — Que feliz coincidência estar passando por aqui neste momento. Bem que ouvimos dizer que havia uma nova Empousa no Reino das Rosas. É uma honra conhecê-la... — O sorriso do rapaz brilhou com bom humor. — Mesmo através de uma barreira de rosas...

— Disse que Floga o convidou?

— Isso mesmo.

— Ela convidou os seus amigos, também? — Mikki tentou evitar um sorriso malicioso, mas falhou miseravelmente. Não era difícil imaginar o elemento Fogo precisando de quatro homens para apagar sua paixão, mesmo que um deles já se parecesse com Adonis.

Por um instante, Mikki sentiu uma ponta de ciúme da liberdade e facilidade com que a serva podia caminhar ao lado de qualquer homem que escolhesse.

— Não, Empousa — disse um dos que estavam vestidos com quitão. Tinha os cabelos escuros e fartos e um rosto bem talhado, o que a fez concentrar-se outra vez na conversa. — O elemento Terra é a Sacerdotisa cujo chamado estou atendendo.

— A Água foi quem me chamou, Empousa — disse o terceiro homem.

— E eu tive a sorte de ter sido convocado pelo Ar — explicou o último, que possuía cabelos longos e castanho-avermelhados, além de olhos extraordinariamente verdes.

Caramba, eles eram maravilhosos! Suas servas tinham feito excelentes escolhas.

Mikki sorriu. Precisava perguntar a Gii como funcionava aquela coisa de convidar os homens... Era meio estranho que eles tivessem sido invocados pelas meninas pela manhã, mas talvez não fosse. Ela ainda não as chamara para trabalhar. Estivera chovendo e, na certa, elas haviam decidido ocupar-se à sua maneira.

Sem dúvida, eram tão inteligentes quanto ela pensava.

— Tenho certeza de que os Quatro Elementos estarão aqui a qualquer instante, portanto, ficarei feliz em deixá-los entrar.

Os olhos do líder se iluminaram e ele curvou-se numa mesura novamente.

— Ser convidado a entrar no Reino das Rosas por sua Empousa é uma honra que não merecemos.

— Ah, isso não é problema. Podemos caminhar para o palácio juntos. Eu já ia voltar para lá.

Sem dizer que ser escoltada por quatro rapazes lindos de morrer não era nenhum sacrifício.

Tampouco era errado, pensou Mikki, sentindo-se dominada por uma súbita revolta. Claro que não era errado! Ela estava apaixonada, não morta. E tudo o que iria fazer era levar os homens até suas mulheres.

O único motivo escuso que talvez tivesse para tanto era desfrutar um flerte inofensivo. Mas por que não? Sentia-se incrivelmente bonita e amada, mas isso não significava que

quisesse ser controlada e trancafiada em uma gaiola!

Asterius que pensasse duas vezes antes de querer marcá-la como uma novilha premiada... Era isso o que ele esperava dela? Que ela lhe permitisse controlar todos os seus movimentos?

De repente, sentiu medo de que fosse aquilo mesmo. Afinal, Asterius era um animal, e ela não podia esperar que ele soubesse como tratar uma mulher.

Em algum lugar, nas profundezas de sua alma, algo tentou inserir-se no turbilhão de pensamentos defensivos que borbulharam em sua mente tal qual num guisado rançoso...

Mas não puderam ser ouvidos em meio ao ódio e à inveja, o egoísmo e o medo que gritavam dentro dela.

Meio desnorteada, Mikki foi até o centro do portal e franziu o cenho. Não havia nenhuma maçaneta, nenhuma trava, nenhuma barra de deslizar. Frustrada e muito irritada com a enorme dor de cabeça que abateu-se sobre ela, levantou a mão e pressionou a palma contra a muralha.

— É a Empousa quem fala. Abra logo essa droga! — murmurou com raiva.

O portal vivo obedeceu.

Os quatro homens deixaram o nevoeiro sorrindo, como se ela tivesse acabado de lhes dar a chave para o paraíso.

Mikki sorriu de volta, distraída, desejando que eles se apressassem a passar para o lado de dentro. Não gostou da aparência da floresta escura e quis fechar o portal imediatamente.

No instante em que o último homem entrou, ela ergueu a mão de novo e ordenou ao portal que se fechasse, suspirando de alívio quando este obedeceu.

Então, virou-se para os homens.

— O palácio é por ali. — Gesticulou na direção do caminho de mármore mais largo.

— Claro, Empousa. — O loiro sorriu.

Mikki começou a andar, contudo estacou quando o moreno de cabelos escuros bloqueou seu caminho.

— É por aqui — ela repetiu, apontando por cima de seu ombro largo enquanto pensava que ele podia ser bonito, mas, definitivamente, não era a última bolacha do pacote.

— Talvez queira saber nossos nomes antes de nos levar até o palácio, Empousa... — A voz do loiro soou bem atrás dela. Ele estava tão próximo que Mikki pôde sentir sua respiração nos cabelos.

Os outros dois rapazes entraram em cena para fechar o círculo, de maneira que ela viu-se cercada.

Foi nesse momento que tudo clareou, a dor na cabeça cessou, assim como as emoções desconstruídas que vinham fervilhando em sua mente. De súbito, uma certeza terrível tomou conta de Mikki: eles eram Ladrões de Sonhos e ela abrira o portal das rosas para eles!

Instintos que tinham sido silenciados assim que ela havia começado a conversar com o loiro gritaram para que ela não demonstrasse medo.

Determinada, engoliu a bile que lhe subira à garganta, endireitou-se, majestosa, e encarou o homem de cabelos dourados.

— O que significa isto?

— Nós apenas gostaríamos de nos apresentar, Empousa. Como vê, já a conhecemos bem, pois gostamos de observá-la. Agora queremos que saiba *o que* convidou tão graciosamente a adentrar o seu reino. — O charme na voz dele fora substituído pelo sarcasmo, e seus lábios curvaram-se num sorriso de escárnio que distorceu seu belo rosto.

— Não gosto do seu tom e não gosto da sua proximidade — ela declarou, áspera, tentando imitar o tom intimidador de Hécate. — Acho que já é hora de partirem. Decidi que minhas servas não gostariam de sua companhia.

— Tarde demais. Abriu o portal para nós e agora verá que, uma vez que somos convidados, não costumamos deixar a festa tão cedo... — O moreno estendeu a mão e tocou uma mecha avermelhada que descansava em seu ombro.

Mikki tentou empurrá-lo, porém ele a agarrou pelos ombros sem nenhuma delicadeza e a segurou no lugar enquanto o loiro cheirava sua nuca. Ela lutou, mas, agarrando-a pelos cabelos, este a obrigou a virar a cabeça para o lado e, como uma cobra provando sua presa, deslizou a língua por seu pescoço.

— Ah, o doce sabor de uma Empousa! Há séculos não degusto uma iguaria destas.

— Parem com isso! — Mikki choramingou. — Larguem-me!

Surpreendentemente, o loiro obedeceu. Sorriu para ela, mas foi apenas uma exibição de seus dentes perfeitos, e não uma expressão de humor.

— Vamos aproveitar nossa visita em sua companhia, Empousa. Gostamos dessa mudança no clima que providenciou... Um tempo desses é melhor para encobrir o nosso pequeno *rendezvous*, embora alguém já tenha tido o prazer de sua companhia esta manhã. — Com os movimentos de um réptil, ele a circundou e arrancou o broche que mantinha unido o tecido já cortado da túnica.

Mikki congelou de medo. Agarrou-se ao quitão, tentando não vomitar enquanto eles a cercavam mais, apalpando-a com mãos ousadas e devorando-a com os olhos.

— Vamos, Empousa, não seja tímida... Não pode dizer que não me reconhece.

— Ou a mim e aos outros... — a voz do de cabelos castanhos soou abafada a suas costas.

— Olhe bem nos meus olhos, Empousa... Tenho certeza de que já me viu antes. Não me diga que não sabe meu nome.

Ela mirou os olhos incrivelmente azuis do loiro. De súbito, sua cor clara e intensa tingiu-se de um vermelho-sangue, e eles transformaram-se em fendas.

Mikki reconheceu-o então e, quando seu nome ardeu-lhe no pensamento, ela viu-se dominada por uma fúria que solapou todo o medo.

— Tire essas mãos nojentas de mim! — gritou, irada, e o empurrou com violência.

Surpreso, o moreno que a segurava por trás tropeçou e a soltou. Sem perder tempo, Mikki

recuou vários passos para longe deles.

O loiro riu e a seguiu devagar.

— Que bom... Gostamos se oferecem resistência. Isso torna as coisas mais interessantes. Afinal, o que vê quando me olha nos olhos, Empousa?

Ela continuou se afastando, contudo ele e os outros a seguiram.

— Um borra-botas louco para ter contato com gente influente! — respondeu, ofegante.

Ele gargalhou.

— Acho que vou ter de lhe ensinar coisas melhores para fazer com essa sua língua afiada. Mas, por hora, me diga, Empousa... Que nome você me dá?

— Ódio — ela respondeu sem hesitação.

O sorriso dele foi aterrador.

— Ah! Vejo que pensa rápido. Talvez eu a leve comigo quando sairmos daqui. Gostaria disso? Sou um homem que conhece intimamente os desejos ocultos das mulheres.

— Homem? Que homem? — Ela riu, sarcástica. — Você não passa de uma criatura desprezível. Um comedor de carniça que se alimenta das carcaças dos sonhos. Mas não me importa em que tipo de pele esteja disfarçado.

Ele se lançou à frente e a agarrou pelo braço.

— Acha que não sou homem? Pois eu vou lhe mostrar!

Enquanto eles tornavam a cercá-la, Mikki gritou o nome do único homem que preenchia-lhe o coração e a alma.

— *Asterius!*

— Seu amante, seja lá quem ele for, não vai salvá-la agora. E, se realmente se importa com ele, sugiro que fique bem quietinha... Nenhum mortal pode olhar para nós sem perder uma parte da própria alma. — O Ódio bufou em seu rosto enquanto agarrava a frente da túnica e a arrancava de seu corpo. — Cubram a boca desta gracinha e cuidem para que ela não dê um só pio! Neste nevoeiro não há chance de que sejamos descobertos até que seja tarde demais para ela... Tarde demais para todas!

Mikki viu-se arrastada para fora do caminho de mármore até um canteiro de rosas *Salet*. Lutou, chutando virilhas e pernas, usando as unhas para furar qualquer carne com que entrava em contato, assim como se aprendia nas aulas de autodefesa nos Estados Unidos.

Mas os quatro logo a dominaram. Empurraram-na para o solo, e ela percebeu vagamente que a terra recém-trabalhada encontrava-se coberta com pétalas de flores destruídas, como se uma neve cor-de-rosa tivesse caído junto com ela. Um deles a sufocava, e Mikki não conseguiu gritar. Fechou os olhos, então, e, concentrando-se, gritou em pensamento:

Asterius! Venha!

— Verá se sou homem ou não... — rosnou o Ódio, empurrando para o lado a frente da própria túnica para tomar o membro ingurgitado na mão. — Depois experimentará um pouco do Medo, do Ciúme e do Egoísmo — completou, rindo de modo insano. — Aliás,

que ironia o Egoísmo tomá-la por último... Ou talvez não. Talvez ele opte por ficar com você definitivamente enquanto visitamos as outras mulheres deste seu reino patético, Empousa.

Mikki captou um movimento em meio à sua visão já escurecida e, no instante seguinte, Asterius pareceu explodir de dentro do nevoeiro com um rugido ensurdecedor.

O Ódio virou-se para enfrentá-lo e, ao fazê-lo, seu corpo ondulou e transformou-se no do Ladrão de Sonhos. Conforme ela imaginara, ele não era humano, mas uma criatura horrenda que devia existir apenas no mundo dos pesadelos. Tinha a pele escamada e seus olhos de cobra saltavam de uma cabeça dilatada em forma de capuz. Seu corpo possuía características humanoides, porém ele agachou-se sobre quatro patas, botando uma espuma negra pela abertura da boca feito um réptil.

As garras de Asterius zuniram no ar, abrindo uma trilha de sangue no peito da criatura. Mikki escutou silvos horrendos escapando dos seres que a mantinham cativa, então viu-se livre de repente quando o Medo, o Ciúme e o Egoísmo postaram-se atrás de seu líder.

Formavam um grupo aterrador. Todos haviam mantido algo de sua forma humana, mas haviam passado por tenebrosas mutações. O Medo era como um cadáver em decomposição, com garras imundas e um rosto disforme. O corpo deveras humano do Ciúme era coberto por uma planta rastejante que brotava de sua pele como espinhos mortais. Ele também se pôs de quatro, sibilando e lembrando um monstro do pântano. O Egoísmo tinha um corpo alongado, de onde saíam vários tentáculos, os quais ele agitava enquanto rangia os dentes horríveis.

E todos enfrentaram Asterius.

O Guardião deu cabo de um por um. O Medo foi o primeiro a tombar, estripado pelas garras da fera. O corpo do Ladrão de Sonhos desabou e, em seguida, dissolveu-se, transformando-se em uma fumaça vermelha que pairou ao longo dos canteiros de rosas.

Mikki se pôs em pé de um salto e gritou um comando:

— Aeras! Venha até mim!

Instantes depois, o elemento Ar corria até sua Empousa de olhos arregalados.

— Oh, grande Deusa! Salve-nos!

— Hécate não está aqui. Temos de nos defender sozinhas. Aeras, ordeno que seu elemento faça-se presente. Faça soprar um vento forte do Norte e nos livre da fumaça do Medo. Agora!

Lívica, a moça ergueu ambos os braços. Quando o fez, uma rajada de vento frio soprou sobre eles, carregando a neblina da manhã, bem como a fumaça vermelha que pairava ao longo da parede, para a floresta.

Um grito de dor fez Mikki arrancar o olhar da nuvem que se dissipava e concentrá-lo na batalha. Os olhos escuros de Asterius faiscavam, e ele rugia conforme desferia golpe após golpe contra as criaturas do mal, os movimentos precisos tão fascinantes quanto mortais.

Ela prendeu o fôlego, pensando que Asterius era a coisa mais magnífica que já tinha visto.

Ele avançou, golpeou mais uma vez, e o Egoísmo foi ao chão, contorcendo-se, os tentáculos decepados espirrando sangue escuro em um arco vermelho por sobre as rosas. Tendo o Ciúme agarrado a suas costas, Asterius abaixou o corpo num movimento quase invisível de tão rápido, e o Ladrão de Sonhos foi ao chão no mesmo momento, para ser perfurado impiedosamente por suas garras na base da espinha.

Ambas as criaturas agonizaram e, depois, também desapareceram em nuvens de fumaça vermelha.

— Outra vez, Aeras! — ordenou Mikki.

Aeras chamou o vento Norte, e este baniu o Ciúme e o Egoísmo para a floresta.

— Sua vagabunda intrometida! — o Ódio gritou para o elemento Ar e, como uma víbora, atacou Aeras.

Mikki foi mais rápida, porém, e empurrou a moça para fora de seu caminho.

O Ladrão de Sonhos colidiu com a Empousa, em vez de sua serva, e Mikki sentiu uma picada lancinante explodir no ombro e no braço, tombando sob ele.

O Ódio gritou, então, e seu corpo curvou-se para trás quando Asterius cingiu-lhe as costas, fazendo brotar vários riscos vermelhos em sua pele.

Com um rugido terrível, o Ladrão de Sonhos agarrou Mikki e virou-se para enfrentá-lo, segurando a Empousa como um escudo.

Asterius reprimiu o ataque.

— Por que hesita, Guardião? Estou protegido de sua ira apenas por uma mulher fraca e mortal. Não está disposto a sacrificar sua Empousa nem mesmo para livrar o reino do ódio? Surpreendente... — O Ódio soltou uma gargalhada maléfica. — Ah, eu havia me esquecido de que tem uma *queda* pelas Altas Sacerdotisas de Hécate. — A criatura esfregou a virilha contra Mikki. — Não que eu o culpe... Esta parece bem madura e no ponto.

O rosnado de Asterius fez os pelos dos braços e nuca de Mikki se eriçarem.

— Eu o farei sofrer pela eternidade por tocá-la! — ele trovejou com a voz de um predador mortal.

— Acho que não, Guardião. Em vez disso, vai abrir o portal para mim, e eu passarei por ele incólume. — A criatura começou a puxar Mikki consigo enquanto recuava na direção da muralha das rosas. — Se chegar muito perto, bancarei o Destino e estraçalharei a garganta dela. — Apertou uma garra dentada contra o pescoço delicado.

— Isto ainda não terminou — rosnou Asterius, movendo-se junto com o Ladrão de Sonhos e sua refém até a passagem. — Já disse que vou fazer você pagar pela eternidade por tocá-la.

— O Ódio também nunca termina, Guardião. Já devia saber disso a esta altura. — Ele parou de costas para o portal. — Agora, abra-o para mim, e eu lhe devolverei a Empousa... ainda que fosse gostar de me divertir com ela por algum tempo. — O Ódio arreganhou os dentes para Asterius antes de inclinar-se e saborear com a língua o pescoço da Alta Sacerdotisa,

em franca provocação.

Foi o bastante para Mikki. Mais do que o suficiente.

— *Maldito!* — ela gritou, enfiando o polegar no olho esbugalhado do monstro, o qual ele fora tolo o suficiente para aproximar dela.

O Ladrão de Sonhos soltou um grito ensurdecedor e arremeteu para longe.

Mas não antes de Mikki senti-lo perfurar sua pele com uma garra, e também uma onda de calor úmido que se seguiu ao ferimento.

Segurou o pescoço e caiu no chão, percebendo, mesmo com a vista escurecida pela dor, o modo como Asterius agarrou a criatura que debatia-se e torceu seu corpo para trás até que a espinha do Ladrão de Sonhos partiu-se ao meio com um ruído medonho. Logo depois, ele o arremessou por sobre a barreira de rosas.

No instante seguinte, estava de joelhos a seu lado, gritando seu nome, tocando seu rosto e acariciando-lhe os cabelos.

Mikki tentou sorrir para ele.

Está tudo bem. Não foi culpa sua... Fui eu quem os deixou entrar.

Pensou que estivesse dizendo as palavras em voz alta, mas não conseguia proferi-las.

De repente, suas quatro servas surgiram à sua frente também. E estavam chorando. Mesmo Floga, que ela pensava nem gostar tanto dela...

Queria confortá-las, dizer que não estava com medo. E pedir que, por favor, tratassem melhor Asterius... pois sabia, sem nenhuma dúvida, que estava morrendo.

CAPÍTULO 31

Asterius recusava-se a perdê-la assim. Não para o Ódio. Não quando Mikado havia trazido amor, desejo, carinho e aceitação... sentimentos tão opostos, para sua vida.

Ergueu-a nos braços e encarou os perturbados Quatro Elementos.

— Vamos levá-la até a fonte, Guardião. Lá poderemos lavá-la e depois colocá-la no Templo de Hécate, onde ofereceremos uma oração à Deusa por sua alma — pediu Gii em meio a lágrimas.

— Ela não está morta! — ele explodiu, e rosnou um aviso quando Gii tentou se aproximar.

— Ainda não... Mas o ferimento de Mikado é mortal e, em breve, seu espírito estará no Reino de Hades — Nera falou com voz entrecortada.

— Não! Não é seu destino morrer hoje!

— As Parcas decidiram o contrário — Aeras replicou suavemente.

— Então eu desafio as Parcas!

— Mas, Guardião, o que pretende fazer? — Floga perguntou.

— Vou reclamar meus direitos de primogenitura.

Erguendo o corpo inerte que sangrava, Asterius passou pelas servas, mas a mão macia de Gii em seu braço o deteve. Quando ele a fitou, a moça encontrou seu olhar sem hesitação.

— Como podemos ajudá-lo?

Ele ponderou por um instante.

— Vamos para o templo. Talvez o poder dos elementos ajude meu apelo a chegar mais rápido aos ouvidos de Cronos.

Sem esperar para ver se elas o seguiam, Asterius correu com Mikki para o Templo de Hécate, os cascos golpeando ruidosamente o mármore branco do caminho, tentando não pensar em como ela continuava inerte e quanto de seu sangue lavava seus corpos.

Subiu os degraus do templo de três em três e, estacando diante da chama sagrada da deusa, caiu de joelhos, colocando sua amada ao lado do fogo.

Ouviu as servas entrando no templo logo atrás dele e tomando seus lugares ao redor do círculo.

— Ela ainda está viva? — Gii perguntou, aflita.

Asterius olhou para seu amor. Mikado tinha os olhos fechados e o rosto sem nenhuma cor. O sangue ainda fluía do corte comprido e fino em seu pescoço, e seu peito subia e descia com dificuldade.

— Está.

— Então faça o que puder, Guardião. Não queremos perder outra Empousa antes que o destino assim exija! — declarou o elemento Terra.

Ele ergueu os olhos para os da moça.

— Convoquem seus elementos e formem o círculo sagrado.

— Você a ama, não é? — Floga indagou de repente.

Seu olhar virou-se para a serva.

— Sim.

— E vai salvá-la apenas para roubá-la de nós depois? — O elemento Fogo quis saber.

— No Beltane, a Empousa do reino encontrará seu destino. Eu lhe dou minha palavra.

— Mesmo que a ame? — Aeras exigiu.

— Há poucos minutos me viram batalhando com o Egoísmo. Não foi a primeira vez que tive de enfrentar esse Ladrão de Sonhos. Mas, desta vez, fui vitorioso. Nunca mais vou sacrificar os sonhos da humanidade em benefício próprio. — Ele olhou para Mikado e tocou seu rosto gentilmente.

— Então você não é mesmo nenhum animal — Gii declarou com voz embargada.

— Sou, sim — ele retrucou sem olhar para o elemento Terra. — Mas também sou um homem. E o amor de Mikado fez do homem o mais forte das duas criaturas.

— Os Quatro Elementos irão ajudá-lo a salvar seu amor, Guardião — declarou Gii, acenando para Aeras. — Pode começar.

Aeras ergueu os braços para o alto.

— Invoco-te, ó Ar, para o círculo sagrado!

Imediatamente, o ar começou a se mover.

Como uma reação em cadeia, Floga elevou os braços, invocando seu elemento.

— Que venhas até mim, Fogo!

— Água! — gritou Nera. — Eu te convido a participar!

— Terra! Chamo-te para completar o círculo e ampliar os poderes do Guardião que abrigamos aqui! — entoou Gii.

Asterius sentiu o poder dos elementos na pele. Abaixou a cabeça e levantou as mãos manchadas com o sangue de sua amante. Em uma voz ampliada pelo Ar, pelo Fogo, pela Água e pela Terra, bem como pela fera dentro dele, gritou para os distantes confins do Céu.

— Cronos, meu pai! Grande deus do Mundo e dos Tempos, Titã dos Céus e da Terra! Eu te invoco pelos teus antigos nomes, bem como por aquele que meu sangue me permite... Vivi por muitos séculos sem te rogar por governo, poder, amor ou aceitação, mas hoje te peço, por direito de nascimento, que me dê o poder de salvar esta mortal. Sua linha da vida foi cortada antes do tempo e ainda não desfiou até o fim.

A chama sagrada se agitou, e no interior da luz tremeluzente o rosto de um homem apareceu. Não se podia definir sua idade, mas era bem talhado, como se esculpido em rocha pelo tempo e experiência. Um rosto que ele teria reconhecido em qualquer lugar, pois refletia o seu quase completamente.

— Pai! — disse Asterius, inclinando a cabeça.

O Titã mal o fitou. Em vez disso, apontou o queixo na direção de Mikado.

— É esta a mortal que deseja salvar?

— Sim!

— Ela é Empousa de Hécate? — indagou Cronos.

— É...

— Então sua salvação será apenas temporária.

— Ela ainda não viveu seu tempo de direito! Ainda não é Beltane — lembrou Asterius.

— Quem fez isso a ela? — O Titã quis saber.

— O líder dos Ladrões de Sonhos: o Ódio. Não posso deixá-la morrer pelas mãos daquela criatura.

Cronos voltou a atenção para o filho.

— O ódio a matou e você deseja que seu amor a salve?

Asterius contraiu a mandíbula, mas assentiu com um gesto de cabeça.

— Sim.

— Ah, o amor! — Cronos riu. — Estou surpreso com sua fraqueza, Guardião.

— Aprendi que o amor só é fraco quando é egoísta — ele retorquiu num claro desafio.

Uma ponta de surpresa brilhou na face do deus.

— Você me faz lembrar de sua mãe.

— Talvez porque ela também tenha enfrentado a fraqueza daqueles que amam de modo egoísta.

Cronos franziu o cenho.

— Não estou habituado a ser insultado quando solicitam meu auxílio!

— Não pretendia insultá-lo. Eu só disse a verdade — replicou Asterius, tenso.

— Independentemente disso, já me cansei desta conversa.

— Cronos! Perdoe-me, eu não...

— *Silêncio!* — A chama se agitou e o chão do templo da deusa tremeu. — Eu ainda não acabei... Concedo seu pedido. Pode compartilhar parte da imortalidade que habita em seu espírito com a Sacerdotisa. Uma parte muito pequena, porém. Ela vai escapar do reino de Hades apenas uma vez. E saiba que há um preço para a centelha de imortalidade que partilhar com ela. Mesmo depois que a Empousa morrer, vai carregar consigo esse pedaço de seu espírito. E você só irá se sentir completo quando ela estiver a seu lado. Quando ela já não estiver neste reino, seu coração ficará vazio, e seus dias serão preenchidos com a solidão. Pense com cuidado antes de fazer essa escolha.

— Eu já fiz minha escolha. Sabia do ônus, caso me permitisse amá-la, e o aceitei. Pela vida de Mikado, não me importaria em aceitá-lo novamente.

— Muito bem. É seu direito de primogenitura que está usando para me pedir uma bênção. Mas não me incomode de novo. Você escolheu Hécate, e é à deusa que deve recorrer no futuro.

E, sem mais nenhuma palavra, o Titã desapareceu no fogo.

Asterius olhou para Mikado. Seu pai lhe havia concedido a capacidade de salvá-la, mas como?! Ele teria de dar a ela uma parte de sua imortalidade, um pedaço de seu espírito...

De repente, ele soube. Devagar, inclinou-se sobre Mikado e tocou-lhe os lábios com os dele. Conforme a beijava, desejou que ela vivesse para que pudesse compartilhar de sua vida e aceitá-lo mais uma vez.

Mikado se moveu, suspirou suavemente contra sua boca... Então, entreabriu os lábios e seu beijo se aprofundou.

Quando Asterius se ergueu, seus olhos estavam abertos e ela sorria para ele.

— Ela está viva! — gritou Gii, extasiada.

As servas riram e choraram ao mesmo tempo, enquanto fechavam o círculo e corriam para sua Empousa.

Mikki sentou-se e piscou, confusa, sem saber ao certo onde estava e por que motivo Asterius encontrava-se ajoelhado a seu lado, segurando sua mão diante dos Quatro Elementos.

Olhou ao redor. Aquele era o Templo de Hécate? Alguma coisa estava errada. Não devia estar ali. Devia estar inspecionando a muralha das rosas para certificar-se de que...

De súbito, tudo voltou à sua mente.

— Os Ladrões de Sonhos! — exclamou, tentando ficar de pé, mas vendo-se tão fraca que seu menor movimento fazia o templo girar ao redor.

— Sshh... — Asterius a tranquilizou. — Tudo está bem agora. Os Ladrões de Sonhos foram banidos do reino.

— Eu sinto muito! — Ela olhou de Asterius para as servas.

— Empousa, não precisa se desculpar! Ladrões de Sonhos são mestres em manipulação. Devíamos tê-la precavido melhor — falou Gii, agachando-se para segurar sua outra mão.

— Sim! — Nera assentiu com um gesto ansioso de cabeça, como se isso pudesse convencê-la. — Como iria desconfiar das tramas insidiosas que eles costumam tecer?

— Mas eu os deixei entrar! Eles me disseram que... Oh, Deus! As coisas que eles me fizeram pensar e sentir! Foi terrível.

Aeras sorriu em meio às lágrimas que banhavam-lhe o rosto e tocou-lhe os cabelos com reverência.

— Foi muito corajosa ao levar o golpe que o Ódio planejou para mim, Empousa.

Mikki tinha se esquecido daquilo tudo e olhou para si mesma, nervosa. Estava coberta de sangue! Como podia ter perdido tanto sangue e continuado viva?

Lembrou-se da dor no ombro, mas, quando olhou para ele, não viu nada, a não ser a pele manchada de vermelho.

Mas existia algo mais. Algo muito pior...

Seus olhos se arregalaram, e ela sentiu uma onda de vertigem. O Ódio cortara sua garganta e ela havia praticamente morrido!

E agora encontrava-se viva outra vez.

Devagar, ergueu os olhos para os de seu amante.

— Acabou — disse Asterius.

— Eu estava morrendo! — ela sussurrou.

— Eu jamais permitiria que isso acontecesse.

— O Guardião a salvou! — Gii explicou em meio a um soluço.

— Salvou todas nós — corrigiu Aeras, enxugando o rosto.

— Nunca iremos esquecê-lo — jurou Floga.

— Nunca! — Nera reforçou, comovida.

Mikki sorriu para os Quatro Elementos.

— Ele fez o que qualquer homem honrado faria para proteger sua casa e aqueles que ama.

— Passou os braços ao redor do pescoço forte e, emocionada, sussurrou ao ouvido de Asterius: — Leve-me para casa.

CAPÍTULO 32

Asterius carregou-a pelo jardim. Normalmente, Mikki não gostaria de ser transportada como uma criança, mas não tinha certeza de que teria condições de caminhar sozinha, pois ainda sentia-se fraca e doente.

E precisava estar nos braços dele. Precisava sentir sua pulsação contra o peito para confirmar a si mesma que continuava viva.

— O Ódio me enganou — disse baixinho, a cabeça recostada no ombro largo.

Os braços de Asterius seguraram-na com mais força.

— É o que os Ladrões de Sonhos costumam fazer. Eles contaminam os mortais até seu veneno distorcer os pensamentos, enfraquecer os sonhos e fazê-los morrer. Não se castigue por ter sido vítima do que vem destruindo as ilusões dos mortais há eras.

— Pensei coisas terríveis. Senti que estava cheia de... — Mikki estremeceu e não conseguiu continuar.

— Você foi envenenada por ódio, inveja, medo e egoísmo. Não eram seus pensamentos, Mikado; eram apenas sombras de sua mente contaminada. Não deve se punir pela maldade deles, pois isso seria premiá-los. Se eles continuam afetando sua vida, mesmo depois de terem sido banidos, então não foram derrotados.

— Nunca mais vou permitir que eles me enganem. E jamais entrarei naquela maldita floresta outra vez! — Ela ergueu a cabeça para fitá-lo. — Como pode suportar? Como pode sair e colher as tramas da realidade, sabendo que eles estão lá fora também, observando e esperando por uma chance de atacar?

— É meu destino combatê-los. Muitos deles são meus velhos inimigos.

— Não tem medo?

— Apenas quando penso no que aconteceria se eu falhasse e permitisse que eles adentrassem o reino de alguma maneira.

— Mas você nunca vai falhar...

— Não. Não posso.

Mikki o observou, preocupada. Asterius parecia exausto, e ela rezou para que ele não tivesse que lutar com os Ladrões de Sonhos tão cedo, ou até que estivesse recuperado.

— Ah, meu Deus... Ponha-me no chão. Tem que voltar e certificar-se de que a muralha das rosas está preservada, e de que nenhuma daquelas *coisas* permaneceu no reino!

— O reino está seguro. O vento Norte soprou os últimos vestígios de maldade para o fundo da floresta.

— Mas não precisa voltar e verificar se tudo está mesmo no lugar?

— Está tudo certo, Mikado. Quando os Ladrões de Sonhos são enfrentados e derrotados, não costumam atacar tão cedo. Eles sabem que, uma vez que foram reconhecidos, seu poder de destruir vidas é drasticamente enfraquecido. Vão recuar para lamber suas feridas e planejar

um novo ataque para outro dia.

— O Ódio me disse que ele nunca termina.

— É verdade. Devemos sempre nos proteger contra ele.

Mikki lembrou-se de algo que tinha lido uma vez, e recitou as palavras em voz alta:

— “O bem derrotado é mais forte que o mal triunfante”. — Tocou-o no rosto. — Você luta do lado do bem.

— E não vou permitir que o mal triunfe.

— E eu também não vou deixar que ele afete minha vida; ele não vai me derrotar. — Ela deitou-se no ombro largo. — Como impediu que eu morresse?

— Supliquei a Cronos por uma bênção — Asterius contou, calmo.

Mikki tornou a levantar a cabeça.

— Seu pai?!

Ele assentiu em silêncio.

— Falou com seu pai?

— Brevemente.

— Quanto tempo se passou desde a última vez em que falou com ele? — Mikki quis saber, preocupada com a expressão estranha que endureceu o rosto moreno.

— Eu nunca falei com ele antes.

Ela o estudou, desejando poder apagar os séculos de dor e solidão do passado de Asterius e sentindo raiva do Titã arrogante que havia gerado um filho de maneira tão audaciosa para depois descartá-lo. Não sabendo mais o que fazer, beijou-o suavemente no rosto.

— Obrigada por ter salvado minha vida.

O rosto dele suavizou-se em um sorriso.

— Eu só estava retribuindo um favor, Empousa. Lembre-se de que também me trouxe de volta à vida.

— Verdade. — Ela beliscou-lhe o queixo de leve. — E eu prefiro você assim.

— Porque descobriu que estava cansada de andar e gostou de ser carregada pelo seu Guardião?

Mikki riu.

— Bem, diz a mitologia que o Minotauro era metade touro; mas não creio que os touros sejam animais de carga muito bons... Há boatos de que eles não são dóceis o suficiente.

— Nesse caso os boatos são a pura verdade — ele concordou, dando-lhe um beijo rápido e intenso que terminou com um rosnado.

Quando chegaram ao covil de Asterius, Mikki estava cansada de ser carregada, embora a caverna oscilasse um pouco sob seus pés.

Ainda mais quando ela percebeu a própria túnica esfarrapada e pegajosa de tanto sangue.

— Vou vomitar até o cérebro se não me livrar disto logo! — resmungou e olhou para seu Guardião numa súplica. — Acho que terá de me carregar escadaria acima até as piscinas...

Asterius ergueu-a nos braços novamente, mas, em vez de sair da caverna, rumou para o próprio quarto.

— Ei... Sei que minha cabeça ainda não está cem por cento, mas tenho certeza de que está indo na direção errada! Não que eu não queira que você me leve para seu quarto... Mas só depois que eu me livrar disto tudo.

— Acabamos nos esquecendo de sua turnê pela minha casa, lembra-se?

— Nós não nos esquecemos de nada: fomos interrompidos.

— Então deixe-me mostrar o restante do covil... sem interrupção.

Ele carregou-a através do quarto, depois em direção a uma porta arredondada, a um canto que ela não havia notado antes. Esta abria-se para um túnel iluminado por tochas, ao final do qual avistou outra porta igual que, observou com surpresa, era emoldurada pela luz solar.

— Sabe de uma coisa? — Mikki fez uma pausa, pensando, enquanto eles aproximavam-se da luz. — Este lugar não se parece em nada com uma toca. É tão confortável e bonito! Acho que deveria chamá-lo de... — Asterius abriu a porta para um cômodo grande e redondo, cujo teto abria-se para mostrar o céu claro da manhã e permitia que o vapor de uma banheira cheia de água quente escapasse. — *...paraíso!* — ela exclamou, maravilhada.

Ele riu e a pôs no chão outra vez.

Em segundos, Mikki tirou o que restara da túnica e, com um gemido de satisfação, desceu com passos suaves os degraus da piscina, afundando na água deliciosamente quente. Ouviu Asterius proferindo as palavras mágicas que costumava usar para conjurar as coisas e virou a cabeça a tempo de ver duas cestas surgindo do nada. Uma delas encontrava-se cheia de garrafas de sabão, toalhas limpas e vários metros de tecido macio para que fizesse outro quitão. A outra, Mikki suspirou, feliz, estava repleta de comida.

Asterius ergueu uma garrafa de cristal da cesta e sorriu para ela. Mikki sorriu de volta, querendo saber por que, de repente, ele parecia tão tímido.

— O que foi?

— Seu sabão — ele explicou, segurando a garrafa.

— Eu não estava me referindo ao frasco... Só queria saber o porquê dessa sua expressão.

— Eu queria perguntar uma coisa.

— Está com uma cara... — Ela riu. — É impressão minha ou teve alguma ideia? — Sentindo-se renascer na água mineral quente, Mikki abriu um sorriso *sexy*.

— Eu... gostaria de lhe dar um banho — Asterius murmurou de uma vez.

Mikki ficou chocada diante do profundo rubor que tingiu a pele cor de bronze.

— Eu adoraria que fizesse isso.

Ele caminhou até a beira da piscina de pedra e pousou a garrafa de cristal. Então livrou-se da *cuirasse* e da túnica curta que usava por baixo.

Mikki adorou observá-lo e ver o corpo forte ficar cada vez mais exposto. Asterius era tão poderoso; uma mistura tão incrível de homem e animal!

Mas não era apenas seu corpo que unia dois extremos. Sua mente também era um misto de ferocidade e compaixão, inocência e sabedoria, características que se mesclavam para formar um ser extraordinário, diferente de qualquer outro que poderia existir em qualquer mundo.

Estava tão distraída em sua contemplação que apenas quando ele entrou na piscina foi que percebeu: o sangue no corpo de Asterius não tinha vindo apenas das feridas dela. Os braços fortes estavam cobertos de cortes e marcas de mordidas.

— Eles o machucaram! — Mikki puxou-o para baixo, aflita para mergulhar os ferimentos na água quente e limpa. — Eu sou mesmo uma idiota! Tem alguma bandagem aqui? *Urgh*, alguns destes vão precisar de pontos! Não é possível que não haja uma médica neste reino. Vamos limpar esses cortes, depois vou pedir que a chamem e...

Ele segurou-a pelos pulsos.

— Não preciso de nenhuma curandeira.

Ela franziu o cenho.

— Escute, eu trabalhei em um hospital. Ouça bem o que eu digo, você precisa de um médico!

Asterius sorriu e beijou-a delicadamente.

— Sua preocupação aquece meu espírito.

— Que bom. Isso me faz bem. Pois saiba que iria aquecer *meu* espírito se me deixasse chamar uma médica.

— Mikado, eu sou imortal... Não preciso de médicos. As feridas irão se curar sozinhas.

Ainda franzindo a testa, ela levantou um dos braços musculosos.

— Tem razão! Elas já estão sarando!

— Satisfeita agora?

— Estou perplexa — Mikki confessou —, mas aliviada. — Espirrou água sobre a pele morena, tocando as marcas de mordida recém-curadas e observando enquanto a carne se refazia. — Existe algum ferimento do qual não pode se recuperar?

— Se você dissesse que não me amava mais, iria me destruir.

Ela encontrou os olhos castanhos.

— Então vai viver para sempre.

Asterius sorriu e apanhou a garrafa de cristal da borda da piscina.

— Deixe-me mostrar o quanto gosto de você, Mikado...

Ela ficou em pé, de modo que a água da piscina só a cobrisse até a cintura. Tomou a garrafa das mãos dele e despejou uma quantidade generosa do líquido viscoso sobre o pescoço, braços e seios antes de colocá-la de volta na borda. A inebriante fragrância da unção da Empousa mesclou-se sutilmente a seu calor, o que a tornou única.

Devagar, Asterius deslizou as mãos sobre sua pele lisa e macia. Acariciou-lhe o pescoço e os ombros, então tocou-lhe os seios e a carne sedutora do ventre firme. Em seguida, suas mãos desceram abaixo da cintura delgada, carregando o sabão com perfume de rosas até as coxas de

Mikki.

Ela sentiu-se liquefazer com seu calor. Os dedos de Asterius encontraram o caminho para seu âmago, onde ele os usou para acariciá-la com breves movimentos circulares, depois se afastaram, voltando a provocá-la no ventre e nos seios antes de retornar para seus recantos mais secretos.

Partes adormecidas do corpo de Mikki pareceram ganhar vida, deliciando-se com o calor da água que continuava a afagá-las mesmo quando ele seguia em frente com as carícias.

Asterius virou-a e, desta vez, ele mesmo derramou o sabão líquido por sua espinha. Com os joelhos fracos, ela inclinou-se sobre a borda da piscina, enquanto mãos quentes acariciavam-lhe as costas e, em seguida, mergulhavam em conjunto para afagar suas nádegas.

— Lembra-se da última vez em que entrei em seus sonhos?

Mikki sentiu o hálito quente no meio das costas conforme Asterius ficava de joelhos e prosseguia, com mãos diligentes, por toda sua pele.

— Claro que sim! — respondeu com voz rouca. Percebeu as mãos dele deslizando por seu corpo e recostou-se no corpo másculo com um suspiro quando estas subiram por suas coxas.

— Estávamos em um poço de rosas — a voz grave vibrou em seu ouvido, enviando ondas de prazer. — Eu estava sobre você, e abriu as pernas para mim... — Dedos hábeis encontraram seu centro, e os carinhos aumentaram. — Eu estava excitado e, ao pressionar o corpo contra o seu, esfregando-o e acariciando-o, pude sentir sua umidade e calor, bem como quando retesou-se e explodiu de prazer...

Com um grito abafado, Mikki atingiu o clímax rápida e intensamente.

Asterius virou-a para ele, então, e, num movimento rápido, ergueu-a acima da água e penetrou-a enquanto seu corpo ainda pulsava.

Mikki arqueou-se para encontrá-lo, usando a borda da piscina como apoio. As mãos dele agarraram seus quadris e, com um grunhido gutural, Asterius estendeu as garras, mal controlando a força de suas estocadas, o membro mergulhando dentro dela seguidas vezes.

Mikki não fechou os olhos. Queria vê-lo, assistir à assustadora beleza de seu rosto enquanto ele a amava. Sentia a pele ultrassensível, e ondas de prazer a sacudiam a cada vez que as garras longas a feriam de leve.

O ruído dos corpos movendo-se em conjunto, somado ao modo como a voz rouca de Asterius repetia seu nome, tornou-se uma erótica sinfonia, e um crescendo de prazer rompeu por todo seu corpo, tão intenso que beirou a dor...

Lânguida e satisfeita, Mikki desabou sobre ele, respirando com dificuldade. Sorriu, exultante, de encontro ao peito largo, até perceber que não era apenas o cansaço que o fazia tremer violentamente.

Alarmada, ela recuou, vendo Asterius de olhos fechados e lágrimas escorrendo por sua face.

— Asterius? — Segurou-o pelo rosto. — O que aconteceu?

Ele abriu os olhos e beijou-a em uma palma.

— Nada... Acho que fiquei sozinho por tanto tempo que não estava preparado para a felicidade que me proporcionou. — Tocou as próprias lágrimas, desconcertado, como se só então houvesse percebido que chorava. — Isso me faz parecer ainda mais tolo.

— Não, meu amor! — Ela sorriu, comovida. — Faz você parecer humano.

CAPÍTULO 33

Asterius e Mikado não deixaram o covil. Comeram e discutiram várias mudanças que Mikki queria implementar no reino.

Assim como delimitar horários para a abertura do portal, de modo que os homens pudessem entrar e sair sem comprometer a segurança. Como o clima vinha ficando cada vez mais frio com a proximidade do inverno, também decidiram que Floga aqueceria os jardins, mesmo que por pouco tempo, durante a parte mais escura da noite. A mancha-negra, uma das piores pragas para as plantas, Mikki explicou a Asterius, costumava aumentar no frio; e era de difícil tratamento uma vez que se espalhasse.

Mikki adorava conversar com Asterius, e não demorou muito a perceber por quê: ele a escutava.

Tentou lembrar-se do último homem que a escutara de verdade e não conseguiu. Nenhum tinha demonstrado tanto respeito e interesse por ela como seu guardião. Aquilo era uma ironia. Um ser que nem era literalmente um homem sabia por instinto o que muitos deles pareciam não ser capazes de apreender: que as mulheres queriam ser ouvidas e respeitadas. Simples assim.

Asterius a emocionava. Ele era de um encanto do qual ela, sabia, nunca iria se faltar. Amava a alegria que sentia apenas em tocá-lo, em acariciar aquele corpo incrível e saber que este era dela...

Naquela noite, eles fizeram amor sobre o catre forrado de peles, descobrindo com imensa ternura outros segredos em seus corpos. Mikki ficou deliciada ao perceber que Asterius era tão sensível que qualquer carícia deixava-o excitado e pronto para ela.

Uma vez saciados, adormeceram nos braços um do outro, sentindo-se seguros de seu amor, e com a certeza de que o dia seguinte eles também passariam juntos.

— Empousa! Tem que vir aqui!

Mikki pensou que estivesse sonhando. Sabia que encontrava-se na cama com Asterius, pois pôde senti-lo retesar-se e erguer-se do catre, mas também ouviu a voz aflita de Gii. O que a serva estava fazendo no covil de Asterius?!

Então sua mente nublada pelo sono clareou, e ela despertou por completo.

— O que aconteceu? — Asterius indagou em voz alta, vestindo a túnica e prendendo a *cuirasse*.

— As rosas... — Mikki sentiu a boca seca, e seu estômago se apertou. — Gii, o que aconteceu com as rosas?!

A serva adentrou o quarto, o rosto pálido, e correu até sua Empousa, envolvendo o corpo nu de Mikki no quitão enquanto explicava tudo em frases curtas.

— Os outros Elementos e eu fomos até o portal das rosas ao amanhecer. Queríamos ter certeza de que não haveria nenhum vestígio da violência de ontem para perturbá-la... — A voz

da moça tremeu. — Elas estão morrendo, Empousa. Todas elas!

— As rosas! — exclamou Mikki.

Embora não fosse uma pergunta, Gii confirmou:

— Sim.

— A muralha... ela ainda está intacta? — indagou Asterius.

— Está, e não há Ladrões de Sonhos no reino. Não há ninguém suspeito aqui. Temos certeza de que todos os homens partiram ontem, e nenhum deles foi convidado a retornar.

— Preciso ir — Asterius disse a Mikki.

— Sim, vá... depressa! Estarei bem atrás de você!

Ele fez uma pausa, apenas para tocar seu rosto numa delicada carícia, antes que o som de seus cascos ecoasse nas paredes da caverna conforme batia em retirada.

— Depressa! — Mikki incitou a serva. — Preciso ir para lá também.

Minutos depois, as duas corriam para o jardim.

Mikki sentiu a mudança no instante em que saiu do covil: sua cabeça começou a latejar, e uma onda de náusea subiu-lhe a garganta.

— Mostre-me o caminho mais rápido para o portal! — ela pediu a Gii, e as duas prosseguiram correndo, sem fôlego para falar mais.

As mulheres estavam reunidas em torno das roseiras que cercavam a passagem na muralha, agitando-se como um rebanho de ovelhas assustadas, e Mikki logo compreendeu por quê. Era pior do que ela imaginara.

Aflita, abriu caminho entre elas, lançando apenas um olhar na direção dos canteiros onde as flores agonizavam. Precisava chegar logo ao cerne da doença que afligira as rosas tão repentinamente, e sabia que iria descobri-lo no portal.

Passou pelo último grupo de mulheres e estacou. Asterius já encontrava-se sob a passagem, o olhar aguçado estudando a floresta enquanto andava de um lado para o outro. Os outros três Elementos não o observavam, pois concentravam-se nas flores dos canteiros que ladeavam o portal, os rostos tensos e sem cor. Quando a viram, correram a seu encontro.

— Empousa, que coisa terrível! — sussurrou Aeras.

— O que aconteceu com elas? — Nera indagou, mantendo a voz baixa.

— Não sei. Não posso dizer ainda. Abram espaço e deixem-me examiná-las. — Mikki sentiu a pressão do medo quase tanto quanto a doença das rosas. — Façam com que todas as mulheres recuem.

Todos os Elementos, exceto o elemento Terra, correram para falar com os diversos grupos que observavam o cenário, perplexos.

— Não peça que eu me afaste também — Gii declarou. — Parece estar prestes a desmaiar e quero ficar a seu lado. Se cair, estarei por perto para segurá-la.

— Eu também — reforçou Asterius, juntando-se às duas.

— Foram os Ladrões de Sonhos? — Mikki perguntou.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não há sinal deles. Não dentro do reino, tampouco na floresta, até onde posso ver ou sentir. — Asterius olhou as rosas ao redor. — Mas, pelo visto, eles não precisam estar presentes para causar destruição.

Mikki respirou fundo.

— Vamos ver o que posso fazer para consertar isso tudo.

Gii e o Guardião a acompanharam enquanto ela movia-se lentamente de canteiro em canteiro, examinando cada flor.

Mas logo Mikki esqueceu-se de que eles estavam por perto. O estado das rosas deixou-a arrasada. Ela nunca tinha visto tal devastação. As flores pareciam ter sido atacadas por uma mistura de ferrugem e cancro, e depois queimadas de dentro para fora. As folhas estavam enrugadas e cobertas por fungos de uma espécie que ela não conhecia. Eram pegajosos e cheiravam a carne podre. As hastes dos arbustos encontravam-se enegrecidas, com partes inchadas tal como artrite nas juntas de uma idosa. Os botões, murchos e do tom roxo dos hematomas.

Endireitou o corpo após inspecionar outro arbusto morto e olhou o restante dos jardins com um calafrio. A ferrugem espalhara-se como uma onda venenosa. Aquilo não era normal. Certamente a peste fora levada para o reino pelos Ladrões de Sonhos. E algo lhe dizia que se propagara por meio da nuvem vermelha em que cada criatura do mal tinha se dissolvido. Pelo visto, elas não haviam sido exterminadas.

Na verdade, não acreditava que criaturas como aquelas pudessem ser eliminadas. O Ódio, o Ciúme, o Medo e o Egoísmo eram emoções que sempre pairavam sobre a humanidade, esperando por sua chance de atacar e destruir seus sonhos. Podiam ter sido banidos do reino, mas não a tempo de serem impedidos de espalhar seu mal.

E ela não fazia ideia de como lutar contra o que infectara suas rosas por intermédio de tais monstros.

— Empousa? — Gii chamou timidamente. — O que podemos fazer para salvá-las?

Mikki olhou do elemento Terra para seu amante. Ambos a fitavam com preocupação; contudo, ela também podia ver a esperança em seus olhos e a confiança que tinham nela.

— Eu... preciso pensar. Fiquem aqui. Quero ficar sozinha por um momento — pediu, e afastou-se deles.

Deixou os canteiros que agonizavam e desceu o caminho de mármore que levava ao portal das rosas, pensando em sentar-se debaixo do antigo carvalho e elaborar um plano. Qualquer plano.

Um toque de cor chamou sua atenção, e ela parou para olhar. Flores cor-de-rosa saudáveis e em plena floração enchiam duas roseiras em meio a um canteiro onde inúmeras outras secavam e pereciam. Correu para os arbustos, aspirando o perfume doce e acariciando o verde vibrante de suas folhas, como se fossem filhas pródigas e recém-chegadas.

Rosas *Salet*, reconheceu de imediato. Com suas pétalas duplas e floração abundante, eram uma de suas *Old Garden* favoritas. Mas por que aqueles dois arbustos tinham sido poupados daquela praga mortal?

Olhou ao redor, buscando outros pontos de destaque em meio ao mar de podridão e doença. Avistou um vermelho, próximo ao viveiro do portal das rosas, e caminhou rapidamente até lá. Três arbustos que beiravam o canteiro também encontravam-se em plena floração. Sua cor e perfume intensos identificavam a flor como uma *Chrysler Imperial*.

O que aqueles dois tipos de rosa possuíam em comum? A *Chrysler Imperial* era uma Rosa-Chá Híbrida, e a *Salet*, uma variedade de *Old Garden*. Uma era vermelha, a outra, rosa. E elas não encontravam-se próximas umas das outras. Mikki olhou para as flores cor-de-rosa e saudáveis que floresciaam alegremente, alheias à destruição a seu redor, e estremeceu. Aquele não era o canteiro de rosas *Salet* sobre o qual os Ladrões de Sonhos a tinham forçado a se deitar? Eles haviam pretendido estuprá-la ali. Por sorte, Asterius chegara e...

Segurou o ar nos pulmões. Sabia por que aquelas rosas tinham sobrevivido e se desenvolvido em meio a tantas outras que sucumbiam. Sabia o que aqueles cinco arbustos possuíam em comum... Seu sangue tocara cada um deles.

Cambaleou até um banco próximo e sentou-se antes que seus joelhos cedessem. Estava no canteiro de rosas *Salet* quando sofrera o golpe no ombro.

Tocou-o, lembrando-se de como sangrara em profusão.

Pouco depois, já perto do portal, o Ódio cortara-lhe a veia da garganta...

Mikki fechou os olhos. Lembrava-se vagamente de ter ficado jogada no chão, metade do corpo sobre o canteiro, conforme o sangue fluía de seu corpo.

E seu sangue havia salvado as rosas. Ele as tinha protegido do veneno dos Ladrões de Sonhos.

Afundou o rosto nas mãos e tentou compreender a enormidade de sua descoberta.

Meu sangue as salvou! As palavras ecoavam em sua cabeça.

— Mikado, as mulheres aguardam suas instruções.

Ela ergueu o olhar, piscando na tentativa de clarear a visão. Asterius ajoelhou-se ao lado do banco e enxugou suas lágrimas.

— Confie em si mesma, meu amor. Vai descobrir uma maneira de curá-las.

Mikki mirou os olhos escuros e expressivos, e soube que o que ele dizia era verdade. Sabia como curar as rosas e confiava em si própria.

Agora, tudo o que precisava fazer era encontrar forças para agir.

— Vou ao Templo de Hécate para falar com as mulheres. Peça aos Quatro Elementos que as reúnam e me encontrem lá.

— Sim, minha Empousa — concordou Asterius. Então se curvou, tomou sua mão e a beijou delicadamente.

A Empousa postou-se no templo alto, com os Quatro Elementos formando um

semicírculo atrás dela. Asterius se pôs por trás de todas, próximo da chama ardente da deusa.

Mikki olhou para o imenso grupo à sua frente. As mulheres permaneceram em silêncio, com uma expressão grave de preocupação e medo nos rostos, a atenção voltada para sua Sacerdotisa.

Ela ergueu o queixo e respirou fundo, projetando a voz.

— Temos muito trabalho a fazer. Precisamos nos concentrar e agir rápido. A praga que está matando as rosas tem de ser detida, e eu lhes dou minha palavra de que sei como fazer isso. — Fez uma pausa quando um suspiro de alívio ondulou através da multidão. — Não iremos nos dividir em quatro grupos desta vez. Todas nós precisamos nos concentrar na área próxima ao portal das rosas e começar a trabalhar a partir de lá. Em primeiro lugar, quero que tragam para os jardins baldes do mais forte vinho que houver no reino. — Mikki viu os olhares de surpresa no rosto das mulheres e quase sorriu. — O que vão fazer é podar todas as rosas doentes. Em seguida, amontoem suas hastes do lado de fora da muralha das rosas, onde Floga irá queimá-las. Conforme forem passando de arbusto em arbusto, não se esqueçam de mergulhar suas lâminas nos baldes de vinho. Ele irá ajudar a impedir que a doença se propague para partes das plantas que não tenham sido infectadas. Suas facas devem estar bem afiadas, e precisam fazer os cortes na diagonal. — Percorreu todo o grupo com o olhar, buscando a confiança nos rostos das mulheres.

— Alguma pergunta?

Ninguém falou.

— Então, vamos ao trabalho.

As mulheres partiram em grupos rapidamente, dispostas a reunir as ferramentas de corte e vinho, e Mikki virou-se para suas damas de companhia.

— Eu não estava exagerando. Temos que trabalhar muito e rápido. Essa praga não está se alastrando a um ritmo natural. — Seus olhos encontraram os de Asterius nas sombras.

— Asterius, embora eu não goste da ideia de abrir esse maldito portal, meus instintos me dizem que queimar as rosas doentes dentro do reino seria um erro terrível.

— Pois siga seus instintos, minha Empousa. Estarei por perto para guardar a passagem.

— Eu sei que sim. Por isso mesmo não tenho medo de abri-la. — Ela sorriu para as servas, lutando para conter as lágrimas que ameaçavam escorrer por sua face. — E sei que cada uma de vocês vai fazer o que for preciso para ajudar a curar as rosas. Tenho orgulho de todas e acredito em sua capacidade. O Reino das Rosas vai prosperar novamente, eu prometo.

— Também acreditamos na sua força, Empousa — afirmou Gii. Então caminhou até Mikki e a beijou no rosto antes de fazer uma reverência e afastar-se correndo em direção aos jardins.

— Confiamos em você, Empousa — reforçou Aeras, e também a beijou antes de curvar-se numa medida graciosa e partir.

O elemento Água avançou a fim de ter sua chance de beijar a Alta Sacerdotisa, porém

Mikki a deteve e fez um gesto com a cabeça na direção da construção maciça que borbulhava ao lado do Templo de Hécate.

— Nera, eu me lembro de alguém ter dito que esse chafariz é a principal fonte de irrigação do reino. Isso é verdade?

— Sim.

— Os corredores de água chegam mesmo a todas as roseiras?

— Sim, Empousa. — Nera sorriu e continuou: — Antes de sua ordem para que meu elemento visitasse o reino todas as manhãs, raramente chovia aqui.

Mikki devolveu o sorriso caloroso da serva.

— Obrigada... É bom saber.

— Vamos apoiá-la, Empousa — emendou Nera, e a beijou, partindo logo depois.

— Amamos você, Empousa — garantiu Floga. Porém, hesitou antes de beijá-la e fazer a reverência. Uma lágrima correu por seu rosto. — Perdoe-me por ter duvidado de sua capacidade. Devido a meu elemento, às vezes sou muito impulsiva e passional.

Mikki a abraçou.

— Não há nada para perdoar — falou baixinho.

Quando ficaram a sós, Mikki foi até Asterius e deixou-se abraçar.

Apenas por um momento, tentou absorver sua força e amor, deliciando-se com a paz que era encontrar o ser ao qual estava destinada.

Mas não permitiu que ele a abraçasse por muito tempo. Não podia se dar a esse luxo naquele momento.

O tempo surpreendeu Mikki, passando devagar. Talvez porque o trabalho de poda das rosas podres e doentes, e de carregá-las para a pira, do lado de fora da muralha, fosse penoso e deprimente.

Ou talvez porque não conseguisse parar de pensar no que o futuro lhe reservava.

De qualquer forma, várias eternidades pareciam ter se passado naquele dia interminável. Entrara num ritmo tão hipnótico de cortar e depois mergulhar a lâmina no vinho, cortar e mergulhar... que ficou surpresa ao olhar para cima e ver que o céu tinha escurecido o bastante para que Floga acendesse as tochas por toda a extensão da muralha das rosas.

— Gii? — ela chamou o elemento Terra, que correu para seu lado sorrindo, embora tivesse os olhos marcados por sombras e os braços arranhados pelos espinhos. — Isso é tudo o que podemos fazer hoje. Oriente as mulheres a levar o que cortaram para o lado de fora do portal, e vamos descansar.

— Sim, Empousa — aquiesceu a serva, parecendo aliviada.

Mikki não podia culpá-la. Seus ombros doíam e suas mãos estavam machucadas e doloridas devido ao uso da faca. E isso porque esta encontrava-se bem afiada. Um grupo de mulheres passara o dia não fazendo outra coisa além de afiar as lâminas.

Olhou para a que ela usava. Cuidadosamente, mergulhou-a no balde de vinho e, em

seguida, limpou-a na grama antes de escondê-la na base da roseira que acabara de podar.

— As mulheres estão terminando suas tarefas, conforme ordenou, Empousa.

A voz de Gii a fez pular, culpada, e Mikki disfarçou com um sorriso. Segurou o braço da serva.

— Caminha um pouco comigo?

— Claro! — A moça sorriu de volta.

Seguiram juntas e em silêncio, tomando um caminho sinuoso em direção ao portal das rosas. Mikki ficou satisfeita com o que viu nos canteiros. Os arbustos doentes tinham sido bem podados. Pareciam vazios agora, mas ela sabia que, na primavera, voltariam a crescer e a ser ainda mais saudáveis e resistentes do que antes. As rosas eram verdadeiras sobreviventes; não as flores delicadas e frágeis que muitos acreditavam que fossem.

Disso ela entendia melhor do que ninguém. Conhecia sua própria força e resiliência. Muitas vezes as pessoas tinham se enganado com ela, julgando-a apenas um rosto bonito e nada mais, ou pior, considerando suas opiniões inconsequentes porque ela era *apenas* uma mulher...

Pensou em Asterius. Ele também fora mal interpretado, e exclusivamente por conta de sua aparência. Não admirava que eles se dessem tão bem.

— Você estava errada sobre ele — falou de súbito.

Gii a fitou, surpresa com as palavras da Alta Sacerdotisa.

— Ele quem, Empousa?

— O Guardião. Ele não é um animal e não merece ser tratado como um.

A serva ficou em silêncio.

— Não sei o que aconteceu antes, não sei o que ele fez e, neste momento, nem quero saber — prosseguiu Mikki. — Mas deixe-me dizer o que descobri: o Guardião salvou este reino ontem, quando meu erro poderia tê-lo destruído. E faria o mesmo hoje, amanhã, todos os dias, por toda a eternidade. Ele é honrado e gentil, Gii. Sabia que também é um verdadeiro artista?

— Não.

— Pois, é.

— Ele a ama — a moça falou, hesitante.

— Eu sei. E eu o amo também. — Mikki respirou fundo. — Por isso quero que me prometa uma coisa: que não vai mais rejeitá-lo e irá tratá-lo melhor. Ele... — Fez uma pausa, lutando contra uma onda de emoção. — Ele é muito sozinho, e não quero que passe a eternidade dessa maneira. Se mudar o modo como reage a ele, Gii, todas as servas que virão depois de vocês quatro farão o mesmo. Faria isso por mim?

O elemento Terra parou e fitou os olhos da Sacerdotisa. O que viu a fez prender a respiração.

Então, lentamente, Gii assentiu com um gesto de cabeça.

— Sim, Empousa. Tem minha promessa.

— Obrigada, Gii. Agora, vamos sair daqui... Foi um dia longo — Mikki falou com uma alegria forçada.

Chegaram à muralha das rosas a tempo de ver Asterius fechando o portal, e Mikki suspirou, aliviada.

Por algum tempo, os Quatro Elementos, o Guardiã e sua Empousa ficaram junto das habitantes do reino, assistindo às rosas doentes queimarem na borda da floresta. Logo as mulheres começaram a se dispersar em pequenos grupos, despedindo-se de Mikki com um ar cansado, até que apenas as quatro servas permaneceram em sua companhia.

— Trabalharam muito bem hoje — Mikki as elogiou, fitando cada um delas nos olhos. — Quero que saibam que estou orgulhosa de vocês.

As moças sorriram para sua Empousa, exaustas.

— Podem dormir até depois do amanhecer. Todas precisamos de descanso. Depois do café, encontrem-me no Templo de Hécate e retomaremos o mesmo trabalho que fizemos hoje: a poda e a queima das rosas doentes. Mas acredito que elas estejam melhores amanhã.

— É o que seu instinto lhe diz? — Gii indagou, esperançosa.

— Sem sombra de dúvida. — Mikki sorriu a despeito do aperto que sentia no peito. Então, impulsivamente, abraçou cada uma delas. — Se precisarem de mim, estarei na casa do Guardiã — disse, enfatizando a palavra “casa”, e decidida a nunca mais chamá-la de covil. — Boa noite — desejou, voltando-se para se juntar a Asterius, onde ele a esperava nas sombras.

— Durma bem, Empousa. — Gii hesitou só um momento e depois acrescentou: — Boa noite, Guardiã.

Mikki encontrava-se de frente para ele, e viu o olhar de surpresa que estampou seu rosto forte.

— Durma bem, Terra — Asterius respondeu, um pouco tenso.

Então, cada uma das outras três servas o cumprimentou, o que o deixou ainda mais perplexo.

— Em todos os séculos em que fui o guardião deste reino, isso nunca aconteceu.

— Eu disse que ia mudar as coisas por aqui... — Mikki passou o braço pelo dele. — Vamos para casa.

CAPÍTULO 34

Mikki esticou-se ao lado de Asterius na cama, sentindo a maciez das peles grossas contra sua pele suada. Distraída, traçou um dedo ao longo dos músculos do abdômen firme de seu amante, os quais saltavam mesmo com ele deitado ali, completamente relaxado e com os olhos fechados.

Tinham feito amor duas vezes. Uma delas, na piscina de banho novamente. Havia sido rápido, porém intenso, e Mikki sabia que suas nádegas ainda mostravam as marcas que ganhara por conta das garras longas de Asterius durante o clímax de sua paixão...

Na segunda, o ato fora longo, lento e suave. Ele a levava ao ápice duas vezes, usando apenas a língua antes de penetrá-la devagar e preenchê-la até sua total satisfação.

Mikki não conseguia pensar em abandoná-lo. Não podia conceber não sentir seu toque de novo, não falar com Asterius novamente, ou nunca mais ver a alegria e admiração em seus olhos a cada vez que ela o abraçava.

Assim, recusou-se a pensar naquilo. Faria o que tinha de fazer quando chegasse a hora. Até então, não perderia as poucas horas que ainda possuía com ele lamentando o futuro.

— Eu quero pintar você.

Mikki deixou escapar uma exclamação.

Com os olhos ainda fechados, o peito largo de Asterius vibrou com uma risada baixa, e ela o socou na barriga de leve.

— Pensei que estivesse dormindo!

— Não consigo dormir com você me tocando assim.

— Ah, desculpe... Eu não sabia. — Mikki começou a recuar, contudo ele a segurou pelo pulso.

— Não me importo. — Soltou-a e sorriu quando ela continuou a acariciá-lo. — Mas ainda quero pintá-la.

— Você já me desenhou.

— Sim, mas quero pintá-la também. Assim como está agora... Quero sua imagem nas paredes do meu quarto.

Ele não disse “para que eu possa me lembrar de você no dia em que estiver velha ou morta”, porém a mente de Mikki gritou as palavras. Asterius poderia precisar da pintura para recordar-se dela muito antes do que qualquer um deles esperava.

Afastou os pensamentos mórbidos, mas, no fim, quis que ele a retratasse, para que pudesse capturar algo do que eles tinham sido como lembrança.

— Quer fazer isso agora?

Asterius abriu os olhos e a estudou.

— Sim — aquiesceu de bom grado. — Quero pintar seu retrato esta noite.

Mikki observou-o quando ele saiu da cama e começou a apanhar potes e pincéis dos

nichos escavados nas paredes da caverna, e também a acender tochas que deixaram o quarto ainda mais vivo com calor e luz. Asterius não se preocupou em vestir-se com mais do que um pano de linho, que amarrou a esmo em torno dos quadris, mais uma vez, ela se viu abalada pela beleza da força bruta e selvagem de seu corpo. Ele era homem, animal e deus, tudo em um só... Um verdadeiro milagre. E tudo o que ela queria na vida era passar o restante de seus dias a seu lado.

Quando Asterius já havia preparado as tintas e empunhava um pincel, Mikki sentou-se e sorriu.

— Como quer que eu pose?

Ele caminhou até o catre e a virou suavemente, de modo a deitá-la de lado, como ela estivera junto dele. Espalhou seus cabelos em volta dos ombros, tal qual um véu de cobre sobre sua pele clara. Em seguida, fez com que deitasse a cabeça sobre um braço e apoiasse uma palma sobre a cama, como se tivesse acabado de acariciá-lo.

Então puxou a coberta que a ocultava da cintura para baixo, deixando-a nua. Mikki levantou uma sobrancelha, e os lábios dele inclinaram-se num sorriso.

Está com frio?

— Se eu estiver, vai me aquecer?

A risada de Asterius vibrou entre eles.

— Quando eu terminar. Quietinha, agora... Apenas mantenha-se deitada e feche os olhos.

— Ele voltou para as cumbucas de barro e pincéis.

— Tenho que fechar os olhos? Preferiria ficar vendo você.

Asterius a fitou por cima do ombro.

— É sempre uma surpresa saber que gosta de me olhar.

— Eu gostaria de fazer mais do que apenas olhar... — Ela sorriu, sedutora.

— Não se mexa — ele repreendeu, contudo seu sorriso foi claramente indulgente.

Com gestos rápidos e firmes, Asterius começou a pintar acima da gravura do Tulsa Rose Garden, fazendo com que o jardim ficasse em segundo plano. Como se sobrepusse uma nova visão da realidade.

— Posso falar com você enquanto faz isso ou precisa se concentrar? — Mikki murmurou, impressionada com a esplendorosa versão dela mesma que ia tomando forma.

— Claro que pode. Mas eu não posso responder. Às vezes me esqueço de onde estou quando pinto.

— No meu antigo mundo, chamam isso de “entrar em Alfa”. Eu li um artigo a respeito uma vez. Acontece muito com artistas, autores e atletas. Tem a ver com endorfinas cerebrais. Se entra em Alfa, é porque está fazendo algo certo.

Asterius resmungou qualquer coisa.

— Sempre entra-se em Alfa quando pinta?

— Acho que sim. — Ele apertou os olhos para estudá-la, depois virou-se para a parede da

caverna e desenhou a linha longa e curva de sua cintura, quadril e perna.

Mikki o observou, pensando em seu talento e na beleza que parecia criar com tanta facilidade, mesmo tendo sido um pária durante séculos.

Por favor, Gii, mantenha sua palavra.

Tratou de afastar a mente da promessa da serva, com medo de que Asterius analisasse sua expressão e fosse capaz de ler seus melancólicos pensamentos. Precisava pensar nele como ele havia estado pouco antes: apaixonado, carinhoso, amoroso e cheio de surpresas, assim como nas pinturas requintadas que podia produzir.

O que a fez lembrar-se de uma coisa...

— Asterius, quem é a mulher que desenhou na parede da sala?

A mão dele parou.

— Pasífae, minha mãe... — ele respondeu, sem olhar para ela.

— Eu imaginei — ela murmurou, e era verdade. Asterius não acrescentara a imagem da mulher à parede como um troféu. Não faria isso. — Ela é muito bonita.

— Ao menos é como eu me lembro dela.

Mikki quis lhe pedir que se lembrasse dela assim, tão bonita, também. Que se esquecesse de seus defeitos e da dor de sua despedida no momento em que ela fosse embora. Que se lembrasse apenas do quanto eles haviam se amado.

Mas não podia. Tudo o que podia fazer era esperar que, quando chegasse a hora, ele a perdoasse por ser mortal.

Fechou os olhos, com medo de que, se continuasse a fitá-lo, fosse deixar escapar o que estava pensando, admitir seu sofrimento e suplicar que ele a ajudasse a descobrir outra maneira de sair daquela situação.

De alguma forma, Mikki adormeceu. E soube disso apenas porque, ao abrir os olhos, o quarto encontrava-se bem mais escuro e Asterius também dormia a seu lado.

Ficou ali por alguns instantes, ouvindo sua respiração profunda e regular. Então, bem devagar, saiu do leito. Em silêncio, vestiu a túnica que havia descartado.

Não olhou para a parede até ter o tecido bem preso ao ombro. Quando o fez, levou a mão à boca para não soltar uma exclamação.

Asterius a fizera parecer uma deusa! Ele a pintara dormindo, com um ligeiro sorriso nos lábios, como se estivesse tendo um lindo sonho. Sua pele parecia palpável, seu corpo, exuberante e convidativo.

E ele não a tinha retratado deitada no catre. Ele a pintara dormindo em uma cama de pétalas de rosa... Mais especificamente, de rosas Mikado.

Mikki virou-se para a cama e o fitou, desejando poder acordá-lo e fazer amor com ele.

Mas não podia correr esse risco. Precisava verificar as rosas.

Se meus instintos estiverem errados, prometeu a si mesma, eu vou voltar, acordá-lo e fazer amor com ele durante toda a manhã.

Sem olhar para o amante de novo, saiu do quarto pé ante pé.

O sol ainda não havia nascido, porém, a Leste, o céu começava a trocar o negro da noite por um cinza que logo daria as boas-vindas ao amanhecer. Sentiu a grama fria e úmida sob os pés descalços enquanto contornava a base da falésia rumo aos degraus que a levariam além das piscinas quentes, em torno da sacada e, em seguida, para o centro dos jardins.

Mikki não se permitiu distrair. Correu escada acima, mal olhando para as piscinas que soltavam vapor, não querendo se lembrar de como tinha sido maravilhoso mergulhar nelas na companhia de suas servas e de como estava ansiosa por fazê-lo novamente.

Sua varanda encontrava-se vazia, assim como seu quarto. Porém, avistou o fogo queimando na lareira e um candelabro aceso ao lado da cama. Mikki mordeu o lábio e desviou o olhar do cenário acolhedor. Desceu a escada e entrou no jardim. Escolheu o caminho que a levaria mais rápido até o centro do reino, e ao templo e à fonte que a aguardavam lá, tomando o cuidado de manter os pensamentos nas rosas e longe dos Elementos ou de Asterius. Não queria que eles entendessem mal e pensassem que ela os estava invocando. O que precisava fazer, teria que fazer sozinha.

E foi fácil manter-se concentrada nas rosas. Elas pareciam consumi-la. Deus, estava sentindo-se muito mal! E quanto mais perto chegava do centro do reino, pior ficava.

Por duas ou três vezes, Mikki parou para inspecionar os canteiros de rosas que, horas antes, tinham reagido aos cuidados e à fertilização proporcionados por ela e as outras mulheres. Agora estas encontravam-se enegrecidas por conta da ferrugem espalhada pelos Ladrões de Sonhos e cheiravam a morte.

Seus instintos estavam certos, mas era ainda pior do que ela havia imaginado. A praga espalhara-se com uma velocidade inacreditável. Nenhuma doença mortal poderia ter dizimado um jardim como aquele.

Mas aquela peste não era mortal, Mikki se lembrou. Era a manifestação do mal. E sua intuição lhe dizia que existia apenas uma maneira de combatê-la.

O Templo de Hécate surgiu à sua frente como um sonho iluminado por tochas, e o som das águas da fonte foi como uma mágica trilha sonora em seus ouvidos. Não parou ali, contudo. Continuou andando até que as luzes que iluminavam a muralha das rosas brilharam diante dela.

Foi fácil encontrar os arbustos que seu sangue havia tocado. Eram a única cor em meio às trevas, à morte e à doença.

Eu estava certa. Queria não estar, mas estava.

Desolada, Mikki refez o caminho de volta ao templo, parando apenas para apanhar a lâmina recém-afiada que tinha escondido na base de uma roseira. Subiu os degraus do templo, então, e parou diante da chama do espírito.

— Hécate? — chamou baixinho, os olhos fixos no fogo alaranjado. — Sei que está distante de seu reino, porém espero que ainda esteja ligada a ele e a mim o suficiente para que,

de alguma forma, seja capaz de me ouvir. Preciso falar com você antes de dar fim a isto tudo... Quero que saiba o quanto amei estar aqui. Pela primeira vez em minha vida, sei que estou no lugar certo. Os Quatro Elementos são maravilhosos, principalmente Gii. Se puder, por favor, diga a elas que sou muito agradecida por tudo o que fizeram por mim. — Respirou fundo e enxugou as lágrimas silenciosas que escorriam-lhe pelo rosto. — Eu amo Asterius. Você na certa não gosta disso, mas disse para que eu seguisse meus instintos... e tudo dentro de mim me levou a ele. Ele não é nenhum animal, você sabe. Asterius precisa do que todos nós precisamos: de aceitação e de alguém para amar. — Mikki precisou parar e pressionar a mão contra a boca para reprimir um soluço. Quando conseguiu controlar as emoções, continuou: — Estou fazendo isto por ele. Por Asterius, pelas meninas e pelas Tecedoras de Sonhos. Agora compreendo, finalmente, a verdadeira razão de eu estar aqui. Eu vim pelas rosas, pois posso salvá-las. Não tenho escolha. Vi o que existe na floresta e não posso deixar aquelas criaturas destruírem tudo o que eu amo. — Olhou para o fogo, desejando que este fosse mais eloquente, desejando ter mais tempo para aprender palavras especiais para as orações e rituais, de forma a fazer aquilo melhor. — Quando eu me comprometi com você, fiz isso com duas palavras: “amor” e “confiança”. São esses sentimentos que me regem aqui. O que eu fizer, faço de bom grado, pois quero preservar o amor que encontrei neste reino. Acredito que estou fazendo a coisa certa porque, por meio desse amor, aprendi a confiar em mim mesma, em acreditar em meus próprios instintos, intuição e julgamento. Então, se puder, Hécate, peço que fique comigo agora... Assim seja — sussurrou com voz embargada.

Decidida, Mikki deixou o templo e aproximou-se da fonte cuja água alimentava todo o reino. O gracioso chafariz era realmente muito bonito, com suas bacias de mármore e valas que espalhavam-se pelos jardins.

Mergulhou a mão na água e ficou surpresa com seu calor.

Apenas uma estranha coincidência, pensou, antes de tirar a túnica, dobrá-la com cuidado, depois colocá-la no chão a seu lado.

Não. Não existem coincidências aqui. Posso considerar isto como um presente de despedida da deusa.

Nua, sem nada nas mãos exceto a lâmina afiada, Mikki entrou na fonte. A água deu-lhe boas-vindas e ela se sentou, acomodando-se confortavelmente na larga piscina, a qual era funda o suficiente para que ela ficasse coberta quase até os ombros pelo líquido claro e quente.

Acabe logo com isto. Vai doer só por um instante.

Ergueu o punho esquerdo e pressionou a lâmina contra a pele. Fechou os olhos e cortou-se, prendendo a respiração com a súbita dor. Então mudou de mão. Desta vez foi mais desajeitada, porém não menos eficiente.

Deixou cair a lâmina ao lado da fonte. Estremeceu ao submergir os pulsos, mas tinha razão. O dor não foi tão ruim e nem durou muito.

Descansou a cabeça contra a borda da piscina. Olhando para o céu, pensou como era bom

que a lua houvesse acabado de se pôr e o sol ainda não tivesse nascido.

Hécate... Deusa da Lua Negra.

Talvez a ausência de luz no céu fosse um sinal de que a divindade aprovara seu sacrifício.

Ela havia feito a coisa certa. As rosas sobreviveriam. Os sonhos da humanidade estariam seguros, assim como seu amor.

Fechou os olhos. Estava com tanto sono, e a água era tão confortável... suave... como uma imensa cama de plumas... uma balsa em um lago quente de verão... os braços de sua mãe quando ela era uma menininha assustada depois de um sonho ruim.

Suspirou. Não deveria haver nenhum sonho ruim. Deveria haver apenas amor, beleza e rosas.

Não estava com medo, mas sentiria falta de Asterius.

Conforme sua mente foi escurecendo devagar, o pensamento final de Mikki foi o quanto ela o amava.

Asterius acordou de repente. Alguma coisa estava errada.

Espantou o sono como sempre fazia e se sentou, já procurando pelas roupas.

Então, pensando que deveria acordar Mikado, virou-se e...

Ela não estava lá.

A princípio, isso não o incomodou. Mikki podia estar na sala de banho.

Vestiu a túnica e cruzou o túnel dentro da caverna, porém ela não encontrava-se por ali também.

Um pressentimento o fez apertar o passo enquanto fazia o caminho de volta para o quarto, depois para a sala um pouco mais além.

Mikado não encontrava-se em lugar algum.

Deixou o covil enquanto ainda prendia a *cuirasse*. O sol já havia nascido, mas ainda era madrugada e uma brisa excepcionalmente quente soprava.

Parou, aspirando o ar. Sim, ele estava certo... O vento trazia com ele o aroma rico e inebriante de rosas florescendo.

Aumentou o ritmo, e logo adentrou os jardins. Tudo ali encontrava-se em flor. Nuvens de cor preenchiam os canteiros, como se a deusa tivesse apanhado um pincel divino e repintado todo seu reino com vida e saúde.

Mas em vez de sentir alívio e felicidade, a preocupação abateu-se sobre Asterius e ele correu, deixando seu instinto guiá-lo.

Avistou o Templo de Hécate no mesmo momento em que ouviu o primeiro grito de horror. O som foi como um punhal gelado entrando em seu coração. Outro grito seguiu-se ao primeiro, depois outro e mais outro, até que os jardins pareceram sacudir com luto e lamentação.

Não! – sua mente gritava, embora ele já soubesse o que estava prestes a descobrir.

Voou até o templo. Os Quatro Elementos encontravam-se em pé ao lado da fonte,

agarradas umas às outras e chorando copiosamente. No meio delas, ele avistou os cabelos molhados cor de cobre e um lado da face pálida. Devagar, como se estivesse atravessando um pântano de lama e areia movediça, aproximou-se do chafariz. Era ela, claro. Mikado estava morta.

Asterius, o Guardião do Reino das Rosas, caiu de joelhos e rugiu sem parar sua dor. Uma a uma, lideradas por Gii, as servas aproximaram-se dele e colocaram as mãos em seus ombros e, unidos pelo pesar, choraram por sua Empousa.

PARTE 3

CAPÍTULO 35

Deus, sua boca estava seca! E ela se sentia uma *merda*, concluiu Mikki. Tentou virar-se de lado, mas estava fraca demais. Tudo o que conseguiu fazer foi esticar-se um pouco e deixar escapar um gemido abafado.

— *Cacete!* Ligue para o 911, ela está viva!

Ligue para o 911? Não havia telefones no Reino das Rosas! Muito menos alguém que dissesse “cacete”!

Mas, então, que cacete?

Tentou mover-se de novo e, desta vez, sentiu mãos fortes segurando-a no lugar.

— Não tente se mexer, moça! Vai ficar tudo bem... Eu já chamei ajuda. Aqui! — O homem gritou. — Traga os paramédicos aqui!

Mikki ouviu passos rápidos e pesados, acompanhados por uma voz vagamente familiar.

— Cristo, é a Mikki! Ah, merda, olhe todo esse sangue!

Sua respiração começou a sair em espasmos, porém Mikki reconheceu a voz. Era Mel, o guarda de segurança do Roseiral de Tulsa.

Mas não podia ser Mel; ela não podia estar no roseiral! Ela...

Céus! Havia se esquecido. Ela estava morta!

— Mikki, calma! Os paramédicos estão aqui. Vai conseguir!

Ela tentou dizer que não queria. Que sua intenção fora salvar as rosas, e a única maneira que podia fazer isso era lhes dando seu sangue.

A droga era que aquele reino era grande demais, e algumas gotas em um balde não dariam conta dele.

Mas não podia falar. Sua mente continuava funcionando, contudo seu corpo estava pesado e parecia nem ser dela.

E estava molhada... o que fazia sentido porque devia estar na fonte.

— Muito bem, vamos virá-la no três. Um, dois...

Viraram-na de costas. Mikki piscou, tentando clarear a visão turva. Era de manhã e, pelo que ela podia ver do céu por sobre os ombros dos paramédicos, o sol tinha nascido havia pouco tempo.

Seu olhar mudou para um ponto à direita, e ela conseguiu virar a cabeça para o lado, a fim de focar melhor a vista. Era um enorme pedestal de pedra... bem mais familiar do que seu velho amigo segurança. Era a base que apoiava a estátua do grande Guardião.

Só que agora esta encontrava-se vazia.

Mikki teve vontade de gritar, mas não conseguiu.

Então, tudo escureceu.

— Parece melhor hoje. Como está se sentindo?

— É uma questão profissional, um teste ou está preocupada mesmo? — Mikki indagou,

sarcástica.

Nelly se retesou.

— Eu não mereço isso.

Mikki mordeu o lábio e estendeu a mão para apertar rapidamente a da amiga. Não era justo estender sua amargura a Nelly. Não era culpa da moça que nada que pudesse ser feito ou dito fosse chegar perto de fazê-la sentir-se melhor.

— Sinto muito. Só estou de mau humor.

— Aconteceu alguma coisa? Os sonhos voltaram?

Ela não fitou Nelly nos olhos. Não queria que a amiga visse o desespero que carregava todos os dias.

— Não. Meus sonhos têm estado normais. Na verdade, nem me lembro deles. Tudo o mais está bem... Não sei o que há de errado. Acho que esse clima está mexendo comigo. Estou cansada dessa chuva e desse frio.

Tentou não se lembrar de que já controlara a chuva e que, no primeiro dia em que esta a obedecera, havia estabelecido as circunstâncias ideais para que ela fosse parar na cama de Asterius...

— Mikki?

Ela piscou e seus pensamentos voltaram-se para o presente. Ergueu o *cappuccino*, tentando beber um gole sem muito entusiasmo.

— Só estava sonhando acordada. Desculpe outra vez, Nelly. Não estou sendo muito boa companhia hoje.

— Você é minha amiga. Não tem que me entreter nem me divertir, e sabe disso. — A psiquiatra suspirou. — Querida, o que aconteceu com você foi muito traumático. Os homens que a atacaram e roubaram a estátua do roseiral a deixaram sangrando até a morte e nunca foram pegos. É normal passar por fases de depressão, raiva e ressentimento durante o processo de cura, principalmente quando não se tem um desfecho para um crime.

Desfecho para um crime.

Mikki teve um desejo insano de rir, porém tratou de reprimi-lo. Não queria fazer nada que a fizesse parecer ainda mais louca.

E também não queria que aquela história fosse muito investigada.

Esfregou a testa. Pela enésima vez, quis que Nelly estivesse certa quanto ao que estava sentindo: que aquilo fosse apenas parte de um processo de cura.

— Eu sei. Eu só... Eu só queria me sentir normal de novo.

— Você vai, Mikki. — Nelly olhou para o relógio. — Ah, droga! Vou chegar atrasada.

Mikki conseguiu esboçar um sorriso.

— O compromisso é com algum maluco, ou apenas com um meio maluco?

Nelly riu e, uma vez de pé, apanhou a valise e a bolsa.

— Com um maluco *e meio*.

— Boa sorte, então.

— É bom que eu tenha mesmo — agradeceu a moça. — Ei, dê uma ligada mais tarde se quiser conversar.

— Pode deixar, eu ligo. Vejo você amanhã de manhã... Na mesma hora, mesmo café.

Mikki sorriu para a amiga, sentindo-se culpada pelo alívio que a invadiu quando Nelly saiu pela porta. Era tão difícil esconder as coisas dela! Como podia contar a verdade? *Sabe, amiga, eu não fui assaltada por criminosos que roubaram a estátua do Roseiral de Tulsa e que me abandonaram à morte... Na verdade, eu me matei, embora eu goste de pensar nisso como um sacrifício. Nunca pensei em suicídio, o que deve provar que não estou louca. Enfim, eu tinha que fazê-lo porque o Reino das Rosas, na intersecção entre os mundos, estava em perigo, e só meu sangue podia salvá-lo. Era meu dever como Empousa. Ninguém pode considerar isso um suicídio porque eu estava apenas cumprindo com meu destino. E, a propósito, estou desesperadamente apaixonada por um homem-fera, e a razão pela qual me sinto tão deprimida é que estou presa aqui, sem ele!*

Suspirou. Nelly era sua melhor amiga, mas não hesitaria em trancafiá-la em uma cela linda, exclusiva e confortável se ela dissesse a verdade. Percebera isso tão logo havia acordado no hospital e *elas* — o serviço social e os policiais — começaram a interrogá-la.

E a história que adviera de tudo aquilo tivera mais a ver com omissão e acidente do que qualquer coisa semelhante à verdade. Por isso ainda não tinha coragem de dizer nada. Nem mesmo a uma amiga, psiquiatra experiente, que a conhecia bem demais.

Mikki consultou o relógio. Eram apenas sete e meia, e não precisava ir para o trabalho antes das oito. Tinha tempo para mais uma xícara de *cappuccino*. Quando se pôs em pé, disposta a apanhar um refil para a bebida quente, capturou o próprio reflexo nas janelas do Expresso Milano. Estava magra... Muito magra. E podia ter feito algo com aqueles cabelos em vez de apenas prendê-los para trás em um rabo de cavalo.

O problema era que não estava com a menor vontade de se cuidar.

Bem, ao menos ainda havia bastante de seus *cookies* favoritos, os biscoitos alaranjados, gigantes e cobertos de açúcar que o café comprava todas as manhãs da popular padaria *Pani Del Dea*, a qual ficava apenas a algumas portas dali, descendo a rua.

Pediu dois deles para viagem com mais um *cappuccino*. Então mudou de ideia e pediu um terceiro. Precisava engordar, e uma dose a mais de açúcar somada à cafeína seria suficiente para levá-la a enfrentar mais um dia sem sentido e interminável no trabalho.

Apanhou uma edição do *Tulsa World* e acomodou-se em uma das poltronas estofadas e macias, enquanto esperava que a atendente toda perfurada por *piercings* trouxesse o café e os *cookies* na elegante bandeja de prata do estabelecimento.

Quando ouviu o ruído de saltos aproximando-se no piso frio, não tirou os olhos do jornal.

— Pode colocar aqui. Ah, e fique de olho em mim, por favor. Tenho a impressão de que hoje vai ser uma daquelas manhãs em que não passo sem ao menos três expressos!

— Está tudo bem, Mikado?

Mikki quase deixou cair o jornal com a surpresa.

— Sevillana! Desculpe... Pensei que fosse a garota do café.

Os olhos incrivelmente azuis da mulher cintilaram.

— Não sou confundida com uma moça há muito tempo!

Mikki abriu um sorriso e, por um momento, este foi genuíno.

— Não quer se sentar comigo?

— Sim, eu gostaria muito. — A mulher acomodou-se com graça em uma cadeira a seu lado e arrumou o lindo xale de *pashmina* azul-pálido sobre os ombros.

— Eu não sabia que morava por aqui.

Como na primeira vez em que elas haviam se encontrado, Mikki sentiu-se um pouco intimidada pela presença de Sevillana. Ela era tão... imponente e clássica. Havia um ar de dignidade e cultura em tudo o que dizia e fazia.

E então, com um choque, ela se lembrou. E, em meio à lembrança, perguntou-se como poderia ter se esquecido.

— O perfume! Onde conseguiu o perfume que me deu naquela noite?

A mulher sorriu, mas a aproximação da garçonete com os cafés e doces impediu-a de dizer qualquer coisa.

Mesmo quando estavam a sós outra vez, Sevillana levou algum tempo dissolvendo o açúcar em seu *cappuccino* e mexendo cuidadosamente com a colher de prata minúscula antes de falar.

— Há apenas um lugar onde se pode encontrar tal perfume, e é em um reino muito distante daqui.

Mikki sentiu uma onda vertiginosa de uma emoção da qual sentia falta havia três meses: a esperança.

— Está falando sobre o Reino das Rosas.

A mulher aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Ah, Deus! — Mikki exclamou, ofegante.

— Creio que seria mais adequado você exclamar “Oh, Deusa!”, Mikado.

— Como sabe disso?! Como chegou lá, e como foi que eu voltei? O que está fazendo aqui? Por que...

Sevillana ergueu a mão, detendo a torrente de palavras.

— Tudo tem seu tempo. Afogar-me em perguntas não vai mudar isso.

— Eu... — Mikki levou a mão ao peito, temendo que o coração fosse saltar para fora do corpo. — Sinto muito, mas eu preciso saber. — Passou a mão trêmula sobre o rosto e recomeçou: — Eu tenho que voltar para lá!

— Eu sei, minha filha, eu sei — Sevillana concordou suavemente. Seu olhar fixou-se além dela, então, e, quando ela tornou a falar, sua voz lembrava a de uma menina tristonha. —

Ninguém falou no meu nome enquanto estava lá? Eles não se lembram de mim?

— Seu nome? Não. Por que eles... — Os olhos de Mikki se arregalaram.

— É você! Você é a última Empousa!

— Não, Mikado. Eu *era* a última Empousa. Não sou mais Alta Sacerdotisa de Hécate. Rejeitei esse cargo porque era jovem e tola, mas paguei pela minha traição. Por duzentos anos fiquei separada do meu reino e de minha deusa, e percorri o mundo comum, sempre inquieta e insatisfeita. Vivi como uma verdadeira marginal.

— Duzentos anos! — Mikki não conseguia desviar o olhar da velha senhora. — Mas como?

— Nunca compreendi muito bem. Envelheci, obviamente, porém muito devagar. Eu costumava acreditar que essa era a maneira de Hécate me punir: estendendo minha vida até que eu me arrependesse de minhas atitudes egoístas. Em uma de minhas viagens, décadas atrás, visitei Tulsa, e aconteceu de eu assistir à inauguração de seu novo roseiral. — Ela fez uma pausa, a expressão cheia de dor. — Reconheci a estátua do Guardião, e soube que ela havia sido colocada aqui por alguma razão. Por isso passei a visitar Tulsa com frequência; para esperar e observar. E foi então que eu a conheci, e comecei a ter esperanças de que Hécate tivesse me permitido viver por tanto tempo por outra razão... — Os olhos muito azuis de Sevillana voltaram-se para Mikki. — Achei que a grande deusa queria que eu lhe desse o óleo sagrado; assim poderia despertar o Guardião, voltar ao reino e cumprir com o destino que me fora reservado. — A tristeza preencheu os belos olhos da mulher. — Por que cometeu o mesmo erro que eu? Eu não queria que fugisse.

— Mas eu não fugi! — Mikki gritou, mas baixou a voz quando várias cabeças viraram em sua direção. — Você sabe sobre o sangue, não sabe? De alguma forma, você compreende.

— Sim, seu sangue alimenta as rosas. Como eu poderia não saber? Carregamos o mesmo sangue em nossas veias, Mikado.

Sevillana tocou-a na mão em uma carícia que a fez lembrar-se tanto da mãe que ela prendeu a respiração.

— No hospital, naquele dia, eu disse que me chamava Sevillana Kalyca, e é verdade. Mas essa é apenas uma parte do meu nome. Eu raramente uso meu sobrenome inteiro, pois é muito difícil ouvi-lo e saber que eu o abandonei; mesmo que isso tenha acontecido há muito tempo. Meu nome verdadeiro é Sevillana Kalyca Empousai. Fui a primeira Empousa a fugir do Reino das Rosas. E esperava, quando a conheci e senti a força de seu sangue, que também fosse a última.

— Eu não fugi — Mikki repetiu, entorpecida, olhando para sua ancestral. — Eu morri. Sevillana a fitou, confusa.

— O tempo corre de modo diferente por lá... Mas ainda não podia ser Beltane!

— Era início de inverno. — Foi a vez de Mikki franzir o cenho. — De qualquer maneira, o tempo não tem nada a ver com isso. Ladrões de Sonhos entraram no reino.

— Oh, Deusa, não! — Sevillana levou a mão ao peito num gesto estranhamente parecido com o dela.

— Foi minha culpa. Eles me enganaram, e eu os deixei entrar. O Guardião os matou. Isto é, supondo que eles não possam ser eliminados, essa não é a palavra certa... Mas Asterius livrou-se deles e os mandou de volta para a floresta.

— Asterius?

Mikki estudou Sevillana, a mente começando a entrar em consonância com suas próprias emoções. Aquela era a mulher sobre a qual eles haviam sido proibidos de falar. Ela era parte da razão pela qual Hécate tinha enfeitiçado o reino e Asterius.

Pois agora não estava mais no Reino das Rosas e queria saber, de uma vez por todas, o que havia acontecido.

— Asterius é o nome que o Guardião recebeu da mãe. — Observando com cuidado, Mikki viu a ponta de surpresa e inquietação nos olhos da antiga sacerdotisa. — Quero saber o que aconteceu entre vocês dois. Tudo.

Sevillana olhou pela janela, e sua voz assumiu um ar distante, como se recontasse uma história que fora passada de geração em geração.

— Eu era jovem e muito, muito tola. E também egoísta. Amava o poder que possuía como Empousa. Tanto que não estava disposta a cedê-lo. Conforme o dia de Beltane se aproximava, eu me convenci de que era justo que eu escapasse do destino planejado para mim, que eu era diferente. Mas sabia que não podia atravessar a floresta sem proteção. Então convenci o Guardião a trair seu dever e acompanhar-me através da mata até a entrada para o mundo comum.

— Você o seduziu? — Mikki indagou, gélida.

— Só com palavras. Eu não me deitaria com um animal, mas fiz com que ele acreditasse nisso. Não foi difícil... O Guardião tinha pouca experiência com mulheres. Foi estranho, porém, ele ter permitido que eu escapasse, mesmo depois que eu o rejeitei. — Sevillana abanou a cabeça. — Há muito tempo me pergunto sobre isso. Ele devia ter voltado-se contra mim e, no mínimo, obrigado-me a voltar para enfrentar a ira de Hécate. Em vez disso, o Guardião me disse... algo e, em seguida, afastou-se e deixou-me seguir em liberdade.

— Ele pensou que a amava — Mikki falou, rígida.

Sevillana finalmente encontrou seu olhar, e Mikki pôde ver a surpresa estampada em seus olhos.

— Foi o que ele me falou: que me amava. Mas isso não fez nenhum sentido! Como um animal poderia amar uma mulher?

— Ele não é um animal! — Mikki falou por entre os dentes, a ira fazendo-a empalidecer. — E você não era boa o bastante para seu amor se não conseguia enxergar o homem dentro dele.

A mulher arregalou os olhos muito azuis.

— Você o ama!

— Amo...

Em silêncio, Sevillana observou Mikki por um longo tempo, depois abaixou a cabeça.

— Perdoe-me por ter sido tão arrogante. Eu era uma menina na época. Só compreendi que estava errada muito tempo depois e esta é mais uma lição para mim. Tem minha admiração, Mikado, bem como meu respeito. Nunca conheci alguém com sua coragem.

Mikki respirou fundo várias vezes, acalmando-se. Não adiantava ficar tão aborrecida com a mulher. O que ela havia feito acontecera dois séculos antes e estava acabado. *Acabado*.

E ela não pretendia afastá-la. Sevillana Kalyca Empousai era sua passagem de volta para Asterius.

— Eu a perdoo. Acho que Asterius a perdoaria, também. E o que eu fiz não foi por coragem. Não tive escolha. Asterius havia se livrado dos Ladrões de Sonhos, mas era tarde demais. Eles já tinham envenenado as rosas, todas elas, exceto aquelas sobre as quais eu derramara meu sangue. Tentei deter a peste de outra forma, mas nada funcionou. E eu sabia que não ia funcionar. A única forma de eu salvar as rosas era por meio do meu sangue.

— E não acha que foi corajosa ao permitir que seu amante a sacrificasse? Nem era Beltane e, mesmo assim, você foi ao encontro de seu destino original e salvou o reino.

Mikki franziu o cenho.

— Asterius não me sacrificou. Ele nem sequer sonhava com o que eu tinha planejado. Mas eu sabia que ele ia tentar me deter, então fugi... Que história é essa de Beltane? É na primavera, não é? O que isso tem a ver com o que aconteceu?

— Não sabe, mesmo...?

— Não — Mikki confirmou, exasperada e já farta de tantos mistérios.

— Eles devem ter ficado com medo de lhe contar. Com medo de que você também os deixasse. Mikado... a Empousa serve para um único propósito. Ela está lá por causa das rosas.

— Sim, sim, eu sei.

— Então também sabe que a Alta Sacerdotisa de Hécate está vinculada às rosas por meio de seu sangue. O que não sabe é que, em todas as noites de Beltane, a Empousa é sacrificada pelo Guardião, pois seu sangue garante que o reino prospere por mais um ano.

Mikki sentiu tudo dentro dela paralisar.

— Quer dizer que as mulheres iam me matar?

— Não elas. *Ele*. É dever do Guardião proteger as rosas.

Mikki soltou o ar. Tudo fazia um terrível sentido agora. O comportamento de Asterius quando ele a conhecera e mostrara-se atraído por ela... O modo como ele tinha dito que eles não poderiam ficar juntos... O porquê de ele ter lutado tanto contra o amor que sentia. Tinha sido mais do que a descrença de que ela jamais pudesse vê-lo como um homem; mais do que a rejeição de Sevillana. Asterius sabia que teria de matá-la.

O pensamento deixou-a enjoada, e a mão quente de Sevillana sobre a sua, agora fria e

insensível, foi um choque.

— Ele não teve escolha.

— Quer dizer que Hécate também desejou minha morte o tempo todo — Mikki murmurou.

— A vida e a morte são diferentes para os deuses. Hécate é severa e poderosa, mas também uma deusa amorosa. Veria seu sacrifício apenas como outro elo no grande círculo da vida. A deusa não a abandonaria, Mikado, mesmo na morte. Se tivesse conhecido seu destino em Beltane, Hécate teria feito com que passasse a eternidade na beleza infinita dos Campos Elísios. A deusa preocupa-se com aqueles que lhe pertencem. Dá as costas apenas para os que a traem.

— É um conceito difícil demais para mim. Todo o mundo que se preocupou comigo, todos os que amei, sabiam que eu ia morrer. — Mikki fez uma pausa conforme a enormidade do que acabara de ouvir abatia-se sobre ela. — Então, mesmo que você me ajudasse a voltar de alguma forma, eu estaria condenada à morte.

— Sim — confirmou Sevillana. — Ainda pretende voltar?

CAPÍTULO 36

Será que ainda queria voltar?, pensou Mikki. Já era final de fevereiro. O Beltane não era em primeiro de maio? Teria apenas mais dois meses antes que Asterius a matasse.

Parecia impossível de acreditar. No entanto, mesmo em meio à sua descrença, a intuição lhe dizia que Sevillana falava a verdade. Tudo se encaixava e, de repente, ela sentiu-se como a única peça fora de um enorme quebra-cabeça. Sabia qual era seu lugar, e este não era em Tulsa, Oklahoma.

— Eu quero voltar, mas não sei se sou corajosa o suficiente.

— Ouça seus instintos, Mikado. Confie no que eles dizem.

— Eles me dizem que não pertenço a este lugar.

— Então talvez deva voltar para casa — concluiu Sevillana.

— Você sabe como me levar até lá?

— Eu posso lhe dar o óleo sagrado, porém, o restante já possui dentro de você. Já se sacrificou pelo Reino das Rosas e foi altruísta o bastante para amar seu Guardião. Você foi, minha querida, exatamente o oposto da última Empousa do reino. Acredito que Hécate ouvirá seu chamado e irá honrá-lo.

— Mas como... — Mikki se conteve. Sabia o que deveria fazer. Precisava escutar a própria intuição e seguir seus instintos.

Olhou Sevillana, que assentiu diante de sua introspecção.

Acalme-se e pense. É a Empousa de Hécate... Tem que haver um caminho para que possa voltar.

De repente, Mikki sorriu.

— É isso! Eu ainda sou a Empousa. Hécate disse que eu carrego seus poderes, os quais não podem desaparecer por completo nem mesmo aqui. E, olhe para você... Fugiu da deusa e ainda viveu duzentos anos!

— Ainda deve exercer os poderes de Hécate — Sevillana afirmou. — Mesmo no mundo comum. — A mulher enfiou a mão na bolsa de couro e tirou uma haste de vidro, exatamente igual à primeira que havia lhe dado. — É o óleo sagrado da Empousa de Hécate. O primeiro passo no ritual de invocação, com o qual eu posso ajudá-la.

— Obrigada, Sevillana. — Mikki tomou o vidro e o envolveu com cuidado em um guardanapo antes de guardá-lo na própria bolsa.

— Só lhe peço uma coisa, Empousa — prosseguiu a velha senhora. — Gostaria que pedisse perdão a Hécate por mim. Sei que não posso retornar ao reino, mas estou cansada e queria poder abrir mão desta vida e abraçar minha eternidade nos Campos Elísios. Não posso fazê-lo sem o perdão da deusa.

— Vou falar com ela. Mas por que não a invoca você mesma?

— Eu gostaria, mas não consigo. Tentei várias vezes ao longo destes anos silenciosos, porém Hécate não vai me ouvir. Ela me deu as costas.

— Mas Hécate não deu as costas a mim — Mikki concluiu de súbito. — Por que acha que não sou um fantasma nos Campos Elísios agora? Eu morri, Sevillana! Eu não devia ter acordado em Tulsa, a menos que houvesse um motivo muito bom para que a deusa me quisesse aqui... — Mikki endireitou o corpo. — Hécate sabia que estava aqui. Eu mencionei seu nome quando ela me perguntou como o óleo sagrado de uma Empousa havia chegado “acidentalmente” em minhas mãos. Eu me lembro de sua expressão agora. Hécate sabia desde o princípio.

— A estátua do Guardião... A deusa a colocou aqui para que eu a encontrasse! E também a você! — deduziu a mulher com voz embargada.

— Hécate quis que eu voltasse para reencontrá-la. — Desta vez foi Mikki quem pegou a mão trêmula da velha senhora na dela. — Hécate a perdoou, Sevillana.

— Ah, minha querida, se isso fosse verdade...

— Vamos descobrir. Esta noite é noite de lua nova... Venha para o roseiral. Fique dentro do círculo sagrado comigo. Vamos tentar ir para casa.

Mikki ficou feliz com a noite chuvosa. Fazia um frio horroroso, mas estava tão escuro que até mesmo os postes de iluminação em Woodward Park pareciam emanar halos de luz mais fracos ao redor do parque. Era fácil para alguém que conhecia bem o lugar evitar as luzes...

E ela conhecia o Woodward Park como ninguém.

Carregou a maleta em uma das mãos e segurou a de Sevillana com força na outra, ajudando a mulher a deslocar-se através da escuridão. Não trocaram uma só palavra e nem precisavam. Mikki apenas rezava para que ninguém estivesse nos jardins.

No momento em que chegaram à fronteira entre o parque e os vergéis, relaxou um pouco. Ninguém fora louco o suficiente para aventurar-se no parque numa noite como aquela, muito menos depois da meia-noite.

Ainda assim, Mikki não disse nada até que passaram por baixo da arcada de pedra e desceram para o terceiro nível dos jardins. As luzes da fonte iluminavam a área ao redor preguiçosamente, num efeito aquoso que, junto à névoa que pairava no ar frio, fazia aquela camada mergulhar em um cenário de sonho.

— Bem apropriado — ela comentou baixinho.

— Sim. Essa iluminação evoca imagens de sonho — concordou Sevillana. — É um bom presságio, Empousa.

— Esperemos que sim — ela murmurou. Então olhou para o pedestal vazio. Não voltara ali desde a manhã terrível em que a tinham encontrado. Não pudera suportar.

Não desistira de trabalhar como voluntária, contudo. Pedira apenas uma licença, que lhe fora concedida de imediato. Todos haviam compreendido como devia ser difícil para ela voltar para os jardins onde fora atacada e abandonada à beira da morte.

Mas claro que não entendiam realmente. Como poderiam? Jamais saberiam a verdade.

— Mikado? — Sevillana tocou-a no braço de leve.

Mikki virou-se de costas para o pedestal vazio.

— Está certa. Precisamos nos apressar. Será impossível explicar isto se formos apanhadas.

— Não vamos ser apanhadas — declarou a mulher com firmeza.

— Isso mesmo. Vamos começar agora.

Mikki escolheu um lugar perto da fonte. Abriu a maleta e Sevillana ajudou-a a colocar uma vela em cada uma das posições dos quatro Elementos dentro do círculo: amarela ao Leste para o Ar; vermelha ao Sul para o Fogo; azul a Oeste para a Água; verde ao Norte para a Terra; e, por fim, púrpura no centro do círculo para o Espírito. Então apanhou uma caixa de fósforos da maleta, bem como a faca afiada que geralmente ficava escondida em seu apartamento, e as colocou ao lado da vela central.

Pisando do lado de fora do círculo formado pelas velas, Mikki pegou um último item da mala antes de colocá-la nas sombras, ao lado do pedestal vazio. Tirou a tampa de cortiça que lacrava o delicado frasco de vidro em forma de caule e, em seguida, aplicou o óleo perfumado em pontos do pulso, pescoço e entre os seios, e o entregou a Sevillana.

Com apenas uma ligeira hesitação, a mulher apanhou o frasco e aplicou o óleo perfumado no próprio corpo. O aroma de rosas e especiarias mesclou-se ao ar úmido, e Mikki sentiu o estômago apertar-se com as lembranças.

Aquilo tinha que funcionar. Ela *precisava* retornar.

— Pronta? — perguntou à outra mulher.

Sevillana aquiesceu com um gesto de cabeça e puxou dois grampos de seu elegante coque, libertando cabelos longos e prateados que lhe caíram até além da cintura. Em seguida, com um movimento gracioso que não condizia com sua avançada idade, livrou-se da capa longa, sob a qual usava uma linda túnica de seda lilás.

Mikki descartou seu próprio casaco e ignorou o frio quando também ela ficou vestida apenas com uma túnica cor de violeta. A única diferença entre seu traje e o da outra mulher era que o dela era de um tom mais escuro, e, conforme ditava o ritual da lua nova, deixava-lhe um dos seios nus.

— Uma coisa que se pode dizer sobre estes quitões é que são muito fáceis de vestir — ela elogiou.

— Eu morro de saudades deles! — Olhando para si própria, Sevillana sorriu. Depois ergueu o olhar para Mikki e fez uma medida delicada. — Vamos em frente, Empousa.

— Vamos.

Juntas, as duas mulheres caminharam para o centro do círculo. Com a vela roxa entre elas, viraram-se para o Norte. Então Mikki apanhou a caixa de fósforos, pensando em como sentia a falta dos quatro Elementos, principalmente à noite.

Deixando para trás as dúvidas, ela aproximou-se da vela amarela e acendeu o fósforo.

— Vento que sopra forte e em toda parte, mesmo no mundo mundano... Eu te invoco, Ar, como o primeiro elemento no círculo sagrado. — Tocou o pavio com a chama do fósforo

e segurou-a até que este se iluminasse. Sem se preocupar se o Ar iria ouvi-la e responder a seu chamado, moveu-se até a vela vermelha. — Força ardente de purificação, chama dançante de luz, que mesmo no mundo comum é rica e verdadeira... Eu te invoco, Fogo, para o círculo sagrado. — Quando o fósforo tocou o pavio, a chama ganhou vida rapidamente, e Mikki sentiu uma onda de esperança. Sem hesitar, seguiu para a vela azul. — Maré brilhante que nos banha, refresca e sacia, mesmo neste mundo comum, e que cobre mais da metade do nosso planeta, proporcionando-nos a vida. Eu te invoco, Água, para o círculo sagrado. — No pavio aceso, Mikki pensou ver a chama da vela azul tremeluzir e ondular como as ondas. Então viu-se de frente para a vela verde. — Exuberante e fértil, amiga e selvagem, mesmo neste mundo comum tu nos manténs e cuidas de nós. Eu te invoco, ó Terra, para o círculo sagrado... — Mikki voltou para seu lugar, ao lado da vela roxa. — Invoco-te agora, Espírito, para o círculo sagrado, com as duas palavras que me unem à minha deusa: “amor” e “confiança”! — Acendeu a vela roxa e, em seguida, jogou fora o palito de fósforo.

Olhou ao redor, mas ficou desapontada. Não viu nenhum anel luminoso vinculando os elementos para formar o círculo.

— Não se desespere se não consegue ver as tramas neste mundo — falou Sevillana, como se pudesse ler seus pensamentos. — Veja-os dentro de sua mente. Acredito que elas estejam aí. O poder da fé de uma Empousa é mágico por si só.

Mikki assentiu e imaginou as tramas descrevendo o círculo.

— Vamos terminar o ritual — falou, resoluta.

Abaixou-se e pegou a pequena faca. Olhou para Sevillana, e a mulher estendeu-lhe a mão com a palma para cima. Com um movimento rápido e seguro, Mikki pressionou a lâmina afiada contra a pele fina de Sevillana, desenhando uma linha longa em sua palma.

Conforme o sangue jorrou, entregou a faca à antiga Empousa. Sevillana tomou-lhe a mão e, do mesmo modo, cortou uma linha semelhante em sua palma. Deixou cair a faca, então, e as duas mulheres uniram as mãos, palma contra palma, misturando o sangue de gerações de Altas Sacerdotisas de Hécate.

Mikki fechou os olhos e limpou a mente. Quando falou, não se importou em baixar a voz. Se funcionasse, se a deusa fosse mesmo invocada, o círculo se manteria e nenhum mortal poderia interferir nele. Mas, se isso não ocorresse... não se importaria com o que poderia acontecer com ela, decidiu.

— Hécate, Grande Deusa da Lua Negra, das Encruzilhadas da Humanidade e das Feras... É Mikado Empousai, Alta Sacerdotisa e Empousa do Reino das Rosas quem fala. Encontro-me em uma terra distante e me ungi com óleo para lançar o teu círculo sagrado. Pelo direito que meu sangue me concede, eu invoco o teu nome. Temos um compromisso, um juramento selado com amor e confiança. E pelo poder de tal juramento, evoco a tua presença e peço que me ouças.

De repente, um vento chicoteou ao redor delas, fazendo com que as velas tremeluzissem

loucamente. Uma névoa as rodeou e, enquanto Mikki observava, transformou-se numa nuvem cintilante até que, no centro do vórtice de vento, luz e som, Hécate apareceu. Vestia seu traje completo de noite, com os cabelos salpicados de estrelas e a tocha dourada. A seus pés, os cães enormes rosnavam e tentavam abocanhar a neblina do jardim.

Mikki começou a dizer o nome da deusa, porém a voz emocionada de Sevillana a interrompeu. A mulher soltou sua mão e caiu de joelhos.

— Grande Deusa, perdoe-me! — Sevillana soluçou, as lágrimas escorrendo pelo rosto bonito. — O que fiz foi tão injusto! Passei vidas querendo expiar esse meu erro imperdoável... Mas a menina tola e egoísta que a traiu já não existe.

A face de Hécate continuou ilegível, porém sua voz era suave.

— O que aprendeu, Sevillana?

— Aprendi que há coisas mais terríveis para se perder do que a própria vida.

— E quais são essas coisas?

— Minha honra, meu nome... e o amor da minha Deusa.

— Você nunca perdeu o amor de sua Deusa, minha filha.

Sevillana levou a mão à boca, tentando reprimir os soluços, e Mikki tocou-a no ombro, emprestando-lhe forças.

— Consegue me perdoar, Hécate? — a velha senhora foi capaz de indagar finalmente.

— Eu a perdoei há muito tempo, Sevillana. Você é que não foi capaz de perdoar a si mesma.

Ela curvou a cabeça.

— Posso descansar, então, minha Deusa?

— Sim. Tudo o que precisava fazer era pedir por isso. Eu jamais daria as costas a uma Empousa minha, mesmo a uma que cometeu um erro. Veja...

Hécate fez um gesto e a neblina abriu-se como uma porta na noite. De repente, um lindo cenário se fez ver. Era um prado repleto de trevos e cercado por pinheiros altos, cujos ramos pontiagudos lembravam imensos espanadores. Enquanto elas observavam, uma figura ágil pulou e dançou pela campina, seguida por um grupo de lindas mulheres. Suas túnicas envolviam seus corpos fortes e jovens sedutoramente, embora estes tivessem uma aparência estranha, quase insubstancial.

Mikki sentiu uma onda de choque ao reconhecer uma das mulheres.

— Mamãe! — gritou com voz embargada.

Antes que pudesse correr para encontrá-la, contudo, Hécate alertou-a em voz baixa:

— Não é sua hora, Mikado. Seu destino ainda não está completo.

Em meio às lágrimas que corriam soltas, ela olhou para a deusa.

— Mas é minha mãe, não é?

— Sim. Olhe mais de perto e verá também sua avó.

Mikki obedeceu, prendendo o fôlego. Sim! Reconhecia agora a linda jovem que dançava,

segurando a mão de sua mãe. Tinha observado aquele rosto bonito tantas vezes! A única diferença era que, nessas ocasiões, ele era repleto de linhas e marcas deixadas pela vida.

— Onde elas estão?

— Nos Campos Elísios, onde serão eternamente jovens, felizes e livres — respondeu Sevillana, a voz cheia de emoção.

— Tome seu lugar ao lado delas, Sevillana. Aqui termina seu tormento — declarou Hécate.

A mulher ergueu-se do chão devagar, então virou-se para Mikki e abraçou-a com força.

— Tenha uma vida abençoada, minha querida! — falou baixinho.

— Diga a minha mãe e a minha avó que eu as amo! — Mikki pediu num sussurro.

— Pode deixar. Elas ficarão orgulhosas de você, assim como eu, minha filha.

Dizendo isso, Sevillana atravessou a fronteira do círculo sagrado até a deusa. Parou diante de Hécate e, chorando, fez uma profunda reverência.

A deusa estendeu as mãos e a abraçou, beijando cada uma de suas faces.

— Vá para Elísia com minha bênção, Sevillana.

A mulher atravessou o portal que a divindade tinha aberto para o paraíso e, conforme o fez, seu corpo mudou. Sua velhice a deixou como um manto descartado, até que, com um grito de alegria, a jovem e bela Sevillana tomou seu lugar em meio ao grupo de moças que dançavam.

O portal desapareceu, então, e, mais uma vez, não se podia ver nada além da névoa, da chuva e das trevas.

— É um prazer revê-la, minha Empousa — afirmou Hécate.

Mikki enxugou as lágrimas do rosto e sorriu.

— Estou muito feliz em vê-la também. Se eu soubesse que podia fazer isto, invocá-la aqui, teria lançado o círculo meses atrás.

— Ah, mas estaria faltando algo na invocação... O óleo sagrado de uma Empousa. Você precisava de Sevillana para tanto.

— Tem razão, eu... Não sei... Aprendi tanto hoje que minha mente não consegue absorver tudo. Estou tão feliz por ter perdoado Sevillana! — Mikki piscou, surpresa, quando mais uma das peças daquele imenso quebra-cabeça encaixou-se de repente. — Na primeira noite em que estive no reino... você disse que havia cometido um erro e que queria consertá-lo. O erro envolvia Sevillana e Asterius, não é mesmo?

— Exatamente. — Hécate soltou um suspiro típico dos mortais. — Eu não devia tê-los punido daquela forma. Sevillana era jovem e egocêntrica, mas eu sabia disso ao escolhê-la para minha Empousa. Tinha esperanças de que o poder em seu sangue iria fazer com que amadurecesse, mas me equivoquei. Isso não aconteceu.

— E quanto a Asterius? — Mikki perguntou, segurando a respiração.

— Asterius foi meu maior erro. Eu lhe dei o coração e a alma de um homem e depois

recusei-me a reconhecer que ele era, realmente, mais do que uma fera. Nesse aspecto, fui ainda mais egoísta do que sua mãe, que não conseguia ver além dos próprios erros sempre que o contemplava... Errei ao não permitir que Asterius tivesse uma companheira, ao acreditar que uma criatura como ele não precisava de mais nada além do dever de existir. Se suas necessidades o levaram a escolher com imprudência quando Sevillana o tentou, a culpa foi minha. Foi a raiva que senti de mim mesma que me fez bani-lo e enfeitiçá-lo. Infelizmente, compreendi isso tarde demais. Tudo o que pude fazer foi esperar que nascesse a mortal certa para ele... Alguém que pudesse enxergar a verdade e ter a coragem de agir sobre esta.

— Então vai me deixar amá-lo, mesmo que apenas até o Beltane?

— Não.

Mikki congelou.

— Por favor, Hécate! Eu o amo tanto! Deixe-me fazê-lo feliz, mesmo que por pouco tempo!

— As rosas desabrocharam, Mikado.

Confusa com a súbita mudança de assunto, Mikki murmurou:

— Que bom... Então eu fiz o que precisava ser feito.

— Você se sacrificou por livre espontânea vontade, cumprindo o juramento de amor e confiança com o qual estava vinculada a mim.

— Sim, Hécate.

— Pois isso nunca aconteceu antes no Reino das Rosas. Claro que várias gerações de Empousas deram seu sangue para alimentar o reino, mas o fizeram porque tinham de fazer; porque essa era a trama de sorte e destino que fora tecida para elas. Mas você, Mikado Empousai, uma mortal vinda de uma terra quase totalmente desprovida de magia, sacrificou-se de bom grado para salvar algo tão nebuloso como os sonhos da humanidade. Também viu o homem dentro da fera e permitiu-se amá-lo, rompendo o feitiço de solidão e isolamento que o cercava.

— Eu fiz apenas o que meus instintos me diziam para fazer. Adorei seu reino, Hécate. Ele era minha casa, e valeu a pena morrer para protegê-lo, assim como a todos que o habitavam

— Mikki afirmou, surpresa com os elogios da Deusa. — E não foi difícil amar Asterius... — Ela sorriu e encolheu os ombros, tímida. — Não há sempre algo de animal dentro dos homens? É o que os faz tão deliciosamente diferentes de nós. — Respirou fundo. — Não pode, por favor, deixar que eu volte para ele? Eu lhe dou minha palavra de que me sacrificarei na noite do Beltane.

— O que você fez mudou o Reino das Rosas, Empousa. Seu sacrifício foi puro e imaculado pelos laços do dever, da força ou do medo. Nunca mais será necessário outro sacrifício no Beltane. Seu sangue garantiu isso.

Quando Mikki começou a falar, Hécate levantou a mão para silenciá-la.

— Mas voltar não será assim, tão fácil. Você também mudou por conta de seu ato. Se

permanecer no mundo comum, terá uma vida normal. Mas se retornar ao Reino das Rosas, seu sangue o unirá a este irrevogavelmente, o que significa que seria uma imortal reinando pela eternidade como mais do que minha Empousa: você se tornaria a Deusa das Rosas.

Mikki ouviu as palavras de Hécate, mas estas quase se perderam em meio à vertigem e à descrença que inundou seus pensamentos. Hécate estava dizendo que ela poderia não morrer nunca? Que poderia tornar-se uma deusa?

— Entretanto, deve saber que o caminho de uma divindade nem sempre é fácil de ser traçado, Mikado. A eternidade é uma companheira às vezes assustadora, às vezes gloriosa, e às vezes melancólica e irritante como uma criança mimada. Por isso pense com cuidado, Empousa. Eu lhe darei o poder da escolha, porém essa escolha é irrevogável. Poderá ficar aqui, no mundo comum, e viver sua vida mortal até o final. Se for assim, eu não a abandonarei e darei-lhe as boas-vindas aos Campos Elísios, assim como fiz com sua mãe e sua avó.

— Mas, Asterius... — Mikki começou.

— Porque me arrependo dos erros que cometi, concederei a ele uma bênção. Se assim ele quiser, eu o presenteari com o corpo de um mortal. — A deusa sorriu, os olhos brilhando maliciosamente. — Posso presentear Asterius com o corpo de um homem de verdade e você, minha Empousa favorita, com a promessa de que a nova forma dele será mais agradável de se olhar do que a de Adonis... O problema é que é impossível, até mesmo para os meus poderes, fazer isso no Reino das Rosas. Terei que trazê-lo até aqui, para viver uma vida mortal a seu lado. Terão filhos, envelhecerão juntos e encontrarão consolo nos braços um do outro no momento em que suas vidas chegarem ao fim.

— Ou, então, poderei voltar? — Mikki indagou, quando pareceu que Hécate não iria prosseguir.

— Sim. Poderá retornar como a Deusa das Rosas, e eu renunciarei ao reino dos sonhos em seu nome. Mas lembre-se... Naquele reino eu não poderei mudar a forma de Asterius. Ele permanecerá eternamente como uma fera, porém com o coração e a alma de um homem. Faça sua escolha, Mikado.

Mikki começou a considerar e, em seguida, percebeu que não precisava escolher. Sabia o que queria.

— Escolho o Reino das Rosas e minha fera. Não desejo viver em nenhum outro lugar, e jamais lhe pediria para mudar Asterius. Eu o amo da maneira como ele é, não como os outros gostariam que ele fosse.

O sorriso de Hécate foi radiante.

— Vamos voltar a seu reino.

CAPÍTULO 37

A floresta não havia mudado. Continuava escura e assustadora, principalmente agora que Mikki sabia o que escondia-se nela.

Claro que agora ela era também uma deusa, portanto, os Ladrões de Sonhos teriam que modificar suas estratégias se pretendiam fazê-la cair em outra armadilha.

E eles fariam isso; Hécate já lhe advertira a respeito. Ela se tornara imortal, contudo isso não significava que não era mais falível e passível de ser manipulada por emoções obscuras. A própria Hécate era prova disso.

Mikki estremeceu e puxou a *palla* roxa sobre os ombros com mais força. Seria cuidadosa.

Estranho que não se sentisse diferente. Ou ao menos não *tão* diferente.

Sentira a reação das rosas ao retornar. De verdade. Embora tivesse sido até constrangedor, estas tinham se alegrado quando ela adentrara o reino.

Sorriu. Sabia, agora, que elas possuíam emoções, assim como pequenos e brilhantes espíritos... Porém não se sentia menos ridícula quanto a todos aqueles anos em que conversara com seus arbustos.

Era uma sensação maravilhosa e muito estranha, à qual ela teria que se acostumar.

As servas ficariam exultantes em vê-la, pensou, ansiosa por surpreendê-las na manhã seguinte.

Mas não naquela noite. Naquela noite, havia apenas uma pessoa que queria ver... apenas um lugar em que gostaria de estar. Nos braços de Asterius.

Ele encontrava-se ali perto, reunindo as tramas da realidade para as Tecedoras de Sonhos. Podia ter esperado por ele em sua casa, poderia tê-lo invocado de seu quarto, no palácio...

Mas não quisera fazer nada disso. Quisera vir até ele, pois amava aquela alegria inocente que Asterius demonstrava a cada vez que ela se aproximava dele.

E queria que ele soubesse que ela continuaria a vir para ele por toda a eternidade.

Uma luz cintilou na escuridão, atraindo-a para a direita. Mikki a seguiu, e a luz revelou ser uma tocha. Segurando o fôlego, ela prosseguiu lenta e silenciosamente em sua direção.

Ele estava de pé, de costas para ela, passando as mãos pelos galhos de uma antiga árvore. Fios cintilantes surgiam em seus dedos, e ele os puxava, juntando-os em um monte mágico e luminoso no solo da floresta.

Mikki aproximou-se e parou quando ele soltou um gemido baixo. Asterius ficou de lado para ela em um movimento tenso e súbito, como se a trama que ele havia acabado de puxar houvesse lhe causado dor.

Ele não a deixou cair, entretanto. Ao contrário, olhou para o fio com uma expressão angustiada de desespero e saudade.

Mikki estreitou os olhos e foi então que enxergou a si mesma na trama. Nesta, encontrava-se visivelmente grávida, o que foi um choque a princípio.

O choque transformou-se em pura alegria, contudo, no momento em que Asterius fez-se ver na cena, tomando-a nos braços. Beijava-a para depois cair de joelhos e pousar os lábios em sua barriga dilatada. Na visão de sonho, Mikki viu-se sorrindo, satisfeita e estendendo a mão para acariciar um dos chifres escuros de seu amado, assim como tinha feito havia muito tempo.

Com um grito angustiado, Asterius arremessou o fio para longe dele.

— Por que me atormenta? — rugiu, inconformado.

Mikki saiu das sombras.

— Ficou atormentado ao me ver grávida? Eu devia ser a única a ficar preocupada com isso. Ter um par de *chifrinhos* e pequenos cascos pisoteando meu útero é um pouco assustador...

Asterius não se moveu. Apenas voltou o olhar para Mikki.

Seus olhos faiscaram, cheios de ódio.

— Vá embora, alma do além! Não me deixarei enganar por suas mentiras! — Ele começou a mover-se em sua direção, rosnando, ameaçador, e expondo as garras mortais.

— Asterius, sou eu! Eu só queria fazer uma surpresa...

Os olhos castanhos pareceram ainda mais escuros.

— Eu disse para ir embora, pesadelo! — ele urrou, avultando-se sobre ela.

Mikki gritou e recuou um passo, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Mas, na primeira noite em que nos encontramos, você colocou uma rosa no meu vinho!

Asterius estacou como se fosse trombar numa parede.

— Mikado? — indagou, incrédulo.

— Era o que eu estava tentando lhe dizer!

Mikki suspirou quando ele continuou paralisado.

— Depois das tantas vezes em que me rejeitou, é de admirar que tenhamos ficado juntos, sabia?

— Mikado! — Asterius lançou-se para a frente e a tomou nos braços. Seu corpo poderoso tremia, e ele não parecia capaz de fazer mais do que abraçá-la e repetir seu nome seguidas vezes.

Ela o abraçou de volta, tocando-o e murmurando palavras carinhosas, até que a agitação de Asterius diminuiu e ele foi capaz de soltá-la um pouco mais.

Mikki olhou para o rosto bonito e terrível, agora banhado pelas lágrimas.

— Como isso aconteceu? Como pode estar aqui? — ele perguntou, atordoado.

— Hécate me deu uma escolha.

— Mas seu sangue... o reino está seguro agora. Eternamente. A deusa afirmou que, após seu sacrifício, não seria necessário derramar o sangue de mais nenhuma Empousa para fazê-lo prosperar.

— Eu sei. Fui eu quem escolheu essa eternidade... para poder passá-la a seu lado.

A princípio, o olhar de Asterius continuou vazio. Então, a compreensão fez-se presente em seu rosto.

— Nunca mais vamos ficar separados?

— Nunca mais.

— Quer dizer que as tramas não estavam me atormentando! Elas estavam mostrando que... — Ele parou, incapaz de falar em meio à onda de emoções que o invadiu.

— Elas estavam mostrando que seremos felizes para todo o sempre. E, sim, meu amor, esse sonho em particular finalmente tornou-se realidade.

Devagar, Asterius segurou-lhe o rosto entre as mãos enormes e inclinou-se para beijá-la. Mikki passou os braços ao redor dele e agarrou-se a seu futuro... sua eternidade.

Nas sombras, Hécate sorriu e acariciou a cabeça escura de um de seus gigantescos animais.

Este livro é dedicado a todas que se apaixonaram pela Fera e ficaram desapontadas quando esta se transformou em um belo príncipe.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



¹* *Wolverine*, em inglês, é o nome dado ao carcaju, animal que pertence à família dos mustelídeos. Também é conhecido pelo nome de glutão. (N.E.)